

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

# **A infância do mundo**

escritos para Gilles Deleuze



**Livia Fortuna do Valle**

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

# **A infância do mundo**

escritos para Gilles Deleuze

**Livia Fortuna do Valle**

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Pós Dra. Cecília Maria  
Bouças Coimbra

Tese apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Psicologia do Departamento de  
Psicologia da Universidade Federal Fluminense  
como requisito parcial para a obtenção do grau  
de Doutora em Psicologia.

Dezembro de 2018

*à força de criar*

## Resumo

Uma infância impõe-se a invenção de novas formas, sempre se experimenta. Enquanto para alguns a procura desse lugar instaura uma viagem melancólica, para Deleuze não haverá nenhuma homenagem ou nostalgia, sequer uma infantilização. Uma infância pode ser o que reinstala em nós a força dos gestos informes, indeterminados, cheios de mundos potentes, desconhecidos, que nos possibilitam a retomada deste que achamos que perdemos. Sustentamos a hipótese que uma filosofia em Deleuze procurará acolher esse devir da infância como o nascedouro de suas produções e criações. A infância do mundo não coincide com a criança, mas também passa por ela; consiste na potência de criação dos povos, não se reduzindo a uma história pessoal. Esta infância pode ser vista pelo texto atravessando as nossas lutas, as desobediências em seus variados níveis pelas existências no mundo. Se as populações humanas já desejaram delegações extremas de obediência, apoiando modelos de Estado como os que fizeram parte do regime nazista, ou da ditadura militar, esta tese procura cartografar experiências de crianças e estudantes, em uma reescrita tanto da vida de Deleuze, como dos acontecimentos que atravessam seus alunos em 68, e dos que viveram uma resistência à ditadura militar no Brasil, em ressonâncias pela América Latina, culminando em nossa experiência mais recente de golpe, em um período pós-2013. Se um Estado se encarrega de interromper os movimentos da vida, seus processos fecundos, organizando as intensidades que se proliferam pelo campo social, sabe-se que entre as forças que insistem e outras que golpeiam, os gritos na história, de tempos em tempos, são envolvidos também por cantos desconhecidos, pelas resistências e pelas criações. Aquilo que importará, de fato, será uma máquina de infância em Deleuze que o envolve como criador, como filósofo, como escritor; e o devir criança como algo da vida que passa em nós, através da qual, algo de transgressivo surge como germinação. Esse texto prepara uma maquinaria lúdica tomada como dispositivo para produção de escritas fragmentárias, que busca cartografar os afetos da pesquisadora, de alguns companheiros e de outras existências pelo mundo.

Palavras-chave: infância, filosofia, devir, criação, política.

## Resumén

Una infancia impone la invención de nuevas formas, siempre se experimenta. Mientras que para algunos la búsqueda de ese lugar instauro un viaje melancólico, para Deleuze no habrá ningún homenaje o nostalgia, ni siquiera una infantilización. Una infancia puede ser lo que reinstala en nosotros la fuerza de los gestos informes, indeterminados, llenos de mundos potentes, desconocidos, que nos posibilitan la reanudación de este que creemos que perdemos. Sostenemos la hipótesis que una filosofía en Deleuze procurará acoger ese devenir de la infancia como el nacimiento de sus producciones y creaciones. La infancia del mundo no coincide con el niño, pero también pasa por ella; consiste en la potencia de creación de los pueblos, no reduciéndose a una historia personal. Esta infancia puede ser vista por el texto atravesando nuestras luchas, las desobediencias en sus variados niveles por las existencias en el mundo. Si las poblaciones humanas ya desearon delegaciones extremas de obediencia, apoyando modelos de Estado como los que formaron parte del régimen nazi, o de la dictadura militar, esta tesis busca cartografiar experiencias de niños y estudiantes, en una reescritura tanto de la vida de Deleuze, los acontecimientos que atravesaron a sus alumnos en el 68 y de los que vivieron una resistencia a la dictadura militar en Brasil, en resonancias por América Latina, culminando en nuestra experiencia más reciente de golpe, en un período posterior a 2013. Si un Estado se encarga de interrumpir los movimientos de la vida, sus procesos fecundos, organizando las intensidades que se proliferan por el campo social, se sabe que entre las fuerzas que insisten y otras que golpean, los gritos en la historia, de tiempo en tiempo, están involucrados también por cantos desconocidos, las resistencias y las creaciones. Lo que importará, de hecho, será una máquina de infancia en Deleuze que lo envuelve como creador, como filósofo, como escritor; y el devenir niño como algo de la vida que pasa en nosotros, a través de la cual, algo de transgresivo surge como germinación. Este texto prepara una maquinaria lúdica tomada como dispositivo para producción de escrituras fragmentarias, que busca cartografiar los afectos de la investigadora, de algunos compañeros y de otras existencias por el mundo.

Palabras clave: infancia, filosofía, devenir, creación, política.

## Abstract

A childhood impose on the invention of new forms, always experienced. While for some the search for this place establishes a melancholy trip, for Deleuze there will be no homage or nostalgia, even an infantilization. A childhood can be what reinstalls in us the strength of the indeterminate gestures, full of powerful, unknown worlds, that allow us to take back this one that we think we have lost. We sustain the hypothesis that a philosophy in Deleuze will try to welcome this child-becoming as the birth of its productions and creations. The world's childhood does not coincide with the child, but it also passes through it; consists in the power of creation of peoples, not reducing to a personal story. This childhood can be seen by the text through our struggles, the disobedience in its varied levels by the existences in the world. If human populations have already wished for extreme delegations of obedience, supporting state models such as those that were part of the Nazi regime, or military dictatorship, this thesis attempts to map experiences of children and students in a rewriting of Deleuze's life as well as events that crossed his students in 1968, and those who lived a resistance to the military dictatorship in Brazil, resonating in Latin America, culminating in our most recent coup experience in a post-2013 period. If a State is in charge of interrupting the movements of life, their fecund processes, organizing the intensities that proliferate in the social field, it is known that between the forces that insist and others that strike, the cries in history, from time to time, are also involved by unknown chants, by the resistances and creations. What will matter, in fact, will be a childhood machine in Deleuze that engages him as a creator, as a philosopher, as a writer; and becoming a child as something of the life that passes through us, through which something transgressive emerges as germination. This text prepares a playful machinery taken as a device for the production of fragmentary writings, which seeks to map the affections of the researcher, some companions and other existences around the world.

Keywords: childhood, philosophy, becoming, creation, politics.

*Eu sou um crocodilo*

**David Bowie**

# Sumário

<b>Prelúdio</b>	<b>1</b>
<b>1. Uma infância da filosofia</b>	<b>9</b>
1. Um cheiro de charuto ao ar livre	11
2. Uma relação geográfica com o mundo: a plasticidade da infância	12
3. As garras de Deleuze	17
4. A arte e o animal arredio	19
5. Uma filosofia intranquila	21
6. Fazer-se de bobo	23
7. Quando abandonávamos a filosofia	26
8. O tecido invisível	28
9. Um desejo de viver	30
10. O jovem filósofo nas praias da burguesia	33
11. Rachar o concreto, rachar as coisas	36
12. O vento do século	44
13. As moscas	47
14. O que pode uma infância em meio à guerra?	49
15. Era apenas o recomeço do pensamento	51
16. Uma sensação de deslocamento inverossímil	52

17. A invenção de uma palavra bárbara.....	54
18. A infância e a Guernica.....	56
19. Um filósofo provoca desmaios.....	57
20. Não há como fazer escola.....	58
21. Como deixar a infância gritar contra o destino? .....	61
22. Ir em direção à infância do mundo.....	65
23. Deleuze em Vincennes.....	66
24. “Por que você me lê? ”.....	68

## **2. 1968: Uma infância do mundo.....75**

1. Os inquietos estudantes brasileiros.....	76
2. Estamos inventando um mundo novo.....	81
3. Libertem os nossos camaradas! .....	84
4. Deleuze em 68.....	89
5. Por onde andavam nossos amigos? .....	92
6. Greve geral em Paris.....	96
7. Guattari em 68.....	99
8. Uma certa angústia.....	102
9. A consagração do lixo.....	107
10. O encontro.....	112
11. O importante é que os problemas continuam.....	118
12. Coração de estudante.....	122
13. Gritos, cantos, imanência: uma máquina de infância ...	127
14. “A cultura está se desintegrando. Portanto, crie! ”.....	134
15. Por favor, não se tornem farrapos.....	136
16. Com os olhos vermelhos.....	139
17. O que aconteceu com a gente? .....	140
18. “A vida será incrível” .....	141

19. Uma guerra à vista na América Latina.....	143
20. O delírio do mundo.....	144
21. As capturas.....	146
22. Os filhos da democracia.....	149
<b>3. Infâncias latino-americanas.....</b>	<b>156</b>
1. Sonhei com a ditadura? .....	157
2. Ausência.....	159
3. Tempos de pacificação.....	160
4. Um mês de junho entre fuzis.....	163
5. Ocupa Borel.....	164
6. Um corpo negro desaparece.....	165
7. O ano do AI5 da Copa.....	169
8. Um clima de torcida? .....	171
9. Eles usam uma estratégia de medo.....	172
10. Um cheiro asséptico.....	175
11. Guattari vai ao Brasil.....	177
12. Buenos Aires.....	181
13. <i>Los militantes apuestan a la vida</i> .....	183
14. Os bebês sequestrados.....	185
15. Como produzir o esquecimento.....	188
16. O propósito de silenciar.....	190
17. Os investimentos.....	193
18. Quem pode viver? .....	195
19. Devir mulher.....	197
20. Uma criança do lado esquerdo da calçada.....	198
21. As máquinas de guerra da infância.....	199
22. Como estrangeira, fiz a minha mala.....	201

23. Filosofar é abordar a cor.....	202
24. Água, terra, pedra e ossos.....	204
25. A escrita encontra o oceano.....	206
26. Os estudantes chilenos, uma alegria.....	208
27. Expulsem os cubanos! .....	209
28. Uma estudante de medicina.....	210
29. Um cemitério em alto-mar.....	211
30. Os sons das panelas.....	212
31. A máquina rangia.....	213
32. Guilhotina.....	215
33. Os amigos correm no escuro.....	217
<b>4. Um golpe nos sonhos.....</b>	<b>220</b>
1. O sonho das ocupações.....	221
2. O sonho de T.....	223
3. “A última trincheira”.....	224
4. Um novo povoamento.....	225
5. O camelo, o leão e a criança.....	227
6. Entre a guerra e o desejo.....	229
7. Os estudantes encontram uma ‘vocação terapêutica’ .....	230
8. Guattari escreve aos estudantes.....	233
9. A máquina universitária.....	234
10. A vida nos ocupa.....	236
11. Devir negro.....	237
12. Uma outra infância em Deleuze.....	239
13. As lutas, as catracas, os controles.....	241
14. Os pulos.....	248
15. As amizades, as distopias.....	249

16. A pátria das crianças.....	251
17. O corpo do filósofo e o Estado.....	254
18. Os estilhaços na história.....	256
19. A morte de Deleuze.....	258
20. Acho que nós viveremos.....	260
21. Despedida pelos ares.....	262
22. A amizade é uma infância.....	263
Pós-escrito.....	266
Referências Bibliográficas.....	273

## Prelúdio

Fui abrir novamente aquele livro de lombada verde, contendo em branco a inscrição do seu nome. Ele foi deixado na terceira prateleira da estante. Já havia perdido o cheiro. Um cheiro que, por tanto tempo, tratou de acompanhar a minha vida de estudante. Sempre que eu abria aquelas páginas, estava prestes a refazer as minhas perguntas. Naquelas folhas amareladas, você se mostrava alguém que havia sido próximo, acolhendo meus apelos com o cuidado de não aderi-los demais a mim mesma. Quando abro esse livro hoje, alguns daqueles processos vão se engendrando ainda, como em uma paisagem na qual nos tornamos extensos a ela. Outro dia, ao abri-lo no meio da noite insone, pude sentir a textura daquelas intensidades de novo. Sentia quase uma infância daquele livro, um território em que tantos encontros se faziam respirando. Mas de tão imersa nessas sensações, até certo momento, não sabia o que tornava essa viagem tão difícil. O que tornava essa jornada em meio aos acontecimentos recentes tão dolorosa? Percorria a memória, passando os dedos por tudo novamente. Olhava para essa textura variada de coisas que você havia escrito. Que viagem difícil. O que terá tornado tudo tão doloroso? O que fizemos, desde então, com a linguagem desses acontecimentos, com as palavras que encontramos para nomeá-los, e que lhes tornam agora tão insípidos, e a nós mesmos, tão indignos deles? Por alguns instantes me deixei levar pelas questões. Pode ser que eu tenha fechado os olhos e sonhado um pouco. Pode ser que agora eu acorde e veja tudo revirado. O mundo já mudou tanto. E nós já não somos mais aqueles estudantes.

Há poucas semanas atrás, li uma entrevista com Donna Haraway<sup>1</sup>, em que ela dizia: “Eu acho que nós sobreviveremos nesses tempos por meio de um modo feroz de contar histórias”. Nós sobreviveremos por meio de uma resistência ética, da política, de um tipo de recusa a ir embora, do reconhecimento de que isso aconteceu antes, muitas vezes, e está acontecendo de novo - assim eram as suas palavras. Contar histórias é uma das nossas capacidades mais preciosas. Fiquei um tempo pensando nisso. Chegamos a notar que a vida, em muitos momentos, parece realmente ter se tornado esse apanhado de frases soltas, um excesso de processos interrompidos, de esforços incessantes, nos quais a náusea em meio às ondas teria nos coagulado a força de olhar, de ouvir e de dizer, desapropriando-nos de quase tudo. A vida é um desafio tremendo, e parece cada vez mais desafiadora, como dizem os amigos. Enquanto volto aos seus livros de lombadas coloridas, uma mistura de memória, fabulação, jogo e destino parece vingar novamente. Seus livros ainda nos convidam a jogar com a criação de saídas. Convidam ao ensaio de uma alegria que trazem como um esboço de nós mesmos. A infância da sua filosofia é uma estória para se contar. Um mapa que abro sobre esse tempo, com a ajuda das suas folhas amarelecidas.

O que chamo de infância? Se dizem que uma infância é um território em que a alegria e o medo, a destruição e a ternura podem conviver sem exclusão, nela convivem também o silêncio de ver a morte pela primeira vez, o susto, a imaginação, o terror, e também o testemunho do trágico. Sua filosofia nos leva a atravessar essas infâncias no mundo. Ela também força uma abertura, através da qual, carrega uma virtualidade, uma brincadeira por fazer, uma matilha por inspirar. Uma infância é um estado germinal, algo em nós que insiste forjar suas experimentações, lançar mão de novas marcações temporais, potências e acontecimentos. Não coincide com a criança, mas com uma espécie de corpo, como se fosse, ao mesmo tempo, o ‘ponto zero do mundo’<sup>2</sup>, a partir do qual eu sonho, falo, avanço, imagino, percebo. Uma infância pode ser aquilo que retorna diferindo, reinstalando a força dos gestos informes, indeterminados, cheios de mundos potentes, desconhecidos, que nos

---

<sup>1</sup> “Isso parte meu coração”, entrevista com Donna Haraway (2018), In: *Revista DR*.

<sup>2</sup> Parafraseando Michel Foucault: “O corpo é o ponto zero do mundo, lá onde os caminhos e os espaços se cruzam, ele está em parte alguma: ele está no coração do mundo” (2013, p.14).

possibilitam a retomada deste que achamos que perdemos. Uma infância da filosofia não é, portanto, a história da filosofia, mas sua experimentação. Como quando as suas aulas em Vincennes ficavam cheias de cenhos franzidos e bocas semiabertas, abismadas com suas elucubrações. O que estaria se agenciando naquela pequena existência de uma boca que se abre? O que ela estaria experimentando? Se o pensamento não é nada sem as forças efetivas que agem sobre ele, você dizia; não é nada sem a capacidade de nos mantermos permeáveis a essas forças, uma capacidade que se atualiza como uma espécie de infância no corpo, na vida, no pensamento, convivendo com os outros na linguagem, inventando devires, experimentando o que há de mais frágil e que sempre pode colidir com uma interrupção abrupta. O desafio de um professor é imenso. Como acompanhar essas permeabilidades que se redefinem o tempo todo na relação com o mundo? Como não ser mais uma interrupção para esses jovens? Como não querer ordenar o universo e entregá-lo com as suas próprias coordenadas para os estudantes?

Quando escrevo esta carta e atravesso a porta de sua aula abarrotada de gente, imagino que estamos em um típico filme em preto e branco. Entramos em uma sala de aula tão estranha quanto familiar, em alguma universidade na França com ares de abandono, muito semelhantes às nossas. Você, de repente, começa a falar. Sua voz parece cansada. Eu observo o fôlego que dispende, com a sua peculiar dificuldade. Bem perto dos olhos, eu me aproximo... ouço aquilo que são seus murmúrios... percorro-os com uma câmera... assim como o semblante, a inquietação, e o gesto. Ouço-o dizer certas coisas. 'A criação é deslizar para o agenciamento', dizia naquela vez. Aquilo fica em mim, mas não compreendo. Quando você e Guattari afirmam que o agenciamento serve apenas de porta giratória, e que assim é que a criação martela o absoluto<sup>3</sup>, só consigo pensar que, enquanto houver essa porta giratória, estaremos sempre entrando em algum lugar. Essa foi a sua forma de permitir que nós continuássemos criando nossos próprios problemas, e foi com essa aposta que a pesquisa se constituiu, através dessas portas que giram, desses encontros que não reivindicam um sujeito soberano da experiência, sendo feitos de travessias, labirintos, imagens e sonhos dos quais acordamos um pouco perplexos.

---

<sup>3</sup> Uma adaptação entrecortada de Deleuze e Guattari (2011, p.115).

Se uma criança ouvisse todas essas estórias que preciso escrever, todas essas suas aulas que fizeram estudantes se espremerem em espaços minúsculos, o resultado seria que ficassem um bocado de tempo desenhando nestes papéis, de modo que as páginas ficassem cheias de pequenos desenhinhos em caneta preta, parecendo um livro do Galeano - como eu também penso que devem ser as palavras: desenhinhos que saem da cabeça, da boca, ou das mãos, e que começam a dançar no papel cada vez que são lidas<sup>4</sup>. Acho que alguns desses desenhos, ainda que invisíveis nesse trabalho, seriam como pequenos acontecimentos aos quais permitimos passagem, são como as nossas ideias. São também uma multidão de existências que, como esses desenhos vagalúmicos, vão saindo disso que vai se agenciando, tentando nos sinalizar alguma coisa enquanto dançam com aquilo que lhes acontece. São partículas que saltam dessas estórias, enunciando lampejos, afetos, medos, processos, questões. Eles estão aqui, em todas essas páginas, surgem nesses giros da vida, do pensamento, da escrita. Assim também saltam dos embates, deixando as marcas das guerras, das ruas, dos exílios. Passamos por 1968: desenhos surgem de corpos intranquilos, e alguns deles gritam muito alto. Fazem com que recuperemos um pouco a escuta, a estranheza, o tremor. Há um relâmpago que trazem para a nossa murrinha diária. Seus gritos nos acordam. Eles pedem um pouco, roubam-nos um pouco. Mostram o seu sangue escorrendo da testa. Entre fugas e estilhaços, trazem um mundo que está correndo, um tempo que já não é o mesmo. Nesse assombro, o maior risco que corremos é deixar a estranheza pulverizar-se, até converter-se em pó. Sabendo disso é que os estudantes marcam os muros.

Como diziam alguns estudantes nas acampadas de 2011 na Cinelândia<sup>5</sup>, ‘nossas salas de aula se tornaram as ruas’, esse tempo presente. Os nossos encontros que aqui pretendo trazer vão produzindo esses universos provisórios na história, que nos sujam de mundo, e nos chacoalham em nossas indiferenças. O que foi que aconteceu aqui? - perguntamos. Haveria chance de vislumbrar ainda outras portas a nos convidarem para outros mundos dentro deste? Haverá como nos convidarmos uns aos outros para novas aventuras? Quando percorro os olhos nessas cenas das

---

<sup>4</sup> Ver “Carta do Subcomandante Insurgente Marcos a Eduardo Galeano”, In: *Revista Gratuita* vº 3, 2017.

<sup>5</sup> Movimento de ocupação da praça inspirado no Occupy Wall Street (2011), em Nova Iorque, e que se proliferava por várias cidades pelo mundo.

ocupações de praças, desde ali vejo a potência de algo que se reivindica sem forma, sem nenhum formato definitivo, algo que se manifesta quando acionamos as nossas máquinas mais lúdicas como aquilo que nos grita pedindo por criação, por uma vida mais aliançada com os processos. Foi exatamente naquele lugar que, sem saber, a minha pesquisa havia começado<sup>6</sup>.

A potência de uma infância colocava-se, teimava em produzir-se bem no nascedouro coletivo de uma força de criar, essa que se atualiza a cada dia em meio aos encontros com o mundo. Tratava-se já de uma pesquisa que colocava ao mesmo tempo o pensamento a se produzir nesse nascedouro, em meio às suas situações mais adversas, aos fluxos ininterruptos da existência. Nas praças, nas ruas, nas universidades, tratava-se de irmos juntos em direção a uma infância do mundo<sup>7</sup>, permitindo, talvez, que algo nos acontecesse. Isso que aprendemos com tantos estudantes, e que o levou certamente a desenvolver com Guattari não apenas *O anti-Édipo* a partir dos desdobramentos de 68; o que aprendemos foi uma experiência de ousadia que atualizamos aqui nesse trabalho, uma ousadia do pensamento que se liga à vida, às suas intensidades e processos, recriando suas condições para se abrir a novos caminhos, e também aos nossos desafios. Os golpes que levamos não estarão ausentes do percurso; são as respostas dos poderes a essa ousadia, e constituem-se também acontecimentos que precisamos acolher, para que possamos avaliar quais as novas disposições que se farão necessárias. Os agenciamentos continuam se engendrando. As máquinas continuam conspirando.

Espera-se que os cheiros, as lembranças e as sensações tidas no encontro com as suas aulas e seus livros possam ser cada vez mais diversos, mais problemáticos, e que não se acabem, mas quando não servirem, que se mantenham à disposição, para que tenham a chance ao menos de contar ou inventar novas histórias. Estive imaginando algumas delas. São essas que também trago aqui, sob a forma de infinitas conversas e cápsulas do tempo, que envio como flechas. Esta tese tem como

---

<sup>6</sup> No ano seguinte, eu começava o meu mestrado sobre as resistências na cidade dos megaeventos. O texto incluiu uma passagem sobre a experiência de uma noite na Cinelândia, quando a ocupação já havia terminado há alguns meses, após um Choque de Ordem da prefeitura. O movimento Occupy não será trabalhado nesta tese, e sim algumas ressonâncias a partir das jornadas de 2013, que seguem ecoando. Acredita-se que o movimento das acampadas nas praças permitiu muitos desdobramentos, dentre eles, inclusive, as insurreições pelo Brasil dois anos depois em junho, e em seguida, as ocupações das escolas e universidades (que aqui aparecem no último bloco), no MEC, e a Ocupa SUS em 2016, no Rio de Janeiro, já em outro contexto.

<sup>7</sup> Expressão que Deleuze cita à Claire Parnet no *Abecedário* (1988) em “E de enfance”.

procedimento a montagem de uma maquinaria que envolve o mergulho no universo intenso de uma vida filosófica - a sua vida? a minha? a dos outros? - que consiste no aprendizado dos encontros que ela possibilita, nos efeitos infinitos os quais ela é capaz de provocar, contagiando outras vidas, outras memórias, outros tempos e sensações. Esses encontros colocam em atividade uma engasgada máquina, buscando ir em direção a uma infância dessa filosofia, e junto desta, a uma infância dos nossos mundos, corpos e pensamentos, a uma reabertura em meio ao sufoco, ainda que atravessados pelos nossos próprios terrores. Essa maquinaria lúdica, tomada como dispositivo para produção de escritas fragmentárias, busca cartografar os afetos da pesquisadora, de alguns companheiros e de outras existências pelo mundo, contentando-se em interrogar o próprio campo de uma ludicidade imanente a ela, e assim criar uma ambiência em que possamos pensar nossas entradas e saídas.

O texto é uma existência pulsante, viva, que contém histórias. Uma escrita que se afirma acompanhado seus platôs, as produções de subjetividades militantes, as histórias de diversos estudantes que aparecem ora com olhares límpidos, ora com paralelepípedos em punhos, ora com o seu cansaço, ou como um sopro de vida, umedecendo a própria fala. Tal maquinaria é montada visando a máxima proliferação imaginativa, para que a sensibilidade alcance as imanências dos cenários construídos, enquanto esgota alguma coisa que já não nos sirva, abrindo espaço para outras. São muitas vozes que forçam uma composição polifônica, amplificando as ressonâncias dos acontecimentos, alargando a experiência da sensação que é própria do devir-artista, equivalente à experiência da conexão por afetos de uma infância que se mantém à escuta, e com a qual perguntamos: como construir novas condições para um pensamento mais ligado à vida? Como lutar por isso, sem que nos tornemos farrapos, em condições que já são outras? - são perguntas suas que persistem de outros tempos. A ideia, ao escrever esses percursos, ao falar da vida desse autor que me interpela, e daqueles que você pôde contagiar, provocando risos com suas discretas brincadeiras, é pensar nessa vida tão intensamente ao ponto de não poder mais ser um objeto, reconduzindo-nos a um pouco dessa alegria, dessa força de uma vida amorosa e política que sua filosofia em vida soube nos dar e inventar; reconduzindo-a também a nós mesmos.

Estar junto aos encontros que, nessas páginas, sinto já com outros cheiros, é acolher as muitas aprendizagens que constantemente se modificam. Na medida em que se ainda está permeável aos acontecimentos, percebe-se algo que atravessa a pesquisa como um fio, uma ética, um murmúrio de forças que ainda insistem em germinar nessa atmosfera, convidando a outras portas que giram. Apesar da extraordinária diversidade dos itinerários e dos meios possíveis de entrar no seu pensamento, eu os arriscaria a uma expedição pelos movimentos de uma pesquisa da existência, que aqui tem a oportunidade de ser forjada por cada um, especialmente por ‘aqueles que protestam’. Como você dizia com Guattari, “Nós nos dirigimos aos inconscientes que protestam”, e estamos sempre em busca deles como aliados. Estamos nos dirigindo aos inconscientes que ousam protestar, dirigimo-nos também aos jovens que vão às ruas. Junto deles, ainda será preciso esgarçar esse mundo, essa geografia das forças ainda demasiado humanas, será preciso forjar novas infâncias no corpo e no pensamento.

Nessa maquinaria trazemos as suas aulas, seus textos, suas entrevistas, suas histórias, e com elas vamos desconhecendo essa infância, desaprendendo o que ela possa ser, buscando recriar condições de possibilidade para seu devir, que mal sobrevive. Se alguma vez a infância afásica, titubeante, temerária, colecionadora, sonhadora, enrodilhada de sensações existiu, a pergunta que se faz é onde ela estaria. Se essa infância mal sobreviveu à globalização, à escolarização cada vez mais precoce, às imagens da propaganda, ou às representações ingênuas que continuamos reproduzindo dela, ela torna-se outra. Onde ela estaria? Ela torna-se outra, o que não quer dizer que não haja restos, resíduos, retalhos e migalhas<sup>8</sup>: os jogos, e sobretudo os gestos, partículas da linguagem, movimentos, olhares. Nada disso precisa de um sujeito concreto. Pode ser uma nova disposição, uma variedade de rostos e idades, uma animalidade nos modos de pensar, nos gestos que reengendram no mundo os fluxos da vida. Esses gestos vão muito além de jovens subindo em postes, tacando paralelepípedos, ou pulando catracas. São gestos ainda sem forma, que talvez, ao menos não coincidam com a apatia, nem com a rigidez de um mundo embrutecido. Desconfio que uma infância seja um dos apelos que traz a sua filosofia. Vejo que já

---

<sup>8</sup> A pergunta pela sobrevivência dessa infância, através de seus restos, são formulações de Carlos Skliar (2014) que aqui citamos com algumas edições.

somos outros, e que precisamos, com isso, de outros gestos, outros lugares, outras relações que germinem uma vida renovada. Precisamos de novos devires. A escrita será a minha máquina de guerra, como também foi a sua. Espero que as nossas palavras, os nossos sonhos e as nossas feridas assim lhe abram às nossas estórias, às nossas batalhas. Espero que, ao mesmo tempo, dizê-las de algum modo reconduzam-nos a elas.

**1.**

## **Uma infância da filosofia**



Gilles e seu irmão Georges

## **1. Um cheiro de charuto ao ar livre**

Uma colher de xarope, um arame farpado, uma escada sem luz. Pressinto os desenhos sem nexos, seu caderno encapado da escola, sua comida sem luxo, seus sonhos com o mar. Pressinto a voz de sua mãe, os sons da língua francesa, os livros noturnos que saem da voz do menino que já envelhecia. Um menino sempre doente. Mil vezes tentando incendiar a vida com a força da imaginação, já que estaria com o corpo sempre debilitado. Não chegava a gritar, mas voltava ao breu do corredor, reiniciando seu ensaio para fora da casa. Os devires eram um infinito protesto, um cheiro de charuto ao ar livre, como na foto tirada com seu irmão. Em seus gestos, um movimento para outro lugar, já que naquele lar, escuro e abafado, não se criava nada além do mesmo. Os miasmas dos ambientes fechados da burguesia. Uma criança sempre estrangeira, tossindo, produzindo voz quando conseguia respirar. Se conseguisse respirar.

## **2. Uma relação geográfica com o mundo: a plasticidade da infância**

Se conseguisse respirar, sua voz nos diria pequenos protestos, uma lista de afectos, voos e trajetos, contra qualquer tipo de clausura. Esses foguetes que voam no pensamento escapam dos ambientes asfixiantes, e tomarão sempre o modo de uma manifestação filosófica que condena a tristeza: seja ou não a tristeza imposta pelo exercício de um poder familiar, denunciado por Deleuze como uma decadente formação social, a tristeza sempre fora precocemente rejeitada pelo autor, como recorda o amigo Michel Tournier.

Gilles Deleuze não cansará de criticar o familiarismo e a atmosfera confinada de uma classe média francesa. Nascendo em 18 de janeiro de 1925, filho de Odette e um pai engenheiro, de sua infância, não é capaz de suportar a mera evocação. Como quando da realização da série de TV *L'Abécédaire* junto de Claire Parnet, em que, apesar de mencionar a natureza desagradável de suas memórias, ele recordará ainda assim alguns momentos, endossando como seria lamentável restringir qualquer criação a uma estória pessoal, já que sempre dissera que se escreve para se tornar outra coisa - essa é a máquina de guerra do escritor. Não afirmava nenhum horror à própria infância, mas aquilo que importará, de fato, o devir criança que o envolve como criador, como filósofo, como escritor: o devir criança como algo da vida que passa em nós, através da qual, algo de transgressivo surge como germinação, como abertura a outro pensamento, outros mundos, como na poesia de Ana Martins Marques, “É como

se a infância não fosse um tempo, mas um lugar/ (...) aquele onde cometemos/ nosso primeiro crime”<sup>9</sup>.

Uma infância impõe-se a invenção de novas formas, sempre se experimenta, é quase um pouco ‘criminosa’, como dizem os versos da poeta brasileira. Enquanto para alguns a procura desse lugar instaura uma viagem melancólica, para Deleuze não haverá nenhuma homenagem ou nostalgia, sequer uma infantilização. “As crianças sofrem uma infantilização que não é a delas”, dizia o filósofo. Neste sentido, para Deleuze as escolas se parecem um pouco com as prisões. Ele dizia que se as crianças são tratadas como prisioneiras, a conservação desse estado da infância será sempre a essência de todo reformismo na política. “Se as crianças conseguissem que seus protestos, ou simplesmente suas questões, fossem ouvidos em uma escola maternal, isso seria o bastante para explodir o conjunto do sistema de ensino”. Deleuze permanece apontando uma espécie de radicalidade política que uma infância guardaria e emprestaria às lutas contra os poderes. “(...) esse sistema em que vivemos *nada pode suportar*: daí sua fragilidade radical em cada ponto”<sup>10</sup>, sugeria então à Foucault durante a famosa entrevista realizada em 1972. Para Deleuze, não se pode tocar em nenhum ponto de aplicação do poder sem se defrontar com este conjunto difuso que, a partir de então, é levado a explodir a partir da menor reivindicação, seja esta de uma criança, de um jovem, de um operário.

Poderíamos até reaver as práticas históricas de como as sociedades tratavam as crianças ou como lidavam com a infância, algo que sempre nos defronta com a construção histórica dos conceitos morais de civilização, razão, consciência. Afinal, o pensamento social ainda propõe que os homens se façam humanos pela expulsão de tudo que neles houvesse da criança<sup>11</sup>. O modelo de homem é do adulto racional e consciente da realidade, de modo que seria pela luta contra o que de infância houvesse em nós que poderíamos nos alçar à humanidade e à cidadania. A infância não se confunde, meramente, com

---

<sup>9</sup> Extraído do poema “[É como se a infância não fosse um tempo...]”. In: *Revista Gratuita v.3* (2017).

<sup>10</sup> Trechos da conversa entre Gilles Deleuze e Michel Foucault em “Os intelectuais e o poder” (1972).

<sup>11</sup> Ver: Ceccim & Palombini (2009), que aqui citamos diretamente com algumas edições, para sublinhar a importância dessas práticas históricas da infância, que ao se defrontarem com a construção de conceitos morais e civilizatórios, vão se encarregar de ‘banir’ uma infância aos poucos, não apenas da criança, mas do universo do adulto, no qual é impedida de existir.

ingenuidade; identifica-se com animalidade e incapacidade, ausência de razão, de domínio linguístico e de consciência moral; como podemos inferir a partir da formulação de Deleuze, ela estaria muito mais próxima daquilo que condena adultos à prisão.

Entendia-se que uma criança aprende com o corpo e não com o intelecto, e que sua vontade é instintiva e não crítica; logo, faltava-lhe sempre caráter, inteligência e competência humana<sup>12</sup>. Chegando ao século XX, temos o seu reconhecimento como uma etapa especial da vida, e é sobre ela que atentaremos para que cada criança adentre em um conjunto difuso de poderes que a aguardam. Será nessa etapa em que o inconsciente aberto, plástico e sensível, conectando-se com as forças que compõem encontros e acasos, sendo bem mais do que um reservatório das representações - e que será sempre a criança pulsante no adulto - como um conjunto de potências devindo, procurará ser cada vez mais moldado na sociedade fordista e controlado nas sociedades mais recentes.

Deleuze não suporta a infância<sup>13</sup>. O que seria esse devir que ele mesmo instaura com a sua ajuda, senão a aventura de se compor com as aprendizagens, em que se deixa o corpo descobrir experiências, explorar ambientes, percursos e emoções, aceitando a ousadia das viagens nômades? O que seria esse devir senão a coragem de se transportar para diferentes universos incessantemente, dentro desse mesmo mundo? Não seria essa, também, a sua proposta de aventura filosófica? Buscar a produção de uma alteridade em meio a uma experiência excessivamente humana; a produção da diferença em meio à vergonha de ser um homem?

Esse devir da infância estaria conectado com aquilo que Paul Klee falava sobre a sua arte, que ela não podia refletir o mundo tal como uma chapa fotográfica pode fazer. Não é a essência que precisa ser buscada, mas o circuito de conexões invisíveis que compõem o real e só podem ser captadas, não fotografadas. Klee é um artista, e é da arte a singularidade de dar visibilidade ao invisível, escutar/ver o

---

<sup>12</sup> Trechos extraídos de Ceccim & Palombini, 2009.

<sup>13</sup> Claire Parnet em *Abecedário* (1988) diz à Deleuze que tem a impressão de ele nunca falar de sua infância, sugerindo que não quer dar importância a ela. Coloca em questão se ele rejeitou a infância como se ela fosse uma inimiga: “Por outro lado, a infância sempre volta, mesmo que seja de uma forma revoltante”. Gilles Deleuze: “Isso simplesmente acontece, eu acho”.

sensível<sup>14</sup>, de intervir naquilo que é excessivamente humano, rumo a outras experiências de mundo possíveis. Por isso é dela a condição sensível e lúdica de contato com a alteridade. Deleuze muito admirava essa capacidade dos artistas, especialmente quando, a partir do exercício dessa condição, esforçam-se para criar perceptos - esses que, ao conseguirem nos arrastar, por um instante arrancam-nos de nós mesmos, permanecendo além de nós. O devir do artista estaria conectado com o devir da infância, um remeteria ao outro. A maquinaria lúdica da arte seria uma importante aliada nesta produção de uma infância da filosofia, no mapeamento dos poderes que incidem sobre nós, os corpos, as subjetividades e o pensamento, em suas maneiras de perceber, sentir e se relacionar com o mundo. Esse devir possibilitador de uma plasticidade seria o de uma máquina artística a se procurar ativamente no pensamento. A filosofia reivindica a criação de conceitos, mas toda criação requer uma tal plasticidade. O devir-criança e o devir-artista comungam ao agenciar possibilidades individuais e coletivas, modalidades inéditas de aprendizagens, expressões e sensibilidades. É algo próprio dos povos, como dizia Klee<sup>15</sup>, é alguma coisa que atravessa também não só os movimentos da arte, mas os vários movimentos sociais, e os próprios movimentos da vida. O ato de criar se produz em toda parte, por qualquer um; é como uma arte de fabular, como dizia o próprio Deleuze, algo próprio dessa maquinaria que aqui convocamos.

Como professor, Deleuze era praticamente uma ‘máquina’ de fabular, uma criança velha, alguém que não se esquecia do humor para evitar a tristeza, tratando sempre de liberar a vida lá onde ela se sente prisioneira. Não se cansava de repetir: os perceptos desta vida, deste momento, precisam exceder o vivido, ultrapassar o vivido, aquilo que está em nós confinado. Será sempre preciso fazer estourar as percepções vividas, talvez, numa espécie de crepúsculo, cor púrpura ou azul. São atos de infâmia que podem se tornar gigantescos<sup>16</sup>. Não restam dúvidas de que as obras de artistas como Paul Klee são as que mais têm lugar nos trabalhos de Deleuze. Em outros termos, elas surgem na noção de que, quando uma força se exerce na matéria, ela a determina a se expressar em cores; ou na ideia de que

---

<sup>14</sup> O devir do artista encontra-se conectado com o devir da infância, através daquilo que é afetivo, daquilo que pático, uma noção que podemos extrair da fala de Paul Klee trabalhada por Ceccim & Palombini (2009), citados anteriormente.

<sup>15</sup> Citado por Deleuze no texto “O ato de criação” (1997).

<sup>16</sup> “(...) toda fabulação é fabricação de gigantes”, diziam Deleuze e Guattari (2009, p.223).

toda sensação pode gerar uma linha de experimentação, em que uma fuga pode estar em jogo. Surgem, principalmente, na premissa de que não podemos ser tidos como corpos prontos, encerrados, que estão a receber o mundo como este vem de fora, somente reagindo a ele. Somos também parte dessa paisagem plástica, com a qual todos os tipos de corpos se relacionam e se agenciam. Somos água, terra, luz e ar contraídos, não apenas antes de reconhecê-los ou de representá-los, senão antes de senti-los. Plasticidade da infância.

Todo corpo seria, assim, não apenas em seus elementos receptivos e perceptivos, mas também em suas vísceras, uma soma dessas contrações, retenções e esperas, onde se altera um fluxo, e se tenta fazer devir processos microscópicos. Essa relação quase geográfica com o mundo, feita de devires e processos ínfimos, de corpos que se provocam por relações de força uns nos outros, engendrando pequenas batalhas corporais contra os organismos<sup>17</sup>, as formações, os fascismos e as clausuras com os quais se defronta, será algo que estará profundamente em jogo na sua filosofia, reivindicada como plano de imanência para a criação de novos agenciamentos. Para nós - por que não? - nos interessa, portanto, como essas sensações, retenções, precipitações, fluxos, cores, vibrações e processos, tratam de mobilizar na própria experiência a existência em suas políticas, em suas estéticas, em suas invenções, em seus protestos silenciosos, como uma maquinaria da infância que se engendra no mundo, na vida, no pensamento. Se dizemos que, “à sua maneira, a arte diz o que dizem as crianças”<sup>18</sup>, será com ela que a existência também procurará alçar seus voos, será com ela que uma filosofia em Deleuze procurará acolher esse devir da infância como o nascedouro de suas produções e criações.

---

<sup>17</sup> Podemos sugerir aqui a existência de uma infância no próprio conceito de ‘Corpo sem órgãos’ que se verá mais tarde em sua obra, após o encontro com Guattari.

<sup>18</sup> Citação de Deleuze extraída de “O que as crianças dizem”. In: *Crítica e Clínica* (2008).

### **3. As garras de Deleuze**

Fazer de seu próprio corpo um templo para uma causa por demasiado orgulhosa, rica e sensual; um corpo que seja a expressão de uma singularidade, que não signifique a busca de certos fins, mas a produção de uma vida superabundante. Eis a maneira de um filósofo ser um grande vivente, dizia Spinoza. Quando leio essa frase chega a ser inevitável pensar naquele estudante de filosofia que era Deleuze, quando jovem e arredio, fraco e desajeitado. Um rapaz angustiado e, ao mesmo tempo, expansivo, desde então um menino errático e solitário. Dentro de seu apartamento, penso em como às vezes passava alguns dias enfiado em seu quarto escuro, quando prestes a começar a vida de professor: nenhum espaço vazio nas paredes, cobertas de réplicas de pinturas. Ele desaparecia dos encontros com os amigos nas épocas de provas finais, de modo que eles tinham que ir buscá-lo com insistência, para que ao menos comparecesse na Sorbonne e realizasse os exames.

Seu corpo sofria desses eventos. Não conseguia lidar com as avaliações acadêmicas, com as bancas, com as formalidades. Não suportava ter que passar por esse lugar, de quem espera o julgamento, a aprovação. Certas coisas são insuportáveis. Fazem com que se pense naquilo que escreveu certa vez, sobre o que faz um ataque ao corpo de um filósofo, algo que sempre o esperava, pelo resto de sua vida: ao atingi-lo, todos sabiam que estavam atacando um invólucro modesto, que respirava o ar com certa dificuldade, em meio a um tanto de solidão. Isso intensificava a raiva impotente daqueles que o agrediam. Algo que Deleuze verá acontecer pelo resto de seu trabalho, seja como professor, seja como teórico. Principalmente, ao lado de Guattari.

Mesmo envolto de tudo o que lhe angustiava, e que aparentemente o isolava dos demais, Deleuze ainda era um grande vivente. Aí residia todo o sentido da sua estranha solidão. Ele investiria sua luta em um único recurso, seu corpo. O filósofo que é um grande vivente não oferece nenhuma resistência, apesar de padecer de todos os golpes. Ele sabe que a vida não é uma ideia, uma questão de teoria, e que todas as coisas que a trituram só podem ser combatidas por um desejo de vivê-la. Quando a vida se encontra exposta em um mundo corroído, ele precisa encontrar uma insuspeita confiança nessa exposição. Sua solidão precisa ser confiante, justamente para questionar certos apetites dos homens em suas escravidões, regras do bem e do mal, suas disciplinas e buscas por desempenho, correndo num mundo ainda repleto de tiranias, guerras e fome. É preciso que, nessa solidão, ele se diferencie do mundo, mas sem que, com isto, o filósofo se afaste dele. Nesse esforço de diferenciação que empreende seu corpo, Deleuze reconhece que haverá sempre uma precarização. Haverá sempre regimes que queiram pauperizar seu corpo e sua atividade, que é sobrevivente. Nessa condição pobre, ele sabe que tem o que, para alguns, é muito pouco. Ele terá somente seu corpo, sua vida, como alguma coisa afirmativa, que produz um pensamento.

Ele precisará intensificar sua pequena vida. Precisarás efetuar-se em uma relação com as coisas, como os artistas que se arriscam. Deleuze queria apenas inspirar, despertar, mostrar. Uma demonstração que não tem como objetivo comandar, nem mesmo convencer, mas apenas polir os cristais de uma visão livre. Os artistas e os filósofos parecem sempre muito atarefados em buscar essa demonstração aos outros. Tudo que eles fazem não passa de um grande preparativo em vista de um acontecimento que jamais se produz, mas que se prepara para dar passagem. Deleuze se preparava, modestamente, para ser um pouco digno dos acontecimentos. Com isso podia atender os amigos, abrir a porta, dar passagem àquilo de mais banal. Ele podia ir ao mundo, e mesmo sem acreditar na ideia de uma coragem individual, ele encontrará seus meios. Ele fará lentamente crescer suas patas, suas unhas, suas garras. Conseguirá encontrar a força de se mostrar aos demais, mas sem desejar ferir ninguém<sup>19</sup>.

---

<sup>19</sup> No que consiste o mistério da vida de um filósofo? - é a pergunta que move a escrita desse texto, inspirada no trabalho de Deleuze em "Vida de Espinosa", do qual extraímos ideias, expressões e trechos que nos ajudam no esforço de imaginá-lo quando era ainda um estudante, emprestando novos sentidos para as perguntas. In: *Espinosa: filosofia prática* (2002).

#### 4. A arte e o animal arredio

Antes de seguirem para o café, os rapazes decidem parar em uma lavanderia. Um pequeno grupo, naquela noite, entre os quais encontravam-se os companheiros de sempre, Michel Tournier, Claude Lanzmann, e François Chatelêt, além de novos estudantes – nem todos filósofos – instalam-se em uma lavanderia na Rue de Vaugirard<sup>20</sup>, e uma situação que é misteriosa. Os universitários adentram em um lugar para o qual os estudantes de artes levavam suas telas, enquanto suas amigas pousam nuas. Ao menor observador pareceria estranho e até engraçado o traje rigoroso dos estudantes de filosofia, vindos da Sorbonne em suas jaquetas, camisas brancas e gravatas, contrastando com as roupas boêmias dos artistas, e os corpos nus femininos. O desfile de aprendizes de filósofos que vão vê-los pintar nunca deixará de comparecer a esses encontros na sombria lavanderia. Estarão sempre muito concentrados, fumando seus cigarros em pé, contemplando não somente as moças, mas todos aqueles contrastes. Lá permanecem acompanhando o trabalho dos colegas artistas, que era um aprendizado sobre os estilos e as reproduções. Deleuze, imagine, era o mais tímido. Pensava algo que, somente muito depois, colocaria em palavras. Desconfiado ele sugere, sobretudo, que a tela não consiste em uma superfície branca. Ela toda já está atulhada de clichês, mesmo que esses não sejam vistos, de modo que o trabalho do pintor consiste em destruí-los. Um pintor deve passar por um momento em que não vê mais nada, ele deve passar por um desmoronamento. Ele deve perder as coordenadas visuais. Isso faz da pintura uma catástrofe<sup>21</sup>. Deleuze tem uma conversa com aquela atividade, digamos, catastrófica, e sobre a qual seus colegas pintores trabalham, inventando traços,

---

<sup>20</sup> Esse texto foi criado a partir dos episódios de juventude encontrados em *Biografia Cruzada*, no qual surgem essas idas de Deleuze com os amigos à lavanderia, citadas brevemente por Dosse (2010).

<sup>21</sup> “A pintura inflama a escrita”. Referência a uma entrevista de Deleuze ao *Le Monde*, em 3 de dezembro de 1981. Tradução disponível em: <https://acervoclaudioulpiano.com/2018/04/28/a-pintura-inflama-a-escrita-por-gilles-deleuze/>, acessado em 17 de agosto de 2018.

texturas e cores. Estando em um canto da lavanderia como um animal arredio, porém atento, encontrava o estranhamento suficiente naquele ambiente com o qual seu corpo destruiria outros clichês na vida. Para Deleuze, tudo o que se cristaliza no viver, tudo o que vamos colonizando na percepção, é objeto da pintura, mas também do seu olhar de filósofo. A arte pode inflamar a vida, pensava: se um pintor vai desenrolar um conjunto de sensações, uma passagem de sensações que nos arrasta; assim também desenrolamos estilos de filosofar, de amar, de fazer uma existência.

Ele está ali, bem próximo daquelas jovens desnudas. Estamos nas regiões mais escuras da lavanderia. Os meninos têm as suas mãos frias. Sente-se o nervosismo da carne, seus desenhos trêmulos. Aqueles seus amigos não esperam coisa alguma das intensidades, mas elas se adensam, ora dissipam, ressurgindo em um plano menos figurativo nas telas dos estudantes e naquelas vidas naquele momento. Quando li sobre o episódio, imaginei um jovem estudante de filosofia no improvisado ateliê, fuçando as sensações como um rato. Todos podiam estar quietos, mas esse rapaz estava a ruminar catástrofes em meio à nudez das mulheres, ao calor da situação, às suas cores gritando na noite. O jovem aprendiz junto àqueles corpos vestidos e envergonhados, e as intensivas e pequenas mutações em seu corpo incendiando as roupas e lançando lampejos que não permaneceriam imóveis no tempo, estava naquele canto encurralado, mas ao mesmo tempo, sorvendo um movimento. As inquietações desse jovem roendo os acontecimentos por dentro trariam novas animalidades, outras palavras aos dias e às noites, breves sensações que estouram na experiência com as coisas, possibilitando-nos pensar nesses pequenos acontecimentos que nos modificam numa plasticidade com o mundo. Para esse estudante, aquelas existências agora eram como essas figuras nunca nascidas nem terminadas, desformes como nas pinturas de Bacon, assustadoras, terríveis a uma política dos corpos que apenas deseja sujeitá-los a uma forma sempre um pouco triste, sempre um tanto definível, sempre limitadora, como eram os trajes arrumados da filosofia. Com a arte, esse pequeno rato ainda nos ajudaria a inventar outros movimentos, desmoronando a coordenadas habituais da existência, para que muitas outras figuras e imagens nela pudessem ainda vingar, ainda que clandestinamente. O devir é mesmo uma viagem imóvel.

## 5. Uma filosofia intranquila

Quando vão ao Biarritz, o café onde se encontravam, lá dizem pela primeira vez a Deleuze que Bergson os ‘aborrece’. Seus amigos que eram crias da Sorbonne são de uma retórica comum e pedante. Deleuze se destacava naquele grupo, dizia Claude. Ele não era como os outros. Ainda muito novo, defendia seus vários encontros com a filosofia, enquanto seus colegas apenas reproduziam os discursos costumeiros. Deleuze retrucava aos demais com suas fortes impressões, de modo que, a cada conversa, demarcava-se uma tensão, um desvio das tendências vigentes, das modas de seu tempo, quando a maior parte dos estudantes vinha consagrando uma hegemonia do marxismo. “Não, não se enganem, vocês não leram direito! Bergson é um excelente filósofo”, quando tirou de sua maleta *Matéria e Memória*, naquela situação, começou a ler em voz alta uma longa passagem. “Vocês não gostam de Bergson. Isso me deixa desolado...”<sup>22</sup>. Isso já mostrava algo sobre Deleuze. Considerar Bergson um filósofo importante, em um momento filosófico marcado pela dominação do marxismo, e também do existencialismo, denotava algo que ele jamais deixaria de reivindicar, sempre preocupado em pensar de maneira intempestiva dentro de sua época. Sua briga não era pelo autor, mas pelo seu acontecimento. “Isso era trabalhoso”, diziam uns. Os atritos eram corriqueiros. Deleuze era uma criança desobediente. Você via esse rapaz desajeitado, parecendo sair dos braços de uma mãe superprotetora, com aquela condição asmática... sem suspeitar que ele vinha

---

<sup>22</sup> Françoise Dosse relata esse episódio no texto “O irmão do herói” em *Biografia Cruzada* (2010), em cima do qual criamos essa cena, usando as falas citadas de Deleuze.

para a batalha. Uma batalha que não era sinônimo de combater contra, derrotar, aniquilar. Ele vinha apenas com os seus eleitos. Todo aquele ambiente da filosofia, parecendo incomodar o jovem que, aperreado – abre-se um parêntese: uma palavra derivada de ‘perro’, que em espanhol é o cão – tinha um jeito de viver o seu rigor que, em meio aos pedantismos, às brincadeiras que os amigos empreendiam com seus gostos por certos autores, produzia em seu corpo uma atitude, uma outra experiência, que fazia questão de demarcar, não coincidindo com aquela que se pretendia universalizar no ensino da filosofia. Os encontros com os amigos eram uma condição viva para o pensamento de Deleuze. É por isso que a filosofia é tão concreta. Penso nele muito jovem: uma criança inconformada, porém, sem vociferar reclamações, que só de se deparar com o lamento se cansava. Você olhava para ele, segurando um livro sobre a mesa. Naquele cenário e, naquele momento, enquanto os amigos elevam a voz e brincam com seu livro retirado da maleta, sem que ninguém mais perceba, ele estaria em silêncio, estaria em um canto, enfrentando algo muito difícil, ainda pensando, ainda sentindo, e como se fossem outra vez golpear uma ideia que, supostamente, apenas flutua no mundo – sem estória e sem vida – diante dos mesmos colegas, olhando vagamente ao redor, Deleuze estaria muito quieto, ele estaria ruminante, atingindo outras temperaturas... ele estaria em combustão.

## 6. Fazer-se de bobo

Aqueles seriam anos nos quais, sem seus amigos, dificilmente conseguiria enfrentar os testes e provas de aptidão finais da faculdade, mesmo com toda a vocação que já vinha sendo construída com a filosofia e que deixava muitos de seus professores empalidecidos. Todos ainda muito jovens descrevem esse efeito que Deleuze tinha sobre seus pares, de modo que não era muito fácil imaginar, afinal, o que fazia com que o jovem Gilles não saísse do seu quarto na véspera das provas. Ao ingressar no curso superior de letras, frequentando as aulas de Ferdinand Alquié e de Jean Hyppolite, não se sabe o motivo daquilo ser tão engraçado mas, em sua presença, era possível tocar um pouco esse lugar incontestável, vez ou outra atribuído ao professor. Ao seu lado, era possível tornar a universidade mais frouxa, algo de que se pudesse rir um pouco, quando aqueles seus rituais já eram sisudos demais. Não era como se estivessem dando gargalhada, ou fazendo piadas. Era uma intervenção precisa. Muitos episódios ainda viriam mostrar que Deleuze precisava pôr em prática a necessidade de instalar pequenas minas explosivas sob cada um dos pedestais da vida acadêmica que encontraria pelo caminho.

São muitas estórias, mas nenhuma é mais engraçada que o episódio com Jean Beaufret<sup>23</sup>. Naquele momento, introdutor na França da obra de Heidegger, o professor Jean Beaufret uma vez afirmara, fascinado pelo seu mestre, que só era possível compreender Heidegger verdadeiramente falando e pensando em alemão, uma afirmação que deixara os estudantes desconfiados. Na mesma hora,

---

<sup>23</sup> Esse episódio é relatado por Françoise Dosse no texto “O irmão do herói” In: *Biografia Cruzada* (2010).

os colegas olham para Deleuze, em um momento que teria sido perfeitamente traduzido em uma passagem de *Diferença e repetição*, em que ele mesmo pede que nos façamos um pouco de idiotas – como diria Clarice Lispector: “O bobo, por não se ocupar com ambições, tem tempo para ver, ouvir, tocar no mundo. O bobo é capaz de ficar sentado quase sem se mexer por duas horas. Se perguntado por que não faz alguma coisa, responde: ‘Estou fazendo, estou pensando’”<sup>24</sup>. Adoro esse momento, ainda mais se considerarmos os diferentes contextos em que se aplica. Quando leio essa anedota, lembro imediatamente algumas colocações ainda comuns. Certa vez, ouvi de um professor no Brasil que para entender Deleuze é necessário que se vá a Inhotim<sup>25</sup>: quer dizer, o que Deleuze acharia disso, impossível saber, mas aqui vejo como tem sido recorrente o momento de se fazer de idiota. Esse surge para Deleuze como o momento da pergunta, “*Como permitir a filosofia começar?*”, tal como presente na referida passagem, a qual iria definir o ‘fazer-se de bobo’ como um protesto em favor dos mais modestos. Não era preciso dizer que isso desencadearia uma reação no caso de Jean Beaufret.

Na semana seguinte, Deleuze aparece com uma solução sarcástica. Diz que encontrou em Alfred Jarry um poeta francês que não somente compreendeu, mas antecipou Heidegger. Os colegas não chegam a rir, pois escutam seu argumento: a linguagem própria a Heidegger, que introduz o grego antigo e o velho alemão na língua moderna por meio de múltiplas aglutinações, encontra seu equivalente em Jarry que, por sua vez, introduz no francês moderno o latim e o velho francês. Não havia, portanto, o que repreender em um jovem que, tão seriamente, se colocava a abrir certas verdades supostamente estabelecidas, esgarçando-as até o ponto em que pudessem tocá-las com as próprias mãos. “Talvez seja bom dizer que não há nada mais ali que um jogo de palavras”, Deleuze chega a dizer. Beaufret pede que se cale. Aquele que ocupa o tablado não recebe o seu contraponto, pois vê que não há como desmontá-lo.

---

<sup>24</sup> Extraído do texto de Clarice Lispector chamado “Das vantagens de ser bobo”. In: *A descoberta do mundo* (1999).

<sup>25</sup> Como se todo estudante em uma universidade pública no Brasil pudesse arcar, afinal, com os custos de passagem, estadia, taxa de entrada no museu, alimentação no local, dentre outros...

O professor fica sem recursos para sustentar a sua autoridade anterior. Talvez pensasse agora que haveria tantos outros modos de mostrar aos seus alunos aquilo que ele acreditava ser a forma mais correta de estudar seu mestre. Essa situação poderia ter gerado um mal-estar muito maior, mas era necessário a Deleuze que não perpetuassem a filosofia como algo imaculado, praticado em condições ideais e somente por alguns que soubessem como acessá-la. Era cada vez mais urgente ao jovem estudante que esta fosse uma prática em que o intempestivo se inscrevesse como uma condição que permitisse à filosofia começar, antes de mais nada, como uma operação de pensamento viva, muito mais viva do que lhe ofereciam. Deleuze se distinguia não apenas por certa elegância, como diziam, mas, sobretudo, pela precisão. Uma atividade como a da filosofia não poderia ser ‘mais um lugar a nos matar’, como já vinha fazendo com seus amigos.

Suas exposições, a essa altura, já eram consideradas eventos a que não se podia faltar sob nenhum pretexto. É o caso, entre outros, da arguição sobre “Bárbaros e civilizados”, a que é submetido por Georges Canguilhem. O jovem Gilles, na ocasião, obtém uma boa nota, que permitiria seu ingresso na Escola Nacional Superior, se não houvesse abandonado outra matéria. Naquele momento, é reprovado, o que só lhe reforçará as angústias diante daqueles rituais. Suas batalhas surgem a partir de um concurso de circunstâncias. Os rituais acadêmicos são de lhe provocar náuseas. As provas finais, as avaliações, a sua atmosfera ameaçadora, são quase insuportáveis. Contudo, será devido aos seus bons resultados que conseguirá uma bolsa na Sorbonne, este que será o lugar onde, futuramente, nunca faltará às aulas de Gaston Bachelard. Lá também precisará de seus amigos, para sobreviver às tradições mantidas entres as suas paredes, dentro das quais, surgirá também um futuro mês de maio, quando já como professor, ele será testemunha participante de um furacão.

## 7. Quando abandonávamos a filosofia...



Eu tinha renunciado à filosofia. Eu estava quase desistindo, quando entrei naquela sala abarrotada, repleta de fumaça e de gritos. Foi então como uma espécie de estilhaçamento. De repente, eu estava naquela cena, com tudo aquilo acontecendo. Uma intensidade de intervenções, de críticas, de pessoas. Nós sabíamos, mas apenas através de boatos, que aquelas eram aulas de filosofia. Um rumor corria em Paris, de que algo extraordinário estava sendo feito em Vincennes! E eu fui a Vincennes. O que foi essa experiência para alguém que, como eu, havia descreditado da filosofia? Deparei-me com alguém que falava diferente, cuja pedagogia era totalmente diferente. Alguém que estava

experimentando o *Anti-Édipo*, e cujas ideias sobre o desejo, na época, eram ideias jamais ouvidas antes.

Estávamos no final dos anos 60. Muitos de nós havíamos abandonado a filosofia para viver. Sim, para viver. Eu, por exemplo, havia vendido a minha biblioteca inteira. Meus livros foram parar numa praça. Tudo aquilo havia se tornado um peso. Como pode a filosofia nos cortar da vida? Eu percebi que era exatamente isso. Era exatamente isso que fazia com que os cursos de Deleuze fossem tão tortuosos. Seu discurso de repente surge, com uma simplicidade, uma leveza. Na verdade, como um acelerador de partículas. Quando ele sobe ao tablado, e vai depositar seu chapéu sobre a mesa, algo se torna legendário... este era Deleuze: parecendo mais um Humphrey Bogart, vestido sempre com aquele *impermeable*, e uma barba por fazer há três ou cinco dias, ele tinha um olhar, como se tivesse vivido experiências estranhas. O que atraía o contingente das suas aulas era um pouco certamente disso, mas era também em parte outra coisa, um mistério. Suas aulas estavam sempre apinhadas de gente, doidos, personagens extraordinários, estudantes de toda sorte, artistas, pacientes psiquiátricos. Havia um pouco de tudo. Uma intensidade incrível de pensamento, algo correndo pelos nossos corpos, exigindo que estivéssemos presentes, atentos àquelas espirais, esses movimentos que eram as falas de Deleuze, com todas aquelas perfurações discretas, vizinhanças com outros domínios, pequenos prazeres com os quais fazíamos núpcias, em citações de obras artísticas que nos assombravam. Fui a Vincennes, e isso modificou completamente a minha vida<sup>26</sup>.

---

<sup>26</sup> Texto baseado nos relatos de José Gil, ex-aluno de Deleuze, em: “Ele foi capaz de introduzir no movimento dos conceitos o movimento da vida” (2002), uma entrevista da qual extraímos trechos aqui editados, com o intuito de alargar ressonâncias e impressões sobre a experiência de aprender com Deleuze. Nossa intervenção ao trazer os testemunhos de ex-alunos, mais do que a de evocar relatos reais, consiste em criar em cima disso uma atmosfera expandida das aulas, entremeando-as com outros ensinamentos que estiveram presentes em suas entrevistas e textos. Experimentam-se na tese, portanto, narrativas também em primeira pessoa, para que nesse revezamento por pontos de vista, possamos trabalhar uma proliferação, conduzindo questões que ampliamos a uma multiplicidade.

## 8. O tecido invisível

Ele esperava, muito calmo, sentado em uma cadeira. Estava no mesmo nível que os outros. Após um breve preâmbulo, começa a falar bem devagar, retirando do bolso um papel que havia dobrado infinitas vezes. Ele o desdobrava tanto quanto fosse necessário, segurando o papel na mão, mas sem jamais consultá-lo. Podia nos dar a impressão de improvisar, mesmo quando se sabia do cuidado meticuloso que tinha no preparo das suas aulas. Até que, então, desdobrava o papel pela última vez. Atrás das lentes dos óculos, havia o olhar de uma criança que fingia estar perturbada diante das questões que colocava a si mesma, em voz alta: “Ah, o transcendental... o que é isso? ”, em seguida, respondia, “Kant diz que são as condições de possibilidade. Mas, por que chamar isso de transcendental? ”, e continuava a provocação, dizendo a si e aos demais: “eu não sei mesmo...”<sup>27</sup>. Naquele dia, usava um suéter amarelo. Seus olhos vibravam discretamente, logo parecendo distraídos. Chegava, pouco a pouco, a decantação. As linhas do problema iam se desenhando... e as articulações vinham, tornavam tudo mais luminoso. Formavam então esse tecido. Ele espalhava esse tecido. Tinha-se que abrir as janelas, senão ficávamos sem ar. Deleuze era muito paciente, mesmo se permanecíamos inquietos, aglomerados pela sala desde a porta. Ele parava, esperava que abrissem a janela. Então, retomava o fio interrompido, procedendo por meio de repetições. Algo se desenrolava. Ele mantinha uma serenidade. E nós estávamos ali, acompanhando o seu movimento... ouvíamos a sua música. Ele estava na mesa, fumando um cigarro,

---

<sup>27</sup> Falas extraídas de “O irmão do herói”, texto de Françoise Dosse In: *Biografia Cruzada* (2010)

sem deixar nada escapar à sua perspicácia que, de tão tranquila, ia apenas se mantendo, incessantemente, em conversações. Como um radar captando o entorno, ele acompanhava as variações atmosféricas. Olhava os alunos, olhava seus papéis, os papéis desdobrados – e era isso que eu achava extraordinário – como se o que chamasse a atenção fosse, justamente, a falta de preocupações, a completa ausência de pedagogia. O pequeno tumulto de suas espirais em movimento as tornava acolhedoras, prosseguindo em uma cadência, apontando uma singularidade qualquer que aparecesse. Algo estava sempre se movendo nele, ainda que permanecesse no mesmo lugar. Ele agora apontava para uma moça. Uma jovem que entrava na sala, parecendo desconectada de tudo. Era uma dessas pessoas que não sabíamos ao certo o que iam fazer naquelas aulas. Elas surgiam como um fragmento anônimo do mundo. Eram crianças perdidas. Como muitos, esta parecia alheia, mas completamente absorta naquela música, como se alguma coisa nela lhe dissesse respeito. “Uma aula é alguma coisa musical...”, dizia o próprio, “não se trata de entender tudo, mas de acordar em tempo de captar algo”. Ele esquecia os papeis, nós os esquecíamos. Os papeis permaneciam espalhados pela mesa. Era como se embarcássemos numa melodia às vezes difícil, mas muito delicada. Suas mãos, suaves e elípticas, desdobravam o tecido invisível que se formava entre as ideias, fazendo com que tudo se passasse, absolutamente, em um tom normal de voz...

## 9. Um desejo de viver

Ao mesmo tempo em que era discreto, Deleuze era ofuscante pelo charme. Tinha um jeito de nos levar às coisas, de nos abrir às forças. As pessoas iam embora de suas aulas dizendo, “Não, não compreendemos tudo, longe disso, mas saímos de lá com uma vontade de viver extraordinária”. Nós entrávamos no movimento do seu pensamento, na sua vontade de pensar, parece curioso, mas era exatamente isso. Entrava-se dentro do pensamento que ele pensava. Um pensamento que – desculpem-me a banalidade – libertava. Com isso quero dizer, libertava para a vida. Como ele permitia que nós entrássemos nesse movimento? Muitos sequer compreendiam os conceitos que ele empregava. Ele introduzia no movimento dos conceitos o movimento da nossa própria vida. Os conceitos se abriam àquelas pessoas. O que ele encontrou, precisamente, acho que fora uma maneira de forçar os conceitos a abrirem-se, e isso significava muita coisa. Como ele foi capaz de encontrar essa maneira?

Se temos conceitos que são quase entrópicos, que absorvem a vida de tal maneira que ficam secos, essa era a maneira como então sentíamos a filosofia, antes de maio de 68, quando eu vendi a minha biblioteca. Só que, por outro lado, tínhamos esquecido que havia essa experiência dos corpos, daquilo que é vivo. Esse era o movimento que Deleuze trazia, e que, estando a falar da vida, apresentaria a nós uma nova chance. Aquela era uma oportunidade de reconciliação, quando estávamos até então mortificados. Ele nos mostrou como seria possível – viver, sentir, pensar – acreditar no mundo, nas coisas que fazíamos no mundo. Aquilo que pensávamos, amávamos, combatíamos, isso tudo

nos abria às forças, era um mover-se totalmente sem destino no pensamento e que, entretanto, denotava sua importância. Nisso havia uma força vital, algo que era delicadíssimo. Nenhum apego parecia reter Deleuze, que nos soltava como espécies de crianças livres de qualquer obrigação, acompanhando no horizonte da aula o quanto podíamos ir além do imenso gramado da universidade. Contudo, havia um rigor. De repente, as lógicas tinham procedimentos desmontáveis. Os conceitos eram quebráveis. Podíamos pensar. Estávamos livres para elevar o pensamento à vida. Diante da emergência do que se ligava então ao pensamento, era preciso perguntar. O que faríamos com isso? - pois ainda assim, estava com planos de terminar a faculdade. Certamente liberados das imposições, ele nos fez indagar se seria esse próprio sujeito confinado, no qual havíamos antes nos fechado para aprender, o qual seria preciso explodir, dispersar em singularidades, tornando os desejos, o mundo e o pensamento também essa multiplicidade de relações com as coisas. Desejo pleno de viver extraordinariamente. Esse professor tão quieto, era na realidade explosivo, cheio de dinamites. Eu havia vendido minha biblioteca, e por mais que ficasse arrependido, e por mais que eu prosseguisse naquelas salas de aula, nada podia me fazer esquecer que eu estava vivo<sup>28</sup>.

---

<sup>28</sup> Texto baseado na entrevista com José Gil (2002), ex-aluno de Deleuze, aqui novamente citado através de alguns trechos extraídos e adaptados, com licenças poéticas.



Claude Dityvon, 1968. *L'homme assis*.

## **10. O jovem filósofo nas praias da burguesia**

Havia por toda parte aquelas placas nos apartamentos, onde estava escrito ‘Aluga-se’. Uma das poucas coisas de que me lembro da infância, certamente: a quantidade de apartamentos vazios. Havia apartamentos vazios por toda a cidade. Antes da guerra, tivéramos um declínio. Durante a crise vivíamos algo que ninguém entendia. As pessoas não tinham dinheiro. Eu ficava espantado. Lembro-me da preocupação com o dinheiro, foi o que me impediu, afinal, de ir para o colégio de jesuítas. Toda a burguesia percebia os sintomas. O que mais me recordo é isso. Éramos uma família inculta, burguesa e de direita, mas afável. Meu pai era um engenheiro. Trabalhava com um produto que servia para impermeabilizar os tetos, mas com a crise, ficara apenas com um operário, e as coisas para ele, então, começaram a ir muito mal. Os negócios em um momento faliram. Ele foi parar em uma indústria que fabricava aqueles “balões”, as aeronaves que voavam pelos céus de Paris para frear os aviões alemães. Eram coisas que não serviam. Tanto que, quando os alemães se apoderaram da fábrica, eles a transformaram, passando a produzir botes infláveis, que tinham mais serventia. Então, quando tudo isso aconteceu, eu vi o nascimento da guerra.

Eu devia ter uns 14 anos. Lembro-me muito bem das pessoas. Elas sabiam que tinham ganho um ano e alguns meses após o atentado em Munique, mas a guerra estava aí. Ela se sucedeu à crise. Era uma atmosfera muito tensa. As pessoas mais velhas viviam momentos terríveis. Quando os alemães chegaram de fato, devastaram a Bélgica, entraram na França e tudo mais. Eu estava em Deauville, onde meus pais passavam as férias de verão. Eles já tinham voltado. Quer dizer, foram e nos

deixaram lá, o que era impensável – tínhamos uma mãe que nunca havia nos permitido ficar longe – e ficamos em uma pensão, aos cuidados de uma senhora que era a sua dona.

Fui à escola durante um ano nesse hotel, que fora transformado em liceu. Foi o início da guerra. Estávamos então, na época das férias remuneradas, uma das medidas sociais do governo que já haviam causado a maior polêmica. Lembro que a chegada das férias remuneradas à praia de Deauville foi uma coisa. A burguesia francesa, naquele tempo, tinha ódio das medidas sociais tomadas pelo governo. Para um cineasta, isso poderia ter virado uma obra-prima: era prodigioso olhar aquela gente em volta, chegando na cidade, caminhando pelas areias, vendo o mar pela primeira vez. Lembro que havia essa menina da região da Limousin que, pela primeira vez na vida, estava diante do mar. Eu estava presente. Eram muitos que se abismavam. Isso era esplêndido. Se existe alguma coisa inimaginável quando nunca se o viu antes, esta coisa é o mar. Essas pessoas ficavam horas pelas praias, não se cansavam de um espetáculo tão sublime. Foi um acontecimento emblemático, pois de repente, elas chegavam em uma praia como a de Deauville, que sempre tinha sido exclusiva dos burgueses. ‘Chegava o povo das férias remuneradas!’ Foi fantástico. Ouvia palavras como as que minha mãe dizia, sobre a impossibilidade de frequentar uma praia em que havia ‘gente como aquela’. Quando digo que cresci em uma família de direita, é porque me lembro muito bem. Eles não se recuperaram, por causa do pavor que eles tinham dos mais populares. Isso era uma coisa inacreditável.

As crianças então brincavam na areia, entremeando aquele acontecimento político como uma sonoridade constante. Devem restar ainda alguns que conheceram essa fase que, de qualquer modo, parece ter se tornado hereditária. A Frente Popular<sup>29</sup>, afinal, ficou marcada com essa imagem do caos. O medo era de que isso nunca fosse parar: se davam férias remuneradas aos operários, todos os privilégios burgueses estavam ameaçados. Se as empregadas iam às praias, era como se, de repente, voltássemos à era dos dinossauros – e isso era uma agressão, era bem pior

---

<sup>29</sup> Os socialistas franceses, comunistas e radicais dessa coligação ganharam as eleições parlamentares em maio de 1936, sendo eleito Leon Blum – o primeiro judeu e o primeiro socialista a ocupar o cargo de primeiro ministro na França – cujas reformas levadas a cabo no seu governo marcaram socialmente a Europa, nomeadamente a atribuição do direito a férias pagas, as primeiras mulheres a exercerem funções governamentais, fixação da jornada de trabalho, etc. Deleuze, sobre isso, menciona o nível de antissemitismo na França e da burguesia francesa naquele momento, bem como o ódio das medidas sociais em vigência: “(...) o antissemitismo, o regime da crise, a própria crise...” (In: *Abecedário*, p.20).

do que os alemães. Imagine, pior do que os tanques alemães chegando à praia! Era indescritível. Eles nunca esqueceram<sup>30</sup>, de modo que foi exatamente ali, acredito eu, que houve então uma imagem do que estava por vir. Ainda era muito garoto quando vi aquelas pessoas se aproximando de mim. Algo desta paisagem me levou a uma nova disposição. Fui levado a fazer alguma coisa que não ficou só na oposição aos intoleráveis. Fora criada uma sensibilidade, ainda que sem recursos, imatura, mas que desabrochava, na companhia desses estranhos. Essas pessoas desconhecidas, durante horas, ficavam imersas na experiência do inimaginável. Eu as vi ali, em seu silêncio. Eram pessoas comuns. Eu estava, então, desde muito cedo, desviando do lugar onde comecei. Eu desviava para descobrir, muito lentamente, onde faria o meu combate. O cheiro de maresia me acompanharia por muito tempo. Seriam nas estradas em Deauville, nas suas dunas, na sua população que surgia naqueles dias, que viriam acontecer esboços de filosofias tão inimagináveis como aquelas praias pareciam aos olhos inquietos e brilhantes, de tantos operários.

---

<sup>30</sup> Esse texto é baseado em “E de enfance [Infância]” no *Abecedário integral*, entrevistas com Gilles Deleuze por Claire Parnet (1988). Fazemos aqui uma experimentação em primeira pessoa, que habita não apenas as paisagens de uma infância em Deleuze, mas as paisagens de muitas vidas evocadas, que se encontram presentes nesses lugares e geografias.

## 11. Rachar o concreto, rachar as coisas

Na França existe a tradição do curso aberto, em que as pessoas vão ouvir quem lhes interessa, o que tornava tudo muito interessante. Alguns foram levados a estudar Deleuze, sem dúvida, pelo encanto de suas aulas, cheias de sugestões sobre como pensar filosoficamente os vários temas que abordava. Como os outros que também iam lhe assistir, vindos de diversos cantos, eu saía de suas aulas com a sensação de que não compreendia muito bem aquilo tudo<sup>31</sup>. Creio que a motivação que tive para continuar a me dedicar ao seu ensino e seus escritos fora, sobretudo, o desejo de conhecê-lo de modo mais profundo, pois senti a necessidade de entender o que lhe possibilitava aquelas ideias, como ele criava aquele pensamento, e por que ele era tão instigante, capaz de nos trazer tanta alegria. Procurei investigar em que sentido ele era um filósofo, e assim busquei compreender seus procedimentos.

Enquanto Foucault, com quem tive contato até 1981, era mais ‘conferencista’ do que propriamente um professor - como ele dizia exultante, “não tenho alunos!” - em suas aulas que pareciam mais uma oração fúnebre de tão solenes, Deleuze era um deleite de se ouvir, e seus cursos eram um dos meus maiores prazeres

---

<sup>31</sup> O início desse texto cita diretamente os relatos de Roberto Machado (2017) sobre sua experiência nas aulas de Deleuze, como mais uma voz na polifonia desta tese. Seus relatos são aqui reproduzidos e editados, e aliados a eles trabalhamos em cima de memórias de estudantes que estiveram com Deleuze com o intuito de alargar ressonâncias e impressões. Nossa intervenção, ao trazer os testemunhos de ex-alunos, mais do que a de evocar relatos reais, consiste em criar em cima disso uma atmosfera expandida das aulas, entremeando-as com outros ensinamentos que estiveram presentes em suas entrevistas e textos. Trazemos, portanto, trechos reproduzidos, ligeiramente modificados, e também articulados, em uma montagem que avança com outras contribuições, de outros autores e inclusive minhas, ao cabo, não nos interessando dizer a quem pertence uma e outra impressão. Elas ultrapassam o vivido, não se restringem às sensações que se pessoalizam. Experimenta-se, desse modo, uma escrita em primeira pessoa que, na verdade, é uma multiplicidade.

intelectuais. Apesar de todos os seus conhecimentos, ele não era propriamente um erudito, algo que se podia notar não apenas pelos seus livros. Suas aulas expressavam uma alegria de fazer filosofia, e um prazer em transmitir aquilo que pensava. Com o tempo, fui percebendo que seu interesse não era estudar um autor, mas com bastante humor e delicadeza, seu desejo residia em conseguir entrar na força de um outro pensamento, para explorar até onde esse pensamento se potencializa, a partir da explicitação das questões e problemas que um autor desejava pensar, para assim, usá-lo em sua filosofia - ele estava sempre atento à maneira como um aliado considerava a vida.

Nenhum pensador que Deleuze estudava era tido como múmia, mas alguém que lhe transmitia vida, e que por essa era animado. Costumo dizer que a grande alegria produzida por um curso seu estava no fato de estarmos presenciando alguém usar a filosofia como ela havia sido feita por outros, e não somente isso, essa alegre atmosfera também consistia no fato de que ele usava saberes de vários domínios, e exemplos trazidos de diversas experiências, para pensar por si próprio e com uma prodigiosa intensidade os temas mais inusitados que se apresentavam.

Como essa lembrança que tenho de meu primeiro curso com ele, em 1973, quando discorria sobre o devir animal. Alguém procurou ilustrar esse conceito contando que, em sua cidade natal, um homem passava diariamente em frente à sua casa trotando e relinchando como um cavalo. Ao que Deleuze respondeu: “Ah, bom, mas isso não basta para alguém se tornar cavalo!”, o desconcertante era que ele dava respostas como essas o tempo todo, mas era muito respeitoso com as pessoas que intervinham, agregando aqueles conteúdos novos que chegavam, repentinamente, ao vasto tecido que se produzia a cada vez com os conceitos. Imaginem como eram meus dias indo assistir a essas aulas com frequentadores tão variados - seja em idade, origem, formação. Eu assistia a um curso ao lado de um ator que havia estado em *La dolce vita*, de Fellini. Suas aulas eram apinhadas, e exigiam que chegássemos com antecedência. Quem chegava em cima da hora às vezes não conseguia nem entrar. Do lado de dentro faltava espaço, de modo que muitos alunos tinham que ficar colados à porta. Quando Deleuze chegava, havia espaço apenas para ele se sentar onde logo ficaria cercado de gentes de todos os lados, a ponto de certa vez ele dizer: “Qualquer dia vocês não vão deixar espaço nem para mim!”.

A pequena sala tinha aquele cheiro de fumaça da marca Gauloises. Seguíamos a aula tentando ouvi-lo, enquanto próximo dele ficavam aqueles que tentavam acompanhar sua voz fraca e arrastada, que ele deixava escapar com muita dificuldade. Deleuze insistia no fechamento das portas e das janelas por causa das correntes de ar, que entravam em choque com seus problemas respiratórios. Jamais esqueço um de seus alunos mais assíduos daquela época, conhecido por vir de um hospital psiquiátrico, certa vez protestando agressivo, gritando antes de ele chegar: “Vocês não são máquinas desejantes, são máquinas fumantes!”, o que arrancara alguns risos, como parte de uma grande tensão daquele ambiente que também convivia com algumas falas surpreendentes, como aquela que então escutava vir de alguma direção desconhecida, quando uma voz então respondia, “Queremos todos morrer! Queremos morrer!”. O problema era que Deleuze se recusava a falar num anfiteatro, como queria a direção do Departamento de Filosofia. Ele precisava daquele ambiente para pensar. Um anfiteatro mudaria, certamente, a natureza de tudo<sup>32</sup>.

Não devia ser fácil ensinar nos primeiros anos de Paris VIII, lugar onde Michel Foucault havia estado para participar da criação do Centro Universitário Experimental de Vincennes, encarregando-se de organizar o Departamento de Filosofia no final do emblemático ano de 1968. Sendo seu primeiro diretor, ele mesmo só aguentou a experiência por dois anos, saindo muito cansado de estar o tempo todo cercado daquela gente ‘amalucada’<sup>33</sup>. Aquela universidade havia começado a funcionar em 1969 como um dos efeitos de maio de 68 e suas barricadas. Havia sido construída, mais precisamente, por causa de uma concessão do governo ao movimento estudantil. Vincennes veio como uma saída para trazer alguma satisfação momentânea às demandas dos inquietos estudantes. Um centro que era para ser de excelência, mas que foi se degradando ao longo dos anos, por falta de apoio e verbas.

Longe de Paris, o local isolava-se em prédios pré-fabricados, bastante pichados e sem manutenção, sendo frequentado por grupos esquerdistas rivais. Era

---

<sup>32</sup> Até aqui trabalhamos ainda na edição dos relatos presentes em “Uma época, dois estilos”. In: *Impressões de Foucault*, de Roberto Machado (2017), reproduzidos na íntegra, porém, com alguns acréscimos e licenças poéticas.

<sup>33</sup> Trata-se ainda dos relatos de Roberto Machado, 2017, que mesclamos a algumas informações que acrescentamos sobre Vincennes.

um contexto no qual o curso de Deleuze sentiria as consequências. O clima de Vincennes parecia às vezes o de uma interação entre facções, mas com algumas surpresas. Era preciso engendrar, sempre e novamente, ‘um movimento em vias de se fazer’, como Deleuze diria, ou o “*conatus*”, como diziam os clássicos<sup>34</sup>. Era preciso combater o que era sobrecarga, queda, recaída na institucionalização, recuperando sempre a fluidez. Lembro que o discípulo de um dos professores mais marxistas daquele tempo, e que o interrompia quase toda aula com objeções althusserianas<sup>35</sup>, alguns anos depois, vendo-o tomar a palavra e prevendo o que viria, mostrou-se totalmente modificado. Notei surpreso sua adesão ao pensamento de Deleuze. Os próprios estudantes mostravam que o aprender ocupava, naquelas aulas, certamente um lugar de destaque, como um agenciamento complexo. Esse lugar concernia às condições de possibilidade do próprio pensamento que, indo muito além do saber, esposava a vida toda, em seu curso apaixonado e imprevisível<sup>36</sup>. Um aluno maoísta, certa vez, levantou-se e proclamou solene, “Eu me reuni com minha célula e chegamos à conclusão de que você está errado! ”, como se aquela pequena sala tivesse se transformado em uma assembleia exclusiva de seu partido. Como não lembrar, também, o sujeito que, de cara enfaixada, entrava durante uma aula sobre o poder e o rosto, e que deixara Deleuze visivelmente tenso, até finalmente se retirar sem dizer nada - “Ufa! ”, o filósofo suspirava aliviado.

Um dia, ao receber a acusação de uma aluna, Deleuze parou a aula. Ele pôs o chapéu, como se estivesse prestes a sair. Perguntou o que havia de tão perigoso em suas ideias, para ele mesmo ser tão agredido, confessando que, altas horas da noite, recebia telefonemas com insultos. Félix Guattari, a essa altura já próximo de Deleuze, por acaso presente na ocasião, gritava com a voz esganiçada, “Vocês estão vendo o que estão fazendo? Deleuze pode ir embora e nunca mais voltar! É isso que vocês querem? ” - a decisão de ir realmente não era impossível<sup>37</sup>. Deleuze não aceitava provocações, e incapaz de agressividade, continuava a falar com o fio de voz serena que o mantinha, e que tanto expressava a delicadeza de seu pensamento.

---

<sup>34</sup> Impressões sobre o ensino de Deleuze que extraímos de René Schérer (2005), com intervenções.

<sup>35</sup> Louis Althusser (1918-1990) foi um filósofo francês nascido na Argélia, de tradição marxista. Foi um dos principais nomes do estruturalismo francês na década de 1960.

<sup>36</sup> As impressões desse aprendizado com Deleuze, que abria condições de possibilidade a um pensamento que esposava a vida inteira, são extraídas de René Schérer, 2005.

<sup>37</sup> Temos aqui uma reprodução com edições do relato de Roberto Machado (2017), que se desenvolve com algumas licenças poéticas. Esses episódios com os alunos são todos extraídos de seu texto.

Quando começava a falar, dava prazer em ver seu pensamento se construindo, ainda que, às vezes, parecesse um tanto enigmático<sup>38</sup>. Cada um apreciava diferentemente a voz e o gesto, sua arte de ensinar e de fazer com que se aprenda, em um ato comum entre aquele que fala e aquele que escuta, em meio aos ‘estranhos’ temas que abordava - os corpos, o rosto, o devir, o minoritário, a intensidade, as forças, a multiplicidade, o limite, a diferença - e o modo como os expunha, evidenciando uma importância da vida que era dilacerante, especialmente para aqueles que vinham carregados com as suas certezas.

Era de fato uma sorte poder escutá-lo, vê-lo exprimir-se. Alguns de nós têm ainda presente, na mente e nos olhos, seu rosto, seu tom, seu charme inimitável. Pudemos recolher de suas aulas, para além de seu desaparecimento físico, algumas de suas fórmulas decisivas, como aquela que fala do “desejo e seu agenciamento”, ou aquela sobre as potências: “não há potência má, mas poderes perversos”, ou sobre a paciência animal do carrapato, para moderar nossa presunção antropológica que, demasiadamente humana, leva-nos por vezes ao delírio de nos proclamar os reis da criação<sup>39</sup>.

O que ele diria, aliás, muito mais tarde no *Abecedário* com Claire Parnet, já se vislumbrava um pouco em suas aulas naquele ambiente e momento pós-68. Ele quase dizia algo como ‘Não se espantem com isso que vou dizer’, antes de mencionar certas coisas ao público aflito de estudantes. Uma das maiores dificuldades talvez se encontravam nas distinções entre os conceitos de *maioria* e *minoría*, compreendidos qualitativamente por Deleuze em uma época de sectarismos. Se a primeira tratava de um modelo, a outra nos levava a um desvio; ou seja, tratava-se de desviar-se do modelo, algo que, para uma esquerda tradicional, poderia parecer um tanto inconcebível. Pode-se imaginar como era difícil. Para Deleuze, também nunca existiu ou existiria um governo de esquerda. O governo francês, que deveria ser um governo de esquerda posteriormente, provaria não ser de esquerda. Deleuze dizia que o que pode existir seria, no máximo, um governo apenas favorável às

---

<sup>38</sup> Impressões que são comuns a vários ex-alunos de Deleuze. Contudo, até o final desse parágrafo contaremos com as impressões específicas de Schérer (2005) aqui citadas.

<sup>39</sup> Essas ‘fórmulas’ citadas por René Schérer em “Aprender com Deleuze” (2005), aqui presentes através de um trecho reproduzido com poucas edições, surgem no momento em que comenta sobre a sorte de termos hoje - aqueles que não foram alunos de Deleuze - tantas formas de registro textual e audiovisual como oportunidade de retornar a essas fórmulas. Extrações de Schérer.

exigências de esquerda, mas não um governo. O que se coloca é que a esquerda não tem nada a ver com governo, não se trata exatamente de governo. Nunca se trata de governo, o que não quer dizer que não existam diferenças entre os governos. Com isso, Deleuze tentava possibilitar o exercício de outro pensamento, de outra vida, outra política. Ser de esquerda tratava-se, antes, de uma questão de percepção<sup>40</sup>.

Para Deleuze, ser de esquerda era a seguinte questão; como vamos perceber a nossa relação com o mundo? Ele podia ter colocado assim. Não ser de esquerda é como um endereço postal; parte-se, primeiro, de si próprio, e depois de você, viria necessariamente o resto, como a rua, a cidade, o país, os outros países e, assim, cada vez mais longe. Não ser de esquerda é perceber o mundo começando por si mesmo. Na medida em que se é privilegiado, costuma-se pensar, então, em como fazer para que essa situação perdure. Isso é não ser de esquerda. Ser de esquerda é o contrário, seria questionar exatamente isso. Primeiro, percebemos o mundo, o entorno. Começa-se pelo mundo. Depois é que vamos chegar a mim. Ser de esquerda é uma percepção, uma maneira de olhar. É uma visão que começa pelo fora, pelo impessoal. Percebe-se de uma outra forma a sua inserção no mundo. Não se trata desses ‘sentimentos’ ou afetos que pessoalizamos. Não se trata de fazer política a partir da *minha* revanche. Isso é um outro problema, e que abarca a esquerda, às vezes, em sua arrogância. Ele poderia ter dito assim, mas não disse.

Toda a polêmica vinha do fato também de que Deleuze não era considerado um ‘militante’. Mas o interessante é que ele conseguia fazer algo que muitos na militância não faziam - ou se recusavam a fazer - que era toda uma problematização, ainda que implícita, acerca de um *ethos*, de uma condição de possibilidade para a diferença. Ele surpreendia ao dar uma dimensão histórica e filosófica, fundamentando sua ideia de que a *maioria* significa ser homem, branco, ocidental, adulto, racional e heterossexual, morador de cidades, para materializar a sua crítica ao modelo, e assim, pensar o devir. Ou seja, esse professor precisava construir todo um caminho, que nos capacitasse a um pensamento que pudesse dar conta da

---

<sup>40</sup> Aqui abro caminho para abordar um tema em Deleuze que não me canso de imaginar se teria causado polêmica, caso fosse tratado em uma aula em Vincennes. As ideias aqui presentes, de uma noção de esquerda como forma de percepção, são extraídas de “G de Gauche”, tendo sido trabalhadas por Deleuze na entrevista com Claire Parinet no *Abecedário* (1988). Conforme o texto avança nesta noção haverá algumas observações e intervenções que realizo, imaginando uma certa arrogância da esquerda que frequentava suas aulas, que evoco aqui na hipótese desta sendo uma receptora dessas ideias.

diferença, sem subordiná-la à identidade, de modo que era preciso a cada um passar por uma desterritorialização em suas aulas, dentro daquela Vincennes cinza, feita de blocos de concreto, e de muitas disputas que perdurariam, às vezes, como pequenas guerras entre toda aquela dureza e abandono.

Na medida em que a imagem do Deleuze docente, desde aqueles tempos, volta a viver diante de nós; e na medida em que ela repete e refaz, sempre renovadamente, nosso aprendizado sobre certos conceitos; sem dúvida, justamente, no que concerne a Deleuze, esta ‘empiricidade’, como ele poderia ter dito, diz respeito às próprias condições da possibilidade de se dar conta do que quer dizer, parecendo-me que esta impregnação, sensível e afectiva de seu ensino, ilustra uma das vias deleuzianas, uma das grandes idéias sobre um aprendizado que nunca se encerrará na aquisição de um saber, mas que consiste em um processo a ser incessantemente recomeçado<sup>41</sup>. Desde aquelas condições, até os dias de hoje, seria mais que oportuno pensar que Gilles Deleuze possuía certas qualidades de um “vidente”, e que esta qualidade aplica-se até atualmente, fazendo-nos ver o que até então não era percebido, como algo que constantemente se atualiza em novas formas.

O impulso permanente do pensamento de Deleuze consiste em liberar todo pensamento, engendrando-o em um devir, dentro ou fora de sala de aula, como um impulso de liberação, de desembaraçamento, igualmente válido naquilo que chamamos de prática da vida cotidiana ou política; desembaraçar-se das divisões, das regras artificiais dos poderes, das instituições, dos impedimentos, das representações, das idéias feitas, dos clichês; de tudo que bloqueia os processos singularizantes, postos em movimento<sup>42</sup>. Desembaraçar-se de tudo o que imobiliza ou fixa as diferenças. Se há algo, antes de tudo, que aprendemos com ele, desde os tempos mais duros de sua vida como professor, e que dele guardamos, é esse apelo a reativar sem parar o movimento, tratando-se, seguramente, de um apelo e de uma advertência, contra os riscos que levam a reflexão a sempre se fixar, tratando-se sempre de aprender a ultrapassar uma subjetividade fundamentada, seja no *eu*, ou em uma entidade excessivamente humana; trata-se sempre de aprender a se deslocar

---

<sup>41</sup> Esta ideia de uma “empiricidade”; de uma “impregnação” sensível e afectiva; e da qualidade de um “vidente” presentes em Deleuze, foram diretamente extraídas das impressões de René Schérer (2005), citado com poucas alterações, tal como ele as evoca em primeira pessoa.

<sup>42</sup> A noção de “desembaraçamento” como impulso permanente do pensamento de Deleuze é uma citação de René Schérer (2005), reproduzido aqui novamente até o parágrafo seguinte, com intervenções.

do ser da consciência para os devires, como a primeira lição desse aprendizado que pode ser repetido em todas as ocasiões, posto que nunca se dá de uma vez por todas.

Assim, entre os blocos de concreto, ainda parecia ser uma voz fraca a falar, pausadamente, aos estudantes em disputa, sobre esta grande revolução de um empirismo radical: “o empirismo da dispersão de nossas mais ancoradas certezas de sermos consciências e sujeitos”<sup>43</sup>, que nos levaria, não apenas em Vincennes, a gaguejar em um vir a ser sempre interminável, repleto de dúvidas, essas que são capazes de romper a dureza do real, sempre a rachar o concreto, emergindo entre a rigidez dos juízos, trazendo sempre a possibilidade de outras realidades...

---

<sup>43</sup> Uma citação extraída de Schérer (2005), reproduzido aqui rapidamente, em meio a contribuições minhas a essa narrativa que visa ampliar as ressonâncias das experiências estudantis com Deleuze.

## 12. O vento do século

Estava em Deauville, então, sem meus pais, apenas na companhia de meu irmão. Quando os alemães realmente invadiram, ainda era um rapaz extremamente medíocre. Não tinha interesse por nada, a não ser por uma coleção de selos. Eu era um péssimo aluno. A vida era algo muito sem graça. Essa ideia permaneceu comigo, por muito tempo, até que algo me aconteceu. Isso que me aconteceu foi simplesmente o que já ocorreu com muita gente. As pessoas que despertam, sempre o são por causa de alguém em algum momento. No meu caso, foi um professor. O nome dele era Pierre<sup>44</sup>. Eu tive a sorte de encontrar esse rapaz, filho de um sociólogo, naquela época muito jovem, muito magro, e muito alto, com uma cara estranha, que só tinha um olho. Um olho aberto, e o outro fechado. Não tinha nascido assim, mas era assim. Os cabelos muito cacheados, como uma cabra. Quando fazia frio, ficava verde, roxo. Tinha uma saúde extremamente frágil. Ele era tão vulnerável que, reformado no exército, foi colocado como professor durante a guerra. Para mim, isso veio como uma revelação. Cheio de entusiasmo, ele comunicava aos alunos, ou ao menos a mim, algo que foi uma reviravolta. Ele falava de Baudelaire, e o lia muito. Foi como nós nos aproximamos. Eu estava descobrindo alguma coisa. Tornei-me, quem diria, um ‘aluno devotado’, e não me contentando com as aulas, seguia esse professor pelas dunas. No inverno, quando Deauville estava vazia, íamos para a praia, nos sentávamos em meio ao vento e ao mar, e isso era fantástico. Ele gritava... pois não havia ninguém na praia... gritava “*Les nourritures terrestres!*”, e eu estava sentado ao lado dele, com medo de alguém aparecer. Eu achava aquilo muito

---

<sup>44</sup> Esse texto é baseado nos episódios da infância de Deleuze evocados por Françoise Dosse em: “O irmão do herói” (2010), e nas falas de Deleuze em “E de enfance”, nas entrevistas com Claire Parnet em *Abecedário* (1988).

estranho. Ele lia muitas coisas, lia a mim suas grandes paixões. Baudelaire, Gide, Anatole France. E de repente, aquelas praias que haviam estado repletas no verão, por onde passaram tantas famílias de operários, agora estavam repletas de poesia. E eu fui transformado, absolutamente<sup>45</sup>. Havia toda aquela complexidade. No fundo de tudo, a guerra.

Quando os alemães chegaram, meu irmão e eu saímos de bicicleta, para ir ao encontro dos meus pais. Eles haviam migrado para Rochefort. Tendo a guerra começado, a fábrica em que meu pai trabalhava se mudou para lá, e muitas coisas já haviam acontecido. Os alemães atravessaram a fronteira e avançavam rapidamente. A dona da pensão encareceu com Pierre, e ainda escreveu uma carta aos meus pais. Fomos de Deauville a Rochefort de bicicleta, e eu sentia um lamento. Aos quinze anos, tendo crescido em mim uma verdadeira fascinação, algo que havia então revolucionado a minha vida resumia-se agora a alguma coisa indizível, recriminável, e que estava em risco para sempre. Imagine este rapaz desajeitado, que usava cachecol no verão, seguindo seu professor pelas dunas. Imagine os dois, mestre e discípulo, em cima de uma duna de areia gritando poesias. A dona da pensão nos abominava. Eu estava arrasado.

Meu irmão e eu viajavamos de bicicleta, e ainda me lembro de, em um cruzamento, encontrar um carro no meio da estrada. De repente, estavam nele ninguém mais ninguém menos que o velho Halbwachs e, ao seu lado, seu filho Pierre – o professor que gritava nas dunas – então expulso do pensionato em que me dava aulas. Eles estavam a caminho de La Rochelle. Aquele acontecimento parecia um desenho animado. Era o lado cômico da vida. Algo daquele caos e daquela surpresa ficaram em minha memória. E apesar de o ter reencontrado, não apenas nesse momento, mas também anos e anos mais tarde – e de o ter conhecido melhor quando mais velho – e me decepcionar com o nosso encontro, isso apenas me mostrou que, foi no momento em que o admirei, com quatorze ou quinze anos de idade, que eu tive razão. Ele havia desencadeando um processo que não tinha mais volta. E era a literatura que estava fazendo isso comigo. Descobria-a, em um momento impossível. Foi de uma força inexplicável. Os alemães haviam atravessado a fronteira. Estávamos em nossas bicicletas. Não se podia retornar a Paris. Beirando o oceano,

---

<sup>45</sup> O termo 'transformado' é do próprio Deleuze: "E eu fui transformado, absolutamente transformado", como relata à Claire Parnet em "E de enfance" (1988).

eu tinha comigo a poesia, enquanto na companhia de Georges, via que o carro de Pierre seguia outro rumo. Uma guerra acontecia. Ao mesmo tempo, tudo havia se transformado. Tinha agora o gosto, o cheiro. Na estrada, o vento no rosto. A paisagem dentro da história. Os irmãos em suas bicicletas. Nós estávamos correndo. Georges, meu irmão mais velho, ri. Nós planejávamos encontrar nossos pais em Rochefort. Um de nós, entretanto, tomaria outro caminho. Um de nós seria levado. Muito em breve, meu irmão seria deportado em um trem. Eu ainda não sabia que, desde então, fabricaria com isso uma linha, uma passagem de vida, com o cheiro daquela paisagem. Nenhum de nós sabia, mas, naquela estrada, nossos corpos já começavam a desaparecer para sempre. Correndo em suas bicicletas, aquele era o vento do século<sup>46</sup>.

---

<sup>46</sup> Georges Deleuze entrará na escola militar de Saint-Cyr, para se tornar oficial. Durante a Segunda Guerra, ele se engajará na resistência. Preso pelos alemães, será levado em um trem a caminho de um campo de concentração, mas antes de chegar ao destino, morrerá no caminho.

### 13. As moscas

Gilles ligava para seu amigo Michel todos os dias, apenas para contar o que havia lido. Um acontecimento recente despertara seu entusiasmo, um meteoro que era diferente de tudo. “Passaríamos aquele inverno de guerra, negro e gelado, enrolados em cobertores, os pés envolvidos em peles de coelho, mas a cabeça pegando fogo, lendo em voz alta as 722 páginas compactas de *O Ser e o Nada*”<sup>47</sup>.

Naquele outono de 1943, Jean-Paul Sartre<sup>48</sup> era muito admirado por Deleuze, considerado um sopro novo na filosofia. Além de escritor, Sartre é também teatrólogo, isto é, ao mesmo tempo um artista. Deleuze e seu amigo Michel, naquele momento, estão animados com a estreia de sua primeira peça. Na semana em que devoram o livro, vão ao teatro Sarah Bernhardt, onde está sendo encenada *As moscas*. Um teatro que, de repente, seria surpreendido pela história trágica do momento. As pessoas precisaram evacuar a sala. “Estamos falando de um alerta de guerra”, dizia Michel. Uma sirene toca e, enquanto a multidão se apressa para chegar aos abrigos subterrâneos, os dois amigos escolhem desafiar aquela tarde ensolarada. “Esses eram os nossos anos de juventude. A noite em pleno dia”.

---

<sup>47</sup> Citação extraída do texto “O irmão do herói” In: *Biografia Cruzada*, de Françoise Dosse (2010).

<sup>48</sup> Jean-Paul Charles Aymard Sartre (1905 —1980) foi um filósofo, escritor e crítico francês, conhecido como um dos maiores representantes do existencialismo. Acreditava que os intelectuais tinham de desempenhar um papel ativo na sociedade, e apoiou causas políticas de esquerda com a sua vida e a sua obra. Repeliu as distinções e as honrarias e, por estes motivos, se recusou a receber o Nobel de Literatura de 1964. Na década de 1950 assumiu uma postura política mais atuante, abraçando as causas comunistas, porém sem nunca ter se filiado a partidos. Torna-se ativista, e posiciona-se publicamente em defesa da libertação da Argélia. É importante frisar que Sartre, junto com Fanon, foram dois intelectuais importantes no processo de descolonização, através de textos relacionados ao tema do colonialismo e também no envolvimento manifestado no engajamento político de ambas as partes.

Gilles e Michel decidem seguir seu rumo. Eles estão em um território ocupado. Diante daquela cena, eles se perguntam sobre o que acabara de acontecer. Não era possível. Deambulando pelo cais de uma Paris completamente deserta, eles se perguntam como que a cidade estaria completamente vazia. O céu estava claro. Só havia entre os amigos agora um longo silêncio, quando as bombas começaram a chover. Os alvos eram as fábricas. Esse não é o som da vida, talvez pensassem. “Não se encontrava nada, nenhuma palavra”, dissera Deleuze.

O teatro continuava no mesmo lugar. Talvez, para onde não retornariam. As sirenes não tocaram novamente. Não se sabia se a peça ainda voltaria a ser encenada. Estavam, agora, em completo silêncio. Ambos carregavam seus livros debaixo dos braços, quando pararam diante do horizonte. Deleuze e Michel calaram-se por um tempo que pareceu sem fim. As bombas eram estranhamente silenciosas. Estavam os dois amigos vivendo, então, a impossibilidade de retorno. Aquela imagem era a impossibilidade.

#### **14. O que pode uma infância em meio à guerra?**

Vejo as crianças chafurdando na lama, brincando nos quintais dos casebres das periferias francesas, quando uma longa chuva molha a cidade, após a revoada de bombas. Nos quintais elas se refrescam, e em toda parte há um pouco de lama, e um pouco de riso. Os corpos se lambuzam. Eles se sujam e mudam de cor; eram agora cor de terra depois da inundação. “As crianças têm a graça das plantas e não tomam da terra senão o que as pode nutrir”, dizia a escritora Marguerite Duras<sup>49</sup>. Até que um grito vindo de um vizinho pede que todas as crianças se recolham.

Há uma frase desta artista que nunca sai de mim: “Quisera ver em minha infância só a infância. E, no entanto, não posso”. Acredito que de alguma forma sempre tenha perguntado em sua literatura o que pode uma máquina de infância, em meio à guerra. Não é por acaso que em sua escrita haja uma forte presença dessa infância desconhecida. Sua infância, solitária e secreta, ferozmente guardada e sepultada em si mesma, ela sente como se a invadissemos como uma aventura esquecida e jamais retirada da sombra. “Nós fazíamos parte daquelas famílias dos vagões e dos portos”, como dizia. Assim era o retrato dos membros de sua família: sempre pálidos e fatigados. Nada mais nítido, mais árido e menos sonhado do que a sua tenra infância, passada em tempos difíceis, em outro continente.

Houve essa experiência singular de uma infância vivida na miséria da antiga Indochina. “Nenhuma imaginação, nada de lenda ou do conto azul que aureola a

---

<sup>49</sup> Marguerite Duras (1914-1996) foi uma romancista, romancista, roteirista, poetisa, diretora de cinema e dramaturga francesa, sendo considerada uma das principais vozes femininas da literatura do Século XX na Europa

infância”<sup>50</sup>. A jovem escritora era deixada livre em um quintal. O terreno de sua casa também inundava, e era o grande tormento de sua família. Essa infância a perturba, acompanhara a sua vida como uma sombra persistente. Em seus cadernos, a escritora não se atrai por seu encanto, pois não houve nenhum, aos seus olhos. Essa infância a atrairia, ao contrário, pela sua estranheza.

Gosto do que sua escrita possibilita como porta giratória, capaz de nos levar a outros mundos dentro deste. Se havia lama pelos quintais em meio à chuva de bombas, aquelas praias de outrora, frequentadas por um jovem Deleuze, também seriam sobrevoadas e ocupadas por tropas. Os operários, que as frequentavam pela primeira vez nas férias, também passariam a fugir dos ataques nas fábricas. Aquelas imagens de Deauville definhavam naquele momento, suas praias eram atravessadas pelo combate mundial, enquanto os jovens da Resistência morriam. Uma infância em Deauville: repleta de imagens e vertigens, desconhecimentos, estranhezas, no interminável de um tempo outro. Um tempo suspenso pela escassez. Uma infância traz a visão de um céu empalidecido de fumaça. O lúdico se faz como uma rede de espantos, olhos penetrando nas mutações da paisagem, apreendendo afectos, humanidades, ruínas. Ela imagina o que teria havido naquele lugar. Pergunta o que eram aquelas coisas. O que pode uma infância em meio à guerra?

Se a infância do mundo surge a partir da bela expressão de Deleuze enunciada na entrevista com Claire Parnet, quando o filósofo formula então a tarefa do escritor: “devir criança através do ato de escrever”, podemos nos deixar atravessar pela guerra, e trazê-la por um devir na escrita. Nós nos sujamos de mundo e retornamos com pouco, cobertos pela fuligem. Passamos pelos acontecimentos como fios imperceptíveis, e entramos no labirinto de Ariadne de sensações inomináveis. Há muitas histórias que precisamos contar. As infâncias do mundo são inesgotáveis. Nelas, é preciso lembrar uma das formulações políticas de Deleuze: as crianças são sempre minorias. São nômades nas situações em que a terra encontra sua inundação. São existências capazes de criar estranhamentos, metamorfoses. Elas possuem suas próprias imagens, seus espantos, e suas próprias dores. As minorias não param de recriá-las. A infância não é a criança, mas também é.

---

<sup>50</sup> Trechos do texto “A infância ilimitada”, presente em *Cadernos de Guerra* (2009).

## 15. Era apenas o recomeço do pensamento

Os aliados haviam conseguido se instalar no solo francês. Os alemães lutavam em vão, desesperadamente. Numa casa grande, batiam à porta, no que acordam um adolescente. Achando que se tratava de hóspedes que pediam socorro, esse jovem se dirige à porta, mas dessa vez, ouve um berro: “Todos para fora”. Um tenente fazia sair as pessoas mais velhas, depois duas mulheres jovens. “Para fora, para fora”, ele berrava. O adolescente, entretanto, não procurava fugir. Ele avançava lentamente, de uma maneira quase sacerdotal. O tenente sacudia-o, apontava-lhe cartuchos, balas e granadas. Aquele que bate para entrar é um tenente nazista. Em seu lugar, o adolescente vê a morte. Começam a saquear sua casa. Naquele momento, irrompendo uma batalha próxima, os soldados desistem bruscamente de lhe assassinar, assim que ficam sabendo de um pedido de socorro. Por toda parte, fazendas ardiavam à sua volta. Tudo estava em chamas. Até os cavalos inchados na estrada atestavam uma guerra duradoura. Então percebeu que apenas a sua casa não queimava. Naquele instante, indubitavelmente, para aquele jovem começava o tormento da injustiça; o sentimento de que só estava vivo porque, aos olhos dos nazistas, pertencia a uma classe nobre. Seria aquilo, a guerra: para uns, a vida, para os demais, a crueldade. Os soldados saquearam a casa, levaram algum dinheiro, mas deixaram tudo intacto. Houve o instante do fuzilamento, mas aquilo não lhe libertou para a vida. Não lhe trouxe alívio. Era apenas o recomeço do pensamento, agora invadido por algo assustador, que forçava sua existência a pensar. De onde viria o pensamento? Aquele era um recomeço indizível, ele era um outro agora, que nascia da perplexidade, da possível morte que vem com a visão dos uniformes, do lado de fora da sua grande casa, inabalável<sup>51</sup>.

---

<sup>51</sup> Montagem baseada em trechos do texto “O instante da minha morte”, de Maurice Blanchot. Traduzido por André Telles e publicado pela *Revista Serrote*, n.6.

## 16. Uma sensação de deslocamento inverossímil

Milhares de homens nesse momento esperam. Milhares de outros avançam. Mil cidades encontram-se arrasadas. Milhares de civis em fuga. Todos os minutos, cinquenta homens partem dos campos de aviação. Cinquenta passageiros, cinquenta prisioneiros, ouve-se no rádio. Aqui, cuidam das eleições municipais. O general de Gaulle<sup>52</sup> não faz questão de mencionar os mortos. Os dias de pranto já passaram, segundo ele, os dias de glória voltaram. De Gaulle só viu uma coisa, a consagração. Não se fala nos mortos. A reação, este é o pensamento; reagir contra a tendência do povo de acreditar que tem força - isso é De Gaulle. Aqui, manda-se os jovens para o abatedouro, e se crê em Deus. O povo, apenas um dado geral. Os milhares de franceses apodrecendo ao sol, apenas um dado. O reacionário recusa lembrar-se disso. Para ele, exaltar os sofrimentos do povo é perigoso. Corre-se o risco de lhe dar segurança, ousadia. O levante popular lhe dá náuseas.

Com a boca pálida sobre a terra, alguém adormece. Talvez ainda esteja vivo, ou de um segundo para o outro vá morrer. Segundo por segundo, todas as chances se perdem e se reencontram. Talvez ele esteja tão cansado, que não dê o próximo passo. Isso há quinze dias? Seis meses? Há pouco? Um segundo? No segundo seguinte? Vejo pelas ruas os soldados. Se você gritar 'Viva Hitler' em plena rua, a uma hora da manhã, eles terão um pedaço de pão. É o horror subindo lentamente, como o mar. Estamos nos afogando.

O que é este lugar? Qual é o nome dele? O que é toda esta história? Tudo se confronta aqui. Mas a paz está ganha. Eles gostariam de nos fazer crer que, no fundo, tudo não passou de um mau momento. Uma espécie de erro histórico, e uma bela

---

<sup>52</sup> Charles De Gaulle (1890-1970) foi um general, político e estadista francês que liderou as Forças Francesas Livres durante a Segunda Guerra Mundial, fundando mais tarde a Quinta República Francesa em 1958, sendo seu primeiro Presidente, de 1959 a 1969.

página para os heróis. Não eram emocionantes, afinal, aquelas bandeiras misturadas, as cores do capitalismo e do socialismo? Não eram emocionantes aqueles desfiles?

Parece que acabou. Capturaram Mussolini em Faenza. Os deportados estão voltando, em vagões de gado. *Le Monde* fala do futuro. Fala em seguida da soberania do povo, das reformas e das eleições. Aquele que lê *Le Monde* ao meu lado diz que os pais dos pequenos ciganos de Buchenwald nunca saberão se eles foram mortos pela câmara de gás, ou degolados. A mãe do jovem alemão de dezesseis anos não saberá nunca, nunca. Alguém talvez o tenha visto na vala, quando suas mãos chamavam pela última vez, e seus olhos sangravam.

Na praça Saint-Germain-des-Prés, encontro-me completamente iluminada como por um farol. O café Les Deux Magots está apinhado, inúmeros rostos emergem das fumaças dos cigarros. Faz muito frio. A rua encontra-se em toda parte deserta. Uma paz parece possível. O começo de um esquecimento. Estamos suspensos por um prazo improvável e as coisas vêm a mim como sinais. O lampião da praça é um sinal. Perdeu toda a significação. Mais cedo ouvimos a notícia de que Hitler estaria morrendo. Todos desde então querem a sua pele. O mundo inteiro está pensando em Hitler. Todos querem sua morte. É uma sensação de deslocamento inverossímil. As pessoas estão nas ruas, como de costume. Elas fazem filas enormes em frente às lojas. Todos nós esperamos. Estamos aguardando a queda de Berlim. Todo mundo aguarda. Todos os governos estão de acordo. As mulheres dos deportados também estão. A zeladora do meu prédio também. Estamos todos desde então à espera. Enquanto isso, Berlim está em chamas. Não há mais soldados. Não há mais soldados, nem povo. Eles parecem agora uma única e mesma coisa<sup>53</sup>.

---

<sup>53</sup> Texto montado a partir de fragmentos extraídos e editados de *Cadernos de Guerra*, de Marguerite Duras (2009).

## 17. A invenção de uma palavra bárbara

Se Pierre o fez sentir alguma coisa pela literatura, desde as primeiras aulas de filosofia soube que um velho senhor que falava muito baixo o faria querer conversar sempre sobre Kant. O Sr. Viale era seu professor. Quando já havia retornado à Paris, o amigo, Michel Tournier, percebendo sua nova disposição à filosofia, decidiu levá-lo para conhecer também seu professor no liceu Pasteur, onde estudava. Todos queriam promover esses encontros. Queriam fazer Deleuze encontrar outros filósofos, e desafiar a si mesmo. Disso permanecem apenas lembranças esparsas, todas elas levadas a essa zona cinza. Era a época da ocupação nazista, e seus amigos sabiam que estava diferente. As palavras que trocavam passaram a ser devolvidas endurecidas e pesadas. Logo passou a ser temido por esse dom que tinha, de pegá-los por uma única palavra em flagrante delito de banalidade, de idiotice, de laxismo do pensamento. Era muito excitante, por um lado. Michel estava verdadeiramente assombrado com o amigo. Ao abrigo do liceu, Deleuze tinha apenas dezoito anos, estava prestes a completar o ensino médio. Havia uma atmosfera estranha. Guy Môquet<sup>54</sup> era da sua turma. Foi também em uma aula de filosofia no liceu, que ficaram sabendo da chacina de Oradour<sup>55</sup>. Lembra-se da forma como havia sido anunciada: essa notícia foi marcante, principalmente para os rapazes que, tendo seus dezessete anos, eram muito sensíveis às questões nazistas,

---

<sup>54</sup> Guy Môquet (1924 -1941) foi um jovem militante comunista francês. Durante a ocupação alemã nazista na França na Segunda Guerra Mundial, ele acaba sendo preso pelos nazistas, detido em uma estação de metrô enquanto distribuía panfletos clandestinos. Apesar de ter sido absolvido, foi considerado politicamente suspeito, e assim, transferido para o campo de concentração de Châteaubriant, onde junto de outros jovens da Resistência Francesa acabou executado, em represália à morte de um oficial alemão.

<sup>55</sup> O Massacre de Oradour-sur-Glane foi resultado de um ataque durante a Segunda Guerra Mundial, em 10 de junho de 1944, gerando 642 assassinados, entre homens, mulheres e crianças metralhadas e queimadas em uma igreja. Foi o maior massacre de civis cometidos na França pelos exércitos alemães.

sendo alguns, como Môquet, militantes na juventude comunista. Foi nesse contexto em que soube que existiam coisas tão ‘estranhas’ como aquelas chamadas de conceitos. Para o jovem Deleuze, teve o mesmo efeito do que para outros tem a descoberta de um personagem de ficção inesquecível. Naquele momento, foi crucial. Quando aprendeu que havia conceitos, quando descobriu que eles existiam, isso lhe pareceu muito vivo. Criar alguma coisa, como a existência dos conceitos. Naquele momento, que não era um momento de livre expressão, aquilo fazia muito sentido. A chamada Resistência não tinha nada a ver com uma militância tal como a vemos hoje. Não havia uma politização, debates em sala de aula; tudo era mais secreto. Havia os rapazes de dezessete, dezoito anos, que estavam na Resistência. Mas quem estava na Resistência se calava. Quando souberam de Oradour, o seu aviso veio com uma comunicação secreta, com o telégrafo. A notícia logo se espalhou. No mesmo dia, todas as escolas parisienses já sabiam. Mas tudo se passava como se ninguém escutasse um a outro a dez passos de distância. Todos viviam sem sentir o país sob os próprios pés<sup>56</sup>. Foi nesse mesmo período em que descobriu a filosofia.

O jovem Gilles descobriu também que a filosofia não nos esperava pronta, inteiramente feita, para então ser comunicada. Percebe que a sua atividade era inseparável de uma vida que se cria. “Filosofar é criar”, sempre viu isso em Nietzsche, que definiu a tarefa: não mais contentar-se em aceitar o mundo como algo determinado de uma vez por todas. Desconfiemos, de tudo. Então, ao menos, apostou na sua taciturna relação com as coisas, em meio aqueles acontecimentos. Ele desconfiava do mundo. Viu o que a filosofia não era: ela não era uma contemplação, nem um reflexo, ou busca de um consenso final. O que era a filosofia, em meio ao terror? Em meio aos jovens assassinados e aqueles rumores silenciados? Ela era o espanto. Ela era uma possibilidade. Isso era vital. Essa seria a tarefa, talvez, desconfiar do que existe, criar algo que ainda não existe. Sentia-se em perigo com essa tarefa. Naquele momento, pensou: se por acaso, como diz o Sr. Viale, um dia eu viesse fazer filosofia, se um dia eu viesse a enfrentar o mundo com essas armas, eu precisaria inventar uma palavra bárbara<sup>57</sup>.

---

<sup>56</sup> Referência ao primeiro verso de “Epigrama de Stalin”, poema de Mandelstam escrito em 1933, que o levou à prisão e morte na Sibéria. O poeta russo era um dos preferidos de Deleuze.

<sup>57</sup> Esta narrativa é baseada na juventude de Deleuze durante a ocupação nazista. Fora inspirada em textos “A de animal” e “E de enfance [Infância]” (In: *Abecedário*); “O irmão do herói” (In: *Biografia Cruzada*); e

## 18. A infância e a Guernica

A infância é a *Guernica*<sup>58</sup>. Ela olha o mundo como alguma coisa viva, um espaço dilacerado. Uma viagem de guerreiros, de sobreviventes, mas um lugar necessariamente despedaçado, em uma composição que não termina. Entre seus espaços, cabe um montículo de pedras trazidas por diferentes viajantes. As pessoas são corpos deformados, atingidos uns pelos outros. O mundo todo, aliás, se deforma. Ele é todo produzido entre as forças que se golpeiam. Não há, necessariamente, personagens, mas antes, deformações, fugas, trajetos, golpes, acidentes. Há caminhos, sem os quais não há devires, e nos quais persistem os movimentos. A infância olha o mundo como um processo impessoal, onde se vislumbram paisagens, rabiscos, milênios, oceanos. Aqui os seres não se distribuem em grades ou casas. Em vez disso, o mundo nos torna presentes uns nos outros, torna sensível sua presença mútua. E aqui, acontece a *Guernica*.

Os estudantes olham para o que está acontecendo, estão inconformados: eles vão para o meio da *Guernica*. Eles se lançam a ela. Para eles, a experiência não é uma categoria vazia, mas livre. Ela é feita de cantos intensos. Algo que vibra, que luta por expressão. Dentro dessa experiência, a história é uma sucessão de instabilidades. Eles lutam por permanecer reatando uma relação viva com as coisas. Eles vão para o meio da *Guernica*. Nela não estão reféns das formas, mas criam, impulsionam e resistem entre as forças<sup>59</sup>. Eles são golpeados; mas no meio da *Guernica*, invocam uma nova terra. Um povo que não existe ainda. Eles cantam a necessidade de criar neste mesmo espaço dilacerado. Onde bombas caem em volta,

---

em algumas partes da introdução de *O que é a filosofia?*. A chamada “palavra bárbara”, a qual Deleuze se refere no *Abecedário*, é o conceito de “desterritorialização”.

<sup>58</sup> Referência a uma das obras mais famosas de Pablo Picasso (1881-1973), pintada em 1937, mais conhecida como uma “declaração de guerra contra a guerra”, que além de ser um ícone da Guerra Civil Espanhola e do antimilitarismo mundial, é compreendida por uns como uma obra que aponta para uma resistência ao autoritarismo e a ascensão dos governos fascistas na Europa.

<sup>59</sup> Deleuze, leitor de Nietzsche, será sempre um defensor daquilo que chamou de um “combate na imanência”, entre as forças, no lugar de um “combate contra”.

para eles há também a deriva na qual as pessoas remam juntas, pessoas que não se supõe obrigadas a se amarem, e que se agriDEM, e se devoram: elas remam juntas, compartilham algo, fora de qualquer lei, de qualquer contrato, de qualquer instituição. Essa deriva entra em *Guernica*, ela cria caminhos para um povo que nos falta. Os estudantes se encontram, e querem criar sua própria terra.



### 19. Um filósofo provoca desmaios

Gilles e Michel retornam ao teatro, ainda perplexos com o que viram. O evento das bombas criara uma paisagem silenciosa. Quando seus alvos eram atingidos, deixando em chamas as fábricas da Renault, na peça *As moscas*, Orestes e Júpiter continuavam seus embates, e aqueles dois jovens sentiam como se aquelas coisas vistas estivessem usurpando sua capacidade de dizê-las. Com toda a turbulência daqueles dias, Sartre por um bom tempo ainda seria uma grande referência para os estudantes. Deleuze frequentaria a sua obra, muito antes do deslumbramento coletivo<sup>60</sup> a que a França da Libertação assistirá; produzindo uma ligação precoce ao perceber em Sartre a possibilidade de conjugar a atividade

---

<sup>60</sup> Expressão de Dosse (2010), que assim parece compreender os eventos.

filosófica com a criação literária e artística. Ele será um grande leitor de Sartre, até que essa paixão sofrerá sua primeira fratura. Quando o fenômeno se transforma em moda, em outubro de 45, Sartre pronuncia sua famosa conferência onde uma multidão se amontoa<sup>61</sup>, e a imprensa repercute o acontecimento sem precedentes em que vê um filósofo provocar desmaios. Na ocasião, aproximadamente trinta poltronas destruídas. Nessa multidão estava Deleuze, que acabava de concluir o ensino médio. Ele e seu amigo Michel estão desapontados com a apresentação, e não apenas por ter se tornado um evento midiático. Não perdoam Sartre por reabilitar essa velha noção do humanismo, referindo-se a ela como uma ‘besta’ deformada, que fedia a interioridade: “Assim, nosso mestre recolhia da lata de lixo onde tínhamos jogado essa besta deformada, fedendo a suor e vida interior”<sup>62</sup>. Conversando em um café após a conferência, os dois não conseguem parar de pensar que foram ‘traídos’ pelo filósofo. Apesar disso, Deleuze ainda passará muito tempo sob sua influência. Ele reconhecerá em Sartre alguém que conseguiu dizer alguma coisa, erigindo-se para aquela geração que viu a guerra, e que agora podia, depois de longas noites, conhecer a “identidade da liberdade e do pensamento”<sup>63</sup>.

## **20. Não há como fazer escola**

Antes de ingressar na série final da escola, Deleuze acompanha seu amigo Michel, convidado por Maurice de Gandillac, em reuniões que passam a acontecer em uma grande residência, sendo organizadas por Marie-Magdalaine Davy, uma senhora que faz do lugar um local protegido, onde pode esconder judeus, resistentes, aviadores britânicos e americanos. As reuniões buscavam dissimular essa atividade, convidando vários intelectuais a habitar o espaço, organizando inúmeros encontros culturais que traziam pessoas como Gaston Bachelard, Jean Wahl, Jean Hyppolite, Michel Leiris, entre outros. Essa mulher surpreendente - que detestava vestidos e, quando jovem, fugia à noite deslizando por uma corda amarrada à janela do seu

---

<sup>61</sup> Falamos da conferência “O existencialismo é um humanismo”.

<sup>62</sup> Michel Tournier citado por Françoise Dosse (2010, p. 86).

<sup>63</sup> Texto composto a partir do episódio relatado por Dosse (2010).

quarto - irá contagiar o jovem aluno em seu último ano escolar, oferecendo um tanto de experiências. No meio destas, ele chamará a atenção de imediato. Ali, Deleuze sente que pode conversar livremente a propósito de Nietzsche ou Espinosa, e as pessoas cochicham em torno. Nesses anos participa das reuniões na residência de Marcel Moré, onde se encontram também outros professores universitários, e debate-se, entre outros temas, o trabalho de Georges Bataille, na companhia de ninguém menos que o próprio Jean-Paul Sartre.

Os encontros marcam uma época em que, ao lado daqueles que fugiam da guerra, uma filosofia também se fazia clandestina, ao ajudarem a dissimular as fugas que encontravam refúgio nos mesmos espaços de discussão filosófica. Não tendo se engajado na resistência, Deleuze formará junto aos colegas um pequeno grupo que partilha a mesma concepção não acadêmica da filosofia<sup>64</sup>. Eles se dizem inteiramente hostis à noção de interioridade, e advertem: “seria um erro não prestar atenção ao sucesso atual dos diversos humanismos modernos”<sup>65</sup>. Os encontros nas residências com os refugiados se prolongam por um tempo em uma França ocupada, sob a ameaça nazista na Segunda Guerra.

Deleuze e Sartre se reencontrarão muitas vezes, inclusive em maio de 68. A questão é que Deleuze reconhece, desde muito jovem, não somente sua aversão aos modismos; mais que isso, ele enxerga uma ligação histórica entre o culto da interioridade e o capitalismo. Deleuze não suporta, desde muito novo, a noção de uma ‘interioridade’. O que irá desenvolver, em um de seus primeiros trabalhos, será toda uma noção de que a vida privada, tendo se ‘espiritualizado’ em forma de família, levaria o Espírito a se tornar o Estado, e a se naturalizar em forma de pátria. Para o jovem, que tanto já espantava os demais com suas formulações, a burguesia teria concluído, dentro desse ordenamento, um processo que a levou ao sucesso na modernidade, e que consiste na interiorização de tudo; a propriedade, o dinheiro, o ter, que se tornam quase ‘divinos’<sup>66</sup>. Em nome de seus valores burgueses, aqueles que se arriscam a questioná-la - como já testemunhara a sua geração com os jovens

---

<sup>64</sup> Eles lançarão juntos a revista *Espace*, que terá apenas um número (Fonte: Dosse, 2010).

<sup>65</sup> Citado por Dosse (2010, p.85).

<sup>66</sup> Sobre esses primeiros trabalhos de Deleuze, ainda muito ligados a Sartre - mesmo na situação em que constituem uma crítica ao mesmo - ver Dosse (2010), do qual extraímos alguns relatos dessa época de sua juventude.

comunistas- serão os condenados, os recriminados, ou os mortos do nosso tempo - eles serão os *enfants terribles*.

Deleuze questionará inclusive a ‘forma-humana’ que tanto nos imobilizaria neste culto do interior, rebatendo-nos para as velhas coordenadas do Estado e do familiarismo, como parte de um mesmo projeto que, ao perpetuar-se, aniquila outras existências possíveis. Como dissera René Schérer<sup>67</sup>, a filosofia de Deleuze não terá como preocupação central nem a pessoa humana, nem o humanismo. Seus principais personagens serão a *mulher*, a *criança*, o *animal*; em outras palavras, os esquecidos das doutrinas clássicas e modernas; e será somente a partir deles, e graças ao seu desvio, que Deleuze abordará o humano: não a partir da sua figura histórica, mas das suas forças, sempre capazes de novas formas de expressão, novas linguagens. A filosofia de Deleuze, naquele contexto, já procurava fugir. Como ele mesmo diria muito mais tarde, em uma conversa com Claire Parnet, a solidão no seu trabalho é absoluta: contra a interioridade, não se pode fazer escola, “*só há trabalho clandestino*”<sup>68</sup>.

---

<sup>67</sup> Em seu texto presente na coletânea *Polifonias: clínica, política e criação* (2005).

<sup>68</sup> Ele menciona em *Diálogos* (1998).

## 21. Como deixar a infância gritar contra o destino?

Havia uma enorme melancolia. Carnot era um grande liceu, onde havia uma balaustrada ao longo de todo seu primeiro andar. Merleau-Ponty<sup>69</sup> era um professor na época. Uma cena comum: sentado em um banco, ele dirigia um olhar ao redor, como se dissesse “O que estou fazendo aqui? ”, vendo as criancinhas gritando pelo pátio. Elas estavam sempre brincando e gritando por ali. Se qualquer um sentasse naquele lugar, perceberia aquelas criancinhas. Essas que, futuramente, não poderiam sentir preguiça; pois todas elas passariam a sua vida procurando trabalho, perdendo tempo, aceitando investir o dinheiro dos pais; e teriam seus filhos, que seriam também obcecados por traçar caminhos lineares, de conquistas óbvias. Havia essa melancolia em Carnot. Uma sensação em ver um pequeno rebanho brincando. Do que se tratava, exatamente? Se vamos ao Liceu Carnot, lá temos essa visão das criancinhas, todas elas saídas de suas casas para a escola, e depois da escola para as suas casas... em qualquer lugar, elas se encontram entrando em seus minúsculos futuros, preparando-se para o que se espera. Ficamos um pouco com a estranheza de Merleau-Ponty. Não exatamente uma melancolia, mas, imersos na agitada manhã das crianças, imaginamos que há algo mais ali. Sempre penso que há algo que foge à nossa vista, por isso estamos inquietos como elas. Naquele pátio, ou nos jardins por onde elas brincam, temos a visão panorâmica, mas o que qualquer uma faz ali, no meio? Usando o artigo indefinido, o que faz *uma* criança, naquele lugar?

Sempre me recordo de um exemplo. Não sei se você já viu uma foto muito antiga, em preto e branco, tirada durante a guerra civil espanhola. Uma foto tirada talvez por Gerda Taro, ou Robert Capa<sup>70</sup>. Considero esta fotografia muito forte. Ela contém todos esses elementos: a multidão, as crianças, as mães. O que se passa ali?

---

<sup>69</sup> Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) foi filósofo fenomenólogo francês.

<sup>70</sup> Gerda Taro (1910-1937) e Robert Capa (1913-1954) foram um famoso casal de fotógrafos comunistas, correspondentes de guerra. Gerda cobria a retirada do exército republicano na Batalha de Brunete, quando subiu no apoio de um carro que transportava soldados feridos, e um tanque republicano caiu ao seu lado, ferindo-a gravemente, levando-a à morte no dia seguinte. Robert morreu na Guerra da Indochina, ao pisar uma mina terrestre. Seu corpo foi encontrado com as pernas dilaceradas. A câmera permanecia entre suas mãos.

Na imagem, vemos uma multidão em uma praça. Estão ouvindo alguém falar. O que mais chama a atenção são essas duas mulheres. Elas erguem os olhos em meio a um mar de gente, carregando o que parecem ser seus filhos no colo. Uma delas está amamentando. Em seu entorno, rodeada de crianças, não conseguimos saber o que se passa, se aquela era uma rotina, em que condições se encontravam, que família era aquela. Somos, então, pegos pelo contexto: é uma foto de guerra. Somos arremessados àquele instante, e então nos tornamos seu acontecimento. Nós vamos até a guerra. Somos aquelas multiplicidades. Acredito que a atmosfera da foto se torna um disparador, ela te leva, apesar do contexto, a um devir desconhecido, nos arranca por um momento de onde estamos. São cenas como essa que me levam a pensar que uma infância é feita de tantas outras imagens, intensidades... alguma coisa que é atravessada pela vida e pela morte, de maneira inominável. Uma fotografia registra o fato, para nós, já histórico. Mas não será capaz de determinar o que se passa. Será que haverá algo mais? O que se passa ali, com as crianças, em meio àquela imagem? O que as outras crianças fazem, naquela mesma foto? Não conseguimos saber. Não conseguimos saber o que uma criança qualquer, ali, naquela multidão, sente, pensa ou experimenta. Tenho essa questão, Claire. Na fotografia, sou atravessado por esse encontro, que não se resume a um sentimento pessoal. É um encontro que faz vacilar os lugares, nos arrancando deles por um instante. Essa criança, olhando para a câmera, em meio à guerra. Como é atravessada pela guerra? Quais as afecções, as percepções, ou o que a povoa, em meio à guerra? Ela está em guerra como os demais?

As crianças dessa fotografia nos mostram alguma coisa que não são as guerras, ou o fato de existirem, nas guerras, infâncias interrompidas. Não se trata, creio eu, de reivindicar as vidas aniquiladas pelos contextos armados. Essas fotografias nos mostram que o fato de existir tudo isso no mundo é algo que cabe em seu projeto, quando a infância não é o projeto. Sob a condição de que não representem mais algo nosso, mas projetem um futuro, as crianças tornam-se uma promessa, elas são o que resta depois da guerra. Sua infância será um novo projeto para a história, e esse é um dos confinamentos mais duros que impomos a elas, quando ensaiamos a guerra ao seu redor, enquanto elas tentam escapar, miseravelmente. É algo miserável... que nada tem a ver com o indefinido, com o elemento desconhecido naquela fotografia. Se eu olho uma criança sob esse viés, se

vejo uma dessas fotografias de hoje, por exemplo, como essas fotos que as pessoas postam nas redes sociais, com os pais levando as crianças a uma manifestação verde e amarela... algumas delas sequer parecem saber o que estão fazendo ali. Em sua face, eis a melancolia da infância: sentir que não se consegue escapar, que se está confinada naquele pequeno instante em que fizeram dela seu pequeno projeto de continuidade. As crianças se entediam, completamente. Elas não são a história.

Não vivi a guerra civil espanhola, mas a ocupação nazista. Naquele contexto, durante a juventude, muitos de nós morríamos. Já é conhecida a estória de Guy Môquet. Nós ainda temos a sua última carta, escrita à família pouco antes de ser fuzilado. Muitos jovens ainda tentam imaginar aquele momento. Guy e seus companheiros recusaram-se a vender os olhos. No instante derradeiro, diante dos fuzis apontados para seus corpos, cantavam “*Vive la France*”, enquanto morriam juntos. Uma cena que o governo francês, recentemente, tem feito questão de levar às crianças, como uma demonstração de patriotismo e sacrifício<sup>71</sup>. Guy Môquet, o jovem comunista: hoje seu nome batiza uma estação de metrô parisiense, e eu não sei se, quando você vai ao metrô, Claire, isso te afeta, se esse nome te marca. Como ele me marca? Seriam marcantes para mim aquelas letrinhas trêmulas deixadas em sua carta, que saíram de seu corpo próximo de sentir a própria morte? Isso é verdadeiramente perturbador. O que escreve um corpo, no momento em que sabe que está morrendo? Quando todas as peças parecem se combinar para enviar ao porvir um traço atravessando as eras, e seu corpo hesita, as letras estremecem? Como eu dizia antes, muitos de nós morríamos. Alguns, por terem acreditado que eram um destino. Este foi um jovem comunista que, ao ser encurralado, tinha um poema no bolso. Como isso te comove? Para mim, tudo isso é muito difícil. O uso que fazem disso, direcionando às infâncias, é assombroso. Não me interessa pelas infâncias que um dia cantarão o hino, chorando em seu nome. Isso é a produção de um ‘sentimento’. Não me interessa por essa comoção... essa aprendizagem ou espécie de currículo à la Sarkozy. Não me interessa por esse ensinamento, essa interiorização de uma moral. Eu me interessa pelo que nas infâncias surge de matilha. Nos pátios do liceu não existia uma infância, mas muitas infâncias. Uma

---

<sup>71</sup> A primeira medida do então recém-eleito presidente francês, Nicolas Sarkozy, no sentido de preservar a memória da resistência ao nazi-fascismo, determinara que no início de cada ano letivo nas escolas francesas fosse lida a carta de despedida do jovem de 17 anos, que o exército hitleriano fuzilou em outubro de 1941.

criança é um indefinido. Um artigo indefinido, condutor do desejo. O que faz com que estejamos sempre a tornando um destino? A vergonha é não dispormos de nenhum meio seguro para preservar, e principalmente para alçar, os devires; permitilos não somente a elas, mas em nós mesmos.

Que crianças aqueles jovens de 68 foram um dia, segurando aqueles paralelepípedos? Não teriam sido quebradas várias infâncias naquele acontecimento? Estamos falando de 68. Explosões de mundos desdobrando em infinitas diferenças, cintilando mundos entre as palavras de ordem. Nas ruas os jovens gritavam em coros, pedras voavam pelos ares, estávamos entre sensibilidades que contestavam o projeto. O que mais tarde chamo de ‘um devir que escapa à história’<sup>72</sup>. Ninguém sabia do futuro, mas ninguém queria aquele futuro. Éramos um bando caminhando na mesma geografia, e aquele foi um momento durável do mundo, cheio de intensidades. Eram os instantes daquelas vidas. O que se passava? É interessante, pois sinto ainda uma atmosfera sinistra vindo daquela época... aquelas imagens das criancinhas segurando os livros vermelhos, as infâncias de Mao. Como deixar a infância gritar contra o destino? Se uma criança é um grito, se todo povo emite seus gritos, como não capturar o seu grito? Como fazer ressoar o seu protesto? O devir em maio de 68 foi a experimentação desse grito. Para mim, essa é a sua imagem. Quais intensidades passam pelos seus gritos? Quais as suas singularidades inauditas? O que se passa? As infâncias como projeto estavam sendo destruídas. E não conseguimos saber naquela fotografia da mãe amamentando, cercada de crianças, nem naquela visão do liceu, qual grito se fará em cada uma, qual será o protesto de cada uma, mas algumas delas gritarão em 68, gritarão pelas ruas uma infância desconhecida. Uma outra infância do mundo. Como é que cuidamos disso, quer dizer, como cuidar dessas infâncias do mundo que buscam nascer ainda, quando achamos que já perdemos tudo? - podemos interromper essa conversa por enquanto. Continuamos depois, Claire?<sup>73</sup>

---

<sup>72</sup> Segundo Deleuze, um devir sempre se efetua nela, mas escapando.

<sup>73</sup> Imaginamos aqui um diálogo entre Gilles Deleuze e Claire Parnet.

## 22. Ir em direção à infância do mundo

A atividade de escrever não tem a ver com o problema pessoal de cada um. Está certo que você investe toda a sua alma, que o ato de escrever tem a ver com a vida. Mas a vida é algo mais do que alguma coisa pessoal, não se escreve pelo simples ato de escrever. Trata-se de algo que é de outra ordem. Não se reduz a mim, ao que se conta. Acho que se escreve porque algo da vida passa em nós. Escrever tem a ver com as singularidades que se desprendem de nós. Escrever é devir. A escrita é devir alguma coisa. Nós nos tornamos alguma outra coisa. Isso é escrever.

Quando falo de fazer uma filosofia, falo de devirmos outros, como na escrita. Você entra em um devir, torna-se o que bem entender, menos filósofo, menos escritor. Devir na escrita é fazer tudo o que quiser, menos arquivo – quer dizer, a menos que o arquivo tenha interesse em relação a outra coisa. Escreve-se para a vida. Escreve-se porque algo passa por nós, algo intenso demais, e o escritor precisa lidar com isso. É mais que mostrar a vida. Escrever é testemunhar em favor dela, dos que estão morrendo. Não é tornar a escrita seu caso particular. Escrever é um caso de devir. Trata-se de um movimento sempre de outra ordem, que sempre está além das palavras. É um corpo que se deforma. É por isso que ele ainda não fala: o escritor não sabe sequer como começar, ele balbucia. Pela sua escrita passa o balbucio, um devir criança, vários animais, alguma coisa informe. Um devir que não sabe falar, e que não é a infância dele. É a infância do mundo. A tarefa, portanto, é outra: ir em direção à infância do mundo<sup>74</sup>. Aqui, a filosofia recomeça. Ela está se deslocando.

---

<sup>74</sup> Texto baseado nas falas de Deleuze em “E de infância”, quando diz: “A tarefa é outra: devir criança através do ato de escrever, ir em direção à infância do mundo e restaurar esta infância”.

### 23. Deleuze em Vincennes

No fim do ano de 1969, quando Deleuze é nomeado professor titular no departamento de filosofia da nova universidade experimental de Vincennes<sup>75</sup>, ele entrava sem saber no centro de um ‘reator’, nesse microcosmo que não guardava nada da tradição universitária acadêmica, situado em um bosque, ao lado de um campo de tiro. Vincennes era um verdadeiro caldeirão: logo quando chega ao departamento, Deleuze percebe um clima muito agitado, e sente-se quase uma criança, pois aquilo era distinto de tudo o que havia visto antes. Essa nova universidade, uma espécie de ‘anti-Sorbonne’ que abrigava os estudantes mais contestadores, tem uma disposição interna fantástica: há tapetes em todos os anfiteatros, cada pequena sala de aula é equipada com uma televisão ligada a uma central, e tudo é cercado de verde, sem os ruídos da cidade. Nesse refúgio de Vincennes, onde se cruza com vários maoístas e várias forças vivas da contestação de 68, os alunos vão frequentar suas aulas encurralados em uma universidade isolada e confinada, que será paulatinamente esquecida.

Sabe-se que o governo levará Vincennes ao esquecimento, tratando-a como um cordão de isolamento, onde ficarão concentrados todos os focos de um ‘revolucionarismo’ estudantil. As paredes logo são arrebatadas por estudantes, para descobrir se a polícia não instalou microfones. Todo o labor de Vincennes parece acontecer de um modo ‘subterrâneo’. Há uma agitação militante, um hedonismo explícito de uns, e trabalhos que se pretendem os mais modernos, que logo ganham projeção internacional. Foucault havia sido nomeado para comandar o departamento de filosofia, que anuncia em assembleia geral a linha a ser seguida: a vocação em Vincennes será a de fazer prosseguir a luta política. Isso levará cada vez mais o departamento a uma radicalidade fora das normas acadêmicas. Certos grupos decidem por um controle dos conhecimentos através da prova, enquanto outros optam pela atribuição do diploma a todo estudante que desejasse tê-lo. Com isso, o departamento se verá privado de conceder habilitações, o que levará Foucault a protestar com o Ministério da Educação em favor das novas propostas.

---

<sup>75</sup> Assumindo o lugar de Michel Serres, acabava de atravessar a periferia do movimento de 68, quando ainda lecionava em Lyon.

Em um paulatino contexto de crise, Vincennes se constituirá como um espaço de batalhas internas, ao mesmo tempo em que será levada a uma pauperização. Será nesse cenário, entre massas estudantis marxista-leninistas e lutas ‘intramãoístas’ pela conquista de uma posição hegemônica, que Deleuze entra em 1970, consagrando seus primeiros cursos a temas já em defasagem naquele momento, como “Lógica e desejo”, e “Lógica e Espinosa”. Ele fica rapidamente seduzido pelo público heterogêneo de Vincennes, com o qual imediatamente entra em uma sintonia. Deleuze achava aquela faculdade um salto no tempo. Toda terça de manhã, ele se dirigia àqueles estudantes inquietos, por vezes arrogantes, mas sedentos pela discussão apaixonada. Deleuze só sairá de lá no final de 1986, quando se aposenta.

Lembram alguns de como ele se dirigia às pessoas, assim que entrava na sala abarrotada: “Vocês são gentis. Sinto prazer em ver que há tanta gente, mas eu precisaria ao menos de um lugarzinho onde possa colocar meus livros”, provocava algumas risadas. Deleuze se dirigia, de fato, a todo mundo. Certa vez, como conta Elias Sanbar, havia uma senhora idosa que ia em todas as aulas. Fazia um frio nesse dia. Alguns ficavam se perguntando o que ela ia fazer ali. “Nos intervalos, a maioria dos estudantes saía para fumar, e eu fiquei. Dirijo-me a essa mulher, para lhe perguntar se estava preparando alguma coisa, pois ela nunca faltava a nenhuma aula. Ela me responde: ‘O senhor sabe, ele me ajuda a viver’”, assim ela dizia, referindo-se ao professor Deleuze<sup>76</sup>. Uma senhora com um semblante de menina. Ela parecia revogar um outro tempo dentro de si, como se tivesse encontrado um cristal muito empoeirado. Se esse filósofo dizia que a escrita servia para se testemunhar em favor da vida, aqui a testemunhamos: nos ruídos inquietos de suas aulas, no conjunto de desvios criados nelas, a cada vez, revelando não apenas a vida nas coisas, mas a nossa vida, aquela que todos nós já reescrevíamos.

Comigo não foi diferente.

---

<sup>76</sup> Texto baseado em “Deleuze em Vincennes”, de Françoise Dosse (2010), presente do livro *Biografia Cruzada*, de onde extraímos algumas citações como essa.

## 24. “Por que você me lê? ”

Alguns colegas dizem que você seria incapaz de nos entender. Você, um velho francês de unhas compridas, que nunca pisou aqui. Dizem que você não consideraria em suas equações filosóficas a pobreza, a violência que nos acometem. Você, que não é um militante. Todos esperam algo de você que, entretanto, você nunca procurou ser, invocando ora o que disse, com aquilo que pensam. Eles insinuam, o tempo todo, que você se manteve acuado. Em todos os sentidos: na vida, na política. Dizem que você não nos apresenta saídas. Outros tentam injetar um pouco de má consciência. Ou acabam tentando livrar o mundo de suas contribuições, dizendo que seus conceitos não conhecem a nossa realidade. É bom lembrar a sua resposta a um crítico. De todas as interpretações possíveis, geralmente escolhem uma que seja mais policialesca em relação ao outro. Você mesmo recusou esse lugar em que tentaram te colocar. Eles até insistiram, mas você ao final não se pronunciou muito. Era sempre discreto. Não lhe parecia algo de muita importância também que o próximo século fosse ‘deleuziano’ - como seus amigos filósofos enunciavam - você, inclusive, abominava a função repressora de uma ‘história da filosofia’, onde muitos tentariam ainda te colocar. Essa história da filosofia, “o Édipo propriamente filosófico” que desautoriza, constrange e ao mesmo tempo hierarquiza, dizendo que não se atreva a falar em nome de alguma coisa, enquanto não tiver lido isto ou aquilo, e aquilo sobre isto, e isto sobre aquilo - você recusava um lugar nessa história, que tanto assassinou sua geração.

Você queria que todos pudessem se apropriar de seus livros, que eles servissem ao pensamento como uma música, ou as palavras de um amigo. Como então eles foram parar na minha cabeceira, senão praticando no pensamento o ‘anti-Édipo’ que vai combatendo aquilo que me desautoriza, que me aliena, constrangendo-me contra minha própria capacidade de pensar? Você chegou e mudou tudo. Será que estava assim, tão distante de nós?

Fui parte de uma das últimas gerações em uma graduação de psicologia a ter que passar por um currículo ainda da ditadura militar. A UFRJ<sup>77</sup> era um lugar onde também a distribuição dos *campi*, a partir de um certo momento, foram construídos separadamente para evitar que os estudantes se misturassem. Os estudantes das ciências humanas precisaram então ficar isolados de todo o restante. Estudei nesse ambiente, em um instituto de psicologia criado em meados dos anos 60, onde não havia mais de dois professores que o lessem nas próprias aulas. O curioso é que, no geral, se o trabalhassem em suas disciplinas, podiam ser retaliados nas discussões pelos próprios alunos. Essa era a minha faculdade.

Ao chegar na tão esperada Universidade do Brasil, no campus da Praia Vermelha, chegava também nesse lugar do antigo hospital psiquiátrico Pedro II, uma parte dos chamados ‘cemitérios dos vivos’, onde ficara internado Lima Barreto<sup>78</sup>, um escritor negro do Brasil. Havia algo de assombroso nesse espaço de um hospício que, um século depois, era parte da minha universidade. Ainda estudante, eu frequentava os arredores desse antigo hospital. Na época ainda bastante burguesa, a faculdade era habitada por alunos que tinham uma grande resistência a você, disso eu me lembro bem. Toda a crítica social que fazíamos, aliados aos seus escritos junto a Guattari, encontrava empecilhos. Quando eu estudava naquele lugar com ares manicomial - também na presença do hospital Pinel - muitos que passavam por internações nesses lugares circulavam pelo campus, ora vendendo doces, ou mesmo cantando, sejam sozinhos ou na companhia de suas famílias. Esses sopros já desestabilizavam seus ambientes fechados. Eles eram chamados de ‘doidinhos’, e você não deve imaginar o que era estudar em um lugar assim, já que tinha bastante agonia de visitar La Borde. Pelas ruas da mesma cidade, ocorriam estórias que você não acreditaria. Em um antigo Rio de Janeiro, certa vez, Monteiro Lobato se deparou então com o tal Lima Barreto, totalmente embriagado e maltrapilho. Esse famoso escritor de *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, livro infantil e tradicional em terras

---

<sup>77</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>78</sup> Afonso Henriques de Lima Barreto (1881 —1922), mais conhecido como Lima Barreto, foi um jornalista e escritor que publicou romances, sátiras, contos, crônicas e uma vasta obra em periódicos, principalmente em revistas populares ilustradas e periódicos anarquistas do início do século XX. Foi o crítico mais agudo da época da Primeira República Brasileira, rompendo com o nacionalismo ufanista e pondo a nu a roupagem republicana que manteve os privilégios de famílias aristocráticas e dos militares. Escrevia uma "literatura militante" — apropriando-se da expressão de Eça de Queirós — e sua produção está quase inteiramente voltada para a investigação das desigualdades sociais e da hipocrisia. Em sua obra, privilegiou os pobres, os boêmios e os arruinados.

brasileiras, optando por não cumprimentá-lo, evitava o constrangimento diante daquela situação, decidindo por desviar do outro escritor que por ele passa. No interior do *campus* era constante a convivência com a loucura, e também com a sua pobreza. Fora de seus limites, às vezes se tinha uma impressão terrível de estar diante da mesma cena, em que o citado escritor negro era evitado pelo outro, grandioso. Esse tipo de situação atravessava a nossa formação, de modo que nós, que líamos seus livros com Guattari, éramos tidos por doidinhos. Todos viam que estávamos ao lado daqueles cotidianamente repelidos, encarcerados, deixados em abandono. Nós, que líamos seus textos, éramos uma espécie de força nova entre os estudantes. Uma força que queria sair de um medo encrustado em nossos corpos. Queríamos opor a essa existência uma atividade ligada à potência. Queríamos afirmá-la, tratá-la como tendo lugar no mundo, e assim muitos de nós passavam um tempo na companhia desses renegados maltrapilhos, emprestando-se a escutar essas vidas capazes de criar, ainda que próximas do lixo, ou entre aquelas árvores.

Lima Barreto era quase um fantasma que andava por ali, nos intervalos das aulas. Os personagens de seus livros buscaram desafiar uma nação recém formada chamada Brasil. Da sofrida experiência desse escritor, tido como doente, resultaram anotações profícuas sobre sua época, encontrando-se presentes nelas o universo cruel e desolador do hospício, marcado pelo espectro da loucura, por uma revolta com as injustiças e preconceitos, e a denúncia do sistema carcerário ao qual estava submetido. Isso tudo cabia na universidade. “Muitas causas influíram para que eu viesse a beber (...) choques morais, deficiência de inteligência, educação, instrução...”, dizia o escritor. O tema da escrita e da pobreza me parece algo inevitável. Estava diretamente ligado ao que fazíamos com a sua filosofia. Uma pobreza ligava-se à maneira também como você se apresentava com um certo despreendimento. Você parecia alguém de quem haviam sido cortadas todas as amarras. Nenhum apego lhe retinha. Sabíamos que tentava ser um pouco livre, rejeitando o universo dos colóquios, dos eruditos. Você se isolava para receber aquilo que era grande demais na vida. Tentava suportar aquilo que era intenso demais, e com isso, isolava-se ao ponto de querer abordar isso escrevendo, usando conceitos, para depois devolvê-los ao mundo. Fazia isso em meio à sua precária condição de saúde.

Essa era a sua confiança naquilo que reside o nome próprio. O verdadeiro exercício do nome próprio, segundo você, seria adquirido ao cabo de uma despersonalização. Assim é que nos abríamos às multiplicidades que atravessam um nome de ponta a ponta, é assim que o abrimos às intensidades que o percorrem, fazendo-nos falar por afectos, acontecimentos, experimentações. Quando nos tornamos um conjunto de singularidades soltas, de nomes, sobrenomes, unhas, animais, balbucios de loucos - nós, estudantes, também falávamos através daqueles saídos dos hospícios, das prisões. O seu texto estava ao meu lado, durante todo esse tempo, como um vetor dessa operação desterritorializante; era uma maneira de devir, de entrar no mundo dos pobres, dos loucos e dos atormentados com a vida, no universo daqueles que viram tanta fome, ou como você, que viu uma guerra que fuzilara tantos jovens. Seu texto também continha uma multiplicidade que acessávamos com uma certa alegria. Não era fácil conquista-la, mas nós precisávamos dela. Volto a perguntar aos seus críticos, será que você estava assim, tão distante de nós? Você, um velho francês, que aqui nunca pisou. Você, que nunca foi um militante. Jamais provou o gosto de terra do nosso subdesenvolvimento. Você, com sua jaqueta de camponês.

Queria te escrever o quanto alguns de seus livros serviram como um plano de paisagens capazes de se abrirem também à nossa experiência. Não tenho algumas ilusões; assim como você mesmo reconhecia, esses livros ainda estavam cheios de um 'aparato universitário' - é esse aspecto que usam por aqui para justificar um gesto de repeli-lo - esses livros eram pesados, ainda que através deles você tentasse sacudir algo, fazer com que alguma coisa se mexesse - e enquanto mergulhava em seus textos, ainda muito jovem, acompanhando os ecos de outros povos que você trazia nesse movimento, infinitas linhas que se supunham contidas passaram a se soltar, estando livres para irem ao mundo: isso que chamava uma atividade de fabular, própria de um povo ou vários povos, de uma outra vida que se vislumbraria possível, era isso que estava acontecendo. Páginas e páginas suas, da ordem de alguma coisa muito viva, me levaram a querer outra coisa de nós mesmos. Não se pode dizer que esses livros estejam amplamente livres de todo aparato de saber, sendo ainda bastante acadêmicos; mas sempre me surpreendeu o seguinte: como teriam despertado uma diversidade de pessoas, de diferentes lugares, idades, interesses?

Como teriam nos tocado tão jovens e desprovidos, ainda muito crus na vida, por antes não nos terem permitido participar de tal banquete, passando tanto tempo encarcerados em nossas escolinhas?

Os que sabem poucas coisas, ou que não estão envenenados com o acúmulo de interpretações do mundo, têm menos problemas em lê-lo, deixando de lado aquilo que não entendem, sem preocupações. Você uma vez mencionou “É por isso que disse que este livro se dirigia a pessoas com idade entre quinze e vinte anos”. Eu estava na faculdade quando o li pela primeira vez. Houve muitos momentos em que me vi na situação de desistir de um certo ponto, mas me apaixonei pela investigação de outro. Havia apenas essa maneira de lê-lo: perguntando se aquilo estava funcionando, de algum modo. Algo funcionava, algo passava, essa era uma leitura em intensidade. Não havia nada a explicar, tratava-se de uma ligação eletrizante, um encontro. Você conheceu pessoas sem instrução alguma, que o compreenderam imediatamente. Um livro é uma pequena engrenagem. Assim você chegou em minhas mãos. Assim você foi fascinando grandes, pequenos, pequeníssimos. Você ainda menino, andando de bicicleta, às portas de uma guerra, ao lado de seu irmão. Eu, uma jovem sentada em uma cadeira quebrada, em meio ao currículo de um curso criado na ditadura, formando um entendimento burocrático daquela experiência, que ia fazendo com que lentamente eu perdesse o interesse em algo mais profundo.

Os coletivos e grupos políticos estudantis, com os quais não me identificava, pediam licença no meio das aulas. Lembro que tentavam apresentar programas de chapas nas eleições do diretório. Enquanto os seus debates não eram de fato traduzidos, ao menos para aqueles que, como eu, ainda não faziam totalmente parte daquele universo, eu estava, claro, muito perdida. Estando imersa na rotina desgastante de um curso em tempo integral, quando se mora longe e ainda precisa cumprir horas de estágio obrigatório, tornava-me aos poucos alheia, como um trabalhador esgotado ao final de sua carga horária. Somente até que suas leituras, de repente, acordaram um corpo, um tempo, algo dormindo naquela máquina ininterrupta. Estava descobrindo alguma coisa. Em meio aos ruídos do mundo, meus olhos voltavam vermelhos daquilo que viam. Uma sensibilidade se abria com os poros. Não sei se um dia chegou a imaginar que seus livros chegariam às mãos ávidas de uma estudante, perdida como muitos outros na história, flutuando nesse grande deserto onde nascem os poemas, o meu país. Você chegou até mim, em uma

universidade pública ameaçada com cortes de verbas, estando comigo na distância de quilômetros atlânticos, no labirinto da América do sul. Em sua companhia, pude ser testemunha de eventos inimagináveis. Estive caminhando por tantas manhãs e madrugadas em maio de 68, por avenidas repletas de jovens que, de repente, gritavam de dor. Eles recebiam golpes de cassetete, em plena luz do dia, e tudo isso eu contava para você, dizendo ser inacreditável. Através de seus textos, fui a muitos lugares. Viajei a hospícios além-mar, nos quais encontrei escritores triturados em suas almas, presos em camisas de força do outro lado do oceano. Estive antes junto de ti, muito antes. Quando você viu a guerra, e nós vimos coisas demais. Quando você resistia bravamente, ao longo de tantos anos, tendo que viver com seus pulmões amputados. Vimos coisas absurdas, outras impressionantes. Estivemos com marretas vendo a queda do muro de Berlim. Passamos perto de mulheres que pediam o retorno de seus filhos, que morriam no Vietnã, enquanto as brasileiras procuravam os seus, desaparecidos na ditadura. Seus corpos iam sendo lançados um a um, nas profundezas de valas insondáveis. Eles eram mortos, e depois, quando tudo terminava, eu nascia com a constituição democrática. Hoje são os meninos negros que continuam sumindo. Tudo passou rápido, muito rápido.

Eu estive desde então inúmeras vezes em suas aulas. Com a sua turma de filosofia fui tentando, incansavelmente, ocupar um instante, um espaço-tempo nesse furacão. Busquei e experimentei inúmeras ferramentas. Fui produzindo passagens, efetuei devires com a minha infância, descobrindo que o mundo era um lugar onde eu queria estar. Naquelas tardes em que tropeçávamos nos obstáculos invisíveis do nosso tempo, eu insistia em voltar às suas páginas, para tecermos uma conversa infinita. Você lentamente me ajudava a pensar em termos incertos. Sua filosofia queria nos fazer atravessar essa e outra zona de intensidade, para que cada um descobrisse as populações, os grupos, as espécies e os povos que habitariam o próprio corpo. Eu me lembro de uma pergunta, que você endereçou uma vez ao seu crítico. Para que serve essa sua ‘realidade’? - foi uma das últimas perguntas que você escreveu. “Por que você me lê?”. Você era apenas um francês que não falava a nossa língua, cultivava unhas compridas, que nunca esteve por aqui. Até que eu me peguei pensando que essa pergunta endereçada ao seu crítico, hoje, talvez tente ser respondida por mim.



Foto tirada em 30 de agosto de 1968, nas proximidades do campus da Praia Vermelha, quando agentes do DOPS começaram a abordar estudantes que saíam de uma assembleia na Reitoria.

**2.**

**1968:**

**Uma infância do mundo**

## 1. Os inquietos estudantes brasileiros

O jornal *Le Monde* lamentava que 68 costuma ser tratado apenas como um ‘mito’, em uma França que gostava de olhar para o passado, e que vinha se debruçando seriamente sobre as lições do que considerava ser o acontecimento mais importante desde a Segunda Guerra, ou até mesmo a Guerra da Argélia. Os franceses desconfiavam que, naquele período de batalhas campais entre os estudantes e a polícia, eles não tinham vivido apenas um momento apaixonante, quando os estudantes avisavam em seus muros: ‘*Ce n’est pas un debut*’<sup>79</sup>, e muitos escreviam no calor da hora que ainda seriam necessários muitos e muitos anos para entender o que se passou. No Brasil, não foi diferente. Pouco antes de morrer, o psicanalista Helio Pellegrino<sup>80</sup> dizia, impressionado com o sentido ético desses jovens de 68, “Nós aprenderemos com a loucura, a generosidade e o sangue deles”, referindo-se aos anos em que uma juventude solar, escancarada e comunicativa trocava as ruas brasileiras pela paisagem lunar e distante da clandestinidade, naqueles tempos de exaltação e febre que, como dizia o diretor de teatro Flavio Rangel, eram “tempos de nó na garganta”<sup>81</sup>.

Esses jovens que deixavam o cabelo e a imaginação crescerem e amavam os Beatles e os Rolling Stones, protestavam ao som de Caetano, Chico ou Vandr e, assistiam a Glauber Rocha e Godard nos cinemas, e andavam com a alma incendiada de paixão revolucionária, não perdoavam os pais por terem apoiado o golpe militar de 1964. Havia uma mistura de frustra o, raiva, esperança, e dentro desta, uma luta

---

<sup>79</sup> “Isso   apenas o começo”.

<sup>80</sup> Helio Pellegrino (1924-1988) foi um psicanalista, escritor e poeta brasileiro, c ebre por sua militância política e por sua amizade com os escritores Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende. Foi preso da ditadura militar.

<sup>81</sup> Muitas impressões de intelectuais e artistas que viveram e lutaram na época estão presentes em: *68, o Ano que não terminou: a aventura de uma gera o* (Ventura, 1988), que será utilizado aqui através de trechos, cita es e memórias, com algumas interven es.

feroz. Algo tinha-se movido em 67, ainda que parecesse que se movera para continuar igual. A ditadura havia trocado de ditador, um presidente que se dizia preocupado com a ‘normalização democrática’<sup>82</sup>. O movimento estudantil, cujas entidades haviam sido postas fora da lei pelo golpe de 64, vinha se organizando e mobilizando massas de secundaristas e universitários. O movimento tropicalista, marcando uma ruptura com o discurso de engajamento, recuperava a festa e alegria contra a sisudez dos ortodoxos, mostrando que o rock e as guitarras elétricas podiam ser políticos. Havia novos traçados de conflitos, pontilhados, contudo, pouco porosos. De um lado, na esquerda, a visão trágica dos *antropofágico-tropicalistas* e suas linhas misturadas de história e geografia; e do outro lado, a visão *épico-dramática* e *nacional-popular* dos revolucionários e sua linha da história<sup>83</sup>. Os artistas em seu movimento eram uma novidade em relação ao modo tradicional de a esquerda fazer política. Eles apareceram como uma ruptura, como uma ‘nova esquerda’ que vai se formando. O movimento político e artístico rompia com aquele contexto duro ao recusar o discurso populista, desconfiando dos projetos de tomada de poder, valorizando a ocupação dos canais de massa, o alegórico e o comportamento como a expressão de uma crise e uma opção estética, onde a atitude passa a ser o elemento crítico que subverte a ordem mesma do cotidiano<sup>84</sup>. Sua linguagem marginal e não oficial torna-se extremamente polêmica, assim, dentro da esquerda, como uma linguagem de margem, porque se expunha às críticas, propondo um choque que ia muito além do modismo.

A geração de 68 no Brasil, que é produzida junto com artistas e intelectuais, traz a marca dos movimentos contraculturais quando há a possibilidade de se fazer uma série de sincretismos e misturas, quando se abandonam os antigos modos de vestir, de falar, de morar, de comer. Cabelos longos, roupas coloridas, a recusa de padrões de bom comportamento. Um outro tipo de voz destoa nitidamente de uma espécie de tom teleológico vigente no discurso revolucionário. Seu timbre não expressa julgamento nem oposição, mas a vibração dos movimentos do mundo onde ela é entoada, transmitindo a sensação de que o corpo não está mais separado da experiência, e é aquele que a devora. Nesta faixa de sintonia, pode-se captar uma voz que vem do Brasil, muito antiga, que em algum momento recebeu o nome de

---

<sup>82</sup> Trata-se do Presidente Costa e Silva.

<sup>83</sup> Citamos Suely Rolnik (2007).

<sup>84</sup> Hollanda *apud* Coimbra (1995, p. 12).

“antropofágica”. A inspiração da noção de antropofagia vem da prática dos índios tupis que consistia em devorar seus inimigos, mas não qualquer um, apenas os bravos guerreiros. Ritualizava-se assim uma certa relação com a alteridade: a de selecionar seus outros em função da potência vital que sua proximidade intensificaria; deixando-se afetar por estes outros desejados a ponto de absorvê-los no corpo, para que ‘partículas de sua virtude’ se integrassem à química das almas; como diziam a partir dos índios.

Se nos anos 30, a antropofagia ganha no Brasil um sentido que extrapola a literalidade do ato de devoração, chamando-se *Movimento Antropofágico*, que extrai e reafirma a fórmula ética da relação com o outro para fazê-la migrar para o terreno da cultura, neste movimento, ganha visibilidade a presença atuante desta fórmula num modo de produção cultural que se pratica no Brasil desde sua fundação, em que muitas são as estratégias do desejo face à mistura, e os distintos graus da exposição à alteridade que esta situação intensifica. Como se sabe, a elite fundadora do Brasil, diferentemente de outros países da América, tem seus interesses marcados pela persistência de sua condição européia, no corpo da Corte separado da experiência, anestesiado, numa relação com a alteridade de colonizador, que explora a terra. A retomada da antropofagia por diversos artistas deixará de lado os arrogantes jogos da erudição e da inteligência, fazendo do corpo desejante que experimenta e é criador de vida um novo pensamento, afirmando o “estado de invenção”<sup>85</sup> como uma nova resistência.

O regime que se instaura propicia muitos debates acalorados, e a geração de 68 não deixaria de enfrentar seus próprios impasses, como no ano anterior, quando durante o VI Congresso do Partido Comunista, propusera-se unir as ‘forças progressistas’ a fim de lutar contra a ditadura e quem a sustentava - eles gritavam “contra o latifúndio e o imperialismo” como palavras de ordem - e acreditava-se que ‘derrubar’ uma coisa era atingir outra, ou até mesmo o outro: nada melhor que juntar, no mesmo saco, a esquerda tradicional, os intelectuais, os operários, os estudantes e a chamada burguesia nacional para mostrar isso. Perceba esta cena, que se passa em uma festa emblemática da classe média daquela geração, conhecida por muitos como

---

<sup>85</sup> Expressão de Helio Oiticica recuperada por Suely Rolnik (1998). Os últimos parágrafos são feitos de citações adaptadas do seu texto “Subjetividade antropofágica”.

o episódio ‘réveillon na casa da Helô’<sup>86</sup>. Num canto da sala, um jornalista parece se exaltar com um artista plástico, não sendo preciso estar muito perto para entender que a discussão envolve um jovem *enragé*, líder político de sua categoria, que por seus posicionamentos radicais ganhara um apelido pejorativo que mesclava seu nome ao de ‘Che Guevara’. O bate-boca dos dois anuncia um antagonismo que iria se ampliar com o tempo naqueles anos, por muitas cenas como essa, quando um ‘metabolismo ideológico’ não admitiria a convivência com a incerteza. A discussão quase resulta na primeira briga da noite enquanto, em um outro canto da festa, uma pequena burguesia reunida, sem não conseguir lidar com as liberalidades da época, contenta-se em formar uma ‘turma da observação’, não se conformando com o que passa a ver diante de si, quando volta e meia a luz se apaga, por instantes que se repetiam regularmente para que os casais se apertassem, se beijassem, e fizessem tudo aquilo que já faziam pelas praias, ruas e bares. “Foi o ano em que as moças começaram a tomar pílula, que sentamos na Rio Branco, que fomos às portas das fábricas, que quisemos trazer a política para o comportamento e o comportamento para a política”<sup>87</sup>.

No Brasil, o chamado ‘poder jovem’ ensaiava suas utopias mesmo quando em 1964 o golpe interrompia seus projetos de vida, e a grande massa que militava antes daquele ano quedava perplexa e desorientada. Caetano Veloso, nessa época, tinha vinte e dois anos. Ele se constituía então como uma parte daquela juventude que rejeitava a ‘esquizofrenia cultural’ que separava política e existência, arte e vida, teoria e prática, pensamento e obra. Havia um bando de jovens que, como ele, afirmavam novos padrões de comportamento, e que junto de tudo aquilo que estudavam nos livros e faziam nas artes, levavam toda uma geração a uma revolução dos costumes. Uma alegria também tomava seus corpos, tornando aquela geração, a um só tempo, gloriosa e angustiada. Um dos seus traços era uma desconfiança, misturada a uma exaltação febril com o aqui e agora, produzindo em muitos uma impaciência com o futuro, e dias muito intensos de entrega que levariam grande parte daquelas existências a um choque com as forças repressivas. A antena reacionária já transformava sua implicância com a hegemonia dos jovens em

---

<sup>86</sup> Heloisa Buarque de Hollanda. Episódio popularizado no livro de Zuenir Ventura (1988).

<sup>87</sup> Ver relatos de Zuenir Ventura (1988).

crônicas e até em publicidade: enquanto o tema dos ‘jovens’ apaixonava e dividia os cronistas do cotidiano, a categoria ‘jovem’ virava marketing para tudo, de refrigerantes a ideias. A própria CIA - agência de inteligência americana - analisava a situação em um de seus *Boletins Semanais* secretos da época, em um relatório especial intitulado “Os inquietos estudantes brasileiros”<sup>88</sup>.

Aquela rapaziada rompia com as tradições familiares, com as repressões dos pais e da família, que absorviam a rebeldia do filho e o colocavam no ‘bom caminho’. Essa juventude intelectualizada, que vivia bebendo nos bares ‘da esquerda’, começou mesmo a ser realidade depois de 64, quando se recorria à festa como “forma de se manter, de ir à diante, de não morrer”, como dissera o poeta Ferreira Gullar<sup>89</sup>. A festa era também uma forma de viver, de resistir. Uma forma de seguir afirmando aquelas existências, quando tanto os jovens ricos como os pobres, assim como os de classe média, seriam desqualificados em toda parte, especialmente pelo governo. Os vários governos da ditadura fizeram o possível para marginalizar toda aquela geração, seja empurrando alguns para a clandestinidade, ou mantendo outros na delinquência.

Nesse primeiro momento, anterior ao AI5, os estudantes, em sua maioria universitários, nos anos 66, 67 e início de 68, reivindicavam mais verbas para as escolas e universidades, e maior participação nos órgãos de decisão, quando recrudesceria a ameaça incansável da censura. Os riscos de retrocesso, ao mesmo tempo, também encontravam o setor cultural vigilante e cada vez mais consciente da necessidade e possibilidade de resistência ao que se aproximava, enquanto a situação social e política, com o arrocho salarial, os sindicatos sob intervenção, e uma insuportável inflação, estrangulavam a classe trabalhadora - mas o governo militar anunciava que queria restabelecer ‘o diálogo com a sociedade’. O contexto daquela geração às portas do AI5 mostrava, portanto, que ao serem destratados como os trabalhadores, os estudantes e artistas estavam expostos ao mesmo avanço de um capitalismo que, não apenas os exploraria cada vez mais, mas também desvalorizaria as vozes contrárias, abafadas em uma cultura autoritária. Um estudante de 14 anos

---

<sup>88</sup> Ventura, 1988, p. 48.

<sup>89</sup> Sua presença nos movimentos é bastante narrada por Zuenir Ventura (1988).

diz à época: “Permitir-se estar condenado à estagnação é estar condenado à ditadura”  
- tornava-se o discurso de muitos deles.

## **2. Estamos inventando um mundo novo**

Os franceses haviam descoberto que há anos não dirigiam as palavras uns aos outros, e que tinham muito a se dizer. Sem televisão e gasolina, sem rádio e sem revistas ilustradas, deram-se conta de que as ‘diversões’ os tinham distraído demais. Durante um mês, ninguém mais tomou conhecimento das gestações da princesa Grace. Ninguém mais se sentiu impelido pelos publicitários a trocar de carro, relógio ou marca de cigarros. Em lugar das ‘diversões’, renascia a maravilhosa arte de as pessoas se reunirem para escutar, falar e reivindicar a liberdade de interrogar e duvidar. Os contatos se multiplicaram, iniciaram-se, restabeleceram-se. Cafés, bistrôs, oficinas, aulas, fábricas, lares, esquinas dos boulevares: tudo se transformava em um grande seminário público. Estava em curso uma revolta contra a calma, o silêncio, a satisfação e a tristeza. Pais e filhos encontravam uma possibilidade de comunicação, ou se certificaram de que a haviam perdido. Maridos e mulheres se separavam por incompatibilidade política, moral ou erótica, enquanto outros amantes, por sua vez, se conheciam em meio às barricadas; e amores surgiam em meio ao clima de debate permanente no Odéon, ou ao longo das passeatas. A juventude parisiense gritava contra a ordem conservadora, capitalista e consumidora; em seu próprio coração havia, ao mesmo tempo, Rimbaud e Marx, festa, exigência, ‘a imaginação no poder’, como diziam, enquanto eles sabiam que tinham algo a dizer sobre o mundo<sup>90</sup>.

---

<sup>90</sup> Até aqui realizamos uma montagem a partir de extrações adaptadas do livro de Carlos Fuentes (2008). Conforme avançaremos as citações se misturarão às minhas intervenções.

As estátuas de Pascal e Pasteur na Sorbonne ostentam cachecóis vermelhos no pescoço e seguram bandeiras negras entre os braços. Victor Hugo tinha agora uma moça morena sentada em seus joelhos de pedra, enquanto a cabeça de Descartes serve de apoio a dois jovens que, no pátio abarrotado, escutam essa noite Jean-Paul Sartre. Um rapaz comunista se manifesta. Uma menina se aproxima dele, ela pertence ao grupo Juventudes Revolucionárias Marxistas, e está vestida de preto com sua bandeirinha negra. Cada um lê um jornal e não acredita no que lê. O rapaz não pode aceitar que o jornal *L'Humanité* chame Daniel Cohn-Bendit de 'anarquista alemão'. A menina, que também é filha de judeus alemães emigrados na França, não acredita que, anos depois de ganhar a guerra, os jornais nascidos na França Livre possam chamar Cohn-Bendit de 'canalha judeu estrangeiro'. O rapaz e a menina ainda não se conhecem. Olham-se. Olham depois para o que estão lendo. Dão-se as mãos. Unem-se à enorme manifestação que avança em direção à Place Denfert-Rochereau, e gritam de modo grave e orgulhoso, com um milhão de estudantes na passeata, "Todos somos judeus alemães! "

Um cartaz na Sorbonne proclama: "Estamos inventando um mundo novo". Comitês de ação são logo criados nos pátios e corredores da universidade, nas esquinas das ruas, nos teatros. Os psicanalistas se queixam amargamente. "Os consultórios esvaziaram, e muito. A revolução substituiu o psiquiatra. Nós nos sentimos inúteis. Ontem uma paciente minha esteve no consultório e me deixou, como lembrança, um paralelepípedo em cima da mesa"<sup>91</sup>. "Qual pode ser o meu destino? ", pergunta um estudante de Nanterre, "renunciar às minhas ideias, admitir que são um sarampo juvenil, e aceitar os fatos de uma sociedade mumificada, sentado até a morte em um conselho de administração ou em um escritório? ". Em pouco tempo, alguém picharia nas ruas: "A felicidade é uma ideia nova. Também queremos viver"<sup>92</sup>.

Em torno dos auditórios da universidade há um labirinto de corredores até então despercebidos, escuros, empoeirados, que levavam de lugar nenhum a nenhum lugar, e que de repente voltavam a ter vida através de uma chuva de murais, onde centenas de pessoas paravam para ler pérolas como: "Não consuma Marx. Viva-o!",

---

<sup>91</sup> Um amigo de Carlos Fuentes narra o episódio em *Em 68: Paris, Praga e México* (2008).

<sup>92</sup> É possível ver, ouvir e sentir os acontecimentos através das imagens do filme *No intenso agora*, de João Moreira Salles (2018). Citamos aqui a fala do narrador no filme.

“O futuro só conterà o que nele pusermos hoje”, “Quando perguntados, responderemos com perguntas”. Outros cartazes tiravam algumas risadas, como “Trabalhadores do mundo, divirtam-se! ”, ou “Professores, vocês fazem nos sentirmos velhos! ”. Alguns deixavam escrito nas paredes: “Não reclamaremos nada. Não pediremos nada. Ocuparemos tudo”, e andando mais um pouco, vê-se em outro lugar, “ Desde 1936 eu tenho lutado por aumentos salariais. Meu pai, antes de mim, também lutou. Agora eu tenho uma TV, uma geladeira, uma Volkswagen. Porém, apesar de tudo, minha vida continua sendo uma vida de cachorro”<sup>93</sup>.

Dia após dia o pátio e os corredores permanecem abarrotados, num fluxo para todas as partes do enorme prédio. Pode parecer o caos, mas é o caos da colmeia, ou de um formigueiro. Uma espécie de nova estrutura está sendo construída, modificando o espaço. Uma cantina foi transformada, e nela as pessoas pagam o que podem por um suco ou um sanduíche. Os custos e a receita estavam mais ou menos iguais, sem lucro. Em outra parte do prédio, uma creche foi organizada, e em outro lugar, um posto de primeiros socorros. As salas de aula são distribuídas para os comitês - os chamados ‘comitês de ocupação’, de imprensa, de aliança entre estudantes e trabalhadores, ou que tratam de alunos estrangeiros, das ações de estudantes secundaristas, entre inúmeras outras que se encarregam de projetos, como o dossiê sobre as atrocidades policiais e etc. - e grupos de discussão. Qualquer um procurando com o que se ocupar pode prontamente encontrar algo para fazer. De agora em diante, a universidade está aberta.

---

<sup>93</sup> Ver *Paris: Maio de 68* (2003), de onde extraímos os exemplos de frases espalhadas pela universidade.

### **3. Libertem os nossos camaradas!**

Em Nanterre, os estudantes, em sua luta contra a repressão na universidade, após seis meses de atrito com seus dirigentes, culminam, em 22 de março de 1968, com a ocupação da administração. Esse gesto era um rompimento com a noção de autoridade, quando palanques internos são ocupados, em uma crítica da relação estudante/professor - neles a autoridade ficava no alto, e os estudantes embaixo. Pode-se ver na ocasião um estudante com um dedo em riste, um jovem já conhecido, chamado Daniel Cohn-Bendit. Vemos nessa cena que, diante do que o estudante tem a dizer, um mestre se cala para ouvir. Assim um movimento nascia em Nanterre. Nesse conglomerado concentracionário de blocos de cimento, construídos a toda pressa para conter a superlotação estudantil da Sorbonne, um mês de maio inédito e histórico já se anunciava, quando não apenas a administração é ocupada pelos estudantes, mas comitês de estudo e planejamento funcionam noite e dia, através dos quais os estudantes debatem suas situações concretas.

Os alunos dizem não caber nas salas de aula nem nas bibliotecas; reclamam que, ao ter de se isolar em apartamentos para conseguir estudar, afastam-se dos professores, bem como de uma vida coletiva. Os estudantes criticam o fato de que os docentes se limitam a ditar a mesma disciplina há trinta anos, sem que o aluno tenha a menor possibilidade de contestar esse ensino e seu conteúdo; e problematizam que a sua iniciativa nunca é incentivada; que a maioria deles não lê livros, somente as anotações mimeografadas para passar nos exames de final de ano, parecendo que o objetivo da universidade é apenas o de memorizar uma cultura morta. Eles desejam uma relação nova, sem hierarquia entre estudantes e

professores. Eles querem romper com a velha estrutura ‘napoleônica’ das instituições públicas, onde tudo se origina de cima para baixo. “Não queremos que nos ‘ensinem’”, dizem os estudantes, “mas adquirir uma cultura que vá além do comércio ou da especialização”<sup>94</sup>.

Para eles era importante dizer que 20% dos estudantes eram filhos de operários. O período que se passa dentro de uma universidade é longo, e pouquíssimas famílias operárias podem arcar com os custos desse ensino. “A atual situação doente deve-se a dois fatores: uma subordinação administrativa totalmente alheia às necessidades e aspirações dos estudantes, e um reinado classicista dentro da universidade. Quem é o reitor, afinal? Um homem estranho, que não sabe quem nós somos”<sup>95</sup>. Os estudantes dizem que o que aprendem nas faculdades é apenas aceitar a sua condição prevista numa sociedade ordenada sem seu consentimento, na qual seus conhecimentos críticos não possuem nenhum valor ou importância. Eles reivindicam que a universidade não deve ser um lugar onde se opõem a ignorância e o saber, mas o lugar onde ambos, estudantes e professores, estão para aprender. Não querem integrar o quadro de uma ciência a serviço de uma burocracia sem rosto e apática, como nela estão seus professores. Eles recusam esse futuro anêmico, previsível, para o qual as universidades têm direcionado seu tempo e sua dedicação como estudantes.

Não é acidental que maio de 68 tenha começado nas faculdades de sociologia e psicologia de Nanterre. Os estudantes viram que a sociologia que lhes era ensinada não constituía um meio de compreensão e transformação de suas realidades, e que seria preciso, com isso, que rejeitassem o nicho reservado para eles, que sabotassem a esteira que os levaria ao lugar dos ‘especialistas’ a serviço do poder tecnocrático na equação moderna. Descobriram também a importância da classe trabalhadora, fato que levou à algumas leituras dos acontecimentos de 68 para duas vertentes críticas do sistema educacional francês, cada uma criando seu próprio gênero de problemas para as autoridades da Universidade e o Ministério da Educação. “O problema é que a universidade está ‘cheia’ de estudantes - e que as cabeças dos

---

<sup>94</sup> As reivindicações e a fala citadas são diretamente extraídas de Carlos Fuentes (2008).

<sup>95</sup> Extraído das entrevistas com os estudantes relatadas por Fuentes (2008).

estudantes estão cheias de ideias revolucionárias”. Os estudantes tinham a consciência de que deviam se deslocar às camadas populares, onde aparecem novos problemas, e grandes diferenças. O movimento precisava se espalhar para além de seus restritos confins; e esse era também o perigo que representavam: a possibilidade dessas cabeças ‘cheias de ideias’ se unirem aos jovens das chamadas classes populares.

Contudo, havia diferenças entre os pensamentos que fervilhavam em Nanterre. Se por um lado, alguns professores universitários ‘progressistas’ e uma quantidade de estudantes, viam como a principal raiz da crise estudantil o ‘atraso’ da Universidade e o ensino bastante inadequado que era oferecido, vendo que a universidade estava ‘desadaptada’ do mundo moderno - eles solicitavam uma reforma modernizante, que arrancasse ‘as teias de aranha’ através do aumento do quadro de professores, da melhoria dos auditórios, do aumento do orçamento para a educação e etc - por outro lado, para os mais rebeldes, esta preocupação em adaptar a universidade à sociedade moderna já constituía o próprio problema. Para estes, era essa sociedade que precisava ser rejeitada em sua vida burguesa, trivial, medíocre, repressiva. Eles não possuem nenhum anseio por carreiras técnicas e administrativas que esta reserva a eles. A falta de significado da vida no capitalismo burocrático parecia ser a força motriz de sua revolta<sup>96</sup>, “A universidade que desejamos não é concebível dentro da atual sociedade”, proclamavam.

Em outro lugar, em uma sexta-feira, dia 3 de maio, algo estranho se anunciava quando o governo enviava a polícia aos estudantes. O reitor da Sorbonne toma uma medida inédita, que viola uma regra muito antiga. A polícia interrompe a assembleia estudantil, expulsando mais de 500 pessoas, e fechando as instalações da universidade. Muitos são presos, com a conivência de Alain Peyrefitte, Ministro da Educação. Outros são identificados e detidos. Um imenso reforço policial vai se concentrando na capital. Sorbonne é ocupada pela polícia. Os estudantes estavam protestando contra uma proibição recente nos dormitórios, que buscava impedir a interação entre rapazes e moças. Espontaneamente, os colegas se mobilizam. Os estudantes de Nanterre marcham para a concentração no Quartier Latin, onde as

---

<sup>96</sup> Segundo o livro *Paris: maio de 68* (2003).

manifestações prolongam-se ao longo do dia. Os colegas da Sorbonne permanecem presos, e os protestos se estendem pela noite, ampliando-se sob a palavra de ordem “*Libérez nos camarades!*” (“Libertem os nossos camaradas!”).

Tudo havia explodido naqueles dias. A proibição da convivência entre gêneros mistos nos dormitórios da Sorbonne era decretada, fato que causara uma grande revolta estudantil, acompanhada da incompetência de uma solução burocrática para o descontentamento, que precipitou uma reação em cadeia. Aquela havia sido a gota d’água: o movimento, que havia começado muito antes, ao longo das discussões que fervilhavam há meses em Nanterre, conheceu seu estopim em maio como uma reação a uma universidade retrógrada, que insistia em legislar em questões de amor e sexo. Os estudantes, lutando pela afirmação de suas liberdades sexuais, eram despejados da universidade. Para eles aquilo era um absurdo: tanto a proibição da convivência como a prisão de seus companheiros, após contestarem a não interferência das autoridades em suas vidas amorosas e relações mais íntimas.

A luta extravasou os muros, e os estudantes foram tomando as ruas. Eles reivindicavam a libertação dos companheiros presos, a reabertura das faculdades, a remoção das forças policiais. O sindicato dos estudantes e o sindicato dos professores da universidade convocaram uma greve por tempo indeterminado. Durante uma semana, os estudantes defenderam suas ideias em manifestações de rua cada vez maiores: no dia 7 de maio, terça-feira, 50 mil estudantes e professores marcharam pelas ruas, atrás de uma única bandeira: “Vive La Commune!”, enquanto cantavam a *Internationale*<sup>97</sup> no Túmulo do Soldado Desconhecido, no Arco do Triunfo. Já na sexta-feira, dia 10, estudantes e professores decidiram ocupar em massa o Quartier Latin, quando a CRS<sup>98</sup> avançou, limpando a Rue Gay-Lussac com seus muros marcados, que davam o testemunho daqueles que tomaram conta da região por várias horas. Em meio a um dilúvio de gás lacrimogêneo, bombas de fósforo e intensos ataques de golpes de cassetete, as tropas avançavam contra a fumaça, as chamas e as árvores caídas, lançando gases letais, batendo

---

<sup>97</sup> A Internacional ganhou particular notoriedade entre 1922 e 1944, quando se tornou o hino da União Soviética. Desde então, foi traduzida em inúmeros idiomas. A canção é tradicionalmente cantada com o punho fechado ao ar. A letra original da canção foi escrita em francês em 1871 por Eugène Pottier (1816-1887), um dos membros da Comuna de Paris. A intenção era a de que o poema fosse cantado ao ritmo da Marselhesa.

<sup>98</sup> Companhias Republicanas de Segurança.

indiscriminadamente em pedestres e jornalistas, enquanto insinuavam-se para as mulheres a quem chamavam de putas, lançando granadas plásticas em direção às janelas abertas, perseguindo os estudantes pelas escadas dos edifícios até dentro dos apartamentos<sup>99</sup>. Aquela noite se tornou conhecida como ‘a noite das barricadas’, quando em seus momentos mais tensos, alguns transformavam seus apartamentos em refúgio e hospital para estudantes feridos. No final da tarde do dia 10 de maio, uma sexta-feira, ouvia-se: “Essas barricadas não são para atacar a polícia, mas para permitir que as discussões coletivas aconteçam nas ruas”, dizia um estudante no megafone. “Unam-se às barricadas! Não somos mais meros espectadores”. Um estudante ruivo, agora já muito conhecido, chamado Daniel Cohn-Bendit, falava às 22h: “O único conselho que podemos lhes dar é não armar as barricadas em qualquer lugar. Façam em pontos estratégicos para se defenderem quando proferirem seus comitês de discussão e ação política”. Um jornalista corre da confusão instaurada, “Vejo fogo em uma barricada, e agora em outra. Estão em chamas! ”. Quem fala dessa vez é outro estudante. “Ouçam, estou vindo da primeira barricada. Agora mesmo, a polícia joga granadas de gás, de cloro, de tudo que possuem. Isso significa que, como os manifestantes não têm como recuar, ou a polícia para, ou será pior que o massacre em Charonne”. A polícia vai avançando, explodindo as bombas, forçando os estudantes a recuarem, assim como os jornalistas, que transmitem os acontecimentos ao vivo pela rádio. As rádios foram o grande meio de comunicação em maio de 68. Naquela noite, Cohn-Bendit tomou conta dela. “Aqueles no poder tentaram dar um duro golpe no movimento estudantil. Eles não dispersaram um protesto. Atacaram com violência, como se estivessem em guerra civil. Então, peço a todos os sindicatos, todos os partidos de esquerda da oposição, que comecem uma greve geral a partir da segunda-feira, para demonstrar sua solidariedade com os estudantes e os jovens trabalhadores”<sup>100</sup>.

---

<sup>99</sup> Relatos de Carlos Fuentes *Em 68: Paris, Praga e México* (2008); e do coletivo Solidariedade em *Paris: maio de 68* (2003), com alguns trechos extraídos e editados.

<sup>100</sup> Todas as falas foram extraídas do filme *No intenso agora* (2018)

#### 4. Deleuze em 68

Quando maio de 68 aconteceu, Deleuze ainda lecionava na universidade de Lyon, sendo um dos raros professores a se mostrar desde o início receptivo à contestação estudantil, chegando inclusive a declarar apoio, e a participar das assembleias e manifestações dos estudantes lyoneses. Foi o único professor do departamento de filosofia a marcar presença no movimento. Ele se mantém à escuta dos alunos, e junto a um grande número de estudantes reunidos, podia ser visto como uma dessas presenças que permanecia pedindo às pessoas ao lado que fizessem silêncio, muito intrigado, esforçando-se para ouvir aqueles que pediam a palavra na assembleia.

Olhando mais de perto, via-se que ele aderira completamente ao movimento. Havia sido contagiado, claramente, à sua maneira. Em maio de 1968, quando Maurice de Gandillac, seu orientador de tese, passa por sua casa em Lyon, é recebido por cartazes, bandeiras vermelhas e bandeirolas, presas à sacada pelos filhos de Deleuze. Uma noite em que estão todos jantando em casa, a família é surpreendida por um estudante que aparece inopinadamente. Todos são surpreendidos. O estudante surge para anunciar que a extrema direita está preparando uma intervenção violenta contra o piquete dos estudantes da universidade. Rapidamente, Gilles e o colega se precipitam escada abaixo para encontrar seus alunos. Essa movimentação entre Deleuze e os estudantes acontecia com uma certa frequência, apesar de suas limitações. Claude Lemoine, ex-aluno dos cursos de Deleuze em 1951, agora membro de gabinete na ORTF<sup>101</sup>, quando em junho vê chegar na estação de rádio um grupo de manifestantes, entre os quais identifica Gilles Deleuze, percebe o

---

<sup>101</sup> L'Office de radiodiffusion-télévision française (ORTF).

envolvimento do professor: “Eles chegam diante da minha sala, e um dos manifestantes diz ‘Queremos ver Lemoine!’” - estava claro que eles conseguiram chegar ali com a ajuda de Deleuze - “Indiquei a sala ao lado, que eles ocuparam durante quatro horas. Gilles estava lá, e me reconheceu”<sup>102</sup>.

Em meio ao furacão dos acontecimentos, entretanto, Deleuze fixou como prioridade concluir sua tese de doutorado, para defendê-la no outono de 68. Ele iria dedicar o verão a ela, mas sente-se muito cansado e consulta um médico, que diagnostica o reaparecimento de uma antiga tuberculose, refratária aos antibióticos. Esta inoportuna doença abriu um enorme buraco em um dos seus pulmões. Ele precisa ser hospitalizado com urgência. Neste momento, a fim de não comprometer a defesa de tese, esta é adiada para janeiro de 69, quando Deleuze apresentará na Sorbonne, no início daquele ano, uma das primeiras teses defendidas após o movimento de maio, quando os confrontos ainda estariam longe de ter acabado - as ressonâncias que permanecerão ecoando do movimento de maio participarão, inclusive, e de alguma forma, da defesa de sua tese.

Sabendo que está muito doente, a banca decide abreviar o tempo de duração da defesa, não apenas porque todos já reconhecem a qualidade excepcional do trabalho de Deleuze, mas, sobretudo, a banca teme a chegada de visitantes indesejados, e se pergunta se a defesa poderá ocorrer com normalidade, tendo em vista a ‘agitação’ permanente dos estudantes. Eles tinham uma única obsessão, segundo Deleuze; como evitar os bandos que estavam na Sorbonne, que ainda tanto temiam. O presidente da banca disse que havia duas possibilidades; a primeira, que podiam fazer a defesa no térreo, onde havia mais saídas; e a outra alternativa, que seria realizá-la em uma sala no primeiro andar, para onde os alunos subiam com menos frequência, com a desvantagem de que só haverá uma única entrada e saída. Quando Deleuze ouviu isso, mal acreditou. Enquanto defendia sua tese, em nenhum momento cruzava o olhar do presidente da banca, que estava fixado na porta para saber se os ‘bandos’ iam chegar.

Após a cerimônia, não havia nada de engraçado de que se recordar. Quando viu Alquié no dia seguinte, Deleuze teve a impressão de que esse membro da banca

---

<sup>102</sup> Situações e falas relatadas por Françoise Dosse (2010), que aqui reproduzimos com algumas intervenções.

lhe fazia uma implícita declaração de ruptura, não tendo digerido bem o encontro. O temor dos estudantes era real e incomodava. Mas tão logo as incandescentes presenças estudantis continuaram a se alastrar em seu entorno, Deleuze precisou ser afastado novamente dos eventos, tendo que se submeter a uma operação muito delicada, que muito lhe fragilizaria. Nessa cirurgia, seria retirado um dos pulmões; e com isso, ele passaria a viver com um apenas, que o condena a perfusões constantes, e a uma insuficiência respiratória até o fim de sua vida.

Seu corpo então se debilita, e por mais que ele se acendesse em qualquer esquina daquele período entre os estudantes que o atravessavam com tanto entusiasmo, e apesar dos conflitos com os colegas, ele precisará se afastar novamente. Essa cirurgia exigiu um ano inteiro de convalescença, que ele passa em companhia da esposa, longe de toda euforia. O furacão passará à margem do seu corpo. É no vazio desse outro momento, sob a condição de um afastamento compulsório e sem negociação, que Deleuze se encontrará pela primeira vez com Guattari<sup>103</sup>.

---

<sup>103</sup> Texto baseado em “Maio de 68: a ruptura instauradora”, presente em *Biografias cruzadas* (Dosse, 2010), com algumas citações adaptadas.

## 5. Por onde andavam nossos amigos?

Lembro que, na noite anterior, saímos para tomar cerveja com alguns amigos. Ele havia me dado de presente um lenço, que servia também para proteger o rosto das fumaças dos gases lacrimogêneos. Essa foi uma longa madrugada na Lapa, que amanhecia em 13 de junho de 2013.

Levantei dos lençóis, e enquanto ele escolhia suas máscaras e lenços para proteção dos gases, percebi que estava com uma leve ressaca. Uma indisposição me tomou, um mal-estar pelas vísceras se anunciava cada vez mais isso que me invadiria por inteiro. Era uma ressaca: das imagens de policiais e seus cavalos, todos aqueles gases lacrimogêneos, os cacos de vidro pelo chão. Em minhas mãos, corria uma dúvida. Fatalmente, desmaiaria. Não poderia participar do protesto daquele dia, se não melhorasse.

Consumia-me ver aquela preparação. Ele selecionava os lenços, as cores, as camuflagens. Senti ali, de frente para sua mochila vagabunda, todas aquelas coisas que vivemos; o dia em que fora detido e algemado<sup>104</sup>; a noite em que nossas mãos se desconectaram segundos antes da correria em meio às bombas – quando eu saí correndo, sozinha, sem mais conseguir saber seu paradeiro<sup>105</sup>. Aquilo tudo estava presente no tecido sujo. Havia na mochila uma constelação de eventos, por suas costuras e remendos, e eu estava cada vez mais fraca. Sentia que precisava estar junto dos amigos, assim como de todos os outros. Mas eu estava de mãos vazias.

---

<sup>104</sup> Refiro-me a um episódio ocorrido na Aldeia Maracanã, na cidade do Rio de Janeiro, ameaçada de remoção no contexto dos megaeventos, quando durante uma resistência pacífica, em que várias pessoas se mantiveram apenas sentadas de braços dados no meio da rua em frente à Aldeia, meu amigo é levado para um camburão pelas forças policiais.

<sup>105</sup> Isso ocorreu dias antes, no início das jornadas de junho de 2013, no Rio de Janeiro.

Vibrava no corpo um enfrentamento daquelas imagens, a possibilidade de deixá-las. Lembrava a fala de uma colega: ‘precisamos pensar que vida é essa que queremos afirmar nas ruas! O que queremos mostrar é um corpo caído no chão? Aqueles jovens no camburão sumidos por horas?’ – era atravessada por esta pontual colocação em nosso último encontro da orientação de pesquisa. Ela morava desde criança na favela do Cantagalo, e por sua experiência, defendia que não podíamos produzir para as vistas uma coleção de corpos lúgubres. Eu sabia que podia cair; estava fraca. Lembrava da correria para escapar das bombas. A escolha se fazia encurralada, e tudo passava pelos olhos com a rapidez do que foge dos carros policiais.

Decidi não ir. Eu estava em Niterói, novamente na companhia desse amigo, saindo de uma das aulas do mestrado, e nesse dia fazia muito calor. No ônibus, a caminho do Rio, suaves dormências circulavam pelas fibras de todo corpo. Durante a viagem a sensação ia se intensificando, até que nada mais conseguia se mexer. Os membros pesavam, ou não se moviam: estavam paralisados, de modo que eu realizava um angustiante esforço para sentir que ainda estavam ali as mãos, os braços, as pernas, o rosto. Descendo do transporte, pensei que morreria: fiquei sem ar, enquanto ninguém sabia o que estava acontecendo. Dissociada do meu corpo, sentia-o completamente paralisado, desesperadamente. O peito, congelado, tornava-me petrificada, nenhuma expressão facial senão o terror no olhar, vermelho e molhado de lágrimas. Decidimos procurar ajuda.

Depois de um complicado percurso até a recepção de um hospital, não sabiam o que fazer com minhas súplicas. A enfermeira, com o tempo, chega. Depois, a médica. Esta me escuta. Depois de alguns minutos de conversa, ela me dá um copo d’água, desses de isopor, no qual experimento, pela primeira vez, gotinhas de rivotril – sequer desconfiando que estas seriam as primeiras das mais de trezentas que se seguiriam depois, ao longo dos próximos meses. Naquela ala da emergência, eu enfim me acalmava. Meu sangue era exposto à médica, tal como nas ruas tornam-se alvo de balas, finalmente estancado, com um carimbo: concediam-me o direito à tarja preta.

Entre o adoecer e aquelas cenas<sup>106</sup>, e desde aquele dia do hospital, as coisas mudaram muito. Logo após o incidente, em meio a uma conversa difícil, meu amigo diz, como que para interromper nossa discussão, que eu estava sendo covarde por iniciar o uso de remédios. Dissera que agora seria ‘apenas’ mais uma pessoa medicada. Ouvia aquilo justamente da pessoa que havia me levado para o hospital, que acompanhara tudo de perto. Não conseguia acreditar que estava dizendo aquilo. Parecia que havia se tornado aquele tipo de militante cujo excesso de racionalidade me parecia insuportável. Ficamos magoados, e durante muitos meses, deixamos assim. Eu realmente não consegui retomar a conversa. Eu também me afastava dos protestos das jornadas. Como um perdido ponto num mapa, a discussão ficou naquele lugar, sem muito se mexer. Nós seguíamos adiante a vida. Ao menos, a vida que restava após 2013.

O mundo estava estranho. Depois de anunciados os mandatos de prisão dos ativistas, todos jovens manifestantes<sup>107</sup>, após as jornadas, vivíamos um período atravessado por ininterruptas cenas de violência espalhadas em protestos pela educação no país. Diante daquele novo ciclo, que contava com a presença na rua de muitos professores, estaria em germinação, ainda sob os efeitos de 2013, dentre outros acontecimentos, alguns dos que levariam posteriormente os estudantes secundaristas a ocuparem as escolas anos depois. Desta época, lembro as imagens dos professores em greve, os que foram massacrados no Paraná: as imagens doíam tanto em nós, que também desejávamos ser, quem sabe um dia, professores. Era como se já recebêssemos, apenas por esse desejo, um golpe de cassetete, uma bomba, uma bala de borracha na testa. Na greve estadual do ano seguinte, no Rio de Janeiro, professores eram perseguidos. Na UERJ<sup>108</sup>, o descaso em que a universidade ficara durante todo aquele espetáculo dos grandes jogos da Copa e, futuramente, das Olimpíadas, que quase culminaria em seu fechamento, despontou inúmeras agendas de ocupação na universidade, quando temíamos que ela fechasse de vez as suas

---

<sup>106</sup> As cenas que surgem na cidade conferem território à minha pesquisa do mestrado (2014), cujo corpo compõe-se entre lutas e rasuras.

<sup>107</sup> No próximo bloco da tese retomaremos esse evento.

<sup>108</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

portas, agonizando em abandono. Os megaeventos<sup>109</sup>, desde que começaram, trouxeram períodos esparsos de silenciamento, quando nunca houve tanta cavalaria da polícia por aquelas partes da cidade, no momento em que acordávamos, ou voltávamos para casa. As tropas de choque estavam tão presentes em nossas vidas, que já eram aguardadas em algumas praças e ruas, pelo caminho. Uma pergunta antes de dormir era inevitável. Por onde andavam nossos amigos? Será que chegariam seguros em casa? E por onde você andava? Para qual direção andava o mundo? Não podia acreditar que a nossa vida, daqui para frente, seria essa. No limite, imaginava todos aqueles corpos novamente caídos no chão. Pensei naquele sangue escorrendo da face de uma menina.

---

<sup>109</sup> Os jogos da Copa do Mundo em 2014 e das Olimpíadas em 2016, aos quais nos referimos antes, e que reordenam naquele período inúmeras dinâmicas da vida na cidade do Rio de Janeiro, a partir de especulações imobiliárias, políticas de militarização, Choques de Ordem, precarização dos serviços públicos e aumento do custo de vida, previstos como um novo momento político a ser combatido desde as greves, ocupações e manifestações de rua, passando pelas emblemáticas jornadas de 2013, como veremos ainda neste trabalho, levando a muitos silenciamentos através da repressão policial nas ruas, nas favelas, e das prisões de ativistas.

## **6. Greve geral em Paris**

Os portões das fábricas estavam lotados. São 6h15 da manhã do dia 13 de maio em 68, na avenida Yves Kermen. Um dia claro, com céu limpo, em que uma multidão começa a se reunir fora dos portões da gigantesca fábrica da Renault em Bologne-Billancourt. As principais centrais sindicais convocaram um dia de greve geral. Elas estão protestando contra a violência policial no Quartier Latin, e por melhores condições salariais, de trabalho, de aposentadoria. Os portões estão escancarados. Nenhum guarda ou superior encontra-se à vista. Os trabalhadores fluem para o interior da fábrica. Um megafone os orienta para que sigam para seus respectivos postos de trabalho, e para que não comecem a trabalhar, e assim, para seguirem, às 8 horas, para o tradicional local de reunião, uma espécie enorme de barracão próximo ao rio Sena. Cada trabalhador que passa pelo portão recebe um panfleto dos grevistas. Oradores se revezam no microfone, fazendo pequenos pronunciamentos. Meia hora se passa e muitos trabalhadores parecem ter vindo para trabalhar, e não para participar de reuniões de greve. Muitos parecem não saber do que se trata. Há um impressionante número de trabalhadores negros e argelinos.

Alguns cartazes já estão pendurados nos portões, em deles diz: “Não aos monopólios”. O pequeno bar próximo está lotado, e as pessoas parecem extraordinariamente comunicativas para um horário tão matutino. O Partido Comunista está distribuindo panfletos pedindo determinação, calma e unidade, alertando que não respondam a provocadores. Os grevistas não tentam convencer aqueles que passam. Essa é a maior fábrica de carros da europa. Um megafone então torna pública uma mensagem: “A CRS recentemente atacou os agricultores em

Quimper, trabalhadores em Caen, Rhodiaceta e Dassault. Agora eles estão se voltando contra os estudantes. O regime não tolerará oposição. De Gaulle não nos garantirá nossas reivindicações salariais mais básicas. Nossa greve mostrará ao governo e aos patrões nossa determinação. Não vamos recuar”<sup>110</sup>. Essa mensagem é repetida diversas vezes, como um disco quebrado, parecendo que nem o orador acredita naquilo que está dizendo.

Os oradores da CGT<sup>111</sup> pedem que os trabalhadores participem em massa de uma grande manifestação planejada para aquela tarde. Assim que o último orador termina, a multidão espontaneamente irrompe em uma estimulante *Internationale* cantada dentro da Renault. Os mais velhos parecem saber a maior parte da letra. Os mais novos só cantam o refrão. Essa é a primeira vez em vinte anos que a Internacional é cantada dentro da fábrica. Uma atmosfera de excitação contagia os operários mais jovens. A multidão irá se dispersar em vários grupos, que caminharão para fora da fábrica. Às onze horas, milhares de trabalhadores já haviam saído para aquela quente manhã de maio, no ar livre de fora da fábrica. A resposta à convocação à greve geral superou as expectativas, e apesar da breve divulgação - a decisão havia sido tomada no sábado à noite, após a noite das barricadas - Paris está paralisada. Não há mais nenhum ônibus ou carro à vista. As ruas pertencem aos manifestantes.

São fileiras imensas, de vinte a trinta pessoas de braços dados, passando pelas avenidas. As garotas estão usando vestidos de verão. O sol brilha radiante. Os rapazes estão de manga curta. Uma bandeira vermelha tremula sobre a estação de trem. No meio da multidão há várias bandeiras vermelhas e pretas. Um homem de repente aparece com uma mala cheia de panfletos, e a seu redor, há uma insaciável sede de informação, de ideias, literatura, discussão, polêmica. O homem apenas fica parado enquanto a multidão o cerca pedindo os panfletos. Umhas dezenas de estudantes ajudam a distribuí-los. Cerca de seis mil cópias são distribuídas em poucos minutos, e todas parecem ser atentamente lidas. As pessoas discutem, riem. Um edital assinado pelos organizadores da manifestação, permitindo apenas a divulgação da sua literatura, está sendo entusiasticamente desprezado. Algo

---

<sup>110</sup> Impressões extraídas de *Paris: maio de 68* (2003) aqui reproduzidas com alterações.

<sup>111</sup> Central Geral dos Trabalhadores.

transborda das diretrizes desse comitê central, e parece maior que ele. Manifestantes sobem em muros, nos tetos e nas paradas de ônibus, nas grades em frente à estação. Alguns possuem megafones e proferem discursos. Podem ser vistas entre a multidão fotos de Che Guevara, e as bandeiras da Juventude Comunista Revolucionária. Grandes grupos de jovens secundaristas se misturam aos estudantes universitários, e também a milhares de professores. Cerca de duas horas da tarde a seção estudantil parte cantando a *Internacionale*. Andam de vinte a trinta pessoas lado a lado, cantando, com os braços entrelaçados. Numa fileira há bandeiras vermelhas e faixas de 15 metros, trazendo quatro palavras: “Estudantes, Professores, Trabalhadores, Solidários”. Não é possível sequer se mover pelas calçadas ou através das ruas adjacentes.

Na medida em que lentamente se prossegue, nota-se a sacada de um apartamento no terceiro andar de um edifício, com os dizeres: “Solidariedade aos estudantes”. Alguns com idade mais avançada acenam de suas janelas. Enquanto a multidão vai chegando à Place de la Republique, as pessoas estão tão apertadas que alguns chegam a desmaiar, tendo que ser carregados a bares próximos. Há um medo de ser esmagado. O primeiro contingente sindical começa a deixar a praça, e não há um policial sequer à vista. Embora tenha sido declarada manifestação conjunta, os líderes da CGT parecem empenhados em evitar uma mistura entre estudantes e trabalhadores. Vários grupos, enfim, entendendo sua manobra, desprendem-se conforme vão saindo da praça. Eles pegam atalhos por várias ruas laterais, nas esquinas. Os estudantes conseguem se dispersar como peixes na água. Os próprios trabalhadores são muito amigáveis, e prontamente os incorporam. Agora, o passo está bem rápido. Os slogans dos estudantes contrastam com os da CGT. Eles cantam “O povo está nas ruas”, “Libertem nossos camaradas!”, “Não à universidade de classe”, “CRS-SS! <sup>112</sup>”, e “Abaixo o Estado policial!”. O contingente principal de estudantes atravessa a Ponte St. Michel, e interrompe-se rapidamente a caminhada para uma homenagem silenciosa aos feridos. Todos os pensamentos são por um instante direcionados para aqueles que estão no hospital, com seus crânios e costelas fraturados pelos cassetetes policiais. Há um instante de silêncio. Um mar de pessoas passa, contando talvez um milhão.

---

<sup>112</sup> O slogan “CRS = SS” equiparava as forças policiais francesas à SS nazista.

## 7. Guattari em 68

Um psicanalista passa amplamente à margem dessa longa noite das barricadas, na Rue Gay-Lussac. Chegando ao local de moto, meio sem jeito, procura na bruma matinal seu amigo, que acaba encontrando um pouco atordoado com o gás lacrimogêneo. “Eu me lembro que era fogo de artifício por toda parte”, dizia na ocasião Félix Guattari. Os combates de rua lhe dão medo. Contudo, exercem sobre ele também uma certa fascinação. Mais do que enfrentamentos físicos, quando a contestação se generaliza, Guattari sente-se como um peixe dentro d’água, estranhando e admirando tudo, “Não compreendi nada. Quando 68 estourou, tive a impressão de estar ficando um pouco maluco. Tive uma sensação estranha, total. Encontrava-me nesta Sorbonne, que antes me deixava enfastiado, logo no anfiteatro Richelieu. Mas, de repente, eu estava nessa experiência incrível”<sup>113</sup>.

Ao mesmo tempo aturdido, estupefato com o caráter espontâneo da eclosão, que deslocava as ‘máquinas desejanter’<sup>114</sup> para o movimento estudantil, concebido então como ponta de lança da luta social, e único aparentemente capaz de escapar aos aparelhos burocráticos, Guattari estava desnordeado com os acontecimentos, embora já tivesse sido informado por seu ‘bando militante’ do que se passava há alguns meses no campus Nanterre. Naquela época, bastante intrigado, havia decidido ir até a universidade, em abril de 1968, quando o lugar já contava com o carismático Daniel Cohn-Bendit na frente das discussões. Contagiado por Nanterre, Guattari vai

---

<sup>113</sup> Citações extraídas de Françoise Dosse (2010) aqui editadas.

<sup>114</sup> Conceito no qual Guattari já se encontrava trabalhando, antes do livro *O anti-Édipo*, que virá também como um dos efeitos de maio de 68.

de Paris à La Borde, onde vive e trabalha, convocando médicos, monitores, estagiários, assim como pacientes, para reforçar as fileiras nas marchas pelas ruas parisienses. Nessa empreitada, já estamos em maio, e seu bando participa da ocupação do Instituto Pedagógico Nacional, na Rue d'Ulm, e do Théâtre de l'Odéon. Esse teatro, no auge do movimento de maio - e no qual o Ministro da Cultura é frequentador assíduo - é ocupado pelos estudantes. Guattari faz então a sua parte, não sem avaliar os perigos que representa o ataque frontal a um dos símbolos do Estado: ele põe toda a sua experiência, seus médicos, e suas diversas redes de militantes, a serviço da tomada do Odéon. O que fizeram foi encher os carros de bandagens, de mercúrio cromo, de antibióticos. "Tínhamos visitado o teatro sobre o pretexto de sermos jornalistas, e reparamos que era possível subir no telhado, levar colchões, demarcando os lugares para armazenar os medicamentos e a comida", ele dizia. Depois da grande manifestação de 13 de maio junto aos operários, o Odéon é tomado de assalto, e o movimento se apodera de um cenário onde artistas e intelectuais, e sobretudo uma multidão de anônimos, tomarão a palavra, logo no hall de entrada, onde já escrevem em vermelho: "Todos os teatros burgueses devem se tornar assembleias"<sup>115</sup>.

O grupo de amigos de Guattari ajuda materialmente também os operários em greve. A maior parte das fábricas já havia sido ocupada pelos trabalhadores, onde Guattari pôde observar, sob muita atenção, certos jovens operários. Esses vinham aos poucos minando a hierarquia da burocracia sindical. São jovens que recorrem aos superiores pedindo permissão para discutir em um quadro mais institucionalizado dentro da fábrica. O que Guattari observa nesse momento é que os representantes do aparelho sindical constatarem surpresos a tomada da palavra então, pelos operários de base, que não hesitaram em expressar sua revolta, querendo ir às ruas, unindo-se aos estudantes. No final do mês de maio, quando os ventos mudam com o discurso de grande repercussão do general De Gaulle<sup>116</sup>, na manhã de 6 de junho, quando os confrontos se deslocavam para a fábrica de Flins-sur-Seine, ocasião em que cerca de mil CRS e policiais militares ocupam o local às 3 horas da

---

<sup>115</sup> Ver Dosse (2010). As citações foram extraídas diretamente do texto deste autor, tanto a de Guattari, como esta anônima que surge em vermelho, no hall de entrada, que aqui se encontra editada.

<sup>116</sup> De Gaulle recebia então amplo apoio de uma parte conservadora da população, em uma demonstração gaullista em cores patrióticas pelos Champs-Élysées, contrastando com o último mês, das manifestações dos estudantes e operários.

manhã, cercando a fábrica da Renault, os operários estavam em greve há dezenove dias, e apesar dos acordos, recusam-se a voltar ao trabalho. Para fazer frente a ofensiva policial, os poucos operários isolados se dirigem à Paris para buscar ajuda. Lá eles procuram entrar em contato com os comitês de ação parisiense, assim espalhados, e uma mobilização geral é decretada para o dia seguinte, programando-se uma assembleia para as 5 horas da manhã nas imediações da fábrica.

O que eles não esperavam: barreiras policiais são montadas na saída de Paris, para impedir a população de chegar a Flins. Na ocasião, muitos conseguem escapar da vigilância policial, e os confrontos se propagam às margens do perímetro proibido, com perseguições pelos campos, e mesmo ao longo das duas margens do rio Sena. A jornada terminaria tragicamente, com a primeira morte de maio de 68, um jovem secundarista, o colegial Gilles Tautin. De sua parte, Félix pega seu carro e corre para Flins. Passaria por uma situação curiosa. Lá ele dá carona a dois tipos muito jovens. “A gente conversava. Eu dizia assim: O que vocês fazem? E eles diziam: Somos estudantes. Estudantes de quê? Eles vacilam. ‘É... na Sorbonne’”<sup>117</sup>. Eram operários muito jovens. Chega à conclusão de que não era para impressionar que eles se diziam estudantes, dissera Guattari, mas porque só se julgavam dignos de ir às ruas, com suas reivindicações, se passando por estudantes - aquilo era inacreditável. Somente alguns dias depois é que Guattari se deu conta da força analítica que aquela carona, tão imprevisível, representava em meio ao furacão recente que havia sido maio de 68. Para um psicanalista como ele, que já muito conspirava, aqueles acontecimentos poderiam ter sido um empurrão para que se sentisse ainda mais encorajado para pôr em funcionamento um novo trabalho, ainda por nascer<sup>118</sup>.

---

<sup>117</sup> Guattari é citado por Dosse (2010); reproduzimos aqui sua fala.

<sup>118</sup> Texto montado a partir de fragmentos de “Maio de 68: a ruptura instauradora”, presente em *Biografias cruzadas* (Dosse, 2010). O trabalho ainda por nascer, após o seu encontro com Deleuze, seria *O anti-édipo*, publicado no ano de 1972.

## 8. Uma certa angústia

Não somente a minissaia e o biquíni iriam se chocar com as tradições e as subjetividades que estavam sendo produzidas na ditadura militar brasileira. Em várias faculdades de vários estados, e em uma série de outros movimentos, havia uma intensa difusão de toda uma ‘postura participante’ e ‘conscientizadora’ entre os estudantes. “Percebemos que nossa educação havia sido uma distorção, e nossa formação, um processo mórbido, uma deformação (...) Queríamos mudar o mundo, era a nossa questão básica. Não nos passava pela cabeça que o ser humano pudesse passar seu tempo de vida sobre a terra, alheio aos problemas sociais e políticos - esta era para nós a pior das alienações”<sup>119</sup>.

No Brasil que antecede os acontecimentos de 1968, corria o perigo de se produzirem territórios singulares a partir desses movimentos pelo meio estudantil. Em 1967, é lançado o programa *A Jovem Guarda*, com Erasmo e Roberto Carlos, cuja pretensão é a produção de outras subjetividades, nas quais um engajamento político é ignorado. O rock e as guitarras elétricas e o *ié-íê-íê* são potencializados ao lado das famosas versões norte-americanas. A burguesia busca novos padrões, mais adequados à modernização em processo<sup>120</sup>, ao mesmo tempo em que tentam responder às novas manifestações culturais, como forma de captura, e mercantilização. É nesse clima que um novo grupo de jovens artistas começa a expressar sua inquietação, desconfiando igualmente dos mitos nacionalistas e do discurso militante do populismo, ao mesmo tempo em que recebia informações dos

---

<sup>119</sup> Maciel *apud* Coimbra (1995, p.7), reproduzido aqui com suas falas editadas.

<sup>120</sup> Um panorama descrito por Coimbra (1995).

movimentos culturais e políticos da juventude que explodem nos Estados Unidos e na Europa - os hippies, a contracultura, o cinema de Godard, a canção de Bob Dylan.

Esses meninos e meninas iriam em breve virar o país pelo avesso. Eles assustavam a ditadura, ao sonharem com muitos Vietnams pelo mundo, acreditando que a imaginação podia tomar o poder, como diriam depois pelos muros da França; e que a cultura popular na qual se engajavam ia conscientizar o povo. Esses jovens achavam que tudo dependia mais ou menos de sua ação, e que assim, com sua generosidade, transformariam a sociedade, ajudando a acabar com as injustiças<sup>121</sup>. Todos eram insatisfeitos e não raro pegavam frases emprestadas de Sartre, um dos mais lidos na época. Suas cabeças tinham sido feitas basicamente pelos livros. A geração de 68, segundo Ventura (1988), talvez tenha sido a última geração literária do Brasil: ela foi criada lendo, pode-se dizer, devorando livros. E não era apenas a palavra argumentativa que participava dos debates: o uso do palavrão, conhecido como a expressão mais escandalosa da época, embora não tenha sido inventada em 68, deixava de ser feia, e naquele ano, passava a frequentar as mais delicadas bocas, em todos os lugares. As palavras eram importantes e eram parte da subversão. Não foi por acaso que o *cult movie* do ano tenha sido *A chinesa*, de Godard. Em 68, apesar de já haver uma televisão em preto e branco bastante diversificada - conhecida como 'a máquina de fazer doido' - ela não tinha prestígio intelectual para exercer alguma influência naqueles jovens. Seus ídolos não eram televisivos. O cinema, o teatro e a literatura eram uma aventura experimental de linguagem e ação política. A palavra de ordem era a própria palavra, como seria muito brevemente, tanto por aqui como nos muros de Paris.

Apesar da efervescência, as manifestações de rua dos estudantes brasileiros investiam pouco em sua comunicação visual. As tensões com as forças da repressão demandavam muito mais outras estratégias, de modo que os estudantes organizavam até seu próprio sistema de segurança, mas não realizavam nenhum apelo mais vigoroso em seus cartazes ou faixas. Os alunos da Escola Superior de Design procuravam elevar o teor estético das mensagens: eram raros os cartazes criativos, como o concretista *luto, luta*, que apareceria depois, sob inspiração do poeta e

---

<sup>121</sup> Panorama descrito por Coimbra (1995).

professor Décio Pignatari. Alguns lembram ainda o cartaz *Muerte*, da estudante de design Ana Luisa Escorel, que se inspirava em Torquato Neto e Gil, quando criaram o *Soy loco por ti America* em ‘portunhol’, cuja ideia era promover a integração simbólica da América Latina<sup>122</sup>. Mas parece que o aspecto estético não ganhava tanta dedicação nas passeatas, já que mais urgente era escapar da repressão policial, pensar em meios de garantir a segurança de seus participantes. As passeatas eram um mecanismo complexo de preparação, mais do que uma intervenção artística. As recomendações deviam ser seguidas à risca, como orientavam os manuais redigidos e distribuídos, que ensinavam a maneira de se vestir, o que comer, como se comportar em casos de choque com a polícia. Havia muitos olheiros, segurança para as lideranças, local para dispersão, controle para saber se tinha havido prisão. Eles liam, discutiam, pensavam em tudo. E liam, liam muito. A ênfase estética, não sendo através de cartazes, investia, contudo, em pichações como a famosa “Abaixo a ditadura”, um dos primeiros registros de pichação como arte no Brasil. Ela nasceu no meio universitário, com influência no movimento estudantil do maio de 68 francês. As inscrições eram simples, pois demandavam agilidade para escapar da repressão policial. Com o passar do tempo, foram difundidas pelo meio urbano, não só em muros, mas em construções públicas e viadutos. Nenhuma das pichações vinha assinada.

A geração de 68 nas ruas teve com a linguagem escrita uma cumplicidade que a televisão não permitiria às gerações seguintes. Era comum perguntar “Para que você está lendo esse livro?”. A leitura de um livro, um filme ou um quadro, eram capazes de fazê-los descobrir sentidos novos. Os universitários, especialmente, tinham interesse pelas obras que, de uma maneira ou de outra, traziam uma contribuição prática à ‘pedagogia revolucionária’, e independentemente do uso instrumental que obtinham, eles cultivavam uma curiosidade natural e livre pelas ideias. Alunos de 14 anos do Colégio de Aplicação da UFRJ, na época, liam *O Capital* e organizavam seminários para transmitir o que aprendiam uns aos outros. Essas reuniões de grupos de estudos levaram a alguns incidentes, dentre eles, em uma escola de prestígio, como relatava o *Correio da Manhã*, o suplemento mais influente naquele tempo: “Um senhor foi visto destruindo um cartaz que anunciava

---

<sup>122</sup> Ocasão lembrada no livro *1968, o ano que não terminou: a aventura de uma geração*, de Zuenir Ventura (1988), que aqui reproduzimos.

uma conferência sobre Herbert Marcuse. Antes, vociferou contra a dominação do país pelos comunistas”<sup>123</sup>.

Muitas assembleias aconteciam nos colégios, nos teatros, nos *campi*, enfim, onde houvesse lugar vago. Elas não tinham hora para acabar, e nelas a palavra era livre. Nelson Rodrigues reclamava que as pessoas deixavam de ser um alguém para ser um ‘nós’; e assim reivindicava que já não podia saudar um artista, já que todos tinham sido transformados em um coletivo: “Olá, Passeata”, ele diria, caso encontrasse Cacilda Becker. “Sou um abaixo-assinado. Um comício! Um panfleto”<sup>124</sup>. Era difícil ser indiferente naqueles tempos. Discutia-se nas universidades, nas passeatas, nos bares, nas praias, seja sobre a altura das saias, ou o caráter da ‘revolução brasileira’, seja sobre o tamanho dos cabelos, ou o que se achava do revisionismo de Althusser. Os temas eram infindáveis, tanto quanto a duração dos debates. Mais do que discutir, torcia-se; a favor ou contra as guitarras elétricas na MPB, pela vitória dos vietcongs, ou mesmo pela participação política dos padres. A esquerda discutia com a direita, e a esquerda discutia sobretudo entre si. Para alguns, como Flavio Rangel, ligado ao Partido Comunista, a impressão era de que quanto mais radical você fosse, mais ‘interessante’ você era, mais incomum, mais invulgar.

Nas assembleias, como em qualquer outra ocasião em que se tornava propício o choque de entendimentos, havia na esquerda duas concepções que sempre se colidiam. Uma delas, mais radical, desejava uma ruptura violenta, desencadeada por uma vanguarda que logo seria substituída pela classe operária, criando uma sociedade nova. Uma outra concepção, defendida pelos chamados ‘reformistas’ do Partido Comunista, não entendendo a ruptura como um objetivo tão imediato, mas um lento processo, afirmava que o resultado viria de uma gradual organização da chamada sociedade civil. Uma iniciação na política passava, então, pela adoção de uma ou outra dessas linhas, enquanto classificavam as pessoas como se classificam torcedores: “fulano é revolucionário”, “fulano é reformista”, “fulano é esquerdista”, “*porraloca*”, ou ao contrário, “do partidão, conciliador”. A impressão era de que

---

<sup>123</sup> Situação narrada por Zuenir Ventura (1988), que cita a reportagem.

<sup>124</sup> Nelson Rodrigues é citado e comentado por Ventura (1988) que aqui reproduzimos.

toda a esquerda do país estava dividida por essas linhas, mas os estudantes apresentavam ainda infindáveis subdivisões. As coisas não eram assim, tão ‘homogêneas’.

As condições subjetivas para a ruptura estavam colocadas, de modos singulares, e variavam muito entre si. De fato, a classe operária não se fazia um protagonista, nem na chamada ‘esquerda festiva’, nem entre os estudantes. Em 68 havia inclusive entre as esquerdas uma discussão para saber se era possível ao capitalismo brasileiro voltar a crescer - e, aparentemente, ele estava sendo impulsionado. O problema era que ele não tinha o menor compromisso com o desenvolvimento social. Muitos estavam entusiasmados também com o movimento estudantil, ainda que dentro dele houvesse bastante descrença. A derrocada de 64 havia provocado um grande desencanto. Os estudantes, bastante desacreditados, não olhavam com bons olhos os partidos políticos legais, o MDB e o Arena, chamados na época de ‘partido do sim’ e ‘partido do sim senhor’<sup>125</sup>. Havia os estudantes que tinham a visão messiânica de que precisavam, eles mesmos, organizar a classe operária, enquanto outros discordavam. O clima reinante propiciava a exaltação, o radicalismo estava em alta. Para uns, era preciso ‘mobilizar as massas’. Para outros, não havia mais tempo a perder com discussões; eles diziam que algo precisava logo ser feito, que o desafio era fazer alguma coisa.

Havia uma certa angústia. O verbalismo excessivo dava a impressão de que uma parcela da esquerda brasileira achava que havia descoberto a revolução, e assim, gostava de dizer como ela ia ser feita. Os sectarismos estavam em voga, mas não tomavam todos os corpos. Havia muitas discussões, e as relações entre os grupos variavam muito. Estavam sendo produzidas singularizações e mutações existenciais de todo tipo, a cada novo acontecimento. É importante afirmar que o movimento estudantil, no que ele tinha de mais consequente, acreditava poder derrubar a ditadura. Mas ainda que a entrega tenha sido total, eles não a derrubariam. E essa constatação até hoje é devastadora, em vários aspectos. Muitos dos que estavam presentes, naquelas salas de aulas e naquelas esquinas, seriam mortos. Seriam forçados ao exílio. Seriam forçados ao desaparecimento. Nunca mais seriam encontrados.

---

<sup>125</sup> Ventura retoma as expressões em seu livro (1988).

## 9. A consagração do lixo

As Companhias Republicanas de Segurança avançam aos berros para se dar coragem, escondidas atrás de enormes escudos de metal, enquanto os estudantes contra-atacam, protegidos pelo que encontraram nos camarins do teatro Odéon: armaduras e cascos dos bastidores de peças teatrais, e a defesa improvisada contra os gases, que consistia em um lenço empapado com suco de limão e bicarbonato untado sobre as pálpebras. Um jovem estudante canta enquanto prepara um coquetel molotov. Um enfermeiro que espontaneamente se apresenta para curar os feridos no Bairro Latino diz, após os acontecimentos: “Embora estivesse vestido com meu uniforme, fui detido pelas CRS e conduzido ao hospital. Insisti que minha função era apenas a de aliviar os feridos. Riram de mim, chamando-me de bicha, e logo começaram a me bater com o cassetete na barriga, na cabeça e nos testículos. Os rapazes de barba ou cabelo comprido foram especialmente brutalizados, com golpes de matraca, por uma passagem entre duas fileiras. As moças eram despidas pelos policiais entre gritos ofensivos e depois apalpada, humilhadas, obrigadas a ficar de quatro...”<sup>126</sup>.

Os estudantes tomavam as ruas com paralelepípedos e com palavras. O *pavê*, o humilde paralelepípedo das ruas de Paris, foi a primeira ‘arma’ dos estudantes; arma, como disse Sartre, não da violência, mas da *contraviolência* de centenas de milhares de estudantes, que não fizeram outra coisa senão defender-se. Todos

---

<sup>126</sup> Citado por Fuentes, 2008, pp.25-26.

sabiam que uma manifestação sem a polícia era manifestação pacífica. “Sim, camarada”, dizia um estudante, “Os paralelepípedos se tornaram nosso meio. Saímos às ruas porque não temos outra maneira de nos fazer escutar”. Era possível ver o seguinte escrito nos muros: “Debaixo dos paralelepípedos, estão as praias”. Os muros naquele mês falavam sonhos, lemas, cóleras, desejos, programas, brincadeiras, desafios, e também as bandeiras negras, como a nova vigência de pensamento de Bakunin e Rosa Luxemburgo, que podiam assustar não apenas os reacionários tradicionais, mas também os dogmáticos do socialismo. Para os jovens revolucionários da França, tratava-se de tirar um marxismo das sombras para respirar o ar livre das ruas: eles pensavam em Ernesto Guevara; na rejeição dos lucros como motivo da produção; em uma consciência que provinha do sentimento de serem eles mesmos as guerrilhas contra “a morte climatizada que querem nos vender com o nome de futuro”<sup>127</sup>. Esta era a primeira coisa que precisava se entender com relação a maio de 68, segundo os estudantes: aquela era uma insurreição não contra um governo determinado, mas contra *um futuro* determinado pela prática da sociedade industrial. O que se via era a juventude de uma nação desenvolvida que dizia que a abundância não bastava, pois se tratava de uma abundância mentirosa, que pretendia compensar com a variedade de bens de consumo a uniformidade e a escassez dos conteúdos da vida. “O que vivemos é a consagração do lixo, uma ditadura sem terror e sem entusiasmo, onde a alternância entre insatisfação e saciedade sela a beata fraternidade entre os possuidores”<sup>128</sup>.

Entre os paralelepípedos, as brincadeiras amorosas e os ‘estilingues’<sup>129</sup>, havia uma consciência infeliz nisso tudo: os extermínios em massa, as guerras mundiais, as bombas atômicas. Os jovens de 68, além disso, também compreendiam que as vidas dentro de suas casas e naquela cultura eram a maneira mais sublimada de genocídio que já estava se produzindo no próprio espírito, rodeado pelos brilhantes objetos perecíveis e bonecos da Disneylândia, em um sistema que transformava a perda financeira em uma chuva de bombas de fósforo sobre uma população indefesa de uma pequena nação rural.

---

<sup>127</sup> Frase de Julio Cortázar, escritor argentino, vista nos muros de Paris.

<sup>128</sup> Extraído com edições de Fuentes (2003)

<sup>129</sup> Estou me apropriando da expressão de um amigo que uma vez dissera, um tanto descrente com o cenário em 2018: “É, parece que o nosso estilingue está ficando pequeno perto da bomba atômica...”.

Não é por acaso que a guerra do Vietnã tenha sido o grande catalisador dessa revolução da juventude ocidental. Foi nesse pesadelo da guerra que todos viram cotidianamente nas telas de televisão a imagem extrema da sociedade em que viviam. Nos jovens do mundo desenvolvido nascia a consciência de uma guerra armada contra um povo sem armas, e de que esta era apenas a expressão mais repugnante de uma exploração contínua, de todos os países fontes de mão-de-obra e matérias-primas baratas, que há séculos eram mantidos como objetos de intervenção política e de deformações culturais perpétuas. Um estudante a essa altura perguntava: “Em que se distingue do fascismo uma sociedade que é incapaz de distribuir sua enorme riqueza acumulada, entre os países famintos da Ásia, África e América Latina? ”, ele continuava, “Cada capitalista europeu e norte-americano não pratica um extermínio em massa comparável ao dos nazistas? ”.

Entre a declaração da Guerra Fria<sup>130</sup> e a ruidosa explosão da sociedade de consumo, com especial resolução, os jovens estudantes e operários franceses acenderam o pavio do sentimento de alienação dentro do sistema. Eles sabiam, no fundo, que enquanto este sistema pauperizasse a existência e buscase desviar suas forças criativas, aproveitando-as sempre de uma nova maneira e segundo os próprios interesses, eles precisariam lutar contra um imensurável ‘desperdício’ de suas potências, quando estavam, também, na esteira da formação daquele sistema educacional.

Nas manifestações daquele mês de maio, ao passar pelos restaurantes, os estudantes dão socos nas janelas envidraçadas, como que para acordar os que estavam lá dentro. Naquele dia, o grosso dos manifestantes se retira para os Jardins de Luxemburgo, quando poucos restavam na rue des Écoles, em volta da Sorbonne. A maior parte das forças policiais estava na retaguarda dos confrontos, perto de Boulevard St. Germain. Um jornalista, a essa altura, na place Denfert-Rochereau, transmite o que se passa entre uma multidão de jovens que se ali reunira e agora erguia barricadas, como as que haviam sido montadas no Quartier Latin. Todos

---

<sup>130</sup> Guerra Fria é a designação atribuída ao período histórico de disputas estratégicas e conflitos indiretos entre os Estados Unidos e a União Soviética, compreendendo o período entre o final da Segunda Guerra Mundial (1945) e a extinção da União Soviética (1991), constituindo-se um conflito de ordem política, militar, tecnológica, econômica, social e subjetiva entre as duas nações e suas zonas de influência.

ouvem pela rádio as transmissões que continuariam por aquela noite. Os estudantes agora mais organizados, atrás de trincheiras, revidavam com paralelepípedos, balizas de sinalização, lixeiras em chamas, tudo o que caísse em suas mãos. Seus gritos, misturados às advertências policiais, o estrondo dos paralelepípedos batendo nos escudos, as explosões e as primeiras sirenes de ambulância que chegavam, podiam ser ouvidos pela população mais distante, graças àquele jornalista, que comentava o que via enquanto permanecia correndo de um lado para o outro, transmitindo as cenas ao vivo.

Naquela sexta-feira que logo se tornaria mais conhecida como a ‘noite das barricadas’, Deleuze pegaria o trem de volta para casa às onze horas da noite. Depois de um jantar na casa de amigos, para onde o cineasta Jean-Luc Godard também havia sido convidado, ele retornaria para suas aulas em Lyon. Estavam todos reunidos, Godard e ele já tinham se visto algumas vezes, possuíam amizades em comum. Contudo, mantinham uma relação estranha, parecendo se observar como dois gatos desconfiados, embora se admirassem, e falassem bem um do outro. Segundo o cineasta, Deleuze despertava reservas dos demais, sendo criticado pelo seu lado ‘dândi’: pela singularidade de usar unhas compridas, e nunca deixar de lembrar, a quem se surpreendesse com isso, que fazia com elas uma homenagem a um poeta<sup>131</sup>. Naquela noite, todos estavam juntos aplaudindo a abertura, em Paris, das negociações de paz entre americanos e vietnamitas, bem como os acontecimentos do dia. Segundo as instruções recebidas, todos os secundaristas deviam partir de seus respectivos liceus e convergir para a place Denfert-Rochereau, ponto de reunião da manifestação. Alguns desses estudantes tinham dez, doze anos, estavam sozinhos e eram autônomos, como Jean-Luc Godard acabara de receber a informação de seu cunhado, Pierre, um universitário que descrevia as cenas vividas como se fossem um filme de Fritz Lang. Deleuze e os amigos sintonizam na rádio Europe Número 1, no momento em que Daniel Cohn-Bendit fazia um apelo: “Já que a polícia ocupa a Sorbonne, vamos ocupar o Quartier Latin! ”. Aquilo significava que milhares de pessoas afluíam de todos os lados.

O jantar era engolido às pressas. Deleuze e os demais saíram mais cedo que o previsto, quando uma atmosfera festiva tomava conta de Paris. Estudantes e

---

<sup>131</sup> O poeta é Púchkin, segundo os relatos que aqui adaptamos de Anne Wiazembsky em seu livro *Um ano depois* (2018).

secundaristas estavam indo em peso às ruas, assim como uma gama imensa de simpatizantes, e muitos curiosos. Alguns vinham em família. Todos perambulavam pelos boulevares, impedindo a circulação de carros. Os terraços dos cafés estavam lotados. Os vendedores de sorvetes começavam a aparecer. Jean Luc Godard havia levado sua companheira, e ambos seguiam o fluxo sereno e alegre de pessoas diversas, invadidos pelo júbilo que pairava no ar. Às vezes era possível encontrar amigos pelo caminho. Os jornalistas passavam com suas motos. Era possível notar, a partir de um certo momento, que o clima estava mudando.

Os jovens eram numerosos e pareciam muito determinados. Por volta de meia-noite, estudantes começavam a tirar o pavimento das ruas Soufflot e Gay-Lussac, e a erguer barricadas aqui e ali numa velocidade vertiginosa. Eles eram muitos e tinham o rosto oculto, tapados por lenços. Na place Edmond-Rostand, outros jovens também tiravam os pavimentos das ruas. Os paralelepípedos passavam de mão em mão, num ritmo constante, em meio a um silêncio que todos obedeciam, sem nenhuma contestação. Não era possível ver que as forças policiais já estavam agrupadas atrás das grades do Jardim Luxemburgo, caladas, observando, não se sabendo há quanto tempo. Somente os capacetes e escudos brilhando à noite indicavam sua presença.

Em alguns rostos era visível a tensão. Aquela era a espera do inevitável. Quando as portas do Jardim Luxemburgo abriram-se de repente, liberando centenas de policiais com seus cassetetes para cima, os que estavam mais perto das grades foram os primeiros a cair sob os golpes. Os estudantes deixaram a corrente na mesma hora, para se unirem aos colegas atrás da primeira barricada. Muitos outros já corriam, fugindo dos ataques, gritando por socorro, pedindo desesperadamente aos moradores do bairro que os abrigassem. Na rue de Tourton, um grande número de policiais batia em corpos já no chão e os arrastava à força para os furgões. Em vários apartamentos, luzes se acendiam, enquanto pessoas das janelas insultavam os policiais. Ouvia-se a sirene das ambulâncias que tentavam passar entre as explosões e o barulho. Atravessando a Boulevard Saint-Michel, via-se um grande número de policiais recuando na altura da rue des Écoles, sob os múltiplos assaltos dos manifestantes, agora armados de coquetéis molotov. Uma leve brisa trazia a fumaça das bombas de gás lacrimogêneo. Tudo já parecia devastado. Deleuze já havia desaparecido. Vários cafés e lojas tinham vitrines quebradas, árvores não eram mais

que um tronco enegrecido. Essas sucediam as carcaças de carros queimados. “Digam se enlouqueci, ou se estou tendo alucinações”, dizia um passante. Pela primeira vez se ouvia a expressão “guerrilha urbana”. O jornalista da Europe Número 1 abria o noticiário das oito horas com as seguintes palavras: “Neste sábado, 11 de maio, a França inteira acorda em estado de choque, e presta solidariedade aos estudantes”<sup>132</sup>.

## 10. O encontro

Eu não possuía, absolutamente, lugar algum. Tudo isso me dava mobilidade. Eu trabalhava unicamente no plano dos conceitos, era ali onde eu me movimentava. Quando eu e Félix fomos apresentados, ficou claro que era preciso encontrar um meio de acalmá-lo. Ele tinha a impressão de que eu estava adiantado em relação a ele. Disse que tinha vontade de escrever e não escrevia nunca, embora fosse inesgotável nos temas. Lembro que Félix me falou do que, na época, ele chamava de ‘máquinas desejantes’, toda uma concepção teórica e prática do inconsciente-máquina, e que muito me interessava. Nesse momento, tive a impressão de que era ele quem estava adiantado em relação a mim. Perguntando o que eu achava, disse imediatamente que a coisa andaria ainda melhor se nos esforçássemos para achar os conceitos adequados.

Acho que nada predestinava nossos mundos a se encontrarem, mas foi assim que aconteceu. Em 1968, evoluímos em duas galáxias diferentes. De um lado, eu já era um filósofo reconhecido, havia publicado boa parte de minha obra, e de outro, ele era um militante, um administrador de uma clínica psiquiátrica, e autor de poucos artigos. Como nossas galáxias acabaram se encontrando? De minha parte, estava passando por uma virada, um momento crítico no corpo e no espírito, quando

---

<sup>132</sup> As descrições dessa noite realizadas por Anne Wiazemsky (2018) encontram-se também inclusas nesse texto.

amputavam um dos meus pulmões. Naqueles momentos, enquanto Félix avançava na noção das máquinas, eu atravessava um período de convalescença, tendo sido atacado por uma tuberculose, e submetido um ano antes a uma cirurgia complicada. Precisei repousar por um ano, e foi nesse estado de debilidade que conheci aquele rapaz incansável, cuja impressão que me causara de imediato fora uma espécie de estado vibratório incrível. É claro que não sabíamos o que estava para acontecer. Sempre um de nós dois falava demais, e assim, frequentemente, pessoas se alvorçoavam em torno de nossas reuniões, esses momentos em que nós criávamos intensamente. Íamos tomando notas, eu criticava as produções de Félix, ele me perguntava sobre uma e outra coisa. Nós líamos muito, às vezes achávamos coisas. Outras vezes, encontrávamos simplesmente o que nos parecia admirável e tínhamos vontade de explorar. E, é claro, escrevíamos. Eu demorava a respondê-lo, nunca estava em condições. Eu só conseguia fazer isso muito mais tarde, quando ele já acumulava muitas angústias.

Félix tinha muita energia para trabalhar. Mas vinha revelando um bloqueio, uma incapacidade de dedicar tempo necessário à escrita, em razão das muitas atividades em La Borde e na sua militância na esquerda. Dizia que só conseguia escrever fora da efervescência, quando afastado um pouco da frente de batalha. Eu tentava convencê-lo do contrário. Dizia que a sua hora havia chegado. Eu dizia que ele precisava mergulhar em um trabalho com o qual não estava acostumado, e assim esperava que se debruçasse em sua mesa de trabalho desde a hora em que acordasse, pondo no papel todas as suas ideias. Eu o submeti a uma ascese indispensável para superar seus problemas de escrita, e de seu contato com a solidão, proposta a qual ele aderiu plenamente.

Lembro que, no momento da publicação de *O anti-Édipo*, em março de 1972, ele atravessa um período difícil, percebendo o excesso de atividades e o esforço titânico que precisou realizar. Ele é tomado por um sentimento de vazio. Ele tem vontade de se recolher, de voltar a ser bem pequeno, de acabar com toda essa política de presença e de prestígio. Ele dizia que os conceitos que inventamos eram selvagens, e que precisávamos voltar a trabalhar juntos. Quase disse a ele, na ocasião, que nós sempre queremos obter do outro o que nunca o outro pode dar. Eu o empurrava para lugares onde ele não gostava de ir. Ele, por sua vez, tinha vontade de me levar para cima dos telhados onde estive em maio de 68 com seus médicos e

estagiários. Ele suportava a visão dos loucos, enquanto eu não sabia se podia. Mas acima de tudo, nós nos respeitávamos profundamente, ele, a minha solidão, e eu as suas coletividades. Ele precisava escrever, enviar os seus textos para que eu os arrumasse, e nessa realização comum, ele sempre me deixava absolutamente pálido com o que fazia, pois nós não vínhamos dos mesmos lugares.

Nossos textos eram esse momento, então, em que eu navegava entre nossas galáxias. Ele continha em si a multidão. Eu era um peixe fora d'água. Essa colaboração com Félix, que não é o resultado de um simples encontro entre indivíduos, é uma verdadeira luta em busca de alianças, no pequeno universo em cada um de nós. Essa colaboração foi o resultado de um momento, do concurso das circunstâncias, todo um contexto político anterior que nos conduziu a isso. Trata-se do acúmulo de nossas incertezas, e mesmo de uma certa confusão, diante do rumo que tomaram os acontecimentos depois do maio de 68. Esse livro é feito de questões pendentes, com relação ao que se passou ali. Decidimos, então, escrevê-las.

Escrever a dois teve uma função precisa, que fomos percebendo progressivamente. Se Félix me proporcionou uma espécie de campo novo, apesar dos temas que já me interessavam, e com isso ele me fez descobrir coisas, foi ele quem me procurou em um primeiro momento. Contudo, a partir desse encontro, fui eu quem sugeri a continuidade. Tudo indicava que estávamos avançando juntos na construção de uma ampla noção de que o capitalismo era ainda mais 'corruptivo' na captura dos desejos, como os jovens de 68 tanto nos alertaram. Então, eles estavam nas trincheiras, e eu convalescia. Posso dizer que os sentidos desse encontro com Félix enriqueceram a minha vida exatamente ali, em meio ao esvaziamento daquele momento, trazendo novamente aquelas forças novas para o meu cotidiano. Aqueles jovens se rebelavam contra uma clausura, um sentido de vida burguês, e uma captura dos seus corpos e pensamentos contra a qual, de todo modo, eu já tentava lutar há muito tempo, desde a infância talvez, em mim mesmo. Félix reanimou muitas coisas. Gostava de coisas absolutamente muito simples, aparentemente sem importância num encontro entre duas pessoas, daquilo que elas me faziam sentir. Eu gostava de quando ele elaborava uma ideia falando, pois Félix passava pelo gaguejo, pela elipse, pelos sons desarticulados. Chegava a um ponto que era como se não fôssemos nós quem soubéssemos de alguma coisa, mas como se houvesse 'um certo estado de nós' junto às coisas. Nós tínhamos que nos colocar nesse estado. Como se, passando por

um instante, não se soubesse mais quem estava citando quem. Precisávamos da existência de um fundo comum e implícito, inexplicável, que nos fizesse rir ou se preocupar, trocar gargalhadas, lágrimas. Éramos às vezes como duas crianças, dois jovens estudantes ou um coletivo de bichos estranhos, pensando em como fugir das mais diversas situações.

Somos muito diferentes um do outro. Mas nos divertíamos muito. Félix é mais aventureiro, de inserção em territórios estrangeiros. Eu possuo armas pesadas, filosóficas, mas sempre tive horror às discussões. Oponho a isso uma prática de conversar. Nessa prática tão cara a mim, o que importa é a transformação do “ou” em “e”, na qual surge o agenciamento. Este é muito importante, pois é atribuído à possibilidade de criação, à multiplicidade, e até mesmo à fronteira, pois é nela que as coisas se passam, que os devires se fazem, que as revoluções se esboçam. Desse modo, não reivindicamos a participação de um ou outro em tal parte do livro, pois seria menosprezar esse conceito essencial, de agenciamento. Todo nosso dispositivo de escrita consiste em nos ‘desarrumar’. Não colaboramos como duas pessoas. Há entre nós uma verdadeira política dissensual, uma cultura de heterogeneidade, que fez com que cada um reconhecesse e sustentasse o desafio. Se fazemos alguma coisa juntos, é porque isso funciona, é porque somos levados por algo que está além de nós mesmos, algo que não nos transforma em farrapos.

A mesma coisa devemos reconhecer nesse livro, *O anti-Édipo*. Devemos perguntar se ele funciona, como, onde, e por quais dos seus infinitos fluxos somos levados a outras coisas. Félix, por exemplo, aparece nele sempre como um mar em movimento. Ele realizava explosões de luz o tempo todo, era a verdadeira inquietação, podia saltar de uma atividade a outra, viajar, dormir pouco. Ele não se interrompe. Tem velocidades extraordinárias. Eu seria mais como uma colina, mexo-me muito pouco, sendo incapaz de tocar duas atividades, quando minhas ideias são fixas, e os raros movimentos que tenho são interiores. Isso é muito interessante. Quando se olha Félix mais de perto, você percebe que ele é muito sozinho também, que entre duas atividades, ou no meio de muita gente, ele pode mergulhar em uma grande solidão, e que aí suas ideias viajam como desenhos, ou mesmo diagramas. Aqueles garranchos que eram suas letras, como espécies de garatujas, constituíam pequenos desenhos vibrantes, devendo pássaros. Ele é capaz de realizar suas viagens

imóveis e solitárias, no meio de um auditório em que assistia a uma conferência. Estava sempre atento, hiperativo, não podia deter em si o que era proliferante. Criou-se a qualidade do que escrevíamos, portanto, que decorria dessa espécie de abertura: ele se abria à minha solidão, enquanto eu encontrava a dele, e nos tornávamos povoados. Meu corpo não era atravessado apenas pelos seus bandos de loucos, e seu corpo não era atravessado apenas pelos meus ratos encurralados. Ele me trouxe um sopro de oxigênio em um universo rarefeito. Meus pulmões já estavam sendo, literalmente, amputados. Ele me trouxe ar, afinal, num lugar em que sempre respirei muito mal. Sempre tive um corpo mutilado. Havia um júbilo ao encontrar Félix. Quando nos víamos, as pessoas comentavam como ficávamos contentes ao nos encontrarmos. Nós nos sentíamos orgulhosos um do outro, um se sentia ouvido pelo outro. Acima de tudo, sabíamos como as relações humanas são frágeis. Sem maio de 68, nosso encontro não poderia ter ocorrido, mas porque a fragilidade de tudo estava ali, e nós precisávamos cuidar disso. Já havíamos destacado os paralelepípedos e os lançado certamente muito longe, mas ainda era preciso encontrar as praias...<sup>133</sup>

---

<sup>133</sup> Texto montado a partir de fragmentos da Entrevista sobre o Anti-édipo (1972) a Catherine Backès-Clément, presente em *Conversações* (2010), do Prólogo de François Dosse em *Deleuze & Guattari: Biografias cruzadas* (2010) e do capítulo “Fogo no Psicanalismo” (Dosse, 2010), aqui editados, reelaborados e digeridos com modificações, numa tentativa de experimentar a montagem de um depoimento em primeira pessoa que poderíamos imaginar sendo realizado por Deleuze sobre a experiência de encontrar e escrever com Guattari.



“Debaixo dos paralelepípedos, estão as praias”

Palavras escritas em um muro. Maio de 68.

## 11. O importante é que os problemas continuam

Um jornalista, na época, escrevia que se aquela havia sido a primavera das utopias, o verão de 68 seria então o da ordem, o verão da direita. Estava se abrindo a estação do retorno à normalidade. Paris ainda estava parada, com os trens em greve, não havendo também abastecimento de gasolina. No dia 24 de maio, na Sorbonne, Daniel Cohn-Bendit voltava de sua viagem à Alemanha, financiada em troca de uma publicação estampando sua foto na capa de uma revista. O estudante, filho de refugiados alemães do nazismo, era agora impedido pelo governo francês de retornar, já que o Ministro do Interior lhe fechava as portas. Naquele dia, de óculos escuros e cabelos tingidos de preto, “Dani, o vermelho” havia entrado clandestinamente no país. Estava, novamente, na universidade. “Declaramos que todos os militantes expulsos da França sejam trazidos de volta por nós quando quisermos”, ele dizia em uma comitiva, organizada especialmente para o seu retorno. Naquela altura, quando ainda víamos nesse seu arrojo toda a potência da geração que supostamente ele representava, ainda era impressionante pensar que 68 estava apenas começando. Para alguns, parecia que o futuro seria brilhante. Mas o movimento já estava perdendo sua força. Na ocasião, uma próspera editora da Alemanha Ocidental, que já estava de olho no mercado, havia encomendado a Cohn-Bendit um livro sobre o movimento estudantil, oferecendo 150 mil francos como pagamento<sup>134</sup>. “Em algumas semanas, eu e meu irmão aprontamos o livro”, muito em breve o estudante pegaria o cheque. Quando o livro é lançado, tinham se passado apenas três meses desde maio de 68. Agora já chegávamos em agosto, em um verão na Tchecoslováquia. Os tanques soviéticos iniciavam a ocupação de Praga. No

---

<sup>134</sup> Relatos presentes no filme *No intenso agora*, de João Moreira Salles (2018).

Brasil, em junho, estudantes são brutalizados e humilhados na saída de uma assembleia na UFRJ<sup>135</sup>. Em meados daquele mês, o governo já estava seriamente preocupado com a possibilidade de se repetir no Brasil o maio francês. Embora o movimento na Europa já estivesse em descenso, as autoridades brasileiras continuavam achando que havia ‘um plano comunista’ de exportação das ‘agitações universitárias’. “Enquanto eu estiver aqui, não permitirei que o Rio se transforme em uma nova Paris”, anunciava o presidente Costa e Silva. Por ocasião da greve de Osasco, naquele ano, o ministro do Trabalho advertia, “O Tietê não é o Sena”. Alguns estudantes faziam chacota com as declarações dos governantes, como aquele que na época dissera “Os generais podem ficar tranquilos que não se repetirá aqui o que houve na França. Será muito pior”<sup>136</sup>.

Após outra assembleia estudantil, realizada no final do mês de agosto em frente à Reitoria da UFRJ na Praia Vermelha, em protesto contra a invasão da Universidade de Brasília, trezentos universitários entraram em choque com agentes do DOPS que reagiram com disparos de revólveres. A ocupação militar da Universidade de Brasília causara um forte trauma na população da capital federal, quando protegidos por 200 soldados da PM, 100 agentes do DOPS invadiram o *campus* universitário para prender um estudante, presidente da Federação dos Estudantes Universitários de Brasília, e mais quatro colegas que estavam com prisão preventiva decretada. Foi uma grande operação de guerra utilizando metralhadoras, mosquetões, pistolas, cassetetes, e vários tipos de bombas. Ao ser arrastado pela polícia, o procurado estudante pediu socorro, dizendo que estavam quebrando o seu braço. O major não se comoveu: “Hoje é o nosso dia! ”, gritava, quando então os colegas do estudante reagiram com paus e pedras, dando início aos acontecimentos sangrentos daquele dia<sup>137</sup>. Eram cerca de 500 estudantes resistindo ao cerco e à invasão dos soldados. No final, um aluno estava caído, ferido com um tiro na testa, sob o risco de perder um olho.

Aqueles tempos de exaltação foram também um laboratório para os órgãos de informação. Havia, entre os militantes de esquerda, um constante cuidado para que se pudesse perceber um agente infiltrado em cada assembleia, passeata ou

---

<sup>135</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>136</sup> Ocasões citadas por Zuenir Ventura (1988), aqui reproduzidas.

<sup>137</sup> Os acontecimentos na UNB são relatados por Zuenir Ventura (1988, p. 194).

manifestação. E de fato, eles estavam lá: fazendo a segurança de vários líderes estudantis, como na Passeata dos Cem Mil. Na época, entretanto, mais do que os agentes brasileiros, foram os agentes da CIA que recolheram dados para a maior análise da complexa política da época. No já citado relatório especial, intitulado “*Os inquietos estudantes brasileiros*”, publicado em agosto de 68, a agência americana colocava: “Estabeleceu-se um ciclo de provocações dos estudantes e de repressão da polícia que deverá persistir pelo menos até que o governo faça algum movimento para implementar necessárias reformas educacionais. Os estudantes vêm repetindo reivindicações pela reforma do sistema educacional arcaico - mas não se fazem ouvir”. A CIA também previa para o movimento estudantil, se não lhe fosse permitido desempenhar o papel “de um grupo de pressão aceitável dentro da sociedade brasileira”, que seria quase certo que eles achariam “justificado oporem-se ao governo pelos meios que lhe parecerem abertos”<sup>138</sup>. De uma maneira geral, a atividade estudantil era considerada subversiva, e o estudante descontente era visto como um problema político a ser enfrentado com a mobilização de todas as forças de segurança disponíveis.

“É preciso defender”, como declarou em Pompidou, “vossa segurança e vossa propriedade”, proclamava De Gaulle, que apelava ao medo de uma burguesia e de uma classe média muito fortes e muito conservadoras na França. O Partido Comunista e sua central operária, a CGT, fecharam as portas aos estudantes, que permaneceram nas ruas indefesos, expostos aos poderes. O general, habilmente ajudado por seu Ministro da Educação, pretendia oferecer cursos e faculdades sobre o terceiro mundo, a negritude e o teatro do absurdo, para conter o movimento estudantil, enquanto assegurava que os grupos dirigentes continuassem a governar e os acordos sobre os trabalhadores fossem negociados. Entre as últimas eleições e aquela que se aproximava, meio milhão de jovens alcançaram idade para o exercício do voto, mas o ministério do Interior decidiu que, dada a urgência com que se convocaram as eleições, não havia tempo de regularizar a situação. Um jovem dizia: “Que importa? Eu já votei nas barricadas. Minha célula foi um paralelepípedo”, enquanto outro o completava, “O importante é que os problemas continuam”.

---

<sup>138</sup> Ibidem, pp.183-190.

Em um encontro com Sartre, juntam-se um grupo de artistas, escritores e editores hispano-americanos, e cinco ou seis mil estudantes, que comparecem à cidade universitária. Estão apoiando a universidade de verão, renunciando a suas férias para prosseguir com a agenda de organização e debates iniciada naquele semestre. O filósofo tira o paletó, e passa várias vezes a mão na cabeça. Como sempre, a impressão de fragilidade física é vencida aos poucos pela energia e velocidade do discurso. Faz um calor infernal. Não há uma só cadeira desocupada, a multidão de estudantes transborda o auditório. Um estudante interroga o filósofo sobre o sentido da contestação de maio e da ‘universidade crítica’ que foi seu centro. Sartre responde com uma pergunta. “O que é cultura, senão alguma coisa que, ao oferecer-se, questiona-se? A universidade está feita para isso. A única maneira de aprender é questionando. É a única maneira, também, de nos constituirmos”. Um estudante contesta. “No regime capitalista, não se pode falar de ‘Universidade Crítica’, só de crítica da universidade” Outro estudante, temendo que o movimento de maio tenha conseguido apenas um objetivo, o de fortalecer o Estado burguês, endurece-lo e impeli-lo para o fascismo, pontua seu anseio ao filósofo, que responde: “Quem hoje agita a ‘ameaça fascista’ só o faz para desmobilizar as pessoas. Falar na França de ‘ameaça fascista’ é um expediente para que as pessoas aceitem o regime atual”, diz Sartre. Um aluno pega o microfone. Pergunta ao ‘camarada’ se a classe estudantil francesa, originada na burguesia, poderia desempenhar um papel importante nesse processo. “Obrigado pelo ‘camarada’”, Sartre recomeça<sup>139</sup>. O clima ainda parecia com aquele de maio, cujos períodos mais dramáticos da ocupação sem dúvida se deram nas chamadas ‘assembleias gerais’, as sessões plenárias realizadas todas as noites no grande anfiteatro da Sorbonne. Este era o local onde se construíam todas as decisões. Enquanto isso, no Brasil, as assembleias também estavam tomadas de estudantes. As repercussões daquelas noites entre março e junho, no Rio de Janeiro, marcando o aniversário do golpe, trariam ainda muitas reviravoltas.

---

<sup>139</sup> Falas extraídas dos relatos de Fuentes (2003).

## 12. Coração de estudante

Os estudantes inscritos nas escolas e faculdades brasileiras passaram mais tempo nas ruas do que nas salas de aula. Somando o tempo gasto nas assembleias com as horas dispendidas nas passeatas, tinha-se o deleite da direita, em alguns discursos como “Por que esses vagabundos não se preocupam com os estudos?”. As pessoas que viveram intensamente aquele tempo têm a impressão de não terem feito outra coisa: mais do que fazer amor, mais do que ler, fazia-se política; todos politizavam os temas, quaisquer que fossem eles, do sexo às orações, passando pela própria moda, que durante pelo menos uma estação naquele ano foi ‘militar’, com roupas que mimetizavam a cor e o corte das fardas e das túnicas dos guerrilheiros.

Apesar das conflitualidades que se desenhavam no movimento das esquerdas, desde 66 os estudantes voltaram com mais frequência às ruas, para exigir mais verbas e o fim dos acordos do MEC com o USAID<sup>140</sup>, de modo que, já no ano de 68, tornam-se habituais os choques com a polícia, quando a população das grandes cidades passa a se deparar quase diariamente com aquela espécie de guerra campal, em que os estudantes opunham pedras aos cassetetes, balas de fuzis e bombas de gás. A correria dos jovens na contramão dos carros - uma inovação estratégica daquele ano - o cheiro recorrente de gás lacrimogêneo, e o coro de ‘abaixo a ditadura’, já pareciam incorporados à paisagem urbana. Os jovens corriam pelas avenidas, onde se escutavam os cascos das patas dos cavalos em galope, seguidos dos sons das bolas de gude rolando coloridas pelo asfalto. No talvez primeiro

---

<sup>140</sup> Os Acordos MEC-USAID foram negociados secretamente e só se tornaram públicos em novembro de 1966, após intensa pressão política e popular. Na ocasião eram estabelecidos entre o Ministério da Educação (MEC) do Brasil e a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) acordos para reformar o ensino brasileiro de acordo com padrões impostos pelos EUA.

romance a tratar desses tempos, chamado *A festa*, criava-se uma nova personagem: a mãe preocupada. “Quem sabe o que deu nesses meninos (...) Cada vez que ele sai de casa é uma aflição que me dá”<sup>141</sup>, ela dizia. Mas, aos poucos, toda a cidade se sentiria um pouco como essa mãe, ao olhar do alto dos edifícios o que aconteceria àqueles jovens correndo dos cavalos.



Se pelo menos desde 1966 os estudantes estavam acostumados a apanhar - ou a correr - agora eles estariam às portas de ‘celebrar’ à sua maneira o aniversário do golpe, quando por pouco não faltou quem quisesse antecipar o calendário do dia 13 de dezembro<sup>142</sup>, que quase poderia ter caído em abril. Como os historiadores ainda insistem em lembrar, já se podia encontrar naquela semana o que alguns setores duros do governo procuravam como pretexto para um golpe dentro do golpe, a ser realizado muito em breve, com o próximo ato institucional<sup>143</sup>. Naquele final de março, as pessoas chegavam sem parar, com flores e rosários, acompanhadas de

---

<sup>141</sup> Esse texto é baseado nos relatos de Zuenir Ventura (1988), que em alguns momentos reproduzimos com alterações. Ele cita esse romance de Ivan Ângelo, chamado *A festa*, publicado pela Summus, de 1978.

<sup>142</sup> Data de implementação do Ato Institucional n.5 pelo presidente Costa e Silva.

<sup>143</sup> Referimo-nos ao Ato Institucional nº 5, conhecido como o AI5.

crianças de escolas primárias, freiras, mães, pais, alunos de colégios e professores levando turmas. As crianças chegavam ao lado de mães, velhos e donas-de-casa que se exprimiam politicamente pela primeira vez, indo para aquela grande manifestação, que era na realidade um enterro. Eram de fato outros tempos aqueles em que a revolta contra uma violência policial colocava milhares de pessoas nas ruas de um Rio de Janeiro, que já foi uma cidade capaz de parar numa sexta-feira à tarde para enterrar um estudante morto pela polícia. Foi o que ocorreu naquele ano de 68. A morte de um jovem desconhecido conseguiu levar o país a uma crise, e o povo, à indignação, quando uma parte da população acompanhara o corpo de um jovem estudante assassinado, em um cortejo até o cemitério São João Batista.

Édson Luis foi um dos 300 estudantes que, no fim da tarde do dia 28 de março, jantavam no precário restaurante Calabouço, um lugar que o governo construíra depois que, dois anos antes, demolira um outro - desconfia-se que a demolição, apesar de jamais confessada, coincida com os preparativos para uma reunião do FMI. O terreno agora abrigava esse lugar, onde os estudantes podiam comer suas refeições a preços populares. Aquela seria uma semana que ficaria para sempre na memória da cidade. Os estudantes protestavam, como faziam quase todos os dias, e naquela tarde eles se preparavam para uma passeata-relâmpago. Estavam reunidos quando o primeiro sinal aconteceu. Ziraldo, o artista, via tudo de onde estava, quando ainda trabalhava no *Jornal do Brasil*: de repente, ouviram-se tiros seguidos. A tropa da PM, preparada para a abordagem, chegava às 18h nos arredores do restaurante, quando já estavam brandindo cassetetes. Os estudantes fugiram, depois se reagruparam. Eles avançavam sobre os policiais com paus e pedras. Os soldados deixaram a região deserta, propícia ao que estava para acontecer. Quando os estudantes voltaram, começava um tiroteio. Os tiros vinham da galeria de um edifício. Os estudantes fugiram das proximidades, mas, nesse momento, um policial, em posição característica de tiro, saía da galeria. Alguém estava caindo<sup>144</sup>.

---

<sup>144</sup> Todos os relatos desse episódio encontram-se na obra *1968, o ano que não terminou: a aventura de uma geração* de Zuenir Ventura (1988).

O tiro saiu de um aspirante da PM para atingir mortalmente o coração de um estudante. Esse rapaz, vindo da região norte do Brasil, era um daqueles jovens que vinham do interior para estudar no Rio, sobrevivendo na cidade graças à alimentação barata do Calabouço, obrigado a recorrer a pequenos trabalhos, inclusive na limpeza do restaurante. Pode-se dizer que tudo começou ali - se é que se pode determinar algum começo - foi o primeiro incidente que sensibilizou a opinião pública para a luta estudantil, quando ninguém ainda desconfiava que o episódio do Calabouço desencadearia tanta repercussão.

Durante a noite e a madrugada, estudantes, intelectuais e artistas passaram a lotar o saguão da Assembleia, exibindo a camisa ensanguentada do estudante morto. Todos velavam um menino deitado e ferido, coberto por uma bandeira. A Santa Casa da Misericórdia era vizinha do Calabouço: logo depois de baleado, Édson Luis havia sido levado pelos colegas para evitar que a polícia sequestrasse seu corpo. Assim que confirmada a morte, os estudantes ergueram o cadáver nos braços. Eles iam empurrando os policiais até a Assembleia, quando impedidos de entrar. Lá dentro, quando já ocupado o espaço, os estudantes protestaram, não abrindo mão: o corpo dali não sairia. Eram cenas indescritíveis. Os estudantes não queriam que o jovem baleado corresse nenhum outro risco nas mãos das forças de repressão do Estado.

As conversas das negociações que levaram horas envolveram também as autoridades estaduais e federais, e duraram um tempo até hoje considerado imensurável. As narrativas são capazes de ainda nos prender o fôlego, mesmo quando lidas tanto tempo depois, mostrando cada minuto da luta dos estudantes para proteger o corpo de seu colega. Eles não saíram de perto do menino, já sem pulso, sem nenhuma vida. Em nenhum momento se separaram. Somente depois chegaram ao acordo de que o corpo continuaria no mesmo local. A notícia foi recebida pelos estudantes com palmas e correria; e de repente, todos muito emocionados, e ainda revoltados, queriam subir juntos ao 4º andar para acompanhar a autópsia do serviço médico da Assembleia. Nesse momento, o Rio de Janeiro não sabia, mas em breve assistiria a uma manifestação política inesquecível.

De madrugada, a hoje Câmara dos vereadores já era um local de peregrinação. Com as chamadas do rádio e da TV, e com a comunicação boca a boca dos estudantes, a cidade logo ficou sabendo do assassinato do secundarista. Os teatros suspendiam seus espetáculos, convocando os espectadores para o velório: a

Cinelândia foi enchendo. A impressão que se tinha era de que toda a cidade estava comparecendo, e que a Assembleia nunca esteve tão lotada. Muitos permaneceram à noite e de madrugada, desde quando o corpo baleado chegou no saguão da Assembleia, até a hora da saída do enterro. Na manhã seguinte, os cinemas da Cinelândia trocavam os filmes que estavam em cartaz. Populares faziam uma interminável fila diante do caixão, enquanto estudantes discursavam ininterruptamente. Discursou-se a noite toda, o que caracterizou o evento como um dos mais longos comícios daquele período, quando no meio de tantas cenas impressionantes, a Cinelândia já estava inteiramente ocupada. As faixas, cartazes e slogans eram exibidos ou gritados, “Bala mata a fome? ”, eles diziam. “Os velhos no poder, os jovens no caixão”. Um padre encomendou o corpo: “Depois desse acontecimento” - ele dizia - “não há mais possibilidade de diálogo entre jovens e adultos”<sup>145</sup>.

O caixão descia as escadarias da Assembleia carregado pelos estudantes e alguns deputados. Durante mais de duas horas, o cortejo percorreu os seis quilômetros que levavam do centro da cidade ao cemitério São João Batista, em Botafogo. Lenços brancos eram acenados, flores eram jogadas dos edifícios. A cidade inteira se comovia pela vida de um menino. O céu escurecia, estava anoitecendo; logo as luzes iam se acender. Mas não acenderam. Os veículos parados ao longo das pistas, aqui e acolá, começaram a acender seus faróis - como escreve a autora Ana Maria Machado, irmã do então líder estudantil Franklin Martins, lembrando a cena presente em um de seus romances - “alguém arranjou um jornal, torceu-o e improvisou uma tocha, e estas se multiplicaram. Nas janelas dos edifícios, em diferentes alturas, os moradores começaram a acender velas, ou desciam para oferecer lanternas”<sup>146</sup>. Édson Luis foi sepultado sob as luzes de uma cidade ao som do Hino Nacional, cantado pela multidão. E aquele acontecimento das luzes, da noite, das lágrimas, foi o suficiente para criar o clima indispensável às futuras medidas de exceção do governo.

---

<sup>145</sup> *Apud* Ventura, 1988.

<sup>146</sup> Ana Maria Machado é citada por Ventura (1988, pp. 102-103).

### 13. Gritos, cantos, imanência: uma máquina de infância

Escuto seus gritos. Sua filosofia sonora. Em Deleuze, os conceitos são como cantos. É toda uma música que permite a filosofia recomeçar. Os conceitos são como cantos e a imagem de seu pensamento, a terra de sua imanência, o seu princípio, seria um grito. Haveria todo tipo de gritos em Deleuze: gritos de escritores, pintores, estudantes, minorias; gritos mostrando que até mesmo os filósofos soltam gritos. Haveria um grito atravessando toda a sua obra; um grito imenso, deformado, soprado como num quadro de Bacon. Haveria também outros gritos, mais isolados, “Os gritos filosóficos são como os gritos dos peixes... se você não ouve o grito dos peixes, não sabe o que é a vida”<sup>147</sup>. Virgínia Woolf, por exemplo, não se deixa viver como um peixe, ele diria, mas como um cardume de peixes. São os sons desses gritos. Um clamor atravessa toda a sua filosofia. São gritos por toda parte<sup>148</sup>.

Uma vida está em toda parte, em todos os momentos que tal ou qual sujeito vivo atravessa: produz-se vida, uma vida imanente que transporta os acontecimentos ou singularidades. Uma vida indefinida que pode passar sem qualquer individualidade ou sem qualquer outro concomitante que a individualize. Assim sentem as crianças bem pequenas: elas não têm nenhuma individualidade; mas elas têm singularidades, um sorriso, um gesto, uma careta, acontecimentos que não são características subjetivas. As crianças, em meio a todos os sofrimentos e fraquezas, são atravessadas por uma vida imanente que é pura potência, e até mesmo beatitude;

---

<sup>147</sup> Curso de Deleuze em 30 de outubro de 1984 (citação disponível em Lapoujade, 2015, p.28).

<sup>148</sup> A noção de que os conceitos desenvolvem-se como cantos em torno dos gritos encontra-se citada por Lapoujade (2015) e também no Prefácio à edição italiana presente em *Mil Platôs vol.1* (2011).

quando uma ferida se encarna, ou se atualiza em um estado de coisas e em um vivido, ela própria é uma virtualidade sobre a imanência que nos transporta<sup>149</sup>.

Os gritos em Deleuze fazem-se nessa imanência entre fluxos e deformações, a beatitude e a ferida, a vida singular por toda parte. Como leitor de Nietzsche, afirmava que as descrições terríveis sobre a violência e a tortura empregadas na humanidade, na formação do ‘bicho homem’, deveriam ser trazidas para entendermos como serviram para domesticar-lhe e dar-lhe a sua forma. Deleuze teria traçado uma vertente de fuga com a ajuda de Nietzsche: ele nos havia lançado a pergunta sobre como resistir a essa ‘forma-homem’; uma questão que propõe a idéia intrigante de que resistir significaria extrair desse homem as forças de uma vida mais afirmativa, em uma assertiva que incita a desfazer a forma, a formatação que pesa sobre os homens<sup>150</sup>. Por vários períodos da história um problema permanece: como liberar essas forças aprisionadas? Desfazer-se da forma-homem pode acontecer com menos violência do que a que foi necessária para estabelecê-la? Acredita-se que Deleuze insista em avançar nessa questão. Sabemos que o processo que esculpiu essa forma, o mar de sangue que moldou essa forma-homem, também contém embutida muita violência<sup>151</sup>.

Isso atravessa as infâncias do mundo. Há muitos séculos o modo que agrega o indivíduo ao corpo da sociedade, o qual devolve ao indivíduo o troco em forma de recompensas ou castigos, remonta à própria natureza do Estado. O Estado nada mais é que um modo de codificar seus membros pela relação entre a obediência e a transgressão, estabelecendo-se como um grande estimulador e reproduzidor das paixões tristes, como diria Espinosa<sup>152</sup>. Seus valores passam a bloquear e separar o indivíduo, desde o início de sua vida, de sua capacidade imanente de pensar e agir, desqualificando e destituindo-o de suas potências que criam seus próprios modos de efetuação. A domesticação do bicho-homem remonta há muito mais tempo que

---

<sup>149</sup> Utilizamos a noção de imanência trabalhada em um trecho de “Imanência... uma vida”, último texto escrito por Deleuze antes de sua morte (no Brasil, publicado na revista *Educação e realidade*, 2002).

<sup>150</sup> Ver Henz (2009).

<sup>151</sup> São perguntas elaboradas por Alexandre Henz (2009), a partir das quais insistimos que sejam percebidas como a permanência de um problema. Um processo dos corpos e do pensamento que esculpe essa forma-homem também é trabalhado pelo autor.

<sup>152</sup> Extraímos essa noção de Estado de Luiz Fuganti em “Ética como potência e moral como servidão”, no qual cita Espinosa.

possamos imaginar, edificando-se em formas cada vez mais complexas. Essa domesticação aparece quando, acreditando-se incapazes, indivíduos passam a clamar por uma ordem heterônoma, sendo delegados a um Estado quase todos os seus processos, a partir dos quais impedirá às individualidades e coletividades que germinem mundos que tememos assumir, pelos efeitos desconhecidos e revoluções intensas que podem provocar.

As populações humanas já desejaram delegações extremas de obediência. Elas apoiaram modelos de Estado como os que fizeram parte do regime nazista, ou da ditadura militar. Esses jovens que viveram uma resistência à ditadura são testemunhas - como todos nós, em alguma medida, somos testemunhas disso que aparece como uma forma moral - de um Estado que se encarrega de interromper bruscamente os movimentos da vida, seus processos fecundos, organizando as intensidades que se deslocam da 'forma-homem' enquanto se proliferam em singularidades.

Escutar os gritos de vida requer contornar a produção de um desprezo pelas 'infâncias' em nós, como esses potentes estados em nossos corpos que reverberam uma vida em sua capacidade plástica de sentir, perceber e se reinventar sem clamar por um Estado que as possa gerir. Essas infâncias como esses 'estados de invenção' sofrem na pele por tentarem escapar e criar um mundo novo. Seus variados gritos emitidos nas fugas, tanto no mundo como em nós, surgem entre intensidades, arrepios, forças que insistem e outras que golpeiam. São sons que não permitimos que eclodam: os gritos na história, de tempos em tempos, são envolvidos também por cantos desconhecidos, pelas resistências e pelas criações, de modo que houve sempre uma musicalidade nessas tentativas humanas, desde as mais ínfimas, cada vez em que buscam incansavelmente libertarem-se das formas que a aprisionam.

Os jovens gritam pela criação de novos mundos. Mas sabe-se que o fato de haver jovens, certamente, não garante a possibilidade de uma configuração nova e inventiva, quando em muitas situações, a juventude também pode compor com a mais conservadora das culturas. Para uma grande parcela dos que ingressam na rede de ensino hoje, por exemplo, o que parece estar em questão é que cheguem na universidade demasiadamente formados: paradoxalmente, eles são muito jovens e

muito fechados em certezas<sup>153</sup>. A questão nunca foi apenas a juventude e as escolas, mas em alguma medida, sempre se tratou do desafio de *deformar*, de abrir espaço na *fôrma* do pensamento e da cultura, tornar porosa a blindagem a que todos os corpos – não só os jovens – estão submetidos. Há séculos forjamos também modos de pensamento humanos cuja violência mais permanente tem sido buscar assegurar que formas e modelos nos deem a garantia de existirmos, assegurando uma formatação da realidade, que nos atravessa como modos pelos quais nos apartamos de um mundo intenso, oceânico em possibilidades. O que pode uma infância em meio a tantas buscas de garantia? Como poderia nos possibilitar novas vias de acesso a uma vida menos delegada e determinada? Poderia uma máquina de infância nos ajudar a tornar porosa a blindagem do corpo? Poderia a infância nos abrir às forças capazes de deformar o pensamento?

Se desde Platão uma infância plástica como permeabilidade às experimentações, ao espanto e ao desmanche das essências; como abertura ao desconhecido, movimento de vida que extravasa; passa a ser domesticada pela suposição das formas estáveis, algo dessa sua máquina emerge novamente, como uma crítica progressiva à cultura que se produz nesta linhagem. Uma filosofia em Deleuze seria toda atravessada por um devir-criança que escaparia ao que se efetua desde então, entre nós, como uma formatação de pensamento. Deleuze convocaria uma máquina de infância na sua filosofia para poder atravessar também essa herança na cultura ocidental, vez ou outra combatida pelos próprios jovens em suas insurreições. Uma infância é a potência capaz de converter afectos em ações; é aquilo que, desde muito cedo, procura ser objeto dos Estados, das famílias, das igrejas. Sendo o ‘estado de invenção’ por excelência, ela resiste e hesita em sujeitar-se às formas que são impostas ao mundo, desafiando-as de diversas maneiras com seus corpos, a imaginação, e as formas de sentir, já que seu principal acesso às coisas dá-se pelo sensível, pela imanência da vida que está por toda parte.

Na filosofia platônica, com a doutrina dos dois mundos, sabe-se que o mundo sensível é mutante e zigzagueante, características que nos impedem de constituir um fundamento estável e definitivo sobre as coisas. Disto decorre a evasão platônica

---

<sup>153</sup> Depoimentos extraídos de Alexandre Henz (2009), reproduzido aqui com algumas alterações.

deste mundo considerado inferior, e sua conseqüente dedicação à construção de um fundamento no mundo inteligível: no mundo considerado ‘superior’, em que aparecem os objetos, as essências fixas e os modelos imutáveis, tudo o que ali é edificado permanece estável, solucionando o problema do fundamento, enquanto se estabelece um modo menos valorizado, que pertenceria ao mundo sensível - o mundo dos corpos, das percepções, da sensibilidade - e um modo superior é evocado num espaço privilegiado, lugar de tudo aquilo que pertence ao mundo inteligível, o mundo dos modelos. Platão fazia referência a uma infância ao falar desse mundo sensível e inferior<sup>154</sup>. A forma homem vai sendo moldada conformando o pensamento à busca das certezas que edificariam o mundo e a vida. A questão é que os modelos e essências que se pretendem fixar submetem o que está no mundo sensível.

Deleuze problematiza o fato de a cultura ocidental e a filosofia racional inscreverem-se em um modelo de pensamento que demonstra uma busca por formas que supostamente nos dariam alguma segurança. Fica-se demarcado, através das mais variadas situações vividas por todos nós, que o conflito entre esse mundo das formas estáveis e um mundo sensível - não se reduzindo a um conflito dual, mas realizado na imanência, entre singularidades - nos impõe o estranhamento, impulsiona a devir, a criar, a engendrar processos de singularização que se constituem como movimentos vitais. Desses conflitos ecoam gritos de vida, cantos alegres ou por vezes desesperadores, como as nossas batalhas presentes na própria existência: são as batalhas pela criação; essa tratada abundantemente por Deleuze, avizinhandose novamente de Nietzsche, aquele que, ao proclamar *Amor Fati*, queria dizer *Sim!* à vida.

Lograr a afirmação da vida seria permitir passagem aos acontecimentos que criam novas situações, para que se efetuem aberturas a territórios existenciais em processo ou por vir, que implicam negociar com as formas vigentes na superfície do mundo. O Estado que existe em/entre nós ameaça a profusão dos processos, o tempo e o modo das criações, dos devires que cantam uma infância que não é a minha, e que não é uma recordação, mas um fragmento anônimo infinito, um devir sempre

---

<sup>154</sup> Podemos inferir a partir de trabalhos como o de Walter Kohan em “Infância e educação em Platão” (2003), que nos ajuda a pensar a relação entre infância e platonismo.

contemporâneo<sup>155</sup>. O que vemos nas situações em que se instauram mecanismos compulsórios de conservação do *status quo*, que não necessariamente significam a conservação da vida ou sua afirmação em potência, é na maior parte das vezes seu sufoco, a pressão contra o impulso criador da vida - são os Choques se Ordem nas acampadas, a polícia que ocupa a Sorbonne, uma criança que é impedida de interagir com uma obra de arte - às vezes efetuando formas de controle e violência para garantir que sua ordem seja imposta. Uma certa política reativa surge em vários momentos da história, quando aparecem aqueles dizendo *Sim!* à vida, à sua capacidade de criar caminhos, fazendo cardumes nos oceanos extensos e desconhecidos, nadando contra a correnteza. Os controles e os poderes, talvez, não suportem essa coragem.

O corpo no qual se vive, no mundo em que se vive, com todas as metástases que constituem a Terra, com todos as línguas que não param de falar, todos os átomos que não param de bombardear: aqui os desvios se cavam, é onde se coloca o problema da existência, “A luta do saber e da vida é o bombardeio dos corpos pelos átomos”, dizia Deleuze<sup>156</sup>. Um processo que diz respeito fundamentalmente ao pensamento, aos corpos, às políticas de produção de novos modos de sentir, viver e agir, que proliferam como potências entre os poderes. Uma plasticidade que se faz em um combate entre as forças, evocando uma máquina de guerra da infância: uma infância não se trata de um estado inferior quando somente ela pode atualizar as virtualidades que uma experiência anuncia, como portadora de potências e novos sentidos éticos.

Uma máquina de (guerra da) infância poderia combater a fixação das essências que nos sufocam, e o Estado em nós que reduz a multiplicidade da vida a uma uniformidade apática, conformada. Contrariamente àquilo que nos pretende fixar nas formas e na moral que universaliza, uma máquina da infância, ou o modo de vida ético que uma máquina de infância instiga, ajudaria no descolamento de uma obediência cega a um conjunto de regras e valores prescritos pelo poder alheio, interiorizando formas e incorporando atitudes vindas de fora. É a partir de outro lugar que não o da dominação e da sujeição, de um topos ocupado pela potência de afirmar as diferenças constituintes dos seres e da vida em processo de diferenciação,

---

<sup>155</sup> Deleuze em *Crítica e Clínica* (2008).

<sup>156</sup> Em *Crítica e Clínica*, Deleuze afirma: “O estudante está doente do mundo (...)” (p.28).

que o modo de vida ético se instala. Ocupa-se com potência, com afetos, com devires animais, essa mesma *Guernica* em que nos deformam e também deformamos a existência. Pois a vontade de afirmar uma vida não é apenas um complexo de sentir e pensar, mas, sobretudo um afeto. Nessa vontade, nas palavras de Nietzsche, iremos procurar a alegria. Nós procuraremos as minorias, as crianças, os povos capazes de agir despindo-se de dogmatismos e maniqueísmos, já que abertos a outras sensações. Como dizia David Bowie, “Eu sou um crocodilo! ”. Dessa concepção estética do mundo, podemos fazer de nós mesmos um elemento sempre diferencial e diferenciante, gerador de novos devires, uma existência que se recrie em meio àquilo que se efetua excessivamente como um modo humano, estável, sem variação.

Aqueles com força suficiente para resistir e conjurar as ingerências de poderes no campo de imanência de uma sociedade, querem-se livres por estarem ligados à sua própria potência de produzir e afirmar seus devires criadores. A infância como mundo sensível, esse outro desprezado e inferiorizado, é uma possibilidade e, ao mesmo tempo, a encruzilhada entre as formações e as deformações, os processos incessantes e as transcendências, como um nascedouro de estranhamentos capazes de engendrar um combate ao mesmo tempo individual e coletivo, em diferentes níveis entre as singularidades no campo social. Uma infância do mundo é feita de gritos e cantos, cardumes de singularidades ágeis e vibrantes. Uma vida que está em toda parte.



#### **14. “A cultura está se desintegrando. Portanto, crie!”**

Quando bem cedo, os pelotões da CRS que guardavam a entrada da Sorbonne foram discretamente retirados, os estudantes primeiro entraram, em pequenos grupos, depois em centenas, depois em milhares. Lá pelo meio dia, bandeiras vermelhas foram hasteadas em mastros oficiais e em outros improvisados nas janelas. Algumas tremulavam sobre as ruas, outras pelo pátio interno. Era o vento que passava. Todos os auditórios foram sendo ocupados. A Sorbonne foi repentinamente transformada, de um antiquado recinto onde o capitalismo francês selecionava e moldava seus tecnocratas, em um vulcão. Enquanto os estudantes eram rotulados por alguns de pequeno-burgueses, eles enchiam dia e noite os auditórios, que passaram a ser locais de apaixonados e contínuos debates sobre todos os temas que inquietassem o pensamento humano.

Então, as formas também parecem conviver com as forças: de um modo provisório, encarnando-se no movimento de algo que tenta se produzir. Um mural foi posto próximo da entrada da frente, divulgando os temas de discussão e o local onde seriam discutidos: eram temas como “Organização da luta”, “Direitos políticos e sindicais na universidade”, “Crise da universidade ou crise social? ”, “Dossiê da repressão policial”, “Auto-gestão”, “Métodos de ensino”, entre outros, que passaram a ser discutidos naqueles dias. Alguns dos auditórios eram reservados para os comitês de aliança estudantes-trabalhadores. Em outros locais haviam discussões sobre “repressão sexual” e “questão colonial” - assim eram chamadas. Qualquer grupo de pessoas que quisesse discutir o tema que fosse, teria apenas de entrar em um dos auditórios, ou em uma sala. Aqueles que nunca se atreveram a dizer nada, de repente, sentiam como se seus pensamentos fossem importantes para o mundo. As pessoas simplesmente começaram a aparecer e conversar umas com as outras.

Barracas com literatura brotavam ao longo de todo o perímetro interno, e enormes retratos apareciam no pátio: Che, Mao, Trotsky, Marx. Nas barracas, todo tipo de literatura florescia, e o jardim da Sorbonne tornou-se uma grande feira. Em todos os lugares, pessoas discutiam acaloradamente. Um encontro intenso e disruptivo ocorria. Os estudantes estavam também aprendendo em poucos dias o que outros haviam levado uma vida inteira para aprender. Muitos secundaristas foram observar o que estava acontecendo. Um garoto de quatorze anos explicava para um incrédulo homem de sessenta o porquê de os estudantes terem o direito de depor os professores. Enquanto isso, um grande piano aparece de uma hora para outra no grande jardim central, lá permanecendo por vários dias, permitindo que as pessoas cheguem e o toquem. Enquanto outros discutem o neocapitalismo nos auditórios, Chopin, compassos de jazz e composições atonais se espalhavam no ar.

A maioria dos muros externos da Sorbonne foram logo preenchidos de cartazes. Eles anunciavam as primeiras greves de ocupação, descreviam os índices salariais de setores inteiros de trabalhadores, assim como também avisavam as próximas manifestações, descreviam as passeatas de solidariedade em Pequim. Os cartazes também denunciavam as repressões policiais, expostas através de fotografias. Havia cartazes conclamando um novo *ethos*. “A cultura está se desintegrando. Portanto, crie! ”. Na rua, centenas de pedestres paravam para ler o que havia sido escrito naqueles muros. Alguns olhavam de boca aberta. Outros riam.

Uns concordavam, balançando a cabeça, enquanto alguns outros começavam a discutir a partir do que liam. Todos pareciam encorajados pelos inúmeros cartazes afirmando que aquele recinto sacrossanto da Sorbonne estava, enfim, aberto<sup>157</sup>.

## 15. Por favor, não se tornem farrapos

Havia psicanalistas na época defendendo a tese de que os contestadores em maio de 68 tinham ‘resolvido mal o seu Édipo’<sup>158</sup>. Segundo eles, os militantes teriam ‘regredido’ a uma fase anal em que passariam o tempo semeando merda nas ruas, e emporcalhando os muros. Esse fato levou a um entendimento que ‘infantilizava’ o movimento. Em 1972, esses mesmos psicanalistas não podiam deixar de voltar à carga em se tratando de Édipo, capitalismo e revolução. Aos seus olhos, a crítica presente em *O Anti-édipo* lhes dava razão e esclarecia suas posições, além de servirem para tornar evidente um divórcio entre um ‘esquerdismo’ e a psicanálise: isto é, para eles, Deleuze e Guattari negavam a realidade e qualquer autoridade presente nela, para viver em um mundo sem coerção, o mundo da revolução permanente<sup>159</sup>.

Oito anos após o lançamento do livro, Deleuze vê seu acontecimento editorial como um fracasso. Maio de 68 e seus sonhos se afastavam do horizonte. Ficava um gosto amargo naqueles que se deixaram transportar. Será essa amargura que ele expressa a Catherine Backès-Clement, quando assinala que aquele fora um período de efervescência, de busca, e que agora viviam uma reação muito forte. “É toda uma política que impõe o conformismo atual”, ele dizia. Deleuze apresenta questões do livro aos seus alunos em Paris-VIII-Vincennes. No *Anti-édipo*, quando ele e Guattari afirmavam, “Somos ainda competentes demais, gostaríamos de falar em nome de uma incompetência absoluta”, na verdade, o que Deleuze parecia defender era que

---

<sup>157</sup> Ver Fuentes (2008) e Coletivo Solidariedade (2003).

<sup>158</sup> Ver Dosse, 2010, p.179.

<sup>159</sup> Situações narradas por Dosse (2010), aqui reproduzidas.

continuava sendo preciso romper a ‘segmentaridade’ que cliva os indivíduos em universos fechados - como são os meios acadêmicos - ‘competentes’ em demasia. O eixo crítico de *O Anti-édipo*, portanto, no que diz respeito a psicanálise, é uma demonstração que, na obra, desloca-se da questão das clivagens, dos saberes fechados, quando diz que se delira o mundo, trazendo o problema das subjetividades como uma questão ética e política, que muito precisaria ainda respirar fora dos especialismos. Como diria o amigo Michel Foucault, o maior mérito da obra está nela oferecer uma introdução a uma vida não fascista, e nesse caso, a chamada ‘esquizofrenia’ define-se muito mais como uma tentativa de cartografia das linhas de fuga possíveis em relação às segmentações, um modo em relação a esses espaços estritamente circunscritos no mundo;

O que não quer dizer que a linha que foge não contenha seus perigos. A linha de fuga não é em si criativa e libertadora, como Deleuze mesmo diz; ela pode ser um desmoronamento, podendo se transformar em uma linha de abolição. Do mesmo modo, no plano histórico, as sociedades podem adotar perigosas linhas de fuga. “Se dou um conteúdo ao fascismo, é tipicamente uma linha de fuga que vira linha mortuária”<sup>160</sup>. Essa obra era uma oportunidade, portanto - como foi 68, com todos os seus impasses - de Deleuze reafirmar seu vitalismo fundamental. Para o autor, uma forma de se opor ao fascismo nas linhas desejantes é encontrada no desvio para uma concepção espinosista, em que passamos a nos procurar através dos afetos, e em que lidamos com um plano das suas composições, dos encontros e aquilo que são capazes de produzir, já que, como o mesmo afirma, “Não há desejo que não passe por um agenciamento. Desejar é construir um agenciamento”.

Esse é um conceito importante, que ativa toda uma outra abordagem dessa famigerada ‘esquizofrenia’. Se um agenciamento não pode ser considerado ‘bom’ nem ‘ruim’ em si mesmo, seria preciso avaliá-lo sempre a partir daquilo em que consiste sua composição, em seus processos. Sobre isso, é vital como Deleuze busca trabalhar a noção de linhas em seus *Diálogos com Claire Parnet*, em que se evoca também outros mal-entendidos que deram lugar a uma leitura de *O Anti-édipo* em termos de ‘culto a espontaneidade’. Na ocasião, vivendo uma preocupação permanente com seus alunos em Vincennes de fazer com que não fossem atraídos

---

<sup>160</sup> Ibidem, p.184.

por uma forma de delírio que os conduziria a um violento curso consigo mesmos, levando-os ao estado de farrapos, assim afirma, “Esse livro é uma prudência extrema: não se tornem farrapos. O terror era que se tornassem produtos de hospital”<sup>161</sup>. Foram os jovens de 68 que o levaram a pensar, talvez, nisso que chamam de uma nova filosofia política; uma prudência, uma barricada contra o fascismo, montada especialmente como um cuidado com as linhas que se engendram individualmente e coletivamente. Uma espécie de ‘nervura’ de 68 estava ali, na geografia dos afetos, linhas e desejos pelas ruas desse livro-máquina. Ela também se manifestava nos fascismos que podiam nascer em qualquer lugar, em qualquer gesto, podendo se encarnar em qualquer um. Os jovens reconheciam o que eram as suas fezes: reconheciam, ao menos, que qualquer um bem ajustado ao sistema não apenas passava a se alimentar dele, como também passaria a defecá-lo, dando uma boa merda de presente para as gerações seguintes, que herdariam toda a sua miséria. Isso já era o suficiente para fazê-los subir em muros, carros e postes, tentando respirar fora desse esgoto.

---

<sup>161</sup> Citado por Dosse (2010).

## **16. Com os olhos vermelhos**

Estar insone. Naquela época, significava tentar dormir ao som de megafones, bombas e hélices de helicópteros. 2013 já parecia tão distante de mim, aquelas coisas já pareciam ter mudado tanto. Durante aquelas madrugadas, imaginava meus amigos correndo no escuro, como os vi pela última vez. Isso me dava a força e a dor de escrever. Enquanto eu me recuperava, a escrita se tornava um apelo. Escrever passava a ser o ímpeto mais vital, meu combate pelo inacabado. Uma luta contra a devastação dos corpos. Escrever era uma convocação da vida, um perigo necessário para voltar a ela. Nela eu percorria as ruas, mais uma vez, com os olhos vermelhos. Daquele choque que despedaçara o tempo, com suas imagens de horror, a existência se fazia como o lugar onde uma batalha se desentranhava. Era preciso continuar: a escrita testemunha em favor da vida.

## 17. O que aconteceu com a gente?

Na esquina do café Dupont, em frente à Gare de Montparnasse, reuniu-se um grupo de umas trinta pessoas. Ao longo dessas quentes noites de junho, esquina após esquina, os ativistas dos comitês de ação nas ruas provocavam debates espontâneos. Uma moça participante começava lendo uma declaração do governo, ou o editorial de um jornal francês. O público não demora a juntar-se. Acaba-se de ler uma carta que uma centena de intelectuais comunistas dirige à hierarquia do partido, reprovando sua atitude. Ouve-se então alguém falar. Um ou outro ensaia dizer. “Todos na base estávamos dispostos a ir até o fim. Então veio o discurso de De Gaulle, e o que se apresentava era uma guerra civil. O governo se apoiou no exército. Havia tanques perto da Renault. No dia seguinte, voltou-se a distribuir gasolina. Todo mundo saiu de férias para celebrar o Pentecostes. A França é um país com uma classe média fortíssima. Essa classe média sempre temerá a violência, como os operários, que a muito custo foram conseguindo paulatinamente alguma condição de bem-estar...”, dizia um senhor rubincudo. Ele possuía uma serenidade inalterável. “Um momento”, protestou um estudante. “Que violência, meu senhor? ”, ele arriscava, “A verdadeira violência física e moral é exercida contra todos nós, por uma sociedade sem rosto que jamais nos consultou e nos impõe violentamente seus valores”, ele contestava. “*Vous êtes tous la pègre!* ”, gritam então ao estudante. Surge uma senhora descrita como ‘um pouco mal-encarada’, que se aproxima do grupo e diz: “Ficam promovendo agitações sem saber por quê! A única coisa que vão conseguir é uma ditadura como na Rússia! Deixem-me em paz. Não quero saber de nada disso, não gosto de política! Fui somente à manifestação de apoio ao general De Gaulle para defender nossa tranquilidade”, ela dizia já se despedindo, sem querer ouvir. “Sim, senhora”, responde o estudante, “e com a senhora estavam também todos os que suspiram pelo regime de Vichy e que durante a ocupação nazista

também defenderam sua tranquilidade colaborando e denunciando os resistentes”, ele dizia, provocando alguns risos irônicos. Um rapaz então, com uma vasta cabeleira até os ombros, se aproxima do grupo, começando a tocar um violão, quando improvisa uma espécie de poema. “Ei! Já se olharam no espelho? Por que essa tristeza? Ei! O que aconteceu com a felicidade? O que aconteceu com a gente?”<sup>162</sup>, ele cantava.

## 18. “A vida será incrível”

Na Bastilha estão saindo, um após o outro, caminhões carregados de trabalhadores portugueses e espanhóis, de volta a seus países. “Eu não vivi a guerra da Espanha, mas meus pais me contaram como foi. Não quero vivê-la na França”, dizia um dos jovens operários. “Que diferença há agora entre De Gaulle, Salazar ou Franco? Não faz diferença trabalhar em Paris, Burgos ou Porto”, outro responde. “Estamos fartos de viver discriminados e isolados”, alguém enuncia. Um outro trabalhador se aproxima: “Fizemos a greve na França. Vimos que a ação direta pode paralisar um país e fazer o governo balançar. Alguns de nós sentem vergonha, mas também exaltação. Por que, em vez de lutar na França, não lutamos na Espanha?”. Havia um senhor que, por último, começou a intervir. “Sou velho, catalão e fodido. Mas não podia acreditar no que via. A *Internacional* estava em todas as gargantas. É como se a batalha que perdemos em 39 não tivesse sido perdida”, o ônibus arrancava em meio aos gritos e gargalhadas desse velho operário da Catalunha<sup>163</sup>.

Os imigrantes, cientes das forças reacionárias que assolavam a França e o mundo, nos faziam lembrar das fábricas em greve, de onde os operários assistiam das janelas aos discursos dos estudantes. “Camaradas, assim como muitos estudantes

---

<sup>162</sup> Episódio narrado por Fuentes (2008) que reproduzimos com edições.

<sup>163</sup> As falas dos operários e o episódio são narrados por Fuentes (2008).

vieram aqui, e muitos ainda estão por vir, queremos dizer que as portas das universidades estão abertas aos trabalhadores. Elas devem estar, para que aceitemos os esforços que serão ainda mais fortes e mais amplos, onde a sociedade pode ser transformada pelos trabalhadores, e para eles”<sup>164</sup>, os estudantes e os operários na fábrica da Cietroen não discutem na mesma altura. Há um desencontro muito grande. Os primeiros dizem não querer se tornar os chefes da sociedade burguesa. “Não queremos nos tornar antiquados, babacas. Aqueles que protestam hoje aos 18 anos não querem ser chefes de firma aos 25, dizendo ‘foda-se os trabalhadores’”, afirmam do lado de fora. “Por isso esse caos nas universidades. Os estudantes lutam contra isso”, uma pessoa grita aos operários, que se encontram nas janelas. “Há apenas um objetivo: acabar com os patrões”, um homem é aplaudido. “Essa é a última palavra!”, uma mulher completa, “Não, essa é a primeira palavra...”, alguém interrompe, “Daqui em diante tudo isso começa. A vida será incrível”.

O fenômeno da greve geral, insuficientemente analisado e noticiado naquela época se comparado à quantidade de literatura sobre o Quartier Latin, já mostrava como não sabemos nada praticamente do que aconteceu naquelas fábricas que, afinal, produziram dez milhões de grevistas, a maioria dos quais sem contato com os estudantes e jornalistas. Não sabemos quais eram seus anseios, o que estavam descobrindo juntos naqueles dias de greve. O contexto daqueles episódios era de uma grande passagem. Os principais protagonistas de maio, certamente, não foram os trabalhadores da chamada classe operária, quando olhamos para essa literatura, mas a totalidade do que podemos chamar de ‘profissionais’, entre eles, estudantes, gente de rádio e da televisão, técnicos de escritórios de planejamento, pesquisadores dos setores público e privado, professores e etc.

O ‘revolucionário’ naquele momento era o jovem estudante ou intelectual. As periferias e segmentos mais pobres, como se dizia na época, ainda procuravam meios de se associar autonomamente, criando suas próprias pautas e lidando eles mesmos, sem a intervenção de seus dirigentes, com seus problemas, e não apenas de trabalhadores, como já faziam os estudantes. Houve uma fagulha, algo que trouxera uma abertura à singularização, atravessando os operários então em lágrimas, quando

---

<sup>164</sup> Falas extraídas do filme *No intenso agora*, de João Moreira Salles (2018).

saíam os resultados das negociações de seus sindicatos. Isso constitui um problema no mesmo período, nos Estados Unidos, onde também as reivindicações que converteram os negros americanos em revolucionários foram bastante elementares: eles exigiam respeito, dignidade, determinados direitos; todas essas exigências constituíam reivindicações por uma mutação na vida comum ao redor, mas também em sua existência singular, que a maioria dos brancos, afinal, pôde dar por certo seu cumprimento.

## **19. Uma guerra à vista na América Latina**

A onda de reação que estava por vir, o ‘conformismo geral’ próprio ao novo momento, como dissera Deleuze, crescerá nas próximas décadas, enquanto alguns se afogam no rio Sena. A geração de 68 na França sentiria nos próximos anos uma amargura. Enquanto isso, no Brasil da ditadura, entraríamos nos anos 70 vendo a sociedade se entregar a um desinteresse crescente pelas diferentes formas de participação e questionamento. Os jovens continuariam na linha de frente. Os militantes brasileiros ligados à luta armada, cuja adesão entre os estudantes crescia mais fortemente após o AI5, serão aniquilados, massacrados, assim como camponeses, índios e negros, enquanto os sindicatos de trabalhadores ficarão sob intervenção. O movimento da contracultura, gradativamente, vai sendo integrado pelas forças da mídia, do consumo, da moda e da publicidade. Sua força será absorvida pelo *status quo*. Estamos entrando, ao mesmo tempo, em um dos momentos mais sombrios da América Latina: em 1973, há os golpes militares no Chile e no Uruguai, e em 76 na Argentina. As ditaduras militares se impõem, e constituirão regimes nos quais se assistem a práticas de tortura institucionalizadas, prisões e desaparecimentos forçados, para garantir a entrada e consolidação de um capitalismo monopolista. Este se encontrava ameaçado pelas recentes políticas populistas, com certo espaço para as resistências populares e o diálogo com os movimentos sociais. Desde o acontecimento do golpe estas políticas serão

progressivamente derrubadas. O que se verá desde então serão operações de guerra, para que não se perca esse território no novo ordenamento mundial. Muitos jovens serão assassinados.

## 20. O delírio do mundo

Os jovens vão para a linha de combate. Eles ainda são os convocados para estar nelas, e enquanto uns se alistam, outros aprendem a atirar. Em um certo momento, o irmão de Deleuze engaja-se na Resistência. Na Segunda Guerra que assola a Europa, escancarando o rosto da morte, percorremos os olhos em suas valas amontoadas de judeus, homossexuais, crianças, mulheres e comunistas. Nesse período Deleuze descobre, ainda muito jovem, alguns dos horrores que ele incluiria na sua famosa expressão, ‘a vergonha de ser um homem’, inspirada em Primo Levi, que diz sobre os intoleráveis que atingem a vida, adoecendo o mundo<sup>165</sup>. Quando seu irmão morre em um vagão de trem a caminho das câmaras de gás, enquanto outros jovens da Resistência são capturados pela guerra, em sua família, o primogênito Georges se tornava um mártir. Esses eventos jamais sairiam do horizonte de seus pais, naquele ambiente já tão enclausurante para Deleuze. O delírio do mundo se fazia presente, entrava dentro da casa, levando consigo a história como uma máquina assassina. Uma máquina que atravessa tudo, trucidando, convocando os jovens para as suas guerras, roubando um pouco do ar que temos, de nossos irmãos e amigos. A história é a força motriz de seus corpos.

Deleuze falaria, mais tarde, sobre o devir como algo que escapa à história, como a invenção de um povo, uma possibilidade de vida. Ele produziria essa formulação sobre a função última da literatura, o principal papel da arte, e de qualquer ato de criação. É preciso inventar um povo que ainda não existe, ele dizia. Se o delírio do mundo é uma doença que circula entre nós, é preciso desobstruir sua

---

<sup>165</sup> *Crítica e Clínica* (2008).

atmosfera. Um delírio ocupa a história, intoxica a vida, deslocando seus continentes a cada vez que erige uma raça pretensamente pura e dominante, ameaçando sempre interromper os devires e germinações de mundos pelos povos. A medida de uma saúde estaria, portanto, para Deleuze, nessa busca dos povoamentos, na invocação dos oprimidos, esses que não param de agitar-se sob as dominações, resistindo a tudo que esmaga e aprisiona. É preciso pôr em evidência a criação de uma saúde.

Sua noção de devir é bastante persistente, e vai buscar nas experimentações, nos corpos, nos interstícios do tempo e da linguagem saídas para uma vida não fascista. Deleuze assim vislumbra o espaço mínimo em que inventamos os povos. O homem tende a liberar a vida dentro de si, como dizia Rimbaud. Nós nos damos conta cada vez mais disso, quando assistimos ao desenvolvimento daquilo que Deleuze denuncia sem cessar, as ‘sociedades de controle’: será preciso escapar aos regimes semióticos, subjetivos, acoplados às máquinas sociais e políticas que vão formando e deformando as sociedades em sua multiplicidade, nas quais procuramos fugas para um respiro. Quando os povos estão impedidos em sua força de criação, não podendo mais inventar a si mesmos, essa violência surge como força que insiste em nos envergonhar, constranger. Contudo, Deleuze convidaria a mudar a imagem que temos do pensamento: ele pensa que o processo da criação é ‘desenhado’ dentro do delírio da organização do mundo.

Pensar a criação dentro desse delírio, ele diz, no qual é preciso abrir espaços mínimos, interstícios em que se force passagem pela qual tornamo-nos nômades, permitindo os deslocamentos da vida. Precisamos deslocar a vida de seus campos de concentração. A forma como se resiste aos poderes precisa sempre ser inventada, não está dada, nem pode ser definitiva. Se o delírio do mundo atravessa a terra, é preciso engendrar o devir como sopro, movimentos rumo a outros movimentos, cavando espaços, como bichos, escapando daquilo que nos mata. É uma fuga incessante, e não há guerra que a encerre. É oportuno sinalizar que Deleuze sempre pensou o devir animal como um movimento de resistência. Se o delírio permanece, se guerras entre os homens virão, elas continuarão nos desafiando a enfrentar a vergonha, a vergonha desse ‘delírio’ de sermos humanos, da forma como somos.

## 21. As capturas

Ernesto Guevara ficaria surpreso e profundamente irritado se soubesse que sua fotografia é agora capa do *Evergreen Review*, que sua personalidade é tema de um artigo na revista *Vogue*, e que seu nome é recentemente a excusa ostensiva de certo exibicionismo homossexual em um teatro em Nova York. Mas podemos deixar a *Vogue* de lado quando sua finalidade é dizer o que está na moda para vestir, conhecer e conversar; e quando seu interesse por Guevara não tem mais implicações políticas que as do editor de *Quem é Quem*<sup>166</sup>. Será preciso, já nesse ano de 1969, abrir os olhos para as capturas em processo: nessa faceta com Che, já se tem uma pequena demonstração de como a força daquele movimento de 68 seria drenada cada vez mais pelo mercado - o desejo, os afetos, o erotismo - colocando-nos diante de desafios ainda hoje persistentes.

Com essa fotografia de Che, fica-se demarcado: será extremamente desafiador liberar a vida de seus novos impasses, quando sabemos que, a cada dia, mudarão o relevo dessa triste paisagem neoliberal, que consistirá em um funcionamento perverso, um regime que consegue se apropriar até mesmo dos movimentos de contestação que buscam se livrar da sua cafetinagem. O novo regime do capital começa a se apresentar em sua consistência não só como aquele que acolhe o princípio de produção de subjetividade e cultura dos movimentos dos anos 60/70 - a sua vulcânica força de criação, a sua abertura a outros possíveis - difundindo sua revolução nos costumes; mas se apresentará como aquele que será cada vez mais vivido como o salvador, que vem liberar a energia de criação do seu próprio jugo, permitindo reativar-se e voltar a se manifestar.

---

<sup>166</sup> Ver Robsbawm, 2003, p.216.

A política de criação de territórios que passará a vigorar, a partir desse momento, será aquela que nos guiará à empreitada da subjetividade pós-fordista, da identificação com as imagens veiculadas pela publicidade e cultura de massa, imagens inevitavelmente portadoras de mensagens de que existem ‘paraísos’ a serem explorados em nossas imaginações, levando-nos a acreditar que eles estão exatamente neste mundo, e não em outro, mas exatamente nesse regime e em suas oportunidades, em sua circulação de fluxos, em seu consumo, em seus horizontes sem limites. Basta, para isso, investirmos nossa energia vital para atualizar em nossas existências os seus signos, através de um processo colonizador, do qual parecerá cada vez mais impedido o êxodo dos corpos, das imaginações e dos afetos, que um dia foram tão reivindicados. O regime não tardará em mostrar a sua face mais temida, essa a qual já alertavam os estudantes em 68, mesmo sem prever a magnitude que esses processos tomariam.

O imaginário é a câmara de produção dessa realidade por vir<sup>167</sup>. Todo imaginário está destinado a criar mundos. Por isso, cuidar do imaginário - como nos convidavam tantos muros naquela Paris incendiária - não sendo um gesto separado da política, será o foco de uma ação contemporânea, em todos os sentidos, ao mesmo tempo em que se assistirá, paulatinamente, a uma militarização crescente do psiquismo planetário - quando virarmos o século XXI, especialmente, em uma fase do capitalismo global que engendrará suas novas guerras psíquicas, a partir do convencimento de que precisamos sentir um medo constante: desde os medos de perder o emprego, a estabilidade ou o status; até a própria vida.

Em outras palavras, desde este momento, perguntaremos como uma forma de entender esses novos desafios, em primeiro lugar, como evitar que os afetos de revolta sejam sequestrados por aquilo que a mídia e o mercado gostam de criar, que são os ícones e os ídolos de toda espécie? Como evitar que toda a guerra, que se verá em seguida ao longo das próximas décadas, torne obsoleta a luta - assim como a flecha, os abraços, os estilingues? Como permitir, nos futuros contextos, que certos acontecimentos não deixem de reinaugurar processos subjetivos, liberando-nos por alguns instantes, ou muitos, dos impasses em que achávamos estar presos, como na beira de uma ratoeira que sempre nos pega distraídos? Quais estratégias individuais

---

<sup>167</sup> Pelbart, 2011.

e coletivas, indo além das figuras clássicas de recusa, poderão nos ajudar a contrapor a lógica imanente do poder atual, para que sejam criados outros traçados de conflitualidade, bem como outras redes, que redefinem aquilo que também chamamos de resistência? Como poderemos recuperar essa economia afetiva, a subjetividade como força viva, como potência política, como matéria prima da cooperação, quando o ocidente não deixará de investir cada vez mais, com todas as suas máquinas inesgotáveis, a ideia com a qual nos convence de que não existe mais uma comunidade? <sup>168</sup> Enfim; se para a modernidade, a resistência foi entendida como uma acumulação de forças contra a exploração, que por sua vez se subjetiva por meio da ‘tomada de consciência’; quais serão os atalhos a se tomar para que se sintam os efeitos nos desejos, nas sociabilidades, nas vitalidades perdidas; e como isso reverberará, nesse novo momento, em outros devires?

---

<sup>168</sup> Para aprofundar essas questões, sugere-se a leitura de Pelbart (2011), e Rolnik (2018), de onde extraímos problematizações para esse fragmento, fazendo ressoar perguntas elaboradas pelos autores, reestruturadas aqui com algumas adaptações e contribuições.

## 22. Os filhos da democracia

Deleuze,

Quem me trouxe a você, primeiro, foi ele; essa aventura única da tese foi também um rumo que tomamos a partir das suas linhas militantes, e ela tem a ver com esse pequeno encontro, anterior ao seu. Foi importante entender, numa leitura inicial de Félix, ainda na faculdade, que a cultura capitalística permeia todos os nossos meios de expressão. Quando vocês apareceram juntos, eu então tinha uma pequena noção do contexto. O encontro dos dois me emocionou muito, pois naquele momento, na França, vocês consideravam importante inventar um novo modo de produção que quebrasse os esquemas de poder, quando os meios de comunicação e os ministros da ‘Cultura’ falavam o tempo todo de cultura, querendo sempre nos convencer de que estavam tratando daquilo que individualmente consumimos. Com isso, esquecemos que criações de toda espécie fogem entre nós, estando por todos os lugares.

O que poderíamos chamar de cultura? Algo que fugiria de esferas fechadas sobre si mesmas, transbordando por processos de singularização, práticas e procedimentos de reapropriação do mundo, como aquilo que nos é cotidianamente roubado? Vocês foram apresentando algumas vias de acesso, para que compreendêssemos o funcionamento desse roubo. Vocês foram possibilitando essa reapropriação, enquanto ajudavam um ao outro a recuperar o mundo para si mesmos. Vocês produziram uma relação nessa colaboração dos dois. Como vocês chamavam: uma ‘cultura da heterogeneidade’. Era delicioso indagar como foi possível essa construção comum, essa parceria entre sensibilidades tão diferentes, entre estilos tão contrastantes, como se os dois juntos fizessem imediatamente, pelos efeitos da

colaboração, com que questionássemos as nossas relações mais próximas e mais distantes, com as quais produzimos uma vida. No contexto de um Brasil já muito distante do ano de 68, éramos nós os estudantes. Vocês vieram ao nosso encontro, chegando em um país onde eram antes os filhos de uma elite que então os liam, antes de todos os outros. Um sinal evidente do que chamavam de ‘novos tempos democráticos’<sup>169</sup>, de abertura de portas após os anos sombrios de censura e perseguição, da ‘democracia nova’ da qual minha juventude, feita de uma classe média recém-saída das escolas, foi herdeira<sup>170</sup>. Esses tempos de abertura neoliberal, sem nenhum aprendizado sobre o que havia acontecido antes, mostravam-se na medida em que seus livros foram sendo transformados em nossas antenas, ou como diziam alguns, em nossas ‘bíblias’: nessa forma voluptuosa e, possivelmente, alienada, com a qual abraçávamos a chegada das ideias estrangeiras, as verdadeiramente revolucionárias, colocando à vista não apenas um pavor diante de nós mesmos, de nossa história não assimilada, mas também, e principalmente, uma incapacidade de apropriação das forças do desejo como aquilo que nos era roubado cotidianamente - e há tanto tempo.

No Brasil dos filhos da constituição, portanto, ainda estávamos muito apartados da possibilidade de intervir na realidade. Se avançássemos na crítica social, éramos diminuídos por alguns professores, e nossos pais ainda podiam fazer algumas piadas, constrangendo-nos, sugerindo que éramos ‘comunistas inexperientes’, e que era para ‘tomarmos cuidado’, não nos envolvermos com política. Todos nós, filhos de uma pequena classe média, além disso, tínhamos que fazer curso de inglês, o que nos tomava, junto da escola, sempre muito tempo. Mas quando chegamos à vida universitária, nós queríamos lê-los, consumi-los, vocês dois, os filósofos franceses.

O capital como fluxo estava em nossa forma de abraçar essas noções novas e estrangeiras que chegavam. Ele se apresentava em toda ideia que pudesse libertar nossa força de criação, como uma espécie de salvação muito bem escamoteada, quando ficávamos embevecidos por sermos tão contemporâneos, citando autores como Deleuze e Guattari, contudo sem enxergarmos as armadilhas de uma lógica de

---

<sup>169</sup> Certamente, é possível uma crítica sobre aquilo que ainda insistimos chamar de ‘democracia’.

<sup>170</sup> Nascemos junto com a constituição cidadã, quando o Brasil entrava em um novo período, que chamamos de democrático.

consumo desses ‘estrangeiros’ que, ao cabo, nos desconectava da nossa própria experiência.

Diante dessa situação, agravada quando estudantes muito jovens precisam desesperadamente encontrar um meio, uma ferramenta de participação para o desejo em uma coletividade, restava-me a impressão fulgurante e intensa, enquanto muitos apelavam para as fórmulas. Naqueles tempos, emocionava-me sobretudo a maneira como ambos puderam se entender, como abandonavam qualquer idealismo, como se desmanchavam um no outro, em uma liberdade de hibridização que trazia tantos novos rumos, servindo para despistar as capturas individualistas já tão proliferadas nas esferas do viver, engendrando um caminho imperceptível de sensação, uma via de implicação com o real através dos afetos. Uma vez você disse que ambos se despersonalizavam um no outro, singularizavam-se um através do outro. Isso nos deu um livro, uma máquina chamada *O anti-Édipo*. Alguma coisa repleta de ressonâncias. O livro foi o nosso terreno comum, prazeroso e incerto, diminuindo-nos nas distâncias entre 1968 e agora, sendo assim que prosseguiram por aqui, comigo. Vocês foram nos levando, indiretamente, a contestar cinco séculos de uma terra paradisíaca aos olhos colonizadores, cheia de fetichismos. Vocês chegaram em um território de riquezas disputado, fértil e sedutor. Os primeiros europeus, muito tempo antes de vocês, haviam trazido não somente a violação dos corpos, mas a visão promissora das religiões monoteístas, que nós vemos sempre se atualizar nessas terras de cá, algo que se liga muito ao que Deleuze já discutia, ainda muito jovem, a respeito da relação entre um humanismo, o capital e ‘divindade’ de seus valores<sup>171</sup>.

Eu até me pergunto se uma das razões para a hostilidade que às vezes surgia contra esse livro, não seria justamente por ter sido feito a dois, sem muita ambição que não fosse a de criar algo juntos, sem reivindicar nenhum dízimo, nenhum salvador, nada que não fosse o pleno funcionamento do desejo, descolonizado, sem dever nada aos poderes. Uma fabricação incansável de mundos. Uma riqueza somente nossa, vinda de uma singular matéria prima, que vocês dois foram

---

<sup>171</sup> Ver o bloco “Uma infância da filosofia”, em que Deleuze vai aos poucos trabalhando uma crítica à noção de ‘interioridade’, usando inclusive o exemplo da evolução de uma burguesia na modernidade.

desmontando peça por peça, aquecendo alguma coisa, algo que então se viu perdido no que se avolumava.

Alguns tentaram separar o indiscernível, fixar o que pertenceria a cada um; o que era de Deleuze, o que era de Guattari? Essa sempre foi a nossa política, afinal: para nos localizarmos, demarcamos as capitâneas no território estriado. Sem dúvida, insistem em reclamar os gênios, as originalidades respectivas. Vocês nos negaram tal conjuntura. Escreviam a dois, e isso não constituía problema, mas uma via ética, uma política, uma existência. Um movimento pelo fluxo de palavras. Vocês produziram um devir em nossos anos de graduação, desde os apartamentos e condomínios onde morávamos. Um furacão adentrando nas sensações de um período, nas representações estabelecidas no imaginário de uma época, e sem que soubessem, já estavam participando das memórias de nossas vidas.

Nós, os estudantes, que vivíamos a cidade em seus sufocos, com os tiros de ‘balas perdidas’<sup>172</sup> que nos deixavam enclausurados nos ônibus, no trânsito paralisado que nos atrasava a caminho da faculdade, naquelas manhãs de um Rio de Janeiro atravessado pelas guerras; vocês falavam de um tempo que não era tão distante. A partir do ano de 1965, em cinco anos breves e apaixonados, anos de júbilo e enigma, às portas de tudo isso que viveram como efervescência cultural, estava o Vietnã, enquanto, no Brasil, se instaurava uma ditadura militar, com perseguições e mortes. Na França, acontecia uma amálgama de políticas novas e desejanter, sob os olhos e os escudos ferozes de uma polícia armada, em prontidão para atacar a juventude com seus cassetetes em punhos. Uns diziam que se tratava de uma guerra dos estudantes contra a exploração social e a repressão. Essa leitura até que é possível. Seja como for, vocês diziam que pode ser bem possível que perdêssemos pela interpretação um tanto do que realmente se passava. No Brasil, sabemos que as insurreições de rua de outrora levaram o Estado a experimentar verdadeiros laboratórios de ação policial, que ainda são usadas nas periferias. Nas insurreições mais recentes, suas armas chamadas ‘não letais’ e aparatos novos são usados e reprimem os novos insurgentes, acompanhados de novos dispositivos de criminalização. A pergunta a respeito do que se passou por aqui continua em aberto, assim como as ressonâncias permanecem se atualizando, de diversas formas.

---

<sup>172</sup> Elas nunca são ‘perdidas’... nunca são ‘acidentais’...

O que se passou, vocês perguntam; o que terá havido? Não teria ocorrido um movimento em direção a lutas políticas que não se conformam mais com nenhum dos modelos prescritos? O combate não se deslocou, alcançando novas zonas? *O anti-Édipo* mostra, inicialmente, a extensão do terreno percorrido. A cada pedaço, também nos incita a ir mais longe. Seria um erro adotar seus autores, portanto, como ‘a nova referência teórica’, como muitos da minha geração abraçaram vocês, passando a tratá-los como um novo cânone, alguma coisa dessas a qual, principalmente, não seria permitido nos decepcionar. Vocês entregam as ‘portas giratórias’, abrindo terrenos para que pudéssemos nos apropriar de nossos próprios problemas. Contudo, ambos surgiram, para alguns, como uma espécie de ‘famosa teoria’, uma proposta que englobaria tudo, absolutamente totalizante, da qual teríamos tanta necessidade. Penso hoje que na época talvez precisássemos disso, num momento do capitalismo em que vemos um desenvolvimento econômico no Brasil, e uma ‘ampliação’ do espaço desejante em uma ‘democracia’ jovem, em meio a qual buscávamos todo tipo de interlocuções, filosofias, teorias, para nos ajudar a construir, finalmente, o que aspirávamos na vida, sem mais as intervenções e censuras, seja ou não de um governo autoritário.

“Não se deve buscar uma ‘filosofia’ nessa extraordinária profusão de noções novas e de conceitos-surpresa”, dizia o amigo Michel Foucault, em prefácio escrito especialmente para esse trabalho. Esse livro-máquina. Não se deve buscar uma filosofia, não a partir desses termos. A melhor maneira que encontrei de lê-los foi abordando seus textos como uma ‘arte’ bastante estranha, sempre interessada em conversar com aqueles que se encontram em tensão com o mundo, com o intuito de se produzir desassossegos, uma nova relação do desejo com a realidade. Nós não tínhamos nenhuma ferramenta até então, compreenda. Nenhuma ferramenta para liberar a vida de toda a cafetinagem<sup>173</sup> que nos era imposta desde a infância, sequer em uma universidade que nos fazia sentir esgotados, como se nos tornássemos trabalhadores de suas fábricas, buscando engordar currículos em congressos, perdidos no terceiro-mundismo de nossos desejos. Alguns viviam, por outro lado, os novos desbundes de jovens consumidores, podendo desfrutar de uma liberdade que nunca havia sido antes privilégio de nossas famílias, represadas pelo

---

<sup>173</sup> Expressão que há anos tem sido trabalhada por Suely Rolnik. Recentemente aparece em *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada* (2018).

militarismo, e pela rigidez dos inconscientes nesse regime. Entendam uma coisa importante: vocês trouxeram caminhos para se responder a questões que antes não eram possíveis de se enunciar aqui, sob pena de morte. Fazíamos então, de modo inteiramente novo, perguntas sobre a nossa relação com a máquina capitalista, pesquisávamos e devorávamos as pistas que vocês nos apresentavam, e a partir da nossa própria experiência, tentávamos aos poucos dar uma língua para nossos afetos, introduzindo o desejo no pensamento, no discurso, na ação. Era uma transformação da paisagem, que não havia tido tempo de ser compreendida. Enquanto precisávamos nos acompanhar a nós mesmos em nossas dores, enquanto corriam desmanchamentos de mundos e a formação de outros, movimentos de criações individuais e coletivas pareciam brotar silenciosamente, nas salas de aula, nas reuniões de pesquisa, nos saraus da faculdade, nos bares próximos ao campus, nas ruas em que milhares de estudantes preencheriam de protestos nos anos seguintes, tão mergulhados estaríamos nas intensidades do nosso tempo.

Apresentados a um trabalho experimental que se empreende por toda parte, aprendizes de uma cartografia que ainda precisava se inventar e ser buscada por cada um, sem nunca nos terem dado antes um pouco desse lugar de criadores de mundos; como uma tarefa inédita apresentada a nós, procurávamos arduamente forjar maneiras pelas quais o desejo podia desdobrar suas forças na esfera do político. Buscávamos as forças sutis que atravessavam os nossos corpos, até então desconhecidas, e através desse acesso, procurávamos nos perguntar como e onde se operava o estrangulamento, perguntávamos como a nossa subjetividade era capturada. Esse tipo de empreendimento foi encontrando as turbulências da vida, os nossos próprios desafios dentro da universidade, os processos de existir, e os encontros com o mundo.

Uma arte estranha de desejar: nós éramos marginalizados entre os colegas da própria faculdade, por lermos Deleuze e Guattari, e por buscarmos novas expressões para as forças do mundo em sua complexidade. Nós queríamos ter a chance de compreender e intervir em uma realidade que nós enfim reconhecíamos como nossa. Uma arte estranha em um regime no qual era a nossa juventude, nosso pensamento e nossa vitalidade que estavam sendo sequestrados, impossibilitando-nos recuperar um mundo que já parecia tão afastado de nós.

O cenário de nossos tempos, portanto, era outro: não estávamos mais entre as políticas de subjetivação dos nossos pais - a nossa, certamente, não era mais a mesma. Nós dispúnhamos de uma subjetividade flexível, na qual já era a nossa força de criação que se apresentava sempre em risco de ser capturada, insuflada, desde muito cedo destinada aos diplomas, às profissões, à valorização da existência à luz do mercado. Estávamos, com isso, sempre assombrados com a ideia de futuro. O neoliberalismo se instala por toda parte nos estudantes, exigindo-os o empreendimento individual de seus percursos, sua vocação para rentabilidade. Nessa percepção do mundo havia uma tensão que mobilizaria e impulsionaria a nossa potência por caminhos inéditos, na medida em que esses autores nos colocariam cada vez mais em crise. Fomos nos dispendo a acolher esses movimentos. Encontramos esse livro-máquina. Vocês chegaram a nós, os jovens do novo milênio. Jovens do terceiro mundo. Vocês chegaram em nossa colônia, em nossas feridas, em nossas infâncias, nas configurações mais ou menos estáveis das nossas subjetividades, identificadas com um repertório de relações, gestos, epistemologias e procedimentos, e aqui surgiram como uma ameaça às nossas tradições. Como dizer a vocês o que se passa agora? Como dizer a vocês esses novos movimentos, após mais de uma década do nosso primeiro encontro? Já se passaram mais de quarenta anos desde que nos deram esse livro. O que vocês veem aqui são as partículas soltas de afeto, em um processo galopante. Progressivamente, estamos indo a outro lugar. Foi como numa expedição que através do tempo vocês foram fascinando bandos, efetuando contágios, provocando sustos e outras vezes malabarismos, germinando algo novo nessa terra tão devastada, onde fomos nos tornando dignos de alguma outra coisa. Um agenciamento com esse livro foi se efetuando, e continuaria possibilitando a passagem de certos acontecimentos.

Mas como dizer o que se passa agora?

**3.**

## **Infâncias latino-americanas**

## 1. Sonhei com a ditadura?

Esses dias um colega teve um sonho vívido que lhe foi muito importante e frustrante ao mesmo tempo. Durante esses tempos que se anuviam, F. sonhava sobre a última vez que militares autoritários assumiram o poder no Brasil. Era um sonho musical. Ele estava incessantemente ouvindo uma música, cantada por um artista participante do movimento da Tropicália<sup>174</sup>. Ao acordar, descobriu que essa música não existia. A canção narrava a estória de um rapaz que estava preso em um ônibus lotado em São Paulo. Ele estava em pé, dentro do coletivo, quando avista de repente na rua uma antiga companheira (namorada, esposa, amiga, irmã, prima, isso não fica claro, uma pessoa que ele ama), mas a questão é que esta companheira tinha desaparecido em uma ação da luta armada, capturada por agentes da repressão. Ele tenta correr e parar o ônibus lotado. Vai perdendo de vista em poucos segundos a companheira militante. Não entende o que está acontecendo. Durante a música, ele se consome em dúvidas. Não consegue alcançá-la, e continua pensando se realmente a viu, se ela realmente podia estar viva, ou se era ele quem estava ficando louco, cada vez mais paranoico com a situação política naquele momento do país. O que estava acontecendo? Ele não conseguiu mais seguir sua viagem tranquilamente. Olhava de relance a esquina. No fim da canção que é o fim do sonho, ele escolhe acreditar que ela vive. Ainda que F. não seja bom compositor, e nunca tenha escrito uma música, deixara a sugestão para os amigos. Ela era ao mesmo tempo irônica e

---

<sup>174</sup> Movimento tropicalista foi um movimento cultural brasileiro que surgiu sob a influência das correntes artísticas da vanguarda nacional e estrangeira, misturando manifestações tradicionais da cultura brasileira a inovações estéticas radicais. Surgiu da união de uma série de artistas brasileiros - como Torquato Neto, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tom Zé, Os Mutantes, Zé Celso, dentre outros - em meados dos anos sessenta, em plena ditadura militar.

debochada. Infelizmente, uma vez acordado, não conseguiu lembrar mais nenhum verso. Ao longo dos dias, ficara cantarolando a música, lembrando-se da menina, enquanto andava pelas ruas da cidade. Podia perceber no sonho que ela se afastava do ônibus, na direção oposta, como se estivesse em fuga, ou bastante atrasada. Podia estar tomando o caminho de volta para casa. Imagino, pelo que conta do sonho, uma menina negra, universitária, e alegre, carregando um livro debaixo do braço. Esse colega me conta que havia sido próximo de Marielle Franco<sup>175</sup>, e não esquecia um dia sequer o seu sorriso, tão parecido com o daquela menina. Ela havia sido aquela estudante, sempre na direção oposta do que o mundo lhe oferecia. Ela havia sido aquela garota, até uma interrupção brutal de sua vida. F. agora estendia a mão do rapaz no sonho, na direção de alguém que ainda vivia, pelo resto dos dias, mesmo depois de tentarem fazê-la desaparecer do mundo<sup>176</sup>.

---

<sup>175</sup> Marielle Francisco da Silva (1979-2018) foi uma socióloga, política, feminista e defensora dos direitos humanos, nascida e criada no complexo de favelas da Maré. Foi eleita em 2016 vereadora no Rio de Janeiro como candidata do Partido Socialismo e Liberdade. Alguns dias após uma denúncia realizada pelo seu mandato sobre a situação de Acari durante a intervenção federal no Rio, como parte de sua conhecida luta contra o genocídio negro nas periferias, foi assassinada a tiros junto de seu motorista, Anderson Pedro Mathias Gomes, no Estácio, Região Central do Rio de Janeiro, na noite do dia 14 de março de 2018. O crime, que ainda estava sob investigação nesta data do mês de outubro, enquanto escrevo esta tese, permanece sem solução.

<sup>176</sup> Adaptação de um sonho narrado por um colega, publicado nas redes sociais em outubro de 2018.

## **2. Ausência**

De algum modo, ainda era possível a mim ver pelas paredes da Alerj e do Paço Imperial as pichações daquelas noites na avenida Rio Branco. Entre os paralelepípedos, podia recordar os pedaços de plástico laranja das lixeiras, derretidos pelas barricadas de fogo; elas ainda estavam lá, fazendo ecoar aquelas semanas de embate. Tudo estava lá. Tudo repousava lentamente, mesmo nas semanas que se seguiram, quando logo as paredes foram pintadas. Uma paisagem do Centro do Rio podia guardar ainda, timidamente, aquela urgência em estar vivo. Mesmo quando os bancos voltaram a funcionar normalmente, e as ruas voltaram a estar repletas de gente andando de terno para lá e para cá, esbarrando entre si como se o mundo só estivesse girando mais rápido enquanto elas passam. Saindo das barcas ao voltar de Niterói, as escadarias da câmara estavam limpas. As vidraças nos pontos de ônibus, quando não eram repostas, estavam apenas ausentes. Tudo deixava de ser sentido aos poucos. Os dias iam apagando nossas marcas.

### 3. Tempos de pacificação

Meses depois dos eventos da Copa<sup>177</sup>, eu viajava para apresentar um trabalho na Argentina sobre violações de direitos humanos em tempos de megaeventos e UPPs<sup>178</sup>, ainda vivendo o contexto do caso Amarildo<sup>179</sup>, em uma defesa das nossas resistências que chamava de ‘direito a uma vida não pacificada’. Analisando o panorama dos protestos ao longo do ano de 2013 no Brasil, tomando como referência o Rio de Janeiro, propus a produção de um campo de afetação através do texto, para trabalhar como estes acontecimentos refizeram nossos lugares em uma partilha da cidade para recusar o seu processo de ‘pacificação’, imposto de diversas formas.

O trabalho da polícia nas ruas era muito claro para quem frequentava as manifestações daquele ano e no anterior: muito se produzia nos corpos, que recusavam a entrega de seu futuro à uma nova era de exploração e precarização, em uma crescente do capitalismo que prometia se consolidar cada vez mais fortemente no país e na cidade do Rio a partir de sua nova posição no cenário global. Uma vitrine através dos jogos era a oportunidade que faltava para essa reinserção se modular, e uma forte militarização das ruas vista nos atos e protestos conferia a essa nova situação uma garantia de ordem<sup>180</sup>, andando lado a lado da militarização das

---

<sup>177</sup> Os jogos da Copa do Mundo eram realizados no Brasil no ano de 2014, tendo como sede principal a cidade do Rio de Janeiro. Neste momento eu começava o meu doutorado.

<sup>178</sup> Unidades de Polícia Pacificadora.

<sup>179</sup> Amarildo de Souza, morador da Rocinha, desaparecido na comunidade em julho de 2013.

<sup>180</sup> Segundo o Dossiê “Megaeventos e violações de direitos humanos no Rio de Janeiro”, produzido pelo Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro, estavam em curso transformações mais profundas na dinâmica urbana do Rio de Janeiro, envolvendo, de um lado, novos processos de elitização e mercantilização da cidade, e de outro, novos padrões de relação entre o Estado e os agentes econômicos e sociais, “marcados pela negação das esferas públicas democráticas de tomada de decisões e por

favelas, sob o nome de ‘pacificação’: representada pela implementação das UPPs, esta consistia em uma política de segurança pública para otimizar a realização dos megaeventos na cidade, através do ‘apaziguamento’ de seus conflitos, tendo como um de seus efeitos, por exemplo, o aquecimento do setor imobiliário, então beneficiado pela especulação em torno da ‘valorização’ de certos lugares, provocada pela presença policial, além de outras operações do mercado, que buscavam vantagens com a maior entrada de capital no país e na cidade. Esse cenário incluí também as remoções de moradores das favelas<sup>181</sup>, e os choques de ordem pelas ruas da cidade que, entre suas ações, realizavam o recolhimento compulsório de moradores de rua. Tratava-se de um processo de ‘higienização social’, no caso das ruas, sob o lema da ‘luta contra o crack’ que, por sua vez, estigmatizava esse público como se a sua existência fosse uma questão de segurança pública. De onde alguns de nós estávamos, próximos a alguns movimentos sociais, era possível vislumbrar a inquietação e a fermentação de algo; multiplicaram-se resistências a políticas predatórias de captura das metrópoles pelo capital em detrimento dos pobres, e cresciam as insatisfações com o cenário neoliberal, em suas diferentes matizes – no aumento do custo de vida, na intensificação da lógica do consumo, no desgaste que traz às políticas públicas e no esvaziamento da participação popular, com a promessa dos cortes orçamentários, acompanhada da aceleração dos processos de desigualdade social e vulnerabilidade, do progressivo abandono dos serviços

---

intervenções autoritárias, na perspectiva daquilo que tem sido chamado de cidade de exceção. Decretos, medidas provisórias, leis votadas ao largo do ordenamento jurídico e longe do olhar dos cidadãos, assim como um emaranhado de portarias e resoluções”, constroem assim uma institucionalidade de exceção. As intervenções em curso envolvem diversos processos nos quais os interesses privados foram sendo beneficiados por isenções e favores, feitos em detrimento do interesse público, legitimados em nome das parcerias público-privadas.

<sup>181</sup> Segundo Dossiê mencionado, o processo de violação do direito à moradia fala do desrespeito, pelas autoridades, do direito dos cidadãos terem acesso à informação e a participar nos processos decisórios, da subordinação dos interesses públicos aos interesses de entidades privadas (entre as quais destacam-se o Comitê Olímpico Internacional e grandes corporações), e do desrespeito sistemático à legislação urbana, do trabalho e dos direitos ambientais. “O que fica claro no caso do Rio de Janeiro é que o projeto de atração de investimentos tão propagandeado pelo poder público municipal e estadual com a realização da Copa do Mundo de Futebol de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016 tem como um componente importante a expulsão dos pobres das áreas valorizadas ou que serão contempladas com investimentos públicos. Outra faceta dessa política é a criação das UPPs - Unidades de Polícia Pacificadora tendo em vista que não é possível deslocar todos os pobres das áreas “nobres” da cidade”. O Dossiê também enumera as comunidades ameaçadas ou com moradores removidos, ressaltando a falta de transparência por parte da Prefeitura no acesso ao número total de famílias e de comunidades que estão em risco de remoção.

públicos, e das gentrificações produzidas com a ajuda do mercado imobiliário, dentro de uma lógica policial para respaldar a lógica cidadina do consumo.

Nos protestos daquele ciclo, que começaram com a frase “Não é só por vinte centavos”<sup>182</sup>, outras relações foram vistas em cena, quando coletivos de direitos humanos se articulavam em defesa da liberdade de manifestação, enquanto eram denunciados os efeitos da presença policial nas favelas. A mobilização pelo caso Amarildo, trazida em meu trabalho, tornava-se um importante analisador deste contexto. Seu desaparecimento, além de apontar um caso emblemático de violência na capital dos jogos mundiais, evidenciando uma política de descartibilidade dos corpos pobres, marcava como nossas vidas, em meio àquele contexto de crescente militarização, eram assim todas silenciadas, tornando-se matáveis de tantas formas – e no labirinto do Brasil, isso significava que estávamos todos desaguando junto, convergindo nossas pautas. Se nas ruas do Centro, vínhamos provando o gosto amargo do fortalecimento de um Estado policial no contexto dos megaeventos, é preciso lembrar que, nas favelas, contudo, a relação histórica entre polícia, pobreza e ordenamento da cidade já acontecia há tempos.

---

<sup>182</sup> As jornadas de junho de 2013 começaram como um protesto contra o aumento das passagens de ônibus, discutindo a questão da mobilidade urbana e a livre circulação pela cidade, como fazia o Movimento Passe Livre, um dos que estiveram à frente das manifestações em seu primeiro ciclo.

#### 4. Um mês de junho entre fuzis

No trecho do trabalho que intitulei “Junho de 2013: das temporalidades cruzadas de seus fuzis, canções e balas de borracha”, relato que a Operação *Paz Armada* mobilizou 300 policiais na favela da Rocinha, Rio de Janeiro, nos dias 13 e 14 de julho de 2013, para prender suspeitos sem passagem pela polícia depois de um arrastão ocorrido nas proximidades. Segundo uma testemunha, o pedreiro Amarildo foi levado nesse dia por volta das 20 horas, portando todos os seus documentos, quando estava na porta de uma birosca, indo para casa após uma pescaria. Um dos policiais da UPP colocou a mão em seu bolso. Levado pela polícia nesta noite, coincidentemente, as câmeras de vigilância existentes pela comunidade, assim como alguns GPS nos carros, na mesma ocasião sofreram um pane, impedindo de início as investigações de seu desaparecimento.

Morador desde que nasceu da favela na Rocinha, na zona sul do Rio de Janeiro, Amarildo era o sétimo de 12 irmãos, filho de uma empregada doméstica e de um pescador. Analfabeto, só escrevia o próprio nome, e começou a trabalhar aos 12 anos vendendo limão. Casado com a dona de casa Elizabeth Gomes da Silva, Amarildo era pai, e dividia um barraco de um único cômodo com toda a família. Conhecido como "Boi", trabalhava como pedreiro e fazia bicos na comunidade.

No mesmo mês das jornadas, um ato ecumênico pelas mortes da outra semana ocorre em Nova Holanda, Complexo de favelas da Maré. Uma chacina acontece em junho de 2013 ao longo de toda uma noite, em represália à morte de um policial assassinado em incursão do BOPE, após um arrastão na Avenida Brasil. Enquanto os protestos no Centro do Rio sofriam a repressão das balas de borracha, pelas favelas as estatísticas dos homicídios aumentavam. Estamos aproximadamente dois meses antes do início da Copa do Mundo no ano seguinte, de 2014. Quase um ano após essa chacina em junho de 2013, forças do Exército ocupam a Maré, levando aparatos israelenses.

## 5. Ocupa Borel

No complexo do Borel<sup>183</sup>, a UPP havia instituído o toque de recolher<sup>184</sup>: moradores da favela desde então não podem mais ir e vir livremente, além de sofrerem ameaças. Disso surge algo colocado em ato, ‘Ocupa Borel’, prometendo se proliferar por outras favelas.

O toque de recolher se deu todos os dias no mesmo horário, durante duas semanas, impondo o vazio das ruas e comércios fechados. O Ocupa Borel, pensado como uma resistência a esse esvaziamento, foi a proposta de retomá-los: ocupe a calçada da sua porta, sua rua, seu silêncio. O ato aconteceu na mesma hora que costumava ocorrer o toque de recolher. Da parte baixa do morro, a manifestação deslocou-se até a emblemática área do Terreirão, e ao longo do percurso de subida do morro, vivíamos a música de muitos batuques - para uma vida não fascista, uma arte de viver contrária: música e microfone livres, *mc's* cantando funk, e uma estranha sensação de que esse tipo de coisa cada vez mais seria frequente, encontrando cumplicidade no que uma mulher verbalizava, “*Obrigada Wall Street!*”<sup>185</sup>, ela dizia de sua porta, fazendo-me perceber a complexidade do que estava acontecendo. Naquele instante no Borel, este também se tornava o mundo todo.

---

<sup>183</sup> Complexo de favelas localizado no bairro da Tijuca, zona Norte da cidade do Rio de Janeiro.

<sup>184</sup> Estamos em novembro de 2012.

<sup>185</sup> Referência ao movimento *Occupy Wall Street*, surgido quando uma atmosfera de protestos tomava o mundo pós-crise econômica de 2008. Quando a chamada primavera árabe nos mostrava uma revolucionária praça Tahir no Egito, o movimento *Occupy* surgia nos Estados Unidos em 2011, alastrando-se para dezenas de países, inclusive em cidades do Brasil. A partir do imperativo ‘ocupar!’, acampadas auto-organizadas e sem líderes estabeleciam-se então por praças e ruas.

## 6. Um corpo negro desaparece

Foi reconhecendo essa força que o novo arranjo de cidade interdita a Rádio Comunitária da favela do Santa Marta, em 2011, assim como várias rádios comunitárias após a implementação das UPPs. Certas palavras não podem mais circular; certas canções, certas forças. “*A verdade é dura, a UPP também é ditadura!*”, gritaríamos mais tarde nos protestos pela rua São Clemente. O morro em questão vinha sendo sufocado por um Estado que desqualificava os moradores em sua própria potência de fazer e dizer. Com cartazes molhados de chuva, os manifestantes da favela junto de seus movimentos comunitários desceram na noite do dia 08 de julho de 2013 para protestar no asfalto.

Lembro-me daquela senhora numa esquina, gritando em apoio. Tinha aqueles curiosos pelas janelas dos ônibus, e as crianças em fileiras segurando cartazes, rindo e recebendo os lenços que colocávamos sobre suas cabeças, para não pegarem resfriado. Uma classe média se juntava pelo caminho. As moças de dentro dos salões de beleza já fechados faziam coro para que pudéssemos gritar mais alto. E tinham os jovens. Destemidos, na cara no cordão policial, gritavam aqueles jovens do Santa Marta, “*Chega de chacina, polícia assassina!*”, e nisso, moradores de outras comunidades também compareceram, e juntos ao coro, a Maré também resistia. Aldeia Maracanã, presente. E pautas preenchiam faixas e melodias. Crianças pulavam cantando “*Sai do chão, sai do chão, quem é contra o caveirão!*”. Ninguém desistia mesmo com a chuva apertando: “*Pode chover, pode molhar, mesmo assim nós vamos protestar*”.

Com tudo aquilo que estava acontecendo, a repercussão do desaparecimento do pedreiro Amarildo, poucas semanas depois, seria a mais emblemática, projetando a Rocinha em uma campanha internacional contra a violência<sup>186</sup>. Uma campanha nas redes sociais foi ganhando força. Uma intensa popularização em relação ao caso se produziu junto às demais pautas em 2013. A partir do desaparecimento do pedreiro, uma confluência de forças ocorria: um repúdio coletivo, que englobava a recusa da ordem policial que se fortalecia pelas camadas médias da população, após a repressão aos protestos ‘do asfalto’, ao longo dos ciclos anteriores – digo ‘do asfalto’, pois os protestos de junho ainda não eram tomados em peso pela participação dos moradores das favelas<sup>187</sup> – e também a circulação dos diversos casos de truculência policial pelos espaços de fala nos movimentos, mais a excessiva transmissão dos eventos na mídia, e o contraponto presente nas redes sociais, somados ao impedimento de mobilizações nas favelas pelas forças pacificadoras, que tornavam a violência do novo contexto de militarização no controle da cidade o ponto de convergência, tanto no asfalto quanto na favela - esta, já atingida há décadas pela repressão armada. O que surge é uma reorganização e transformação dos lugares antes atribuídos para os sujeitos na partilha da cidade, e no ato de manifestar-se publicamente.

Esses encontros nas ruas proporcionaram diferentes alianças e produção de forças coletivas, com novos discursos e modos de reconfigurar a experiência de protestar na cidade e realizar ocupações. Os atos de solidariedade pelo que acontecia nas periferias cresceram, mas ao finalmente encontrarem tal ponto de convergência, e diante de uma nova singeleza presente nessas trocas, pelas reconfigurações dessas relações nos encontros que se produziam pelas ruas, somos então surpreendidos. No Rio, um dia antes da final da Copa, enquanto ativistas das jornadas de junhos são presos ‘preventivamente’, nos dias seguintes à final do campeonato, o vaivém de

---

<sup>186</sup> Estamos nos referindo à campanha *Cadê o Amarildo?* inicialmente disparada pelas redes sociais, extrapolando-se para inúmeras projeções em muros, camisas, pichações e por diferentes meios imateriais de difusão pela cidade e no país, tendo repercussão nacional e internacional. Ocorrido pouco depois dos protestos de junho de 2013, o desaparecimento de Amarildo motivou manifestações, campanhas de entidades de defesa de direitos humanos e virou um símbolo da violência policial praticada na cidade dos megaeventos e da derrocada das UPPs.

<sup>187</sup> Os protestos eram frequentados por milhares de pessoas, e apesar de uma parte das táticas Black Bloc terem sido executadas, em sua maioria, por moradores de periferias, estes não pareciam ser a maioria no total dos manifestantes. Vale ressaltar que os Black Blocs viraram bodes expiatórios nesse período, através de um fenômeno midiático, como se verá a seguir.

habeas corpus resulta em 3 novos presos, e outros 18 ativistas com prisão decretada. Nessa operação, são emitidos mandados de prisão, numa espécie de amostragem daqueles que se dispuseram a lutar a partir dos protestos de junho de 2013. Com o intuito de desmobilizar as resistências e ‘recolocar’ cada um em seu lugar, o Estado neoliberal atualiza suas estratégias, e os tipos ‘perigosos’ – seja este o pobre ou o jovem de classe média, o que importa é escolher bodes expiatórios para sufocar as resistências, já que o primeiro de todos os presos, durante as jornadas, e que sequer era manifestante, era um morador de rua, supostamente pego em flagrante sem nenhuma prova a não ser o pinho sol e a água sanitária em suas mãos<sup>188</sup> – estes que sempre procuraram ser reforçados como pretextos para o controle social, com a consequente autorização da guerra contra todos em nome da segurança nacional, ressurgem nesse quadro nas figuras dos ‘presos políticos’, de distintas camadas sociais.

Tudo se torna mais assombroso, quando sabemos que Amarildo nunca mais apareceu, e que sua família até hoje aguarda indenização do Estado, desde que fora decretada a prisão dos policiais envolvidos em seu assassinato<sup>189</sup>. Após ter sido levado para questionamento na UPP, Amarildo foi torturado. Na apuração do caso, constatou-se que a tortura por descargas elétricas, saco plástico na cabeça e afogamento em balde com água, teriam sido a causa de sua morte. Sua família, desde o desaparecimento de Amarildo, tem sofrido um despedaçamento. Em outubro do ano passado, o filho mais novo de Amarildo foi preso por PMs ao encontrarem uma arma dentro de sua casa. A família diz que policiais agrediram o rapaz até que ele confirmasse que era dele, “Para parar de apanhar, ele falou que a pistola era dele, com medo de ser torturado. Compreensível, depois de ter a família destruída por tortura”, dissera uma mulher de sua família. Ele foi solto em fevereiro deste ano, por falta de provas que justificassem sua permanência na cadeia. Já a filha caçula de Amarildo, Milena, de 11 anos, tem precisado de tratamento psicológico e psiquiátrico. Após a morte do pai, a menina começou a ficar assustada com

---

<sup>188</sup> Trata-se do caso de Rafael Braga, que veremos a seguir.

<sup>189</sup> A sentença apontou o então comandante da UPP da Rocinha como o responsável pelos choques elétricos, afogamentos e sessões de asfixia de Amarildo. Após a morte, ocorrida dentro da unidade da UPP, o major deu instruções para ocultação do corpo que, segundo a Justiça, foi “envolvido em uma capa de motocicleta da Polícia Militar” e levado “para local não apurado”. Em: “Caso Amarildo, quatro anos depois”, publicado na Revista *Piauí*: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2017/07/14/caso-amarildo-quatro-anos-depois/>, acessado em 10 de setembro de 2018.

comentários de policiais que ficavam estacionados na saída de sua escola, que comentavam sobre ser aquela “a filha do Amarildo”; quando começou a desenvolver crises de pânico. Segundo o relato da família, desde então ela não dorme a noite inteira: quando escuta fogos, ou os tiros que têm tido na Rocinha, vive momentos de terror, repetindo que a polícia vai vir, vai pegar um de seus irmãos, vai fazer o mesmo que fez com o seu pai<sup>190</sup>. Sua mãe, Elizabeth, nas muitas reportagens que se seguiram após o desaparecimento do pedreiro, aparece nas fotografias como essa mulher negra, magra, de olhos perdidos. Vejo os olhos de tantas infâncias se perdendo. O texto que escrevo agora pouco guarda semelhanças com aquele que eu teria escrito na época.

---

<sup>190</sup> “Cinco anos após morte de Amarildo, família ainda aguarda indenização”. Em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44790123>, acessado em 10 de setembro de 2018.

## 7. O ano do AI5 da Copa

Aquele era o ano da Copa do Mundo. Como se podia esperar, pelas ruas víamos as massas de verde e amarelo com esperança de ganhar o mundial. Em meio à situação em que vivíamos, ao redor, uma multidão consumia as mesmas cores, vestindo suas camisas da seleção, usufruindo daquelas breves semanas de fama em que éramos destaque nos noticiários do mundo. Quando os jogos começaram com seus fogos de artifício, os acontecimentos de 2013 já haviam sido silenciados. Na ocasião, era anunciada a lei antiterrorismo<sup>191</sup>, chamada pelo povo de ‘o AI5 da Copa’<sup>192</sup>, seguida do anúncio das prisões dos manifestantes<sup>193</sup> buscados em suas casas em plena véspera da final, como se para servirem de exemplo a qualquer nova

---

<sup>191</sup> A Lei Antiterrorismo é a denominação dada à lei nacional brasileira nº 13.260/2016, de autoria do poder executivo, e que trata da tipificação, julgamento e punição para crimes de natureza terrorista no território nacional. Na época dos jogos, devido a sua abrangência, foi contestada por representar uma nova forma de criminalização dos movimentos sociais, podendo ser compreendida como uma atualização da Doutrina de Segurança Nacional, vigente no contexto da ditadura militar brasileira, quando os protestos de rua e uma reorganização dos movimentos de resistência se faziam contra o regime. É preciso ressaltar que, nesse momento, sob o governo de Michel Temer, tem sido buscada uma reedição da Lei Antiterrorismo, em um decreto assinado no dia 15 de outubro de 2018, que especificaria os crimes de natureza ideológica e de oposição às autoridades, envolvendo novos dispositivos de investigação e apreensão de criminosos que remetem ao organograma dos antigos DOI-CODIs no contexto da ditadura militar.

<sup>192</sup> Quando o Ato Institucional nº5 era implementado no Brasil em 1968, o AI5 coincide com o início de um período na ditadura em que se implementa mais massivamente as perseguições políticas, acompanhadas do aumento do número de desaparecidos, especialmente no Rio de Janeiro.

<sup>193</sup> O juiz Flavio Itabaiana, do 27º Tribunal Penal, decretou a prisão preventiva de 23 participantes habituais em manifestações realizadas no Rio por considerá-los "perigosos". Os ativistas presos desencadearam um processo polêmico, em que muitos coletivos e organizações, tais como a Anistia Internacional e OAB, afirmaram atentar contra o direito à manifestação pública, representando uma grave violação dos direitos e liberdades democráticas. Para alguns analistas, a decisão contém traços repressivos que evocam a ditadura militar. Fonte: *El País*, “A ordem de prisão dos 23 ativistas no Rio desata uma polêmica”, disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/07/20/politica/1405810378\\_758119.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/07/20/politica/1405810378_758119.html), acessado em 09 de setembro de 2018.

chance de eclosão de barricadas. Nas apreensões praticadas pela polícia civil, a Promotoria insistira em afirmar que os delitos eram promovidos por líderes e praticados por ativistas que se refugiavam sob a bandeira e a estética ‘Black Bloc’. Em meio a toda confusão promovida pela apropriação midiática, protestos já vinham se intensificando pelo país. Na primeira semana da Copa, ao menos 21 manifestações eram registradas no Brasil, com várias detenções de ativistas. A maior delas aconteceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia de abertura do torneio.

Em mais da metade dos protestos, ocorridos durante a Copa, houve tumulto e confrontos com a polícia, e entre os feridos, alguns eram jornalistas. Em São Paulo, no dia 12 de junho, duas jornalistas da CNN ficaram feridas<sup>194</sup>. Na ocasião, um pai chegou a tirar o filho manifestante do meio do protesto, dizendo que ele teria o seu direito quando começasse a trabalhar e ganhar o próprio dinheiro<sup>195</sup>. No mesmo ato, um jovem foi detido, recebendo spray nos olhos, mesmo após estar dominado pelas forças policiais. No Rio, bombas de gás foram usadas para dispersar os manifestantes pela Lapa. Em uma das noites, eu estava passando de ônibus pelos arcos, e na altura da pizzaria Guanabara, pude ver uma das bombas sendo atiradas pelos carros policiais na rua, exalando fumaça e fazendo os pedestres correrem buscando proteção. As pessoas ainda fugiam do Centro, mas chegando a Lapa, eram encurraladas. Em Belo Horizonte, houve depredação de bancos, estabelecimentos comerciais e viaturas da polícia. Um fotógrafo da agência de notícias britânica Reuters ficou ferido na cabeça. Um grupo protestava na Praia de Iracema, em Fortaleza, e quando seus manifestantes decidiram usar pedras, foram reprimidos com balas de borracha. No dia 17 de junho, na mesma cidade, era o segundo jogo do Brasil na Copa, e os protestos também tiveram a resposta da polícia, que disparou balas de borracha e bombas de gás lacrimogêneo, quando pela primeira vez, foi usado um jato d’água para dispersar a multidão. No Rio de Janeiro, um protesto

---

<sup>194</sup> Dados da reportagem “Com mais de 20 protestos, 1ª semana da Copa tem 180 detidos em atos”, disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2014/06/com-mais-de-20-protestos-1-semana-de-copa-tem-180-detidos-em-atos.html> acessado em 09 de setembro de 2018.

<sup>195</sup> “Você vai ter o seu direito quando trabalhar e ganhar seu dinheiro”, disse o pai. Filho afirmava que queria protestar para ter estudo. Em: “Pai tira filho de protesto contra a Copa do Mundo em São Paulo”. <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/06/pai-tira-filho-de-protesto-contr-a-copa-do-mundo.html>, acessado em 09 de setembro de 2018.

iniciado no fim da tarde na Candelária teve confusão, sendo o momento de maior tensão ocorrido na Cinelândia quando cerca de 20 ativistas tentaram seguir em um ônibus comum para Copacabana, onde pretendiam dar sequência ao ato que pedia “tarifa zero” no transporte público. Houve um tumulto com PMs, e o coletivo foi levado com 15 detidos para duas delegacias, uma em Bonsucesso e outra na Penha. No dia seguinte, em Porto Alegre, quando um grupo tentou deixar a área em passeata, houve confronto com policiais, que usaram bombas de efeito moral, deixando várias pessoas feridas.

Eram muitos sons, da torcida pelas ruas, das hélices dos helicópteros, das cornetas e vuvuzelas, dos ruídos que imaginava vir daqueles que, no ano anterior, bradaram “não vai ter copa! ”, e que continuavam correndo. Entre as agências bancárias pichadas e restos de lixo incendiado, restava de 2013 algo no ar.

## **8. Um clima de torcida?**

Durante os jogos, iniciados um ano após as jornadas, o clima aparentemente era de festa na massa de torcedores. Contudo, por trás do verniz comemorativo, havia uma atmosfera de temor iminente. As pessoas eram abordadas na saída dos metrô, e quando chegavam ao Maracanã, viam ao seu redor um cordão policial preparado com capacetes, armamentos pesados e escudos reluzentes. Mesmo para aqueles que só queriam torcer na arquibancada - para tanto, precisaram pagar por ingressos caríssimos - aquela era uma situação estranha. Não era incomum que muitos comessem a cogitar um ataque terrorista, imaginado a partir dos noticiários que enfaticamente afirmavam que se deveria tomar medidas preventivas, tendo em vista que todo ano surgiam ao redor do mundo acontecimentos como esses, como algo previsto e calculado para a circunstância do evento. Uma parte dos torcedores também continuava assustada com a possibilidade dos protestos voltarem a acontecer com a intensidade que foram em 2013, com a presença dos ‘mascarados’ pelas ruas. Desde as jornadas do ano anterior, esses ativistas com táticas específicas

tiveram sua imagem apropriada pelos jornais<sup>196</sup> para servirem de caricatura a uma diversidade de efeitos e ataques nas ruas durante os protestos. A violência vista nas jornadas fora então atribuída aos *Black Blocs*, criando-se uma nova categoria de imagem dos perigosos a serem temidos, os chamados 'vândalos', cujas ações justificariam o reforço policial, e as detenções naquele mesmo período.

Enquanto o país se preparava para a Copa, protestos não cessavam de acontecer, e mesmo depois, quando os agentes entraram nas casas dos ativistas, vasculhando seus quartos e computadores, muitos ainda saíram às ruas para fazer ecoar os efeitos do ano anterior. Até então, apenas uma pessoa havia sido presa em circunstância relacionada aos protestos no Brasil em 2013, o ex-catador de lixo Rafael Braga.

## **9. Eles usam uma estratégia de medo**

O protesto de 20 de junho de 2013 havia reunido cerca de 300 mil pessoas no Rio de Janeiro. Durante esse dia, Rafael entrou com uma mochila numa loja abandonada, cuja porta havia sido arrombada duas semanas antes, próxima à Estação Central do Brasil, na Avenida Presidente Vargas. De lá saiu carregando dois frascos de plástico de produtos de limpeza à base de álcool, sendo a única pessoa nas proximidades com frascos na mão. Um policial afirmaria depois, em depoimento, que aparentavam ser coquetéis molotov. Rafael estava voltando do trabalho como catador, e entrou na loja abandonada que ele usava como moradia, onde encontrou os frascos intactos. Quando os pegou para tirá-los do local onde dormiria e levá-los para uma tia, foi chamado pelos policiais. Sem compreender, Rafael atravessou a via, com os recipientes nas mãos, para atender ao chamado. Na sequência, os policiais o abordaram, dizendo “Vêm cá, ô moleque”, “Aí, neguinho, o que você tem aí? ”, “Ah, cara, você tá com coquetel molotov? ”, no que respondeu não saber o que

---

<sup>196</sup> Os jornais consideravam qualquer depredação ou ato chamado de 'vandalismo' algo realizado pelo mesmo grupo de ativistas.

era um coquetel molotov. Em seguida, um dos policiais teria pego as garrafas e lhe dado um tapa no rosto, quando já estava preso, sendo levado para a 5ª Delegacia de Polícia, onde teria sido espancado no estacionamento.

A estória de Rafael é narrada no relatório “Eles usam uma estratégia de medo: proteção do direito de protesto no Brasil”<sup>197</sup>, da Anistia Internacional. A ONG havia decidido usar o caso do jovem como símbolo para uma campanha, compartilhando nas redes sociais sua foto junto à *hashtag* #ProtestoNãoÉCrime!, através da qual eram divulgadas imagens de outros abusos policiais nos protestos. As mobilizações naquele ano da Copa ecoavam as grandes manifestações do ano anterior, especialmente devido à reação da polícia naquele período, quando foram recolhidos pela Anistia depoimentos sobre vários abusos ocorridos nos ciclos das jornadas. Neste mesmo relatório da organização, constam dentre os abusos, uso indiscriminado de gás lacrimogêneo, inclusive dentro de um hospital; tiros de bala de borracha em indivíduos que não representavam qualquer ameaça; espancamento de pessoas com cassetetes; detenções arbitrárias e um contingente de centenas de pessoas que ficaram feridas, entre elas um fotógrafo, que perdeu um olho após ser atingido por uma bala de borracha. Outras centenas foram encurraladas e detidas.

O relatório mostra uma série de dados de 2013 que já apontavam uma preocupação relacionada ao período dos jogos que então se aproximava. Tudo indicava que o direito de protestar durante a realização do mundial encontrava-se gravemente ameaçado. Naquele mesmo ano da Copa, outros acontecimentos traziam novos elementos para a análise apresentada no relatório, que apontavam para a direção da censura: anteriormente, naquele ano, alguns deputados começaram a propor leis mais severas, que conferiam à polícia e às autoridades jurídicas maiores poderes para reprimir os protestos; em fevereiro, a morte acidental de um cinegrafista, causada indiretamente por rojões disparados por manifestantes, alimentou o ímpeto por medidas mais austeras, enquanto as autoridades pareciam estar se aproveitando da controvérsia criada em torno da morte. Na época,

---

<sup>197</sup> Disponível em: [https://issuu.com/anistiabrasil/docs/ai\\_br\\_campaign\\_digest\\_19\\_005\\_2014\\_f](https://issuu.com/anistiabrasil/docs/ai_br_campaign_digest_19_005_2014_f), acessado em 09 de setembro de 2018.

tramitavam no Congresso Nacional diversas propostas legislativas que poderiam ser usadas para restringir o direito de manifestação. Uma série destas visava diretamente a realização dos atos, inclusive proibindo o uso de máscaras durante os protestos. Para a Anistia, a Copa seria um momento crucial para testar se a polícia e outras autoridades públicas do Brasil realmente levariam a sério sua obrigação de respeitar o direito à liberdade de expressão: “(...) o Brasil deve garantir que indivíduos e grupos sejam capazes de participar livremente de manifestações públicas”, dizia o relatório.

Em 2013, centenas de manifestantes foram agredidos enquanto participavam de manifestações contra o aumento das tarifas dos transportes públicos. No Rio de Janeiro, participantes dos diversos atos que tomaram as ruas naquele ciclo relataram à Anistia Internacional depoimentos que indicavam o uso excessivo da força por parte da polícia, para responder aos protestos. Em pelo menos um ato, em 17 de junho de 2013, havia indícios de que a polícia usara, além das armas consideradas ‘não letais’, armas de fogo para dispersar os manifestantes. Em vista do histórico das forças militares no desempenho de suas funções, as preocupações relacionadas ao que aconteceria no Brasil durante os jogos da Copa só aumentava. O clima de afrontamento pela militarização constante, com o risco de iminente truculência ou detenção, vinha acontecendo de outras formas, como nos morros e favelas, onde mesmo as crianças eram revistadas pelos policiais antes de irem ou voltarem da escola<sup>198</sup>, ao entrarem e saírem do lugar onde moravam, enquanto, pelo asfalto, víamos crescer o contingente das cavalarias armadas, espalhadas por algumas partes da cidade, como se estivéssemos em uma cena do Brasil de 1968, com cavalos correndo pelo Centro do Rio e policiais montados com cassetetes em punho para pegar os jovens pelas ruas, como nos registros fotográficos dos tempos que antecederam o AI5<sup>199</sup>.

---

<sup>198</sup> Chegamos a ver cenas como essa em algumas favelas ‘pacificadas’ de bairros nobres da zona sul, frequentados por grande fluxo de turistas, como Leme ou Copacabana.

<sup>199</sup> Para saber mais, uma série de depoimentos e relatos jornalísticos são recolhidos por Zuenir Ventura (1988).

## 10. Um cheiro asséptico

Recordo essa sensação de pegar o avião sem muitas expectativas. Nos dias anteriores ao seminário, sentia que o texto preparado para a apresentação não contemplava meus anseios; não havia escrito algo forte, nem frágil o suficiente; alguma coisa em que sentisse uma pulsação, que afirmasse essa tal ‘vida não pacificada’, ou que apontasse os riscos que ainda corríamos no contexto político brasileiro – seus acontecimentos porvir ainda não eram tão visíveis, apesar dos sinais que vislumbrávamos. Chegava em outro país, mas estrangeira em meu próprio texto. Descubro que preciso apresentar o trabalho a um público de brasileiros. Um trabalho que eu considerava pouco ‘acadêmico’, já que explorava mais a narrativa de cenas vividas nos contextos de violação, com forte apelo aos afetos que eram engendrados entre as violências e as resistências, em vez de qualquer outro molde de neutralidade esperado de um trabalho. Pensei que seria desvalorizada enquanto ‘pesquisadora’. Pensei que, talvez, a produção de um campo de afetação pelo texto não implicaria os demais que viviam naquele mesmo país que eu. No momento em que entro na sala de apresentação, e sinto um cheiro asséptico de ar condicionado, passo a depositar então expectativas que antes não existiam.

Foi pouco instigante. As comunicações orais eram apresentadas com muita ‘tecnicidade’ em modos de comunicação formais, sem muita recepção, com falas cronometradas, uma seguida pela outra, sem muito tempo para debates ou trocas mais significativas. As pessoas ficavam sentadas em círculo nas cadeiras da faculdade, como se a disposição delas pudesse propiciar qualquer situação mais favorável, que talvez nos integrasse mais naquele espaço do que no momento em

que nele entramos. Quando apresentei o trabalho, senti um gosto insosso pairando no ar, que me fazia pensar que talvez aquilo não fosse para mim. Terminada a sessão, as pessoas começavam a conversar pelos corredores, aparentando estar no meio de suas férias. Não havia incômodo, como se o que estivesse acontecendo no Brasil fosse palatável. Todos os temas pareciam tranquilamente digeridos entre os aguardados sanduíches de coffebreak, e filas de gente aguardando por seus certificados. Retirei-me da sala com o coração apertado, mergulhada em dúvidas, confusa com o que eu estava fazendo com a minha vida, frequentando seminários como aquele, tomando sucos em ‘coffebreaks’ como aquele, e pagando taxas de inscrição como aquela. Desencorajada a partilhar com aquele público o meu testemunho, o meu olhar incerto sobre a nossa época, e as aflições coletivas pelas quais passamos em diferentes situações, decidi não frequentar outros seminários por muito tempo.

## **11. Guattari vai ao Brasil**

Guattari teve a sorte de viajar muito em seus últimos anos - foi ao Japão, México, Estados Unidos, Polônia... - e essas viagens tinham para ele uma função muito importante. Guattari tentava apreender como as problemáticas sociais relativas ao que chamava de “formações do inconsciente” são captadas e articuladas - ou simplesmente ignoradas - buscando pesquisar a maneira como o capitalismo projeta seus impasses nas várias situações em cada território, quando a própria natureza de suas crises vão atravessando o conjunto das sociedades, colocando por toda parte o mesmo tipo de problemática, mas não necessariamente as mesmas questões. O que lhe interessava nas diversas viagens que fazia era tentar conhecer o modo como o capitalismo é apreendido, semiotizado e cartografado nos diferentes contextos, assim como se interessava por conhecer os traços distintivos das diferentes experiências alternativas que vão sendo desenvolvidas, e também as linhas de fuga eventuais, as linhas de possível que estariam sendo desencadeadas.

Foi como respondeu, uma vez, sobre seu desejo em relação a viagem que estava fazendo ao Brasil. “Creio que meu desejo é ser um pouco ouvido, ser ouvido como acho que nunca poderei sê-lo na França e na Europa em geral. Estou aqui porque gostaria também de tentar criar para mim um território no Brasil, no qual pudessem se reunir dimensões de mim mesmo que sempre estiveram separadas no meu modo de funcionamento na Europa. Particularmente, falo de dimensões de escrita, mas não só. Talvez, o que haja por trás disso seja efetivamente a invenção, as mutações de universos da América Latina. A América Latina é, sem dúvida, o continente que decolou, do ponto de vista dos fluxos capitalísticos. O Brasil hoje já

é uma grande potência industrial mundial. Em todo caso, é um país onde há, não sei ao certo, uns 80 ou 100 milhões de sujeitos numa miséria atroz, num total subdesenvolvimento. A América Latina me parece ser o único lugar onde certas problemáticas estão sendo conjugadas. Ela é ao mesmo tempo a África, a Ásia e a Europa”<sup>200</sup>.

Guattari considerava uma circunstância privilegiada poder conversar com interlocutores reais, em cujas problemáticas nos dá vontade de mergulhar. É algo da natureza dos processos, nos quais o que se produz é uma vontade de criar, de mudar a ordem do pensamento, mudar os afetos, e por que não, produzir rupturas na realidade social que nos cerca. Ele estava simplesmente propondo que tentássemos jogar esse jogo, e ver se conseguíamos pôr para funcionar uma ‘maquininha’ de comunicações suscetível de nos fazer avançar em nossas respectivas problemáticas.

Ele não queria dar um curso magistral, ou uma conferência acadêmica. Primeiro, porque não gostava, e segundo porque, para Guattari, a única maneira de entrar num processo de compreensão é procedendo por agenciamentos. É algo que não é apenas do domínio de uma transmissão de informação, mas de um sentimento de captar o que são os ritmos próprios, as sensibilidades particulares, captar o impacto produzido por um determinado tipo de problema em certos grupos de pessoas, em certas situações, captando a maneira como a gente é atraído numa direção, ou repelido numa outra.

Em sua viagem ao Brasil, houve a criação de um clima de expressão. E também, muito provavelmente, ensinamentos que ele teria trabalhado depois de tudo, em outra coisa. As coisas funcionavam assim. Após uma reunião com pré-escolas alternativas, em que estive com Suely Rolnik, ela comentou ter ficado impressionada com o fato de uma tal reunião ter desencadeado logo em seguida um movimento de articulação entre essas escolas. A reunião pode ter sido um elemento catalisador, mas o movimento foi totalmente acidental: esse elemento de catalisação, na verdade, poderia também não ter sido esse encontro, esse diálogo, mas qualquer outra coisa. De todo modo, outros elementos foram necessários para desencadear esse movimento, algo que era muito interessante de ser pensado. É verdade que há

---

<sup>200</sup> Extratos da fala de Guattari em: “A viagem de Guattari ao Brasil segundo ele mesmo”, disponível em: Guattari, F; Rolnik, S. *Micropolítica: cartografias do desejo* (2010).

o efeito, em cada caso, proveniente de certas condições criadoras de possibilidades, e que sempre podem desaparecer. No Brasil, estamos falando de um país que, em algum momento, sempre volta a sofrer essa ameaça, sempre quando novas condições tentam ser criadas, sofrendo um impedimento nessas criações, constantemente interrompidas, suspendidas, deixadas no ar como algo não assimilado. Guattari estava certo ao dizer que encontrava aqui possibilidades em um lugar de potência. Mas sabia também que não havia garantia alguma de que sua intervenção produziria nos interlocutores e público brasileiros uma validade qualquer. “Você só saberá no próprio processo, naquilo que acontecerá depois. Não creio haver sistema de garantias nesse campo. Só o tempo dirá quais serão os efeitos. O que há, na verdade, em toda situação que vivemos, é uma precariedade radical e constante”.

Quando Guattari tem a oportunidade de ir ao Brasil, ou a quaisquer outros países, vê-se que há um diálogo que se instaura. Em meio aos intelectuais franceses, ele estava em uma realidade em que as pequenas coisas que Deleuze e ele faziam tinham um grande efeito, mas não necessariamente desencadeavam uma discussão. “Os franceses não estavam nem aí”, ele dizia, “Não havia nenhuma vida nesse nível. O meio intelectual francês era de uma pretensão assustadora. A França era uma espécie de país narcísico, onde se passa cada vez menos coisas”. É inconcebível fazer um debate como Guattari realizava no Brasil. Ele tinha a impressão de que havia sido tomado nas adjacências desse processo da viagem, que teria passado um pouco à margem das coisas, mas acredita que, ainda assim, nessa passagem, talvez tivesse havido um processo, com desdobramentos, algo daquele encontro teria mudado alguma coisa em algum lugar, nos modos de semiotização individual e coletiva.

Ele retorna à França reconhecendo o fato de que muitos, entretanto, não enxergavam possibilidades no Brasil. Foi preciso entender que havia de maneira muito forte uma questão da impossibilidade, quando alguns chegaram a perguntar se ele realmente acreditava que as coisas que ele e Deleuze faziam juntos na França podiam ‘passar’ no Brasil. Os brasileiros diziam que seria apenas em um certo nível que as coisas passariam, o nível do ‘como é interessante isso que vocês propõem’, mas que, se olhássemos bem de perto, ficariam apenas do discurso. O Brasil vivia uma estória de horror, estava saindo de um período ditatorial. Mas Guattari insistia: de qualquer maneira, uma coisa é certa, “quando se vai a países como México, ou

como o Brasil, essas viagens são de uma grande riqueza. Em matéria de índios, metropolitanos ou tupiniquins, os países europeus são muito subdesenvolvidos. Eles estão pouco ligando para esse tipo de coisa. Acho que se podem esperar rupturas brutais”, as rupturas que ele esperava no Brasil, já se anunciavam. Félix estava convencido de que se os brasileiros continuassem no ritmo em que estavam engajados nesta espécie de transformação no Brasil, talvez eles acabassem nos enviando o elevador das revoluções moleculares...<sup>201</sup>.

---

<sup>201</sup> Texto montado a partir de extratos de “A viagem de Guattari ao Brasil segundo ele mesmo”, e “A viagem de Guattari segundo os brasileiros”, disponíveis em: Guattari, F; Rolnik, S. *Micropolítica: cartografias do desejo* (2010).

## 12. Buenos Aires

Saindo do evento, viajava naquele país vizinho, onde andando pelas ruas encontro em uma esquina uma placa, com uma estrela amarela expondo os dizeres '*Augusto: en memoria a una victima de transito*'. Buenos Aires era uma cidade que ia então conhecendo através dessas surpresas, em suas muitas praças e avenidas, entrando pelas suas portas, encontradas por ruas arborizadas repletas de sebos de livros. Durante aquela estadia, após as decepções com o seminário, busquei me preencher de algo que não sabia ao certo o que seria. Não tinha em mente exatamente o que procurar, mas ia atrás de tudo que havia de entrada gratuita em museus; nos intervalos comia empanadas a preços populares; e à noite ia assistir a espetáculos universitários, produzidos pelos estudantes. Tendo pouco dinheiro, as deambulações sem expectativas eram tudo aquilo que eu tinha e levava comigo, como uma tentativa de me recuperar de todas as coisas pelas quais vinha atravessando. Andava de metrô à noite, percebendo o que os habitantes da cidade faziam enquanto aguardavam chegar em suas casas. Com seus semblantes exaustos, carregando sacolas de compras, todos eles podiam imaginar alguma coisa, sem que ninguém soubesse o que era. Eu viajava de metrô até bairros remotos, onde umas colegas brasileiras que estavam morando na cidade me levaram a uma apresentação de circo, da qual saio instigada. Lá vejo uma artista suspensa pelo teto, a se desdobrar pendurada em vários tecidos vermelhos amarrados pelo seu corpo, contando a sua experiência de ser mulher, como se as faixas de tecidos ondulantes simulassem seu sangue, saindo e se espalhando enquanto se movimentava pelo ar. Em seguida, uma travesti muito bonita aparece com lindos paetês azuis tocando acordeão, narrando sua vida. Aquilo era um respiro. Algo naqueles passeios vinha como possibilidade, uma brecha para

encontros, expressões para a vida. O circo em seus ares precários trazia cores vibrantes. Eu voltava a estar com artistas, descobrindo o que encontravam de potência naquele momento, para conseguirem realizar os seus trabalhos. Ao longo da viagem, conversei com as pessoas mais improváveis. No albergue em que estava hospedada fiz amizade com cubanos, chilenos, e uma senhora do Vietnã, que viajava o mundo e me contava sobre a sua casa construída em uma árvore, e tantas outras estórias inimagináveis. Lembro também que ela havia sido assaltada, e ao me contar sobre o que ela pôde fazer, detalhando as medidas tomadas logo depois do incidente, ela mostrava uma tranquilidade espantosa. Durante dias experimentei caminhos como se algo finalmente voltasse a pulsar com mais intensidade. Uma alegria se espalhava timidamente no corpo. Ela estava lá, mesmo quando decido visitar lugares como a Universidade de las Madres, onde vejo inúmeros recortes de jornais sobre filhos e netos desaparecidos na ditadura argentina. Uma alegria sobrevivente me toma a face, mesmo de olhos marejados.

### ***13. Los militantes apuestan a la vida***

O conjunto de prédios parecia ainda em transição, como se podia notar através da interdição de alguns blocos, com seus cones e faixas. Respirei fundo. Estava diante de um gramado verde. Procurava tudo o que pudesse estar ausente naqueles espaços vazios. Algo daquele lugar, indubitavelmente, tornava aquela tarde assombrosa, mas não somente. Enquanto caminhava, algo me levava para um fluxo de potência difícil de descrever. Estava cada vez mais presente nos corredores, nas salas nas quais entrava. A última coisa que havia decidido fazer na cidade era me dirigir a esse conjunto de prédios, chamado Espaço Memória e Direitos Humanos<sup>202</sup>, em uma tarde comum, durante a semana. Os argentinos estavam em horário de trabalho, então o espaço não tinha muitos visitantes. Entrei em uma sala chamada ‘*Las mamás y los papás*’ onde, de repente, por suas enormes paredes brancas, podiam ser vistas várias fotografias em cor. Tratava-se dos casais que tiveram seus filhos sequestrados, durante a ditadura argentina, desde então procurados pelas *abuelas*. Essas fotografias de álbuns de família mostravam uma juventude passando suas tardes deitada por jardins, tocando instrumentos, ou rindo entre amigos, alguns deixando explícita a sua época, revelada em cortes de cabelos, ou calças boca-de-sino. Olhava aqueles sorrisos dos jovens casais; era impossível não imaginar que um dia eles experimentaram alegria. Havia uma ternura naquelas imagens, como uma potência constitutiva daquele tempo, uma relação entre eles tão fundamental, que

---

<sup>202</sup> Estabelecido no mesmo local onde a ESMA (Escuela Mecânica Armada) funcionou durante a ditadura argentina como um centro clandestino de detenção, tortura e extermínio, em que foram desaparecidas em torno de cinco mil pessoas.

parecia sustentar aquilo que sonhavam para o mundo. Uma das fotos, em especial, me chamou a atenção. O abraço de um casal anônimo, em que não podemos ver os rostos, já que estavam tão entrelaçados. Um parecia mergulhado no outro. Curiosamente, havia essa sensação de que, na fotografia, eles já pareciam muito distantes do que estavam vivendo. O abraço, demorado como uma despedida, aquecia como um fogo que não se apagava. Havia uma ternura entre os corpos, em seus momentos capturados; uma duração na força de suas passagens de vida, que alcançava então o meu rosto, meu olhar atento às miudezas. Tudo parecia se adensar por ritmos suaves, mas ao mesmo tempo, eu reconhecia que aquelas eram imagens que nos abriam a acontecimentos terríveis. As fotografias eram também registros de momentos em que aquelas vidas não previam toda uma realidade hoje irrevogável, sendo também a terrível constatação de que a ternura, e tudo aquilo trazido por elas, não poderiam ser tomadas como uma pausa em seus destinos: nada daquilo teria sido suficiente para que aquelas vidas escapassem da morte. *Año 1977, Los militantes apuestan a la vida*, estava escrito ao lado das fotos de Alicia, de dezessete anos, e Damián, de dezenove. Eles esperavam um bebê. Ambos seriam sequestrados naquele ano, e em março de 1978, naquele mesmo local, ela estaria dando à luz a Juan.

## 14. Os bebês sequestrados

Houve certa vez em um país um regime que sistematizou a desapareição forçada de pessoas de todas as idades. Centenas delas foram sequestradas, junto de seus pais, e centenas foram detidas grávidas, dando a luz em centros de repressão clandestinos. Os bebês foram sequestrados, na maioria dos casos, após o assassinato de suas mães, detidas ilegalmente<sup>203</sup>. As crianças eram retiradas de suas famílias, para que assim impedissem seu crescimento em um ‘sítio’ de comunistas. As mortes dos pais aconteciam, e com seu desaparecimento, assassinavam milhares de testemunhos da ditadura. Como outrora nos campos de concentração, as mortes com desaparecimento surgem para não deixar rastros, para nos impossibilitarem de acessar seu horror. Os bebês argentinos, assim levados, eram direcionados a uma outra vida, sendo impedidos de tocar naquele passado, fazendo com que as mortes dos pais não tivessem reconhecimento. Além de não conhecerem as torturas, as prisões e os desaparecimentos, eles não conheceriam, também, as suas estórias de resistência. Seus filhos não teriam a possibilidade de ouvi-las. O desaparecimento é terrível, é como uma forma de vida não tem a chance de expressar seu último murmúrio.

---

<sup>203</sup> Mais de 400 bebês foram sequestrados pela ditadura argentina. Fonte dos números: Espacio Memoria y Derechos Humanos, Argentina.



ria Inés Carrieri y Francisco Miguel Velázquez



Cecilia María Roggenbom y Mónica Susana Meyer



Mónica María Lemos



Cristina Silvia Novggs



## 15. Como produzir o esquecimento

Não saberia dizer se, no Brasil, fotos como essas sensibilizariam qualquer um se mostrassem um casal de comunistas assassinados, ou um corpo negro com um barraco atrás, erguido por uma família pobre. Os mecanismos forjados no Brasil, que tem seus desaparecidos, não terminam na separação dos filhos de comunistas sequestrados, capturados, torturados e mortos pelos agentes da ditadura, cujo desaparecimento os manteve desde então impedidos de serem procurados pelas suas famílias, como também não terminam no extermínio dos vários corpos negros que deixam gerações de mulheres viúvas e crianças órfãs. Esses mecanismos agem através da construção de uma memória histórica ‘oficial’, produzida com a ajuda dos meios de comunicação que, no exercício de seu monopólio, tentam ainda apagar os vestígios que os segmentos populares e os opositores vão deixando ao longo de suas experiências, num esforço contínuo de excluir e anular as forças sociais que forjaram e estão forjando também outras histórias, nunca narradas oficialmente<sup>204</sup>.

Os meios de comunicação também operam o desaparecimento de vozes. Quando estão selecionando e ordenando os fatos segundo os seus critérios e interesses, estes conseguem, com isso, produzir subjetividades que vão aderindo a essa suposta ‘oficialidade’, com suas zonas de sombras, esquecimentos e silêncios. É como se todo e qualquer acontecimento que hoje não se faça presente nas mídias não existiu, não aconteceu; como se estivesse fora da memória histórica que está sendo guardada pelos vários equipamentos sociais; e nesses termos, cada gesto ou grito que se torna silenciado, através da invisibilidade, ou de outra narrativa que não

---

<sup>204</sup> Coimbra, 2001, p. 51.

a sua própria, torna-se desaparecido. Como se não existissem no mundo, esses gestos e relatos não podem ganhar reconhecimento. São assim esquecidos.

Pensar os efeitos da produção do esquecimento é estar atento às histórias interpretadas como menores. As formas como a mídia produz verdades, fantasias, falas autorizadas, história e memória, também atravessam os temas da violência; e da mesma forma que construíram os perigosos ‘inimigos da pátria’ no país - e no continente latino-americano - durante os anos 60 e 70, também hoje via meios de comunicação estão sendo produzidos vários outros, e até ainda os mesmos. Poder-se-ia argumentar, tal como muitos outrora diziam que os agentes da repressão estavam apenas ‘fazendo o seu trabalho’, que os meios de comunicação hoje estariam apenas cumprindo ordens, realizando também seu trabalho, como outro qualquer. Contudo, estamos cientes de que, se não houvesse a disponibilidade de alguns, quaisquer que sejam eles, aptos a prestar voluntariamente seu respaldo à repressão, através do monopólio das narrativas ou da propaganda, uma ditadura como a nossa não teria funcionado tão bem, fazendo ecoar a noção de ‘inimigo interno’ até os dias de hoje<sup>205</sup>.

---

<sup>205</sup> Formulações de Coimbra (2001) aqui citadas e adaptadas.

## 16. O propósito de silenciar

Em junho de 2013, também minha orientadora entregava seu depoimento às Comissões Nacional e Estadual da Verdade<sup>206</sup>, relatando as circunstâncias de sua prisão durante a ditadura militar, em agosto de 1970. Naquele mesmo mês em que eu estava na Argentina, no ano seguinte às jornadas, também saía o relatório final referente ao trabalho da Comissão. Lembrava de suas palavras: “nós, que passamos pela tortura, podemos afirmar que ela é algo indizível”, ela dissera anteriormente. Em seu depoimento, também disse algo que não esqueço. Entre suplícios físicos e psíquicos, entre os sentimentos de desamparo, solidão, medo, pânico, abandono e desespero, a tortura não quer ‘fazer’ falar, ela pretende calar, “através da dor, da humilhação e da degradação” tentam transformar-nos em meros objetos, dissera.

Jamais pude prever que as coisas tomariam esse rumo. Eu relia seu depoimento em um momento difícil, após as prisões dos manifestantes, e ainda tentando me recuperar dos pesadelos, das lembranças. Apesar de distantes, estas jamais saíam do meu corpo. Mesmo tendo a consciência de que eu não havia sido torturada em nenhum momento durante os acontecimentos do ano anterior, pelos confrontos nas ruas, o temor ao longo de sua experiência, a memória do medo perante as forças do Estado contra os manifestantes, tudo isso parecia torturar como uma marca, como se as bombas, as detenções e os desmaios ao redor servissem,

---

<sup>206</sup>Para problematizar o contexto em que as comissões são criadas, ver: “Comissão Nacional da Verdade: acordos, limites e enfrentamentos” (Coimbra, 2016).

como todos os demais mecanismos de outrora, para o mesmo propósito de silenciar, através de sua horrenda paisagem de corpos desmaiados no asfalto, apenas vistos como ‘coisas’ que estão diante de armas apontadas, podendo ser jogados no chão a qualquer momento. Esses corpos persistiram, não deixaram as ruas abandonadas. Mas eu via nas palavras de Cecília o esforço que é preciso empreender contra esse silêncio. Um silêncio que fica após o estouro, o sangue, o desespero em ver aqueles muito mais jovens que eu diante de uma possível morte, apontada pelas armas do próprio Estado, através de seu aparato policial.

Algo que não é recente no Brasil é essa prática do silenciamento, através da noção de descartabilidade. Sendo o último país na América Latina a efetivar um processo de reparação, o Brasil nunca teve a devida preocupação em promover uma abertura das memórias do seu período ditatorial, que ajudariam a produzir um pensamento mais crítico sobre o presente. Nos anos 1970, por exemplo, quando éramos campeões na exportação do *know-how* de tortura para as ditaduras latino-americanas, exportando manuais de tortura e torturadores, desde então nunca houve uma leitura crítica do nosso papel no cenário internacional, quando em outros países como Chile, Argentina e Uruguai, havia também torturadores brasileiros participando de interrogatórios. O Brasil, que foi o campeão de exportação de tortura, é hoje uma das nações mais conservadoras do continente. É um lugar onde, muitas vezes, não nos sentimos podendo sobreviver, e onde cada vez mais nos vêm a sensação de estar sob uma produção permanente de insegurança, agravada quando na presença dos agentes de segurança do Estado, como se, aqui, tudo o que se produz, em termos de controle e repressão, tivesse alguma relação com o fascismo histórico de sua máquina.

Quando fazemos uma análise do que é o Brasil hoje, com suas políticas de segurança pública, não podemos ignorar o período de ditadura civil militar. Sabemos que, enquanto essa história não for conhecida, e suas memórias não forem narradas, continuaremos a naturalizar a violência de seu passado, que atualmente existe, estando presente na sociedade capitalística, seja através dos agentes do Estado como aqueles que mais violam direitos humanos e mais violam as constituições e suas leis, ou através de discursos e práticas que circulam e aparecem entre os próprios civis, quando aplaudem linchamentos, massacres, discursos de apologia a esse passado, ou operações ditas de segurança. Essa herança nefasta do período da ditadura militar e

do Estado Novo, apesar de pouco falada e avaliada, ainda se faz presente nas periferias, em nossas subjetividades. Em umas das inúmeras entrevistas concedidas por Cecília, ela afirmara certa vez que esta atualização das forças se concretiza na criminalização da pobreza, através militarização das favelas, e como vemos recentemente, também se atualizam nas novas repressões aos movimentos sociais, em seus dispositivos legais. Quando durante a ditadura brasileira houve a importação via Estados Unidos e Escola Superior de Guerra do Brasil da doutrina de segurança nacional, que produziu a noção do inimigo interno<sup>207</sup>, desde então, propaga-se uma paranoia na sociedade, onde uma insegurança e um terror são implantados. Aquele que está ao seu lado pode ser seu inimigo. Isso é visível nos corpos, quando vivemos num mundo em que não se pode confiar em ninguém; algo que teria a ver com os dispositivos produzidos pela ditadura, mesmo sendo um fenômeno planetário. Se estamos falando da produção da insegurança, do medo e do terror, pode-se compreender como no Brasil a violência é tamanha. Todo carioca sabe o que é andar pelas ruas da cidade com os carros de polícia apontando fuzis para fora das janelas, em dias considerados ‘normais’. Uma das coisas mais tristes de nossa história recente foi também ver a polícia espancando os professores em greve pelos estados. Quando nos sentimos objeto na mão do outro, ou uma coisa perigosa que deve ser exterminada, vê-se que a instalação do medo é um instrumento de eficácia em qualquer sistema ou regime que se procure implementar ou conservar. O medo será, desde sempre, a moeda de troca para o estabelecimento da ordem; ou melhor dizendo, de uma determinada ordem.

---

<sup>207</sup> Ver Coimbra, 1995, 2001.

## 17. Os investimentos

Não foi por acaso que o Brasil da Copa entrou com um investimento pesado em armamentos, para se manter equipado com ‘aparatos de última geração’ nas ruas. De fato, a lógica subjacente a um investimento de tamanho escopo é a militarização e o controle, repetindo o padrão observado na preparação dos Jogos Pan-americanos de 2007, ocorridos no Rio de Janeiro, e a repressão aos movimentos sociais, como pôde se ver em 2013, como aponta o Dossiê Megaeventos e Violações dos Direitos Humanos no Brasil<sup>208</sup>. A Secretaria Extraordinária de Segurança para Grandes Eventos, do Ministério da Justiça, havia comprado R\$ 50 milhões em “armas menos letais” para serem usadas na segurança do evento. Com os protestos ocorridos em 2013, uma compra emergencial de mais R\$ 8 milhões teve de ser feita. Com a conversão da Copa da Fifa em prioridade de “segurança nacional”, a Matriz de Responsabilidades da Copa incluiu R\$ 708,9 milhões para o Exército, Marinha e Aeronáutica - ou seja, a repressão não seria apenas atribuída às polícias militares. Neste sentido, para instruir as Forças Armadas sobre como elas devem atuar nas cidades, o Ministério da Defesa publicou, em dezembro de 2013, um documento chamado “Garantia da Lei e da Ordem”. Nele, movimentos sociais são considerados “forças oponentes”, e entre as principais ameaças que os militares devem combater estão listadas greves, distúrbios urbanos, bloqueio de ruas e ocupações de prédios. É preciso não esquecer também os gastos em aparatos repressivos que se destinaram ao complexo de favelas da Maré, no mesmo período, ocupada então pelas forças de

---

<sup>208</sup> Produzido pela Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa e Olimpíadas (2014, p.99).

segurança<sup>209</sup>. Esse momento entrava para a história das manifestações de rua no Brasil também como um novo capítulo na estória de suas práticas de violência de Estado.



---

<sup>209</sup> Somente na ocupação da Maré, o investimento em aparatos militares teve o dobro do valor estipulado para gastos sociais nos últimos seis anos.

## 18. Quem pode viver?

A experiência dos corpos permanece sendo outra. Acho interessante a leitura de Achille Mbembe<sup>210</sup> quando fala da vida não como aquela experiência que tem medo da morte e se poupa da destruição, mas que pressupõe a morte e vive com isso, sendo por meio desse confronto com a morte que somos lançados no movimento incessante da história. Tornar-se um corpo, uma voz, supõe conseguirmos sustentar o trabalho da morte. Em outras palavras, nossa experiência política é a morte que vive uma vida. Quando existe o estado de exceção, o que atravessará a experiência política dos corpos será uma experiência de nudez absoluta dessa morte, a sua total exposição ao outro através de uma relação de inimizade pressuposta, contudo, como a base normativa de uma experiência política, autorizando o direito de matar, assim garantido aos agentes de segurança, que podem decidir quem pode viver e quem deve morrer.

Quem pode viver? Uma pergunta que se apresenta não apenas em face dos investimentos recentes em aparatos repressivos, mas desde o Brasil-colônia, que vive uma ‘guerra sem fim’ segundo uma perspectiva europeia - no caso, a nossa perspectiva colonizadora - que teria trazido como efeito do processo de colonização a chamada ‘eficácia da colônia como formação de terror’, nas palavras de Mbembe. Essa guerra eficaz, como podemos inferir, se daria a partir do não reconhecimento de quem seriam seus mortos, e por conseguinte, quais vidas seriam reconhecidas como perdidas, no centro de sua guerra.

---

<sup>210</sup> In: “Necropolítica”. Revista Temáticas, UFRJ. n.32, 2016.

Segundo a perspectiva do colonizador europeu, os assassinados na colônia sequer eram considerados assassinados: a partir do seu olhar, aquele era apenas o ‘selvagem’. Quando os europeus massacraram os índios, de alguma forma, não tinham consciência sequer de que haviam cometido assassinato, segundo o autor. Esse olhar sobre o outro, levando à criação dos mecanismos mais atuais de um exercício de poder sobre as mortes - que representaria a autoridade suprema sobre a vida - e que ganha concretude nas forças de militarização, sofisticou-se conforme se constrói a sociedade pós-colonial, onde ainda permanecem os mecanismos de poder ligados a essa mesma matriz, produzindo a capacidade de definir quem importa e quem não importa, quem é “descartável” e quem não é.

O controle sobre a morte, assim exposto na vida descartável do corpo, é também o controle sobre a vida, exposto na morte política do corpo. A sociedade de controle terceiro-mundista não se produz apenas por balas perdidas, ou pela operação narrativa que produz esquecimento, mas por meio do seu cansaço, da sua exaustão, quando vai nos tornando excessivamente vulneráveis, seja à sua precariedade, ou sua autoridade, quando autoriza mortes e desaparecimentos, e desautoriza nossa capacidade de acolher e ouvir os sobreviventes. Em face dessa exposição à morte como condição da política, somos impedidos de fazer as perguntas mais básicas: o que é que está acontecendo por aqui? Diante das forças repressivas essas perguntas parecem destinadas ao silêncio de um olhar devastador sobre o mero selvagem. A cada vez que recebem as bombas, os cassetetes e as balas, essas perguntas tornam-se parte daquelas muitas vozes que jamais seriam reconhecidas. Quando já sufocadas, levadas ao esquecimento de si mesmas, essas perguntas correm o risco de desaparecer, dentro de uma profunda sensação de não reconhecimento da vida. As sequelas que se produzem em torno disso são diversas e, como dissera a própria Cecília, muitas vezes indizíveis. O esforço que é preciso empreender contra esse silenciamento, contra essa morte que experimenta a política no corpo, é também o absurdo esforço vivido nesta tese.

## 19. Devir mulher

Por sorte, encontro de repente dois conhecidos que logo me agarram para correr. Assim se iniciara, uma bomba atrás da outra, em meio aos pequenos incêndios de lixo que se espalhavam pela rua. Eu estava com pouco fôlego, e mal conseguia alcançar a esquina da Presidente Vargas com a Rio Branco para escapar mais adiante pela Primeiro de Março. Logo fiquei sozinha novamente. Uma mulher sozinha. Eu me sentia incapaz de criar saídas. Outros braços, outras pernas: naquele momento precisava ter outras pernas e não sabia se estava conseguindo. Júlia era o nome dela. De repente ela veio, e num átimo me pegou pelo braço. De onde ela surgiu? Corríamos de braços dados pela praça XV, e tirávamos fôlego não sei de onde. Os estouros continuavam atrás de nós. Passamos a correr juntas e não parávamos nunca. Não me dei conta, mas ali, éramos duas mulheres resistindo, de braços dados. Não corríamos sozinhas, era sempre uma mão de outra a te puxar, e todos corriam com todos. Nesse momento, não sentia mais aquela vulnerabilidade de minutos atrás. Junto a todos os outros manifestantes, em pleno asfalto, de mãos dadas com Júlia, eu atravessava meu devir-mulher. Um devir que atravessava as moléculas do meu corpo. Que atravessava as ruas quando dávamos um pouco de força uns para os outros para que as saídas se refizessem. Júlia conheceu seu futuro companheiro nesse dia. Ele estava desmaiado, quando ela o acordava gentilmente, com um lenço encharcado de vinagre pousado em seu rosto. Ele abriu os olhos e, logo depois, eles corriam juntos. Mulheres escapando e fazendo escapar. Eu era uma delas. Estava agora correndo com Júlia, que ajudava a renovar meu fôlego, meu corpo, as minhas pernas, meus gritos. De mãos dadas, éramos duas mulheres escapando.

## **20. Uma criança do lado esquerdo da calçada**

Havia uma criança que, certa vez, passou a caminhar sempre do mesmo lado da calçada. Sua mãe ficara desconfiada. Esse era o lado pelo qual seu pai costumava voltar do trabalho. A menina passou a fazer isso todos os dias, desde que ele havia entrado para a clandestinidade. Na rua de sua casa, ela começou a inventar seus passinhos. Sempre do mesmo lado, por onde ela já tinha visto ele caminhar. Continuava brincando por onde ela sempre havia esperado por ele. Por ali, sabia que ele havia estado. Aquele lado esquerdo era por onde ele podia voltar. Olhava para frente, para os lados. Jogava bola. Corria. Corria muito. Essa menina, hoje uma mulher, não lembra do pai. Um desaparecido da ditadura. Sua infância, ao sabor da imaginação, intuía que aquele era o lado da calçada onde tudo mudaria. Algo lhe dizia que era por ali que deveria ficar, quando caminhasse pela ausência sem medida e sem explicação. Uma estratégia para encontrar o encontro, de devir um encontro. Aquela rua, onde um dia ele morara, era o seu deserto. De alguma maneira, havia um meio de viver nesse território, e aos poucos, experimentava pisar em outros. Ela continuava seus passinhos após o desaparecimento repentino, e passou a criar outros depois da captura de seu pai pela ditadura. A criança fabulava a escolha pelo lado esquerdo da calçada. Uma maneira de deixá-lo vivo. Linhas de fuga desenhadas para o pai, que iam até ela. Uma infância construindo sua máquina de guerra<sup>211</sup>.

---

<sup>211</sup> Baseado em um relato realizado em uma das reuniões do Grupo Tortura Nunca Mais - RJ.

## 21. As máquinas de guerra da infância

Os nômades que interessam ao conceito da máquina de guerra são aqueles que vieram de uma concepção de silêncio. Território desértico, onde quase ninguém vive. Um local de difícil sobrevivência. Tudo o que passa pelo deserto, não pode ser dito: as zonas desertas, inadvertidamente, engolem uma tribo, um andarilho, um alguém. Um convívio permanente com o silêncio. Uma infância vê adiante um absoluto espaço, afecto intenso da falta de caminhos riscados previamente. Encontra um meio, acampamentos em sítios provisórios. Como os nômades, ela desenvolve ferramentas para prosseguir. As mãos que desenvolvem estilos, insígnias, traços e vestígios nas pedras, também desenham rabiscos, errâncias, tentativas de encontrar a água. Uma vida nômade é a infância. Ela combate a possibilidade de não haver mais vida. Ela inventa uma máquina de guerra contra as mortificações inexplicáveis, sejam da Terra ou do Estado. Suas máquinas estão muito longe do que vamos entender como uma sociedade: sua força indomesticada é aprendida por modos outros que não os da educação prevista pelos governos. Inventa-se a roda. Uma força a inventa. Torna-se a roda extensiva ao corpo. As vidas, extensivas à matéria prima das criações, são aquilo que, efetivamente, se configura num *ethos*, num modo de se conduzir pelo território. Seu problema diz respeito à condução de forças, imanentes, que sempre são imagens produzidas nas afecções territoriais. Se o nômade pensa o espaço fora das instituições estatais, ele cria incógnitas para avançar nesse mesmo espaço. São fluxos heterogêneos de criação, a matéria é mais dinâmica, não se tornando uma forma estática que tende a se solidificar em idealismos. Uma máquina de guerra é feita para atravessar. Ela vai percorrer, engendrar livremente. Encontrará a água. Seu potencial é, fundamentalmente, intuitivo. Uma intuição, uma

brincadeira, um gaguejo que se inclina ao encontro: surge na intensidade do pensamento, da imaginação em sua variação contínua e na sensação apreendida da paisagem. No horizonte aberto. Ela aparece nos disparos em pleno galope. Uma máquina de infância na guerra: ela inventa o arco e a flecha, as pisadas na calçada. Ela se projeta de acordo com as paisagens percorridas, investe suas forças contra o aparelho de Estado que estabelece sobre elas fronteiras e barreiras<sup>212</sup>. Entre a criança e a viagem, este é o conceito de se lançar em um movimento sobre a terra. O nomadismo se intui na ação livre entre o corpo e o mundo. Para navegar em imensidão, os olhos podem procurar as estrelas, mas atravessar o espaço requer intuir, criar um meio. Requer a força de criá-lo, imaginá-lo. Um corpo no infinito da tempestade.

---

<sup>212</sup> Texto construído com a ajuda de Paola Zordan em “Máquina de guerra em dez aforismos”, publicado na *Revista Carbone* nº6. Contamos aqui com algumas contribuições da autora quando fala do nomadismo, para tentarmos conceituar aspectos da máquina de infância.

## **22. Como estrangeira, fiz a minha mala**

Antes eu disse assim: “tudo naqueles passeios vinha como possibilidade, uma brecha para encontros, expressões para a vida”. Nós não podíamos respirar isso no Brasil. Durante as jornadas de junho, ainda em 2013, desaparecia mais um corpo negro, a vida do pedreiro Amarildo. No ano seguinte, durante os jogos da Copa do mundo, entre os gritos das torcidas, estávamos aflitos com os rumos das manifestações públicas no país. Os 23 ativistas já estavam respondendo aos seus processos. Rafael Braga continuava preso. Eu me revirava com a minha pesquisa de doutorado, sem saber também qual seria o seu rumo. Estava em outro lugar que não o meu país. Como estrangeira, fiz a minha mala. De ônibus, decidi seguir viagem por terra rumo a Valparaíso, no Chile, onde me hospedaria por um tempo na casa de uma colega fotógrafa e seu companheiro.

Como eu contava apenas com poucas economias, escolhi a rota que partia de uma rodoviária em Buenos Aires. Desta começava o longo caminho até a cidade balneária ao norte, através da cordilheira dos Andes, em um trajeto de vinte e quatro horas. Peguei o ônibus na tarde anterior, pensando que poderia passar a noite na estrada. Depois de uma extensa madrugada mal dormida, acordo assustada, esfregando os olhos. Deparei-me de repente com uma vista rochosa, imensa. Estava toda aquela cordilheira diante de mim, na frente de um imenso fundo azul indescritível. Não conseguia acreditar que tinha chegado até ali.

### **23. Filosofar é abordar a cor**

Como distinguir a alegria? Para Deleuze, esse é um conceito de resistência e vida. Aqui descobri desde muito cedo uma filosofia vitalista. O que ela irá abordar é uma existência um tanto mais simples. Uma vida não mais determinada em função dos meios e dos fins, mas vivida a partir de sua produção, de seus processos. Ela é vivenciada a partir de uma potência. Parece um pouco besta quando digo isso aos colegas militantes. O que essa filosofia vai pensar é como evitar essas paixões que nos deterioram em tristeza ou má consciência. Como viver com alegria para ter o máximo de potência? Como fugir da resignação, ou da culpa, de seus afetos tristes? A alegria é tudo o que consiste em preencher uma potência. Você sente alegria quando preenche, quando efetua uma de suas potências; sente-se alegria quando conquista, por menor que seja, um pedaço de cor. Eu entro um pouco na cor. Quando invento cores para preencher as minhas potências, quando faço alianças que fortalecem a existência, quando a vida exige de mim um processo de criação, consigo discerni-la. Isso nos faz alegres.

Mas a depender dos contextos, nem sempre é tão fácil de se alcançar: preencher a potência de viver com as cores que inventamos para ela, é um exercício sem método. Só conseguimos discerni-lo quando nos contagia. O que seria a tristeza, nisso que se apresenta? Quando estou separado de uma potência da qual eu me achava capaz; “Eu poderia ter feito aquilo, mas as circunstâncias... não era permitido, e etc”, é aqui que ocorre a tristeza. Qualquer tristeza resulta de um poder sobre mim. O corpo se faz em uma batalha árdua. Pois a confusão entre poder e potência é arrasadora, às vezes. O poder sempre separa as pessoas do que elas podem. Tanto que foi deste ponto onde partiu Spinoza. Uma filosofia que possa atuar

nesta relação entre a potência e os poderes vai buscar confrontar eticamente aquilo que podemos, aquilo de que estamos, na maior parte do tempo, separados.

Para Deleuze, portanto, todo o poder é triste. Mesmo se aqueles que o detém se alegram em tê-lo, o poder é uma espécie de ‘alegria tristonha’. Mesmo se achamos que a luta é por possuí-lo, ele ainda nos separa daquilo que somos capazes de criar, de perceber; nos separa de várias potências e experiências ainda desconhecidas. A vida exige-nos que seja preenchida de alguma coisa que possamos criar para ela. Exige um regozijo. Estar alegre pelo que somos, por ter chegado onde estamos. Não se trata apenas da alegria de si mesmo, de estarmos ‘satisfeitos’ conosco, consigo mesmo. Há um prazer na conquista, que não consiste em servir aos poderes, às pessoas, às leis, às instituições. Este prazer é, para o pintor, a conquista da cor. Para nós, uma conquista é quando chegamos a abordar uma cor que sirva para a vida, que nos levará a outras paisagens. O poder é sempre um obstáculo na efetuação das potências, no vislumbre dessas paisagens. Se com a filosofia escolhemos lutar contra esses obstáculos, essa escolha se dá enquanto afirmamos a vida, provocando nela uma abertura, a visão de caminhos, situações inéditas, pequenos acontecimentos; com a sua ajuda podemos reconhecer os obstáculos a um pensamento mais afirmativo. Deleuze desejava desobstruir o horizonte, a percepção, a visão costumeira, para que se manifestassem as potências pelas quais não procuramos servir aos poderes que nos deterioram, mas criaremos uma outra existência.

## 24. Água, terra, pedra e ossos

A película começa com a imagem de um bloco de quartzo, descoberto no deserto do Atacama, que possuiria aproximadamente três mil anos. Nele há uma única gota de água no seu interior. No deserto onde fora encontrado, o lugar mais seco do planeta, astrônomos todos os dias descobrem água em quase todo o cosmos, nebulosas, corpos celestes. Essa é a premissa que o filme lança em seus primeiros minutos. Quando a água está se movendo na Terra, mesmo paralisada dentro de um bloco de quartzo, a água permanece sendo um órgão mediador entre as estrelas e nós. Conforme a introdução do filme avança, a premissa ressurge na imagem da Patagônia, a fronteira mais extensa do país, onde a cordilheira dos Andes afunda e reaparece em milhares de ilhas. Ela se reafirma ao falar sobre como a barbárie colonizadora teria destruído essa mediação entre a água e a vida.

Os primeiros habitantes da Patagônia, clãs indígenas que viviam em comunhão com o cosmos, chegaram há quase 10 mil anos. Eram povos nômades da água que se moviam pelos fiordes, de ilha em ilha. Cada família tinha um fogo que ardia no centro da canoa, e todos andavam sobre o mar. Esses clãs foram seu primeiro e único povo marítimo. Seus nativos consideravam que tudo estava vivo, que uma pedra sempre estava viva, que a água tinha seu espírito, e que tudo que se move faz música. Todas essas histórias que um antropólogo nos conta durante o início do filme culminam em um convite. Ele nos convida a ouvir as nuances dos sons. Ele se baseia nessa música que estaria presente em tudo. “Tudo o que existe é água, intercalado com pedacinhos de algo mais sólido: terra, pedra ou osso”, ele diz. Ele retoma a premissa anterior, dessa vez, levando-nos a enxergar como os índios sentiam uma ligação de seus próprios corpos com os corpos celestes.

O filme dedica um tempo a falar dos índios do sul. Mostra como pintavam seus corpos, e como esse era um modo de se comunicarem com o cosmos. Eles acreditavam que as estrelas eram os espíritos de seus ancestrais, e entendiam que, após a morte, podiam transformar-se nelas. Esses grupos, que viveram durante milênios em temperaturas polares, não tinham cidades. Não tinham monumentos. Mas desenhavam em si mesmos. Nos dias de hoje, possuímos impressionantes telescópios, sondas espaciais, foguetes, satélites, para produzir essa mesma aproximação que, outrora, realizavam através de seus corpos.

Quando chegaram os colonos das américas – os caçadores de ouro, os militares, os boiadeiros, os missionários católicos – depois de conviverem por séculos com a água e as estrelas, os indígenas tiveram sua ligação com o universo eclipsada. Desde então privados de seus rituais, começaram a ser dizimados. Foram perdendo suas crenças, sua língua, suas canoas, e vestidos com as roupas usadas dos europeus, passaram a ser contaminados com os micróbios da civilização. A maioria dos nativos ficou doente, e morreu em menos de 50 anos. Os demais tornaram-se presas dos chamados caçadores de índios, que recebiam 1 libra por testículo ou seio de indígena, e meia libra por orelha de menino. Com o apoio dos estrangeiros, os colonos continuaram avançando ao sul, ocupando terras, para transformá-las em fazendas de gado. Para tanto, iniciaram o extermínio<sup>213</sup>.

---

<sup>213</sup> Estamos nos referindo à película *O botão de nácar*, de Patricio Guzmán (2015). Todo esse texto é baseado nos relatos e informações trazidas pelo filme.

## 25. A escrita encontra o oceano

Depois que assisti ao filme chileno *O botão de nácar*, de Patricio Guzmán (2015), nunca mais a imagem da Cordilheira foi a mesma. Escrever sobre o breve período em que estive nesses países, enquanto o Brasil em mim agonizava, passou a ser um debruçamento. Na escrita expunha o corpo à dizimação da terra. Ela vinha acompanhada daqueles relevos de paisagens vistas pelas estradas. A escrita percorreu muitos quilômetros. Muitas estradas a levaram ao oceano. Um oceano ‘pacífico’, que não trazia a visão de um lugar aberto, mas de uma ferida.

Um gosto de água salgada parecia estar entre seus morros coloridos, repletos de casas e muros grafitados, que descortinavam impressões nostálgicas pelas ruas mais próximas ao mar. A cidade parecia congelada nos anos oitenta. Como se, terminada a ditadura, não tivesse saído muito de suas referências. O final dessa década, marcado por processos de ‘abertura democrática’ em ambos os nossos países, estava estampado nos produtos no interior de suas lojas, que vendiam brinquedos que eu mesma reconhecia, como parte da minha infância. Os detalhes ao redor, os ‘mascotes’ de Copas do Mundo dos anos noventa, os bonecos e objetos de outros momentos faziam com que o tema se tornasse inevitável durante a estadia.

Os colegas que me receberam moravam em uma casa no alto de uma ladeira. Seu interior, repleto de fotografias que mostravam sempre um mesmo grupo de jovens, era cheio de arte, livros e simplicidade, marcando-me pela singeleza de sua coleção, mas também pelas ausências tão presentes nas imagens. As fotos antigas pelas paredes retratavam os amigos dos pais do anfitrião chileno. Algumas mostravam alguns momentos passados em um bar, naquele tempo frequentado por jovens de esquerda, hoje administrado por esse rapaz, com a ajuda de sua

companheira brasileira. Durante algumas noites íamos para esse mesmo local, assistir às apresentações musicais, ou conversar com chilenos que estavam montando suas cooperativas e espaços de arte por residências coletivas, próximas da rua onde estávamos. Aquele mesmo bar, frequentado por seus pais durante o regime militar, era considerado um local de resistência juvenil. O ambiente me envolvia com uma mistura de emoções e arrepios. Cada noite de verão passada na companhia daqueles novos amigos fazia com que as estradas para o Brasil se abrissem novamente.

## 26. Os estudantes chilenos, uma alegria

Houve esse dia em que ficamos em casa, jantamos e abrimos um vinho que conseguíamos por valores muito mais baratos naquela cidade. A cada semana degustávamos um novo a partir de uma promoção no supermercado. Este era rascante. Naquela noite, dividíamos mais uma vez as economias. Eu folheava um livro que estava em cima de uma mesa. Tratava-se de centenas de registros fotográficos das manifestações estudantis chilenas, que aconteceram há três anos atrás no país<sup>214</sup>. Eram imagens de diversos momentos passados nas ruas. Uma coletânea de fotos mostrando o furacão dos protestos que duraram semanas. Sabíamos como aquelas manifestações tinham sido duramente reprimidas. O anfitrião me contava algumas histórias que ficara sabendo. Podíamos ver em algumas fotografias cenas de violência das forças policiais sobre os estudantes, as feições de dor nos jovens. Cenas difíceis de digerir, ao mesmo tempo em que outras fotos me apresentavam a uma constelação de vidas, uma polifonia de forças através das quais conseguia renovar as minhas apostas em meio ao contexto de um Brasil árido, em um momento no qual nem imaginávamos, ou podíamos prever, que estávamos às vésperas de um golpe. Falar dos estudantes chilenos me trazia alguma alegria. Os estudantes me faziam lembrar também como seus protestos nos influenciaram naquele período intenso de greves na educação, quando as universidades federais realizaram diversas paralizações pelo país, antecedendo o ano das jornadas.

---

<sup>214</sup> No início de 2011, essa grande mobilização nacional dos estudantes chilenos remetia àquela de 2006, que ficara conhecida como a “Revolta dos Pinguins”. Nós ainda não prevíamos, mas esses acontecimentos no país vizinho ainda trariam muitas ressonâncias no contexto brasileiro do próximo ano de 2015, com as ocupações das escolas pelos secundaristas. Cansados de irem para as ruas fazer protestos e perceber que a cobertura da mídia tradicional valorizava qualquer outro aspecto que não suas demandas, os estudantes chilenos decidiram que ocupariam suas escolas e só desocupariam quando o governo nacional aceitasse dialogar sobre mudanças na educação do Chile. Embora os problemas chilenos com a educação sejam diferentes dos nossos, algumas experiências de reivindicação têm sido compartilhadas, como os materiais criados por estudantes da Argentina e do Chile, que passaram a ser difundidos.

## 27. Expulsem os cubanos!

Uma das falas mais recorrentes dos opositores do governo era de que ela já era uma criminosa. Isso se devia à sua juventude, pelo fato de ter sido presa e torturada na ditadura. Com essa estória ela sempre fora conhecida entre um público pela ‘origem’ comunista. Não era incomum escutar em discursos que ela deveria ter sido morta, como outros foram na mesma época. Os comunistas, ou melhor, as crias jovens de uma militância daquele tempo, assim caricaturada, tomando enfim o poder, poderiam tornar o Brasil uma ‘ditadura de esquerda’. O maior pavor de uma certa camada da população, que reclamava de seus impostos irem parar em políticas sociais como a Bolsa família, enquanto seus filhos tinham que concorrer com os cotistas para entrar na universidade, era de que nos tornaríamos muito em breve um lugar como Cuba ou Venezuela. Esse tipo de temor já aparecia em várias tensões de cunho nacionalista, espalhando-se por pequenas e grandes manifestações no país. Quando os médicos cubanos chegaram aos aeroportos<sup>215</sup>, sendo recebidos por alguns estudantes de medicina com vaias e urros pela sua expulsão imediata, tudo o que mais regurgitava, durante a reeleição de Dilma, era também um certo medo por essa aproximação com os ‘vermelhos’, algo que se tornava cada vez mais presente junto ao antipetismo no país, passando a agregar uma série de forças conservadoras que encontraram também - nos processos judiciais empreendidos contra o ex presidente Lula e outros - um pretexto para, lentamente, atualizarem-se ao longo da última década, levando-nos ainda a uma série de desdobramentos dentro do contexto de uma grande febre contra qualquer ideia próxima do chamado ‘esquerdismo’.

---

<sup>215</sup> Os profissionais de saúde cubanos do programa *Mais médicos* chegavam ao Brasil para suprir as vagas não ocupadas por médicos brasileiros em regiões remotas do país. Segundo a Organização Pan-Americana de Saúde e a Organização Mundial de Saúde, uma das principais ações no Brasil para aumentar a cobertura de saúde equitativa e universal é o Programa *Mais Médicos*, criado pelo governo brasileiro em 2013 para ampliar a atenção primária. Em novembro de 2018, o governo cubano decide retirar os médicos cubanos do território brasileiro após a vitória de Jair Bolsonaro, seguida de suas declarações sobre o programa.

## 28. Uma estudante de medicina

Eu já havia sonhado uma vez, com algumas dessas pessoas. Sonhei com uma estudante de medicina, não aquela das vaias. Ela estava prestes a fazer algo. Ela caía da plataforma do metrô, depois de muito fugir do seu tormento. Parecia a imagem que ela descrevia em uma carta, escrita do seu exílio. Nela, a estudante falava de um pesadelo. Perseguida em um túnel, ela corria de alguma coisa terrível, mas não conseguia se desvencilhar. Por mais que corresse, nunca alcançava o final da passagem subterrânea. Não conseguindo escapar daquele porão tenebroso, sem forças, ela desistia. Deixava-se envolver, sendo lançada em uma espécie de espiral, despencando-se das alturas, rodando num torvelinho, perdida, com um grande grito querendo romper de sua garganta. Quando então podia ver atrás de si o galope das forças cada vez mais perto, tudo aquilo que seus olhos viram, por um relance, fizeram com que ela voltasse, apenas para ver se os conseguia enfrentar pela última vez. Ela os encarava nos olhos. Como um derradeiro ato de dignidade, podia escutar o rosnado e o terror que aquele rastro emanava, tomando uma decisão que quase transcendia a si mesma. Mostrara-lhes o caminho percorrido até ali, desde a cena do seu baile de formatura no colégio, quando os encarou pela primeira vez, defendendo os rapazes da mesma idade que eram socados pelos militares no estômago. Desde aquele instante, não deixaria de levar as mãos à barriga, como um reflexo. Ela olhava para trás. Sem se despedir, deixava-se encobrir por uma onda, sentindo a imensidão que envolvia seu próximo passo<sup>216</sup>.

---

<sup>216</sup> Texto baseado nos sonhos e episódios escritos por Sérgio Mudado em *A chama e o vento* (2015), romance inspirado na vida de Maria Auxiliadora Lara Barcelos (1945-1976), militante torturada, estuprada, trocada por embaixador suíço na ditadura militar brasileira, que depois vai para o Chile, lugar de onde, após o golpe, segue para Alemanha. Durante seu exílio na europa ela se desestabiliza. Segundo Sérgio Mudado, ela não se suicida, como muitos insistem em afirmar: jogando-se nos trilhos, ela se lança para nos mostrar que era assassinada pela máquina mortífera da ditadura brasileira.

## 29. Um cemitério em alto-mar

Conta o narrador do filme que, em um determinado verão, um dos seus amigos de colégio havia sumido em uma praia. Ele estava pulando de pedra em pedra, em meio às ondas que entravam como garras nos arrecifes. Naqueles anos de chumbo, na mesma região onde desaparecera seu amigo de infância, surge um corpo ao mar. Uma corrente devolveu alguém, mas não era o corpo de um menino. Era o corpo de uma mulher. Não se sabia quem. Mas as pessoas começaram a suspeitar que o oceano era um cemitério. Décadas passariam, levando muito tempo até alguns oficiais da ditadura confessarem que pessoas teriam sido lançadas ao mar durante aquele período. Conta a película *O botão de nácar* que trilhos de trem eram amarrados aos corpos torturados. O filme mostra todo o processo, até serem levados aos helicópteros, e depois afundarem no oceano. Uma das pessoas levadas nessas operações, segundo o narrador, foi a mulher que havia aparecido na praia. Ela possuía sinais de tortura, algumas lacerações. O que mais impacta é o estado em que se encontra o seu rosto. Esta mulher fora encontrada com os olhos abertos. Estes estão intactos, coisa que não é muito comum quando um cadáver permanece por muito tempo na água. Seu rosto não estava inchado. A impressão que se tem é que está desperta. O narrador então nos pergunta qual teria sido a última coisa que viram, essa última coisa sobre nós, que seus olhos teriam testemunhado, o que teriam visto para permanecerem abertos. O que teria sido tão terrível, para jamais conseguirem adormecer<sup>217</sup>.

---

<sup>217</sup> Ainda sobre o filme *O botão de Nácar* (2015).

### 30. Os sons das panelas

Em uma esquina qualquer da cidade, às nove horas, o conflito com os batedores de panela era uma possibilidade esperada: nesse mesmo horário as panelas podiam ser ouvidas ressoando pela rua como um sinal, mal conseguindo dizer a manifestação daquilo que reclamavam. Eu ficava ansiosa em algumas noites, temendo escutar aquele som vindo dos vizinhos logo após o noticiário. Em alguns bairros seus ruídos eram mais esparsos, mas sempre perturbadores. Colheres de pau em panelas de aço, movimentos de bater com mãos e braços, janelas abertas com batidas nas panelas, batidas vazias, batidas duras. Impossível saber para onde isso ia nos levar. Achávamos que panelas eram batidas para falar da fome.

Tudo era vivido à flor da pele, de dia, à noite. As violências efetivamente já apareciam com mais respaldo, junto às inocentes panelas. Naquele ano de 2015, jovens vestidos de vermelho passaram a ser ameaçados de agressão nas ruas. Qualquer pessoa que se passasse por ‘esquerda’. Os ‘vermelhos’, como eram chamados, ‘tinham que ser banidos do nosso país’, e assim, alguns cidadãos os expulsavam daquilo que consideravam *sua* área de protesto, nas manifestações de quando pediam pela saída da presidenta. Esse barulho das panelas me trazia um arrepio. Junto delas, nós ouvíamos cada vez mais soando de todas as direções um mesmo pejorativo vazio, muitas vezes preenchido de ódio: comunista.

### 31. A máquina rangia

No início daquele ano, logo em seus primeiros dias, chegava o momento de me despedir da cidade chilena. Lembro que na última noite conversávamos sobre essa expectativa de voltar ao Brasil, depois de seus últimos acontecimentos. Falamos daqueles gritos de torcida que ouvíamos nas ruas do Rio durante a Copa do Mundo, quando os chilenos se manifestavam nos jogos com um mesmo grito coletivo. Estava muito curiosa. Cheguei a perguntar ao colega anfitrião se tinham alguma ligação com a época da repressão chilena, como eu havia visto nos eventos trazidos pelo filme *NO*<sup>218</sup>, no qual o mesmo grito presente durante a Copa, o “*Chi chi chi... Le le le!*”, aparecia entre os apoiadores de Pinochet. O filme mostra os bastidores das campanhas publicitárias durante o plebiscito que levaria ao fim da ditadura. O colega imediatamente levou a mão aos olhos, como se não pudesse ver diante de si aquilo tudo novamente. “Aquele momento... foi horrível...”, ele disse, “aqueles gritos pela continuidade dele... não podia acreditar”. A campanha publicitária da parte do *Si* tinha como um de seus fundamentos o medo de um possível ‘retorno’ do comunismo: se a população escolhesse pela saída de Pinochet naquelas eleições, isso significaria o retrocesso, o adeus ao enriquecimento, e a volta dos ‘vermelhos’. Esse ‘lema de torcida’ aparece em uma cena específica do filme, entre o pessoal de gabinete de Pinochet, quando estão assistindo à última exibição das campanhas na televisão aberta, na noite anterior ao plebiscito de 1989. O colega chileno não consegue acreditar que aqueles gritos de torcida foram parar no Brasil. A Copa do mundo estava trazendo novamente aqueles gritos que o faziam lembrar a sua infância,

---

<sup>218</sup> *No*. Chile, 2012. Direção: Pablo Larraín.

quando frequentava as passeatas pelo *No* de mãos dadas com seus pais. Havia chegado ao Brasil, também, aquelas passeatas.

Eu me despedia daquela viagem no dia seguinte. Naquele ano que mal começava, as agitações verdes e amarelas não cessariam no Brasil, tomando em breve alguns corpos, em apoio às decisões de um juiz que se revelaria uma das principais peças de um espetáculo pelo qual uma parte da população seguiria vociferando a queda, o desgosto, o ódio, aglutinados no contexto de impeachment. Como veríamos se abrir, descortinava-se um cenário confuso, o qual imediatamente veríamos ser usurpado por uma grande e diversificada aliança de forças autoritárias, compondo aquilo que estávamos vivendo como uma atmosfera instável, de incertezas. Uma grande parte dos meios de comunicação se envolveria na fabricação deste horizonte enquanto, lentamente, vinha sendo cozinhado o orquestramento de um acontecimento, esse já ocorrido e chamado golpe, quando uma presidenta eleita é deposta por seus parlamentares. Não foi permitido, ao Brasil, plebiscito algum. As eleições foram na prática anuladas. Sabíamos, com um certo desespero, que os colapsos não paravam de vir. A máquina rangia, desgastada. Nós estávamos, também, carregando a ferrugem de certos sonhos. Um mundo estava se desfazendo.

### 32. Guilhotina

Emudecia-se em meio a tantas vozes. Em meio a tantas coisas. Sem produzir uma resposta, eu me perguntava sobre alguma forma de refazer as paisagens, remontar suas forças, ao fim tornadas solitárias diante de falas como essa: “*Olha, eu acho que essa luta a gente já perdeu...*” – diz um colega numa mesa de bar, quando conversávamos sobre o horizonte que se aproximava no domingo. O tema começou com o acontecimento do corte de 30% no orçamento da educação, resignado agudamente na reunião da qual acabávamos de sair, junto aos professores e outros estudantes da pós-graduação. Estávamos ‘em cima do muro’, como costumava-se dizer. Uma amiga uruguaia se revolta, não conseguindo crer na diferença de postura que há entre nós brasileiros e o resto da América latina. Os estudantes estão atônitos, mudos. Quanto mais a conversa se enredava, mais nos dávamos conta da vida se dicotomizando, quando mais uma vez, o fato de termos passado por eleições apertadas, mostrava que quase todos estavam se posicionando apenas entre o fascismo e o neoliberalismo como únicas possibilidades dispostas enquanto elementos do jogo. Esta era a forma como as escolhas se arranjaram depois do ano das barricadas, do fogo que se alastrou. Ali estávamos discutindo sobre um certo faro de medo. Estávamos lidando com a impotência diante do domingo próximo, quando passeatas pelo país ocorreriam pelo impeachment da presidenta, que representaria para uns a ‘guilhotina’ ao Partido dos Trabalhadores. Na conjuntura das últimas eleições, Dilma, considerada o pólo neoliberal, era por nós silenciosamente criticada. Em meio ao avanço conservador, um silêncio inicial surge com relação aos cortes, em um contexto no qual as forças e discursos fascistas estavam ensaiando aparecer, junto ao fenômeno do antipestismo já em gestação há

quase seis anos. Essas forças se espalhavam nas últimas eleições alinhando-se como oposição, com o outro candidato que a perdeu. No domingo próximo, essas forças estariam se mostrando nas ruas. Sentíamos estar sob um impasse. Qualquer ato pela educação, nas próximas semanas, implicaria o risco de fazer coro junto aos fascismos descontentes, soando como uma impossibilidade naquele momento. Estávamos bebendo, divagando sobre o futuro, tentando respirar o ar rarefeito. Sofríamos não apenas pelos cortes orçamentários, mas pelos assassinatos que estampavam as notícias. Naquela semana, um menino na porta de sua escola fora espancado, supostamente após ameaças e comentários de que era filho de homossexuais. Ficamos a imaginar algumas cenas do domingo<sup>219</sup>. Sugerí que muitos descontentes com a *Cartilha contra a homofobia nas escolas* estariam presentes, e parece que lá estiveram, junto daquele que chegaria em um carro alegórico, dois dias após protocolar o pedido de impeachment com as próprias mãos<sup>220</sup>. Um dia de domingo que se revelaria um palanque para este que dissera que também espancaria um filho, caso este se assumisse homossexual para a família. As coisas pareciam estar ficando muito difíceis. O amigo dissera que perdemos.

---

<sup>219</sup> Cenas de um domingo pelo Brasil: dois bonecos que simulavam Lula e Dilma eram enforcados em uma ponte, entre suásticas, paredões de insultos contra ‘os de camisa vermelha’, na ocasião expulsos das ruas com gritos de ‘vá pra Cuba! ’; e uma grande faixa com os dizeres “Basta de Paulo Freire. Chega de doutrinação marxista”, entre outros cartazes, que pediam por intervenção militar (imagens de diferentes cidades no mesmo dia).

<sup>220</sup> Jair Bolsonaro já era conhecido por chamar a Cartilha de ‘kit gay’, ajudando a suscitar a polêmica de que a mesma poderia incitar nas crianças uma ‘doutrinação’ de gênero.

### **33. Os amigos correm no escuro**

Depois que a greve dos policiais militares estourou no estado do Espírito Santo no início de 2017, levando a população a não sair mais de suas residências ao longo de uma semana, ao menor sinal de risco do episódio se repetir no Rio de Janeiro, instaurando uma verdadeira calamidade, o governador providenciou que logo o Exército também ocupasse a cidade, desde então sob intervenção federal no cenário pós-golpe. Assim, a imagem dos tanques pelas ruas, como pela praça XV em pleno carnaval, na ocasião de diferentes pretextos, surge como medida emergencial para conter a crise na segurança pública durante a nova gestão<sup>221</sup>.

Quem mais sofreu o impacto dessa medida foram os moradores das periferias e favelas. Essa situação mais tarde é denunciada por Marielle Franco, vereadora assassinada à queima-roupa no ano seguinte, logo após realizar uma denúncia sobre as mortes em Acari durante a intervenção. A situação do Rio, que será atravessada também por episódios de intolerância religiosa - um presságio ocorrera alguns meses antes, quando eu via por alguns muros da cidade a inscrição ‘Só Jesus tira a Iemanjá das pessoas’/ ‘Só Deus tira o Exu das pessoas’ , que também passaram a ser respondidas em outros muros: ‘Iemanjá tira o preconceito das pessoas’- mostrará que não somente na cidade, mas no Brasil, também se anunciava um novo período

---

<sup>221</sup> Em 3 de abril de 2014, Sérgio Cabral deixou o cargo de governador do Rio de Janeiro, pedindo renúncia. Na mesma data, assume o governo o vice de Cabral, Luiz Fernando Pezão, que concorreu à reeleição no mesmo ano para governador. Em 17 de novembro de 2016, a Polícia Federal prendeu Sérgio Cabral e mais sete pessoas (dentre estes, alguns ex-secretários de seu governo), na Operação Calicute, no âmbito da Operação Lava Jato, acusado de liderar o desvio de 224 milhões de reais em valores ilícitos.

de manifestação das forças conservadoras, através de censuras a exposições de arte e a conferências de intelectuais<sup>222</sup>, que ganham então repercussão nacional.

O cenário pós golpe<sup>223</sup> culmina em uma greve geral no Rio, ainda em 2017, como uma resposta de várias categorias à chamada ‘PEC do fim de mundo’<sup>224</sup>, quando na ocasião, as luzes da Cinelândia, antes mesmo do ato da greve começar, são todas apagadas, deixando os manifestantes no escuro. Lembro que, muito preocupada com os amigos nesse dia, já morando em outra cidade, pedi que eles me dessem notícias o quanto antes. Eu acompanhava alguns relatos. Aquela parecia uma situação mais que assustadora, era terrorista. Imaginei a Cinelândia à noite, coberta de escuridão, com policiais armados fazendo um cordão em volta, correndo pelas ruelas nas adjacências, impedindo a saída dos manifestantes, impossibilitados de enxergar seus caminhos.

Parecia junho de 2013 novamente, dizia um amigo. Mas havia agora um tom dos trabalhadores, porque associada à greve, o que fez tudo ser mais bonito e complexo. “Encontrei algumas pessoas por lá. Elas estavam do mesmo lado que eu, que era a da saída livre da Cinelândia. Estavam se protegendo”. A Cruz Vermelha estava em peso. Várias pessoas usando um boné da organização espalhavam-se caso os manifestantes precisassem ser socorridos. Mais cedo, naquela manhã, os protestos fecharam a ponte Rio-Niterói. Não deixaram as pessoas entrarem nas barcas até as 9h da manhã, com os manifestantes de vários sindicatos à sua entrada. “Eu não sei você, mas eu já me sinto calejado de levar bombas. A experiência que tive hoje na Cinelândia foi bem diferente. De alguma forma, eu sabia o que fazer e para onde ir. É curioso, mas o mapa do Centro do Rio veio em minha cabeça. Fui escolhendo as ruas, enquanto corria sem parar”. Ele só conseguiu pegar as barcas depois da

---

<sup>222</sup> Podemos citar a censura à exposição *Queermuseu*, em um primeiro momento impedida de entrar no Rio de Janeiro na gestão do prefeito-pastor Marcelo Crivella; assim como a polêmica performance *La Bête*, quando esta é realizada no Museu de Arte Moderna de São Paulo, sendo desde 2015 alvo de críticas nas redes sociais e por parte de movimentos de direita, como o Movimento Brasil Livre, por ter envolvido a interação de uma criança com o corpo nu de um homem. Podemos citar também a tentativa de censura por parte de uma parte da população que queria impedir a vinda de Judith Butler ao Brasil, quando é convidada para o seminário *Os fins da democracia*, realizado em novembro de 2017 no SESC Pompeia.

<sup>223</sup> No início desse ano de 2018, no dia 7 de abril, ocorre também a prisão do ex presidente Luiz Inácio Lula da Silva, como mais um capítulo da atual temporada de um seriado chamado ‘Golpe’, nas palavras de Suely Rolnik (2018).

<sup>224</sup> A PEC do ‘teto de gastos’, que limita os gastos públicos pelos próximos 20 anos, na época em que estava em votação no Senado, foi apontada por Michel Temer como a sua principal medida no âmbito econômico.

dispersão. “Eu ouvia de longe as bombas. A noite se fazia sonora comparada ao silêncio da manhã: com a greve, não passaram ônibus na minha rua até as 10h. As lojas ficaram fechadas, metade delas só abriram às 11h, a outra metade permaneceu na greve. Talvez outras pessoas tenham saído mais violentadas, pois eu consegui fugir. Corri durante uma hora inteira. Encontrei as beiradas do protesto. Desta vez, não respirei gás. Não levei bala, nem porrada. Olhei para o mapa de uma cidade que existia dentro de mim, e comecei a correr. De algum modo, havia um mapa conhecido”<sup>225</sup>.

Naquela vez, eram os corpos correndo pela escuridão. Maquinando caminhos, emitindo breves sinais aos seus companheiros. Pequenos bichos dispersando pelos becos e ruelas, pela noite absurda. Cinelândia de vagalumes. Eles corriam velozes, procurando-se, encontrando mãos amigas. Seguiam desviando, persistindo por atalhos, avisando o perigo aos demais. Buscavam orientar-se no escuro. Voltavam ofegantes para casa, depois de criarem luzes onde não existiam. Uma infância vagalúmica: ela permanece em fuga, correndo da morte.

---

<sup>225</sup> Depoimento de um amigo.

**4.**

## **Um golpe nos sonhos**

1.

Havia acordado de um sonho estranho. Estávamos em meio às ocupações estudantis<sup>226</sup> nas universidades, vários estudantes estavam dormindo acampados em espécies de porões, ambientes soturnos localizados em algum edifício do campus. Lembro que eu estava em um deles, passando a observar o que acontecia no porão. O motivo do acampamento subterrâneo era assegurar a continuidade da ocupação estudantil, que então se via ameaçada por forças e grupos que, a qualquer momento, podiam invadir o local e vir a depredá-lo, como uma tentativa de culpar os estudantes e desmobilizá-los.

As coisas não eram muito claras. Lembro de me sentir deslocada, como se tivesse caído na situação de paraquedas. No sonho eu acordava no porão, e de repente me via em um cenário secreto, onde a luminosidade era fraca, avermelhada. Parecia um esconderijo. Não havia nada nas paredes, nenhuma pista que pudesse me ajudar a entender o que faziam ali. Alguns estudantes estavam deitados, enrolados em seus cobertores, segurando livros ou radio receptores do tipo walkie-talkie, usados em operações estratégicas, como aqueles vistos em filmes. Não olhavam um minuto sequer para o canto onde eu estava. Faziam sons quando passavam por mim, com suas botas militares. O que faziam com aquelas botas? Um ou outro, quando era convocado por algum chamado do lado de fora, movia-se com discrição, como se a qualquer momento pudesse soar um alarme. Não tenho certeza. Quando isso

---

<sup>226</sup> As ocupações nas escolas foram um movimento de protestos contra os ataques recentes à rede pública de ensino: projetos como os da "Escola Sem Partido", Reforma do Ensino Médio, e a PEC 241/55. O movimento foi iniciado por estudantes secundaristas de escolas públicas em São Paulo, e foi se alastrando a outros estados brasileiros e também às universidades públicas.

acontecia, subiam a escada que os levava para o andar de cima e, nesse movimento, cada estudante aparecia com uma espécie de uniforme de guerrilheiro, semelhante àqueles que Che Guevara usava, e todos se comunicavam de maneira extremamente ágil e silenciosa. Andavam entre suas cores cinzentas e esverdeadas, movendo-se no escuro. Eles eram muitos e eram fortes. Estavam mobilizados, e encaravam tudo com bastante seriedade. Era estranho, mas lembro de ter a certeza de sentir uma espécie de ‘confiança’. Mesmo as coisas parecendo tão sombrias, eu confiava naquilo que estava acontecendo.

## 2. O sonho de T.

Em uma conversa com T., um amigo cujo maior interesse de pesquisa são os sonhos, compartilho o que havia acontecido comigo naquela semana. Nós fazíamos um almoço juntos no apartamento de uns amigos, e para minha surpresa, enquanto cortávamos os legumes, ele menciona um outro sonho, que ele mesmo teve.

Já havia passado um tempo. No sonho ainda estávamos atravessando o período das votações do impeachment de Dilma Rousseff, aquele período difícil, em que andávamos angustiados, sofrendo ameaças de desconhecidos nas ruas, que se diziam capazes de violentar o outro, caso este ousasse se manifestar. No sonho, ele estava em meio àquela confusão que se assemelha ao Senado. Tudo leva a crer que havia muita coisa sendo dita, muita coisa acontecia ao mesmo tempo, como era o clima daqueles dias. Eis o que acontece. Em meio às votações finais em Brasília, ao se erguer em defesa da presidenta, T. sai pegando em armas. Entre todos aqueles que estavam presentes, as imagens e afetos aceleram em meio ao caos, até o ponto em que aquilo vai cedendo lugar a uma destruição sem precedente, “São tantas imagens e ruídos que aparecem, e que depois se estilhaçam”. Um mundo naqueles instantes parece entrar em colapso.

Ele conta o sonho mostrando uma preocupação, como se percebesse a gravidade das circunstâncias. Nós cortávamos as batatas e, de repente, ele era esse gigante armado, confuso e sem rumo, gritando em meio aos seus adversários. T. encarnava em si mesmo alguém que não reconhecia. No contexto do processo lento do golpe parlamentar, que nós acompanhávamos diariamente, permanecia entre nós uma sensação de ameaça iminente, a cada nova notícia pensávamos que, a qualquer momento, tudo entraria em colapso. A sensação de T. era a de não ter certeza se havia sido jogado no sonho, ou do sonho para a vida. Era um corpo lançado no labirinto, que acordava perdido, quando à noite, frágil e sem defesa, sonhava a dureza daqueles tempos.

### 3. “A última trincheira”

O que me intrigava de modo mais profundo era o desconhecimento que me tomava ao de repente estar no lugar onde se reuniam os estudantes, que se apresentava a mim como um esconderijo sombrio, escuro e misterioso. O próprio sonho parecia proteger um segredo. Eu não conseguia desvendar a situação, o que acontecia quando eles eram chamados para o lado de fora. Somente algumas sugestões convidavam-me a imaginar o que poderia ser aquele ‘deslocamento’ de tropas, emitindo aqueles sons de botas militares.

Os estudantes estavam em ‘treinamento’. Eles pareciam saber de alguma coisa, e conspiravam para que não esquecessem isso um minuto sequer. Fui percebendo de maneira confusa. Daquele canto escuro, curiosamente tão estranho como era a vida naquele período em que, muito recentemente, acabávamos de viver o golpe de Estado, eu observava o funcionamento de uma resistência; eu reconhecia, aquele era o ‘tipo militante’, com a sua disciplina, suas botas e uniformes, e um ímpeto de resolução marcante. Havia o resguardo de algo intocável, como se o objetivo mesmo daquela estratégia, embora não revelada, em meio ao treinamento dos estudantes, fosse a proteção de alguma coisa que estava em risco.

Todos os dias ia dormir temendo as notícias, sentindo o medo de que chegassem às universidades os mesmos eventos das ocupações secundaristas<sup>227</sup>: as forças que apareciam no sonho de T., como um sonho de ameaça, eram a ameaça que vivíamos antes como o risco do golpe, e que passou a estar por todo o campo

---

<sup>227</sup> Houve tentativas de provocação dos estudantes nas ocupações de diversas maneiras, às vezes por membros que se diziam do movimento de direita que então ganhava força no contexto do impeachment, chamado Movimento Brasil Livre, entre também tentativas de incriminação dos estudantes, depredações, risco de entrada de policiais, e outras situações que colocavam os estudantes na berlinda das polêmicas midiáticas.

social e molecular das resistências, invadindo nossos sonhos, travessias, esconderijos. No sonho, eu vivia o medo da invasão. Os estudantes estavam se protegendo contra um possível ‘golpe’: talvez, aquele que poderia ainda ser empreendido contra as ocupações, sendo permanente o receio de serem sabotadas. Mas não se tratava apenas disso. Aquilo que protegiam aparecia na própria organização coletiva do esconderijo, no modo como os estudantes se mantinham alertas: aquele parecia então ser o lugar em que se produziria a mais intensa forma de resistir aos poderes; e assim, eu descobria, afinal, que eles estavam em treinamento como se reconhecessem que nossos inconscientes fossem ‘a última trincheira’.

#### **4. Um novo povoamento**

Naquela manhã, enviei um email para os meus colegas. Escrevi sobre o sonho com os estudantes. Apenas um membro do grupo respondeu, dizendo que também havia sonhado com as ocupações naquela semana. Acredito que não tenha sido interessante a minha proposta, naquele dia, de uma partilha dos sonhos que estavam surgindo entre nós. Não tive um retorno. Claramente, estávamos no ponto em que parecia mais urgente a resolução de aspectos mais práticos: todos estavam muito envolvidos com a arrecadação de insumos para a manutenção da ocupação, como arranjar comida, organizar a segurança, oferecer alguma estrutura para que os estudantes pudessem passar a noite no campus. Deixei aquele registro do sonho perdido. Contudo, sentindo que, de alguma maneira, o próprio sonho havia me mostrado uma força insuspeita do movimento estudantil, permanecia uma dúvida, que talvez eu ainda guardasse, a respeito dos estudantes serem capazes de seguir ocupando apenas com os recursos que tinham, e que eram agora a nossa maior preocupação.

Junto à crise de conjuntura, o cenário era de uma pauperização existencial, quando todos nós mal dormíamos, cultivando olheiras nos rostos. A educação

pública se via à espera de um congelamento de verbas, com a promessa de grandes cortes orçamentários, aproximando-se do horizonte uma possível aprovação da emenda constitucional do teto de gastos, mais conhecida como a ‘PEC do fim do mundo’: sim, tudo parecia dismantelar, desmoronar lentamente como no sonho de T., quando imagens aceleram até o ponto em que, bruscamente, no meio do caos, tudo se estilhaça.

Contudo, até o momento em que os estudantes instauram uma interrupção. As ocupações vieram como uma pausa, pareciam uma suspensão naquilo tudo que estávamos vivendo. Ali era o lugar para pararmos e pensarmos no que queríamos manter daquele velho mundo que velozmente se desfazia; aquele era o momento de ocupar o tempo, pensar quais outros mundos gostaríamos de inventar<sup>228</sup>. Os estudantes estavam disputando os sentidos daquele colapso, os rumos daquelas forças coletivas; os caminhos de uma crise institucional, que agora eram eles que traziam para as próprias vidas, começando pelo que a universidade trazia de mais familiar e previsível: eles estavam colocando em cheque tudo aquilo que ela havia sido, como um lugar de formação.

Na maior parte das faculdades e institutos, portanto, as aulas já não estavam mais acontecendo nos antigos moldes. Os estudantes organizavam pelo campus atividades sobre aquilo que consideravam mais importante de aprenderem juntos. O que estava acontecendo era a própria ‘gestão dos recursos’ da educação pelos estudantes; não os recursos do governo, não os recursos financeiros; mas a gestão dos recursos desejantes expropriados pela experiência universitária, recursos existentes ou em construção em seus repertórios pessoais ou coletivos que, colocando o sistema de ensino em análise, buscava algo por ser inventado, algo que ainda não existia. O que estava acontecendo era o movimento pela produção de novas posições subjetivas, um movimento do desejo cavando um novo caminho, por noites de assembleia e dias de debate. Eles estavam tomando as rédeas da ruptura, ajudando a desmanchar as velhas formas, as caducas identidades institucionais, fazendo a poesia da construção de saídas. Um novo povoamento.

---

<sup>228</sup> A noção de pausa se deve à Ilana de Farias (2018, p.24) em sua dissertação de mestrado, intitulada “Memórias em lampejos: Construindo Cuidado com as Noites do Presente”, que tanto veio de encontro a esse momento de retomar um sonho que estava escrevendo para a tese.

## 5. O camelo, o leão e a criança

Se a expressão ‘tempos sombrios’ nos toma a linguagem e assombra com seus sentidos, é preciso o esforço de não sucumbir às forças que nos entristecem, e alimentar uma capacidade de escuta de outros movimentos, mais subterrâneos, que vão sendo emitidos e traçados pelas forças da vida que ora falam mais alto, ou mais silenciosamente.

T. era em seu sonho o furacão do fascismo. Uma força que estilhaça tudo ao redor, como um soldado no fim da guerra em seus últimos momentos de combate, vivendo a impotência diante de algo que é desapropriado de si. Sua pulsão vital acabara sem rumo e desesperada. Estaria sem estratégia que não fosse aniquilar a situação, que não é apenas sua, mas coletiva. Ele sente que precisa contornar esse choque: precisa parar, ocupar-se. Precisa se tornar uma força clandestina em si mesmo. Ele vai engendrar a primeira metamorfose de Nietzsche: o camelo. Uma primeira metamorfose que se faz, a mais difícil de todas, quando se torna necessário abandonar os nossos fardos, e atravessar o deserto. Se a força de criar outro mundo para si se vê imobilizada, o desejo precisa encontrar outro caminho, precisa pôr-se a agir. Experimentar a travessia de uma zona de indeterminação própria aos processos.

Nietzsche nos falava de três metamorfoses do espírito. Na primeira, quando éramos camelo, passamos pelo desafio da travessia dos nossos desertos. Na segunda, por sua vez, apareceria em nós o leão, que diz *não* aos valores reativos. Na terceira metamorfose, surge a criança, essa que diz *sim* à vida, à sua indeterminação. São três momentos que existiriam na reconciliação com os processos. Tratam-se os três de uma retomada do mundo, entregue ao seu acaso, ao seu desconhecimento, rumo à uma complexa abertura às possibilidades. Esses três momentos falam de uma natureza dos processos em meio ao desconhecido que abarcam, já que sobre eles não

há como se ter controle absoluto. Para chegar na criança, é preciso não meramente um esforço de desapego, nem um roteiro para se alcançar nada, mas uma confiança no desconhecido. Para Deleuze, a criança é uma vida que se lança nessa abertura, e com isso ela resiste. Não se relaciona com qualquer coisa capaz de contê-la, mas na imanência de uma infância: ela não está em nada mais, é ela mesma uma vida que diz *sim* ao seu movimento livre. Isso que chamamos de uma ‘infância do mundo’, como esse lugar de uma plasticidade, lugar das germinações, é o lugar que, ao mesmo tempo, enfrenta o trágico, a reatividade, e encontra o intolerável; sendo um lugar que sempre procura ser banido da nossa experiência, em sua produção de diferenças, em seus devires.

Se as diferenças são fagocitadas, geridas por um poder que se torna indiferente aos protestos e impasses da vida, procurando dar a estes uma via regradada pela sua lógica<sup>229</sup>; para Deleuze, é preciso fazer o combate aí mesmo onde as diferenças encontram-se vulneráveis, convidando a criança para esse combate. Os dispositivos de controle, os golpes, as desventuras, configuram-se exatamente nos processos desejantes, nas suas travessias, modulando seus movimentos, a maneira como enxergamos uma abertura a outras possibilidades de vida fora de seus meios. Aqui é onde se inventa a máquina de guerra.

---

<sup>229</sup> Auterives Maciel em: “O problema da escolha e os impasses da clínica na era do biopoder” (In: *Polifonias*, 2005).

## 6. Entre a guerra e o desejo

Esse conceito tem pouco ou nada a ver com o sentido comum dado ao termo. Não se trata de falar do aparato militar que um Estado, reino ou império é capaz de construir para fazer guerra, mas de mostrar que uma máquina de guerra é sempre, por definição, exterior às diversas formas de Estado surgidas ao longo da história.

Uma máquina de guerra não tem a guerra como objeto, ela diz sobre a relação entre a guerra e o desejo; sobre a recorrência da imagem da guerra no processo de uma linha de fuga: o conceito responde à questão da ambiguidade da linha, pois seria muito simples tomar a vertigem fascista como o oposto do desejo, e julgar que o desejo não enfrenta outro perigo nele mesmo.

Vemos, por exemplo, o próprio fascismo como um desejo coletivo. Uma paixão de abolição, como um momento que o desejo enfrenta em condições desesperadas, achando na destruição dos outros e de si o único objeto que lhe resta, quando perdeu sua potência de criar. O fascismo é esse momento complexo. Aqui, o desejo incapaz de criação encontra no seio da própria derrota o recurso atroz de voltar o Estado contra si mesmo. Isto é, esse conceito da máquina de guerra permite *precisar as condições* de uma política desejante que, por sua vez, disporia ao mesmo tempo de uma ferramenta para fazer face ao perigo de deriva fascista, próprio das linhas de fuga, que sempre podem acabar destruindo a si mesmas e aos outros.

Esse conceito atesta a vitalidade de uma coletividade. Sempre em termos de agenciamentos, de travessias. Um conceito que opera aquilo de mais vital que Deleuze dissera sobre a filosofia: ela é um lugar onde se travam grandes batalhas, intensas guerras de guerrilha que passam por cada um de nós, sendo em cada um de nós, portanto, que a filosofia se encontra incessantemente em guerrilha

consigo. Uma máquina de guerra engendra-se no pensamento, na vida, e para a vida. Mas ela periga em se transformar na própria guerra, no momento em que o “eu” vacila no auge indizível, do pavor e da agonia, numa multiplicidade que habita os interstícios do eu transtornado, na *Guernica* onde gritamos e precisamos combater entre as forças, para não sucumbir<sup>230</sup>.

## 7. Os estudantes encontram uma ‘vocação terapêutica’

Os amigos da pós-graduação estavam se mobilizando e propuseram aos estudantes participar da ocupação, disponibilizando-se a ouvir e cuidar, revezando-se na construção de uma tenda voltada para a saúde mental estudantil. Essa tenda foi pensada como uma proposta de cuidado para todos nós. Sua existência se enredava no espaço da ocupação, entre seus corpos em construção com o presente, oferecendo-se em uma vulnerabilidade mútua de seus participantes.

Quando sonhei com aqueles meninos, a ação dessa tenda estava lá. Estava presente, de alguma forma, enquanto pude perceber os nossos medos. Era perceptível: na vulnerabilidade do meu corpo naquela espécie de ‘*bunker*’, uma coletividade nos cuidava; algo que não podia se ‘revelar’ explicitamente, mas que, ao contrário, apresentava-se como um limite, um lugar tenso, espaço de atravessamentos onde as relações de força produzem ressonância, lugar onde o jogo vira. O medo se tornava uma outra coisa. O sonho desvelava uma metamorfose das forças, pois algo também se desdobrava no tecido de nossos dias, fazendo-se potência nos corpos, nos modos de estar junto. Se os estudantes mostravam isso nas ocupações através das suas maneiras de pensar uma outra educação, debatendo uma possível desburocratização da vida; o fato é que eles mesmos exerciam a sua “vocação terapêutica”<sup>231</sup>. Os estudantes golpeavam o cenário do corte orçamentário

---

<sup>230</sup> A escrita contou com o auxílio do texto “Máquina de Guerra” (In: Zourabichvili, *Vocabulário de Gilles Deleuze*) e com o pequeno prefácio, feito por Deleuze, na introdução do livro *Conversações*.

<sup>231</sup> Expressão de Guattari em 1964.

gerindo seus próprios recursos, e de repente, eu me via andando pelo campus Gragoatá da UFF como se voltasse àquele ano inicial do mestrado, começo de uma década de ocupações e de vidas nas praças. No esforço de retomar a estranheza do sonho, eu já estava acordada novamente, em meio a essas imagens oxigenantes das ocupações pelo *campus*. Percebo agora que essas ocupações eram sonhadas como esses ‘esconderijos remotos’ onde nossos navios podiam ser abastecidos com água e comida<sup>232</sup>, e nesses voltava a ser atravessada pelas muitas intensidades que ainda permaneciam se abrindo de todas as experiências militantes e de produção de resistências desde que havia saído da faculdade.

Tendo a pensar que essa potência ‘secreta’ protegida no sonho, ainda mais subterrânea do que podíamos vivê-la, era o vislumbre da possibilidade de um movimento fora e além da espiral do futuro das instituições e de suas intermináveis armadilhas, em meio a um golpe de Estado que vinha dia após dia nos invadindo. Essa era a potência no sonho que se fazia proliferar nos corpos e inconscientes, a potência de uma guerrilha investida pelos meninos ao criarem suas próprias estratégias desejantes, criando formas de cuidarem uns dos outros, em zonas temporárias ocupadas pelo desejo, pelos seus afetos, e suas angústias.

---

<sup>232</sup> Hakim Bey (2011) refere-se às ilhas corsárias em rede pelo mundo, como uma alegoria para as zonas autônomas temporárias.



Um prédio no campus Gragoatá. Universidade Federal Fluminense, 2012.

## 8. Guattari escreve aos estudantes

Naquela manhã, meus olhos percorrem as palavras de Guattari tentando acordar. Havia um problema que o autor insistia em colocar aos estudantes franceses. No relatório destinado à *Mutuelle Nationale des Étudiants de France*, Guattari escreve em 1964 alguns de seus apontamentos aos problemas a princípio discutidos pelos estudantes, e assim apontados pelo seu diretório. São problemas que dizem respeito à ideia de cogestão da saúde estudantil, a partir da perspectiva de que o mundo universitário seria marcado pelo que Guattari chamava de *dimensões específicas de alienação*. Assim, o texto argumenta que todo jovem, quando chega à universidade, acaba tendo não somente que lidar com uma reorganização da sua vida anterior, mas com uma universidade que acaba desapropriando o estudante de sua própria experiência. O argumento é que, sendo visto como um embrião, nas palavras de Guattari, o estudante vive seus anos de aprendizagem como alguma coisa desde o início determinada pelo papel que ele vai ter de desempenhar quando “tiver terminado”, tornando-se impossível, como diz o autor, falar de saúde mental separadamente das práticas universitárias, se toda a sua estrutura implica um permanente esmagamento dos processos de cada um<sup>233</sup>.

O fato de a instituição universitária organizar-se de modo a atender não somente às necessidades de promoção hierárquica no capitalismo, mas também a um conjunto de demandas da sociedade, geraria as dificuldades mais presentes no estudante, em face de seu próprio processo existencial. Em meio aos ‘grandes’ problemas científicos, literários e filosóficos mais elaborados da Humanidade com os quais convive neste contexto, a impressão que tem é que parece que sua experiência nunca será suficiente como aquilo que o levará a algum conhecimento.

---

<sup>233</sup> 1964, p. 94.

É preciso buscar soluções para os impasses da própria existência nos saberes formais, esses que são assimilados com vista, entretanto, à profissionalização. Guattari sugere assim que a produção de uma saúde estaria justamente num outro lugar a ser ocupado pelo estudante nessa engrenagem, quando ele finalmente se apropriar de seus problemas. Desde então, fica claro em seu texto que certamente a sociedade não está preparada para ver o jogo virar, e ver esse estudante que está ocupando a universidade hoje, em meio a um golpe, renunciar a um lugar produzido para ele: tanto o lugar de alienação da própria experiência, como aquele que diz sobre seu processo de integração na sociedade. O jovem só pode integrá-la, não pode reinventá-la. Esse é um problema que põe em questão ‘o conjunto das finalidades sociais’, diz Guattari. E nós estávamos, naquele momento, vivendo uma ruptura acontecer nessas 'finalidades'.

## **9. A máquina universitária**

Quando chego nessa parte do texto, meus olhos decidem pousar muito delicadamente. Lembro a coragem de uma estudante que, intervindo em uma reunião da pós-graduação, destina sua fala aos professores, alunos e funcionários que, aparentemente, estavam mais preocupados com a forma como a ocupação poderia afetar as suas agendas: aulas, reuniões e burocracias. A reunião, que normalmente acontecia em uma sala, no período da ocupação estava ocorrendo sem paredes, no pátio do térreo, à vista de todos que passavam – o que não significava um convite, ou seja, para alguns professores, não significava que qualquer um pudesse entrar para participar. ‘Para início de conversa, ela nem poderia estar ali’, dissera uma professora. Enquanto alguns membros do colegiado reivindicavam um prejuízo que a ocupação trazia em seus cronogramas de pesquisa, outros agiam numa maré inversa, querendo expandir sua participação na ocupação, sugerindo pautas,

palestras, aulas abertas - sem sequer perguntar se era isso mesmo que os estudantes queriam.

As subjetividades ocupantes se produziam em meio a inúmeros discursos de descrédito, que anulavam uma experiência de ocupar que, para os estudantes, mostrava-se cada vez mais como uma reapropriação dos meios de produção, não apenas da universidade, mas dos meios de produção existenciais, os meios de produção de seus corpos, de seus desejos, e que naquele espaço da universidade constituíam um mundo buscado como materializável. Digo isso considerando que a sociedade brasileira, de maneira geral, não apoiava esses estudantes. O que mais entreouvia vida afora, afinal, era que “esses alunos estavam tirando o direito de quem quer apenas estudar”, e que “universidades e escolas são feitas para obter conhecimento e não para fazer ocupação”.

O problema do jovem desapropriado de sua experiência não parece importante: a sua experiência não é importante. Essa ausência de importância, a sua invisibilidade, era combatida com a presença, ela era a ocupação. A estudante, em seu gesto, estando de pé: alta, em sua pequena intervenção, interrompendo a máquina que não somente produzia um funcionamento da pós, mas todo um funcionamento que produzia o seu lugar à margem, ela estava soltando as peças, uma a uma, com as suas próprias ferramentas, a partir do momento em que construiu um lugar para si, que não lhe fora dado. Seu corpo, em sua expressividade, entre aquelas posições, relações de fala e participação, entre os respectivos papéis a serem desempenhados, ganhara um espaço que só existia porque ela precisou criar, para então ocupá-lo.

Todos esses acontecimentos reverberam o desejo, como já apontado por Guattari, uma ‘vocação terapêutica’ através da qual os estudantes começaram a formular os seus próprios problemas, especialmente seus problemas com a universidade, recriando as suas formas de intervir nela. Eis a voca o dos estudantes, individualmente, coletivamente; uma “voca o terapêutica”, no sentido de reconhecer e assumir,   medida de suas possibilidades, as dimensões de aliena o do ambiente em que estão inseridos. A estudante que inventa para si um novo lugar, que está a produzir uma nova posi o do desejo, interrompendo a fábrica universitária e suas finalidades,   uma estudante que encarna nela mesma uma voca o semelhante.

## 10. A vida nos ocupa

Não há como sair ileso dos questionamentos. Resta-nos apenas as opções de submetermo-nos ao estado de coisas vigente, ficando à deriva, mais ou menos mutilados pelos efeitos causados pela recusa, ou a ‘impossibilidade’ de integrar-se nesse estado de coisas; ou, finalmente, a opção de ocupar a crise desse estado de coisas, permitindo-se ser ocupado pelas forças coletivas que nos atravessam, nos lançando a um combate incerto, onde é a vida, por sua vez, com as suas urgências, forças heterogêneas, e seus conflitos que gritam, é que passa então a nos ocupar.



Estudantes em Nanterre, 1968.

## 11. Devir negro

Ouço atentamente a colega da pós-graduação, uma inteligente e corajosa militante do movimento negro. Tomamos um café, acompanhadas de uma pilha de livros que nos observa sobre a mesa, enquanto conversamos sobre os últimos acontecimentos que envolvem não somente a discussão das cotas durante a ocupação<sup>234</sup>, mas a recusa enfática de um amigo do seu grupo de estudos, que havia sugerido na última semana, em um texto que publicara nas redes sociais, o pensamento de Deleuze e Guattari como reacionário. “Estou abandonando os conceitos e as suas ferramentas, uma a uma. Estou recusando, inclusive, o conceito de devir minoritário. Eu o declaro morto”, o rapaz trazia num solavanco.

Uma parte da branquitude acadêmica ficara alvoroçada. “Talvez eles estejam insatisfeitos com a nossa tomada de posição, percebendo que seus referenciais, infelizmente, não dão conta de tudo”. Naquele momento, em nossa universidade, os estudantes da graduação não haviam começado a pressionar os professores para que realizassem uma mudança em suas bibliografias de disciplina, tendo-se em vista as marcas do racismo na drástica maioria das universidades, que ainda retinha espaço apenas para certos referenciais de pensamento, que não dizem necessariamente respeito à experiência negra. “Não dá para essa norma – uma maioria branca – dizer que experimenta o devir minoritário. Primeiro, porque a experiência de ser negro é uma experiência marcada pela violência, por séculos de violência. Então, desse lugar, não se pode experimentar algo como um devir negro. Não existe como acessar essa violência, suas marcas”, foi o que seu colega colocou, insistindo em um luto

---

<sup>234</sup> As discussões sobre a implementação das cotas na pós-graduação de psicologia acontecem a partir de uma intervenção da Ocupação Preta na reunião do colegiado, então ocupado pelos seus estudantes negros de diversos cursos.

desses autores. Ela tomou um gole do café, depois pousou a xícara na mesa. Nesse instante, retorna a mim.

Um processo doloroso estava em seu olhar. Tudo naquela nossa atmosfera continha estranhos sussurros, elementos de povos fugindo, em uma desconcertante percepção de que eu estava sendo tomada pelo protesto do seu corpo. Ele me atinge. Um corpo ancestral, que vibra produzindo uma outra forma de sentir, e com isso, assombra. “Não são todos que se autorizam a essa situação”, ela interrompe, “Não são todos os brancos que se colocam vulneráveis assim, a essas intensidades desconhecidas”.

Entre nossos corpos, havia força e terror. Na superfície da pele, muitos abandonos. Duas mulheres do terceiro mundo, em suas escritas, em seus nós na garganta. Dois corpos. Um diante do outro, quase evanescentes. Ela precisando lembrar que a sua estória não é opaca, que ela não desaparece diante do outro. Ela diante de mim: não desaparecia.

Há algo de muito difícil nisso. Uma sensação, que antes dizia mais respeito a Deleuze e Guattari; pois eu também precisava fazer um luto - eles não faziam mais parte do nosso mundo comum. Eles que, de alguma forma, nos levaram até ali. Mas aquilo não dizia respeito a isso. Dizia respeito à terra dos nossos corpos. Ela estava falando daquilo que a devastava. Ela mostrava a devastação. E ao mesmo tempo, tudo que estava devastado, e que parecia com a vergonha<sup>235</sup>, com o fato de hoje nos encontrarmos impedidos de olhar uns para os outros, ou cada um para si mesmo, sem ressentir uma desconfiança<sup>236</sup>. Como se o pensamento estivesse sempre mais próximo de algo que morre. Quanto mais tornava-se vasta, mais ela abria os olhos; e neles, eu via o nosso desmanchamento, a nossa incerteza.

Diante dos olhos dela, sou frágil. Alguma coisa parece perder-se. “É verdade que, nós, modernos, temos o conceito, mas perdemos o plano de imanência...”, diziam outrora os autores franceses. Lembro-me dessas palavras enquanto escrevo. Tento me agarrar em algo nesta revoada. Nesse momento, todos os termos fogem, mobilizados como as forças daquele corpo ancestral. Sinto que, lentamente, um

---

<sup>235</sup> “Este sentimento de vergonha é um dos mais poderosos motivos da filosofia”, diziam Deleuze e Guattari. Ver: *O que é a filosofia?*, p.140.

<sup>236</sup> “um pensamento que desconfia do próprio pensamento”, acrescenta Dionys Mascolo, citado por Françoise Dosse, 2017.

mundo antigo que nós habitávamos fica sem continente. Ela deixa uma rosa no túmulo dos filósofos – de repente, ela nos liberta, mas é preciso se conectar com essa imanência. Estamos em um lugar diferente. Seu corpo é feito de muitas rosas. Seus olhos são uma terra desconhecida. Diante deles, não me procuro mais. Os restos são bem-vindos. Ela firma seu olhar, no qual ensaia uma partida. Diante de seus olhos, muitos outros lugares aparecem. Ela irá a todos eles. Na sua recusa, abre-se um mundo. Um devir do pensamento.

## 12. Uma outra infância em Deleuze

“Sempre confio no povo, na infância, na loucura do mais diferenciado”, dizia Guattari, sempre muito fascinado. Ele buscava pensar os processos que os povos traziam, sempre movido por uma espécie de paixão pelas correntes de força ativa, essas que insuflam ‘golfadas’ de ar no corpo social. Eu via que, a cada vez que essas golfadas aconteciam, deixavam-no feito criança<sup>237</sup>. Como ele tinha ranço de coisas do tipo “Avante companheiros! ”, e por aí afora. Os primitivos, as crianças, os loucos, para ele, eram os grandes portadores das máquinas abstratas mais elaboradas, mais criativas. Ele pensava que as massas humanas serão, e deverão ser, radicalmente desterritorializadas para deixar, justamente, de serem massas, e engendrar rizomas inusitados de processos de singularização. Eu ficava me perguntando, olhando ele desenhar essas radicalidades: será que existe um povo desterritorializado que atravessaria todos esses nossos sistemas do capital? Ele dizia que certamente sim, mas que não era nem o proletariado nem o mito da autonomia que responderiam a isso. Ele acreditava na existência de um povo múltiplo, um povo de potencialidades que, por sua vez, aparece, desaparece, encarnando-se em fatos sociais, em fatos literários, em fatos musicais. Poderíamos chamar de ‘povo’ isso

---

<sup>237</sup> Talvez Guattari convidasse Deleuze, também, a abrir espaço para uma infância.

que mobilizava a sua infância, fazendo com que ele ficasse radiante, correndo para lá e para cá, ou seja; o povo aqui já não é coisa, nem classe, nem grupo, nem nação; mas o nome dessas correntes, a produção de um povo é o modo como elas nos atravessam e animam. Era atrás dessas correntes que ele vivia viajando. Tanto que era comum, nesse assunto, o acusarem de ser exageradamente otimista, de não ver a miséria dos povos; mas ele podia vê-la. Talvez, ele pensasse que estávamos num período de produtividade, de proliferação, de criação, de revoluções absolutamente fabulosas do ponto de vista dessa emergência de um povo, pois era um outro tempo, e era isto a revolução molecular: não uma palavra de ordem, um programa, mas algo que eu sinto, que eu percebo, que eu vivo nesse momento nos encontros, em instituições, nos afetos. Elas teriam mais a ver com cometas. É fascinante como conseguíamos realizar isso em nível de escrita. Como ele conseguia fazer isso no nível de uma prática política e de uma prática clínica. Guattari ensaiava a desterritorialização, ao que parece, retirando-se de uma solenidade militante, e assim, ganhava uma leveza e alegria, conforme se avançava na sucessão infinita das criações, que então apareciam nos processos dessas descobertas, pelas suas viagens: elas arrastavam tudo e ele ia em direção ao seu traçado, rumo a novos mundos. Esse povo que tanto buscávamos estava naquilo mesmo que se vivia, na própria existência em toda sua inquietude, nessa infância das coisas, essa que ele incansavelmente me convidava a abrir em mim mesmo<sup>238</sup>.

---

<sup>238</sup> Texto escrito como se fosse Deleuze, a partir de falas de Guattari seguidas de um depoimento de Rolnik em "A viagem de Guattari ao Brasil segundo os brasileiros", In: Guattari, F; Rolnik, S. *Micropolítica: cartografias do desejo* (2010).

### 13. As lutas, as catracas, os controles

Sem saber em qual momento terminam, as ocupações são experiências que, uma vez ‘encerradas’, permanecem emitindo seus sinais, nos possibilitando algo que sempre pode se atualizar nos imaginários e nos corpos. Essas experiências sem duração, sustentando a indeterminação do futuro, como crise e potência, permanecem estranhamente liberando uma área nos sonhos, na existência: são operações de guerrilha que vão refazer-se sempre em outro lugar, em outro momento; em suma, são movimentos que nos dizem: “continuem movendo a tribo”. As subjetividades ocupantes atravessam o tempo para revolucionarem a si mesmas. São uma máquina de guerra que conquista sem ser notada<sup>239</sup>.

Novamente, éramos essas formas em vias de desaparecer. Éramos uma coisa sem futuro. Novamente, o desconhecido. Escrever essa tese, dois anos depois das ocupações estudantis, sete anos depois da primeira ocupação em que estive, na Cinelândia, implica escrever agora sob o efeito de seus restos e ressonâncias, e desse lugar onde me encontro: afastada da UFF, morando em outro estado e cidade, tramando um lugar que possa por mim ser ocupado, em um espaço onde eu refaça minhas guerrilhas.

Comecei a atender em um consultório particular, onde estou ouvindo de um paciente, estudante universitário, a notícia de que, em breve, na UFES<sup>240</sup> haverá catracas. A proposta prevê um controle do acesso de pedestres no campus Goiabeiras através de uma portaria central, “Com um cartão único, membros da comunidade teriam acesso ao sistema de cancelas, ao restaurante universitário, e à biblioteca

---

<sup>239</sup> In: Bey, Hakim. “Esperando pela revolução”. Disponível em: *TAZ: zona autônoma temporária* (2011).

<sup>240</sup> Universidade Federal do Espírito Santo.

central, ou seja, alguns serviços da universidade estariam contidos nesse cartão”<sup>241</sup>. O visitante teria que se identificar e fazer um cadastro, inclusive com biometria, enquanto as portarias laterais seriam apenas para membros da universidade. O projeto não havia sido implementado devido ao cenário de crise. ‘Um projeto que se concretizará assim que o orçamento permitir’, dizia a reportagem que lia após o atendimento. O discurso era de que, com a crise, estavam deixando de investir e de adquirir equipamentos para a ‘máquina’ continuar funcionando, dissera um gestor.

O estudante disse que havia um convênio em curso, da universidade com a polícia militar. No contexto de inúmeras mobilizações realizadas no campus por melhorias na segurança, o convênio surge como uma alternativa de menores custos, diante das manifestações recentes. Dentre essas, havia aquela das estudantes, que reivindicavam o recebimento relacionado aos recorrentes episódios de estupro. Há dois anos atrás, quando visitara a cidade, uma colega que estava no mestrado havia contado que as estudantes haviam realizado uma ocupação sobre o tema e, logo depois, passado um tempo, as autoridades tiraram as árvores<sup>242</sup>. Agora sem uma parte dos eucaliptos, e com a ajuda das catracas, em substituição a uma parte dos vigilantes armados terceirizados, o convênio surge como uma medida para ampliar a segurança sem maiores custos, ao contratar policiais aposentados. São as chamadas ‘alternativas em tempo de crise’.

Desde janeiro desse ano, seis casos foram registrados no campus de Goiabeiras, sendo o último, dentro de uma sala de aula. “No último caso de assalto ocorrido, nossos vigilantes acompanharam o assaltante em todo o seu percurso. Mas ele, que estava de mochila, entrou na sala de aula. Pensamos tratar-se de um estudante. Mas as imagens que o flagraram são nítidas e já estão com a polícia”, afirmou o prefeito, dizendo que outra solução encontrada será o reposicionamento das câmeras<sup>243</sup>. Existe um total de 716 câmeras espalhadas pela universidade, e a

---

<sup>241</sup> Afirmou o prefeito universitário em: “Projeto prevê controle do acesso com catracas na Ufes”. <https://www.gazetaonline.com.br/noticias/cidades/2018/06/projeto-preve-controle-do-acesso-com-catracas-na-ufes-1014137742.html>. Acessado em 04 de setembro de 2018.

<sup>242</sup> Foi a solução apresentada pelos gestores, entre tantas outras possíveis, como melhorar a iluminação do campus, por exemplo.

<sup>243</sup> A associação dos docentes repudiou a decisão ao entender que esse encaminhamento levará a ações seletivas como aquelas já conhecidamente praticadas pela secretaria de segurança pública. Em: “Nota de repúdio ao convênio que efetiva a atuação da PM nos campi da Ufes”. Disponível em: <https://adufes.org.br/portal/noticias/37-adufes/2536-nota-de-repudio-ao-convenio-que-efetiva-a-atuacao-da-pm-nos-campi-da-ufes.html>. Acessado em 04 de setembro de 2018.

previsão é de que cerca de 120 policiais da reserva atuem nos quatro campi. Outras notícias vão tornando o quadro ainda mais problemático – um reajuste no valor do bandeirão, que seria excludente tanto quanto uma catraca – evidenciando diferentes nuances do chamado cenário de ‘crise’: uma palavra que, novamente, me faz lembrar os estudantes nas ocupações, disputando os sentidos da crise econômica e política, quando também interviram numa “crise generalizada de todos os meios de confinamento”, como Deleuze procurou definir<sup>244</sup>.

No chamado terceiro mundo, o que Deleuze chamou de ‘sociedades de controle’ produz-se junto às desigualdades sociais e econômicas, com toda a sua formação de miséria, essa que passa a justificar, por sua vez, discursos de desespero, e até mesmo uma noção de ‘salvação’ no cenário atual, projetados nos fascismos recentes e nos oportunismos dos mais conservadores, que então ganham força no contexto do golpe, aproveitando-se de um desamparo, da impotência de uma população constantemente vulnerabilizada. São crises que aparecem no consultório, no rapaz que menciona a polícia em um contexto de sufoco, como um indicativo do mapa que se fecha, que se totaliza.

O estudante não encontra espaço para viver seus desejos, suas experiências, enquanto houver todas as modulações impostas nos corpos – seja pela universidade, o mercado, ou a família, que agora encontra também uma aliança nos conservadorismos em ascensão – seu corpo se depara com o futuro, com o entorno, e se apavora. Ele também não encontra sentido no novo período que inicia no curso da faculdade. Diz que tem medo; que sua existência não é bem vinda no mundo. Diante de tudo, não consegue sair da esteira de produção. Não consegue escapar do modo capitalista de ver a vida, em sua massacrante continuidade de transições que é preciso suportar ao longo da formação; estando destinado a pensar diariamente a sua inserção no mercado, pelas lentes das noções pré-concebidas de futuro que estipulam seu horizonte de escolhas. Não consegue sair de uma esteira moral, que esse mesmo horizonte representa. Prestes a se formar, encontra-se ansioso, incapaz de criar planos, imobilizado diante do que se apresenta no país como uma crise reproduzida por todos os lados. Diz estar apático com a vida. Um corpo curvado, que não pode lutar pelo seu corpo, pelas suas ideias, já que existem hoje, nas salas

---

<sup>244</sup> “*Post scriptum* sobre as sociedades de controle”, em *Conversações*, 2010.

de aula, estudantes que se alinham a pensamentos reproduzidos por figuras políticas, por sua vez, que elogiam torturadores, com isso ganhando sua fama fazendo apologia à violência contra homossexuais, negros, mulheres, à tortura de comunistas, e opositores no geral.

O consultório é habitado por alguns jovens que discutem suas militâncias. Eles estão aflitos com o cenário, adoecidos pelos confrontos, cansados das lutas mais microscópicas. Como efeito estão deixando de frequentar grupos, reduzindo suas intervenções em qualquer situação cotidiana, sempre que alguém expressa o fascismo, a intolerância, o racismo, o machismo, nos diversos contextos da vida. Alguns dizem sentir ter chegado a um limite. Outros, muitas vezes, se apresentam em sufoco, inseridos em um panorama assustador, não conseguindo vislumbrar saídas. São corpos jovens que dizem não aguentar mais: eles chegam ao consultório ansiosos, com medo de sucumbir, sentindo que estão ‘perdendo o controle’. Através desses corpos, vê-se uma clínica em sua fragilidade, uma dimensão do que se entende por crise das instituições; isto é, as sociedades de controle como a implantação progressiva de uma outra coisa, uma outra vida, “um novo regime de dominação”, como dissera Deleuze, que vemos atualizada também como uma crise do possível.

Essas sociedades podem ter seu funcionamento definido como um regime incansável, dos corpos ‘infatigáveis’<sup>245</sup>, que se faz sentir através de sua ação contínua e ininterrupta. Pode-se ver que esses jovens não estão dissociados de uma série de armadilhas presentes no âmago dessas sociedades, convivendo intimamente com suas modulações contemporâneas, que implicam uma série de usurpações em seus processos desejantes. Essas usurpações os exigem, dentre vários aspectos, uma inserção social pelo mercado; o alcance de um perfil de consumo; uma identidade multitarefada, que encontre o quanto antes modos de ser competente e útil; uma inclusão digital, com seus variados modos de estar conectado a tudo ao mesmo tempo, produzindo em ritmos velozes uma troca de informações e imagens como nunca antes vista; mais tantas outras exigências de desempenho ao longo da formação escolar e universitária, enquanto precisam estar ‘produzindo sua

---

<sup>245</sup> Leila Domingues usa a expressão “raça dos infatigáveis” (2010, p.16)

existência'. O problema é que ninguém contou a eles que, em meio à exploração capitalista que começa tão cedo em seus corpos, eles vão com o tempo impermeabilizando os modos de sentir e de ouvir seus próprios incômodos, dentro de um funcionamento que reside em convocar cada um a uma 'flexibilidade' infinita, que não cessa de se mostrar como uma adaptação incessante e sem escapatória. Cada um de nós reclama da 'falta de tempo'; permanentemente ocupados com essa adaptação, ligados em sua voltagem. Procuramos então nos livrar do incômodo, ou vamos tentando os mais diversos artifícios para 'voltar à vida', tornando o problema das subjetividades um ciclo no qual nem sempre nossos artifícios parecem funcionar, quando vemos passar por nós uma crise produzindo diferentes modos de tentar se expressar nos corpos, porém sem encontrar um meio.

Seja ou não organizados pelas várias catracas e dispositivos a céu aberto, o controle vive-se à flor da pele no conflito dessa força que agoniza, quando tornada combustível da produção, já que precisamos ser úteis e rentáveis. Sem cavar formas de eclodir e fazer ver essa crise, essa é a nossa própria corrupção, quando o capitalismo vive em nós como essa vampirização da força vital, e nossos corpos permanecem em confusão com a moral capitalista. Parece que, se cedermos, corremos o perigo de vir a experimentar um terrível estranhamento, uma crise desmanteladora. Vivemos sob o receio de perder um mundo que já conhecemos. É o que nos assombra nas crises políticas e econômicas, quando estas, na verdade, não são nada recentes, não constituindo privilégio de um ou outro governo. Ao contrário, as crises são parte do próprio sistema capitalista - tal como elas fazem parte dos processos de uma vida.

Estamos vivendo os colapsos do capitalismo há bastante tempo, e ele é feito disso: ele é a própria crise, essa é a sua materialização<sup>246</sup>. A questão é que esta crise é vivida cada vez mais aceleradamente, por um lado, para que não seja percebida como algo em permanente estado de mutação, recriando suas formas de captura, para que não nos apropriemos dela. Com efeito, por outro lado, em cada corpo em que essa crise grita ou vai arranjanado um modo de aparecer, porém, permanece uma contínua necessidade de adaptar-se, sob o risco de ser excluído: são os tais 'anéis da serpente' sorrateiros e silenciosos sobre os quais nos alertou Deleuze. Não há tempo

---

<sup>246</sup> Ver Comitê Invisível (2016).

para questionamentos, se precisamos dedicar o tempo a essa adaptação. A intoxicação é diária e incansável, mas não paramos para percebê-la.

Esses jovens não se dão o tempo de processar o que lhes têm afetado; esgotam-se no momento em que precisam inventar pousos e paradas, para que possam perceber quais modos de servir ao mundo eles têm negociado em si mesmos, e quais respostas eles têm produzido à vida, em formas de existir. Não restam forças para criar; eles se veem sem perspectivas: exatamente o que o capitalismo faz é impedir a saída dele. Seu modo de nos manter atados encontra-se na própria sensação de ausência de alternativas; uma sensação constante que nos engole, produzida hoje com a ajuda em especial de uma grande dinâmica que, em alcance global, busca nos vulnerabilizar a cada bombardeio de notícias e imagens, expondo-nos a um mundo do qual fazemos parte como corpos convertidos em máquinas vivas, mas paralisadas diante dos apelos do outro, de nós mesmos. Com as nossas subjetividades reduzidas a uma experiência totalitária como essa atualmente, vamos nos tornando incapazes de sentir de outra forma os possíveis. Uma complexidade das forças do mundo em nós, em nossos mais variados corpos capazes de pensamento, é aniquilada pelas alternativas que já estão colocadas, já determinadas, conhecidas e prontas, restringindo o campo de possibilidades, sua imaginação.

O que o regime capitalista da crise aos poucos vai nos esgotando para que, chegados a um certo limite, diante do impasse de não conseguir escapar, ou possibilitar algo novo, possamos sucumbir a uma crise do possível. É muito provável que estejamos assistindo a novos modos de subjetivação, com uma gama de novos adoecimentos. Um regime de controle que insiste em nos dizer que não há saída, como uma produção totalitária que afeta os modos de sentir e reinventar a vida, assim nos convence que a única forma de sobreviver é a de nos mantermos bem ajustados dentro dele. O regime das perspectivas, atualizado como crise e sufoco, nos modos de existir, sentir e pensar, precisa ser ocupado. É preciso vislumbrar a ocupação desse território das subjetividades nos novos tempos que se descortinam, e com todas as suas lutas já presentes. Como tarefa clínica de escuta, haveria de se fazer uma nova inclinação para os gritos da vida, esses que ora falam mais alto ora falam como murmúrios, muitas vezes formando sintomas, enquanto querem de nós que permaneçamos servindo à chamada ‘produtividade’ que é, sobretudo, uma ‘produtividade existencial’ – compulsória e permanente, no regime de produção

flexível dessas novas identidades infatigáveis no capitalismo. Somos os homens endividados que Deleuze uma vez mencionou: estamos permanentemente endividados com a nossa adaptação.

Uma luta se expressa em cada estudante que chega ao consultório, produzindo uma multiplicidade, lutas que dizem respeito às políticas de subjetivação. Uma luta que, como dissera Deleuze, passa por uma resistência às suas formas de sujeição, essas que consistem em individuar-nos de acordo com as exigências do poder. Diante dessas lutas, confrontamos o desafio de criar as ferramentas para que se realize uma nova ocupação dos territórios existenciais. Aqui se insere também o (a) jovem militante, com relação a sua militância. Vemos que é preciso pensar, não somente em termos de cuidado, uma clínica dessa luta em tempos de biopoder e golpe, pensando essa luta pela subjetividade que se apresenta, então, como direito à diferença e como direito à variação, à metamorfose. Pensar esse cuidado torna-se um desafio ético destinado a todas as formas com que a vida tenta se liberar de onde esteja aprisionada, encontrando as suas forças para lutar contra tudo que possa impedi-la de resistir neste cenário que a captura. Essa crise que experimentamos no cotidiano é um problema político a ser insistentemente enfrentado, e que diz respeito a uma política de subjetivação: a política do sufoco. Esse enfrentamento urge como um delicado manejo ao enredar-se em uma escuta nas tramas da vida que, por sua vez, exigem acompanhar as forças coletivas que nelas se apresentam, como forças que dizem a crise através de uma operação das intensidades. São nos colapsos do capitalismo em nós que enxergamos as brechas para a produção de novos horizontes, novos movimentos. Foi em meio a uma crise que os estudantes enxergaram a brecha para se apropriar dessa luta das subjetividades pelo direito ao desejo, pelo direito à diferença.

## 14. Os pulos

Os corpos, quando passam pelas catracas: vejo como são estabanados, sem jeito. As catracas machucam, batem nas costas e barrigas, e com seu pedaço duro de aço vão nos empurrando, colocando-nos a girar<sup>247</sup>. Nos ônibus da grande Vitória, elas são bem pesadas, vão da cintura ao teto, para evitar os pulos frequentes. Há quem imagine as catracas no futuro das universidades. Nesse cenário, talvez venham como mais uma forma de afunilar aqueles que podem fazer parte. Mas não sabemos o futuro. Apenas que, nessa etapa em que nos encontramos, em um regime de controle das nossas forças, somos acompanhados ainda de uma extensa militarização da vida, quando se quer impedir os pulos<sup>248</sup>. Há quem sabote esse ordenamento, com a leveza do salto. Quem pulará as catracas, e quais espécies de catracas? A cada salto, alguém vai escapando. No mapa das nossas cidades, toda vez que pego um ônibus, secretamente espero por esse momento. Levo um susto.

---

<sup>247</sup> É possível brincar com o conceito de agenciamento como ‘porta giratória’ (Deleuze e Guattari, 2011), a partir dessa alusão às catracas que dificultariam seu processo.

<sup>248</sup> Isso aconteceu na mesma cidade: certa vez pularam uma catraca, e nesse momento, um passageiro avulso, que por acaso era um policial, levantou-se com uma arma em punho, repreendendo o sujeito que havia pulado.

## 15. As amizades, as distopias

Primeiro sonhou com a menina que esteve ao seu lado desde a mais tenra infância, quando ainda se acompanhavam nos alpendres dos avós, e desenhavam e versavam juntos uma brincadeira qualquer. Essa amiga, depois, chegou a dividir a classe com ele na faculdade<sup>249</sup>. Decidiram continuar juntos em um curso de psicologia. Em seu sonho, encontrou alguns fragmentos de sua vida de estudante. “Faça sua mente dançar” foi a sua primeira chapa no Centro Acadêmico, ele lembra. Alguns vinham de uma forte experiência com a gestão “Refazenda” - aquela música do Gil - no Diretório Central do Estudantes. O DCE, por sinal, era um espaço de troca entre estudantes de outras formações, com quem faziam imersões sobre determinados assuntos, usando o cinema com ferramenta, construindo encontros regionais de estudantes e participando dos nacionais. “Nós amávamos uns aos outros, partilhávamos de inquietações afins com o ensino da psicologia, quando decisões, não raras vezes, eram “passadas a rodo” pela Reitoria”, ele dizia. Os estudantes tinham representações em cadeiras nos Conselhos da Universidade e, ao término de discussões acaloradas, em diversas situações conseguiam sair vitoriosos, ecoando pelos corredores algumas palavras de des-ordem. A segunda gestão de Centro Acadêmico foi “Canto Geral”, uma homenagem à música homônima de Geraldo Vandré. O sonho avança entre as imagens daqueles encontros.

A assertiva de baderneiros, vândalos, “os que só levam fumaça para a cabeça”, “os que fazem parte do time do perneta” – expressão que recebeu por email de um professor - era uma perseguição constante. Na ocasião, escreveu um poema àquele docente, sustentando a pergunta: pode a psicologia amar o que não se mede? Naquele momento, este professor da cadeira de Psicometria, famoso pelos seus 300 artigos e 200 congressos - todos antes de cursarem a sua famigerada aula, dada às

---

<sup>249</sup> Relato adaptado do sonho que recebi de um colega, a partir do momento em que anunciei o projeto de recolher sonhos de amigos e desconhecidos, como uma forma de registro: comecei a arquivar o material daquilo que as pessoas estavam sonhando no segundo semestre de 2018, em meio às eleições, dois anos após o golpe parlamentar que impugnou a presidenta Dilma Rousseff, que havia sido reeleita.

segundas e aos sábados às 7h, com tolerância restrita de dez minutos de atraso, já ouviam que, no primeiro dia do curso, ele lhes exibiria pomposo o seu bem-gordo currículo - aplicava então entre os alunos um teste que media a capacidade de amar numa escala de 01 a 07. Meu colega estava saindo da faculdade. Lembrava no sonho de seus últimos dias na sala de aula, ouvindo coisas como aquelas.

Dormiu. Anoiteceu novamente. Voltou a sonhar, estando entre esses meninos e aquela sua amiga de infância. Ela o chama para uma dança. É uma avenida, percebe. Titubeia. “Tenho medo”, ele diz, temendo assumir o risco, aceitando que tudo podia ir pelos ares, descarrilhar, desmoronar. Tocou na mão desta amiga. “Nós nos aceitamos, estávamos a nos perder pelas ruas e avenidas repletas de encruzilhadas, sonhávamos uma vida sem catracas”. Houve uma distopia onírica. Era uma cidade em ruínas.

Aguardava em casa chegar uma querida parceira ‘gauche’ nessa trajetória errante. “Num átimo, estávamos eu e ela nas ruas da Paulicéia. Atravessávamos os escombros e as bombas de gás. Chegávamos ao vão do MASP. Iríamos reler a antropofagia. Em meio a esse realismo fantástico digno dos filmes de Michel Gondry, diretor de obras como *Brilho eterno de uma mente sem lembranças*, *A espuma dos dias*, *Sonhando Acordado* e *Micróbio & Gasolina*, éramos os convidados de uma mesa de abertura. O evento tinha por título: “Defender a alegria como uma trincheira”. Ditirambos nos recepcionavam e se anunciavam como resistência ao cenário pós-2013. Memória de cotovia essa: intensa, afetiva, que inventa a lembrança. Que inventa uma alegria militante.

30 de outubro de 2018, resultado das eleições. Estou arrepiado, nervoso. Choro. Brasil, que morte horrível. Meus amigos são espancados. Policiais atiram na Avenida Paulista, ameaçando “viados e macacos nordestinos”. Tenho medo.

Sonho estar pelas ruas acompanhado de um guri. Um carro se aproxima. Estamos a caminho de uma praça, percebo. Quem dirige o carro é a ‘Morte’, junto ao moço e aos policiais. O menino era alvejado e caía aos meus pés. Eu era uma mãe da Praça de Maio. Eram as várias cartas da morte, sem nome, sem cheiro. Pareciam mostrar o que estava por vir. Estava fora de causa que seus amigos acabariam bem.

## 16. A pátria das crianças

Na noite anterior ao resultado das eleições<sup>250</sup>, indígenas da etnia guarani-kaiowá foram surpreendidos a tiros por desconhecidos na madrugada. O ataque começou numa propriedade próxima a aldeia Bororó, onde os índios estavam acampados. Eles chegaram em três caminhonetes e um trator, derrubando os barracos, levando as panelas. O que tinha de alimento eles derramavam no chão. Uma criança era ferida pelos tiros.

Enquanto isso, os trabalhadores sem-terra do acampamento Sebastião Bilhar, às margens da BR-262, próximo a Dois Irmãos do Buriti, também teriam sido atacados com um incêndio criminoso, em que pelo menos dois barracos foram danificados. Na manhã seguinte à eleição, corre a notícia da morte de uma criança, atingida na cabeça após o disparo acidental de uma arma, enquanto eleitores comemoravam a vitória de seu candidato. No mesmo dia, a partir do momento em que o resultado é anunciado, grupos de eleitores recomeçam as abordagens de ameaça a lgbtqs. Na mesma noite, um colega é atingido com uma garrafa no rosto, ao gritar “ele não”, apenas dez minutos após a divulgação dos resultados finais da eleição presidencial. Em uma passeata na Avenida Paulista, o então candidato à presidência dizia, dias antes “Nós somos o Brasil de verdade”, quando discursava por meio de um telão, direcionando ameaças a seus opositores: “Vamos varrer do mapa os bandidos vermelhos do Brasil. Essa turma, se quiser ficar aqui, vai ter que se colocar sob a lei de todos nós. Ou vão para fora ou vão para a cadeia”, afirmava<sup>251</sup>.

Nas semanas que se antecederam ao resultado final, um homem parou de andar de mãos dadas com o marido nas ruas de Porto Alegre. Ambos tomaram a decisão depois do resultado do primeiro turno das eleições, no dia 7 de outubro. Uma

---

<sup>250</sup> Outubro de 2018 no Brasil.

<sup>251</sup> Ver “Bolsonaro a milhares em euforia: ‘vamos varrer do mapa os bandidos vermelhos’” em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/583937-bolsonaro-a-milhares-em-euforia-vamos-varrer-do-mapa-os-bandidos-vermelhos> acessado em 31/10/2018.

mulher, de 26 anos, que sempre teve medo de se expor mesmo antes de identificar-se como travesti, conta que nas últimas semanas, depois dos vários casos de agressão e assassinatos motivados por questões políticas no Brasil, seu medo de sofrer com a violência aumentou. Uma adolescente conta que não anda mais com os símbolos lgbtqs. Uma ativista traz de volta à memória um passado no Brasil, durante os tempos da ditadura. Naquela época, a Operação Tarântula<sup>252</sup> contava com forças policiais que prendiam, torturavam e matavam travestis e transexuais. “Há um temor de que esses ecos voltem a soar no país. As pessoas que já te olhavam com ódio agora te olham como se você fosse a personificação do mal que se pretende combater. Ele se apresenta como o salvador da pátria, então seus inimigos se convertem em inimigos do povo”, comenta sua companheira, ao falar de Jair Bolsonaro, comparando a situação no Brasil com a campanha de Donald Trump em 2016, nos Estados Unidos. “Sei que não vamos ter aqui campos de concentração para homossexuais, como na Chechênia, mas tenho, sim, receio de que cheguemos a uma situação como a Rússia de Putin”<sup>253</sup>

Todos se amontoam para escutar seu discurso, transmitido num coreto a poucos metros de onde alguns professores estavam. “Sua vitória é algo que esperávamos há muito tempo”, diz uma pedagoga. “O programa de educação de Bolsonaro me tranquiliza, o respeito ao professor e o patriotismo já não serão perdidos. Isso de colocar uma escola militar em cada Estado é um começo”. Na mesma semana, uma deputada eleita pelo mesmo partido de Bolsonaro, em Santa Catarina, pede que estudantes passem a enviar vídeos de docentes que reclamarem da vitória. Começando uma campanha para que alunos denunciem professores, prometendo anonimato, a parlamentar conhecida por apoiar o projeto de lei ‘Escola sem partido’ pede que informações de docentes que fizerem “queixas políticas em virtude da vitória do presidente Bolsonaro” sejam repassadas para o seu número de celular, com o nome do docente, da escola e da cidade.

---

<sup>252</sup> Sabe-se que a ‘caça às bruxas’ contra o comunismo se articulava com valores conservadores na produção de políticas repressivas de Estado contra os gays, pelos riscos que representavam à “família”, à “moral” e aos “bons costumes”.

<sup>253</sup> Ver “Gays, negros e indígenas já sentem nas ruas o medo de um governo Bolsonaro” [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/politica/1539891924\\_366363.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/politica/1539891924_366363.html), acessado em 31/10/2018.

A complexidade de fatores, não podendo ser esmiuçada e nem esgotada nesse trabalho, nos indica também um caminho do controle de uns sobre os outros através da violência e da barbárie, como vemos não apenas nos assassinatos durante o período das eleições, mas nos movimentos que também abriram esse cenário, desde as práticas de constrangimento e ameaça, até os episódios de linchamento dos chamados ‘justiceiros’ pelas ruas, que atualizam as práticas de tortura outrora dos ditadores e dos atuais agentes de segurança. De um ponto de vista micropolítico, há uma década ocorria o sucesso do filme *Tropa de Elite*, que já repercutia inclusive nas crianças através da comercialização de brinquedos e produção de idolatrias. De lá para cá, vemos uma onda punitiva cada vez maior tomar parte da população, que acompanhada dos escândalos políticos, vê-se enredada por ressentimentos, aplaudindo incursões policiais, prisões, torturas e mesmo assassinatos. Uma onda que tão logo é reterritorializada pela promessa de eliminação do Partido dos Trabalhadores, anos depois como parte dessa grande ideia de uma aniquilação reativa, que levaria finalmente a um novo regime para todos - ainda que este apresente riscos para as minorias, e incitação ao ódio - com a retomada de uma política de subjetivação dos regimes ditatoriais de outrora, como aqueles que vimos pela América Latina.

O pensamento crítico que se pretende combater nas crianças através do projeto Escola sem Partido é parte das expressões de uma multiplicidade que o novo regime buscaria desqualificar e bloquear. Uma multiplicidade de processos de singularização visa ser estrangulada em toda parte, especialmente nas escolas - essas grandes fábricas de sujeitos, agora sob o jugo das igrejas - como essas expressões do corpo e do pensamento que sempre ameaçaram as forças conservadoras. São expressões que se encontram em risco por apresentarem-se como devires, possibilidades de mutação e de criação de novos corpos, relações e mundos. As forças conservadoras que lutam por manter sua cartografia em curso chegam ao extremo de querer se impor de forma hegemônica, quando se deparam com esses movimentos de produção no âmbito das sexualidades, da relação dos negros, dos índios e das minorias no geral, com a política, e das práticas coletivas encontrando as lutas do desejo. Essas forças têm apoio, pois bebem do sonho das supostas glórias prometidas pelo capitalismo, esse sempre em risco quando alguma outra coisa coloca-se em funcionamento pelo campo social. Será pelos sequestros das forças de

desejar - outrora reivindicadas - que estratégias se farão presentes, portanto, nas propostas políticas mais reativas, ultraconservadoras, como alternativa às crises materiais e subjetivas que as agridem. Nesse contexto de articulações, as forças conservadoras exigem que as crianças precisem ter seus corpos silenciados, respondendo aos acontecimentos da vida com uma neutralidade tão atroz, que as impedirá de responder em prol de si mesmas, quando viverem seus momentos de injustiça individual e coletiva: essa neutralidade que buscam é aquela que demoniza a alteridade, impedindo o florescimento de novas conexões e aberturas, de estranhamentos. Não querem dá-las a chance de invenção de suas próprias questões, querem impedi-las de criar suas próprias estratégias de êxodo do campo imaginário que se propaga como um violento rebanho, esse que escolhe dessa vez uma roupa puritana para a nova pátria das crianças, apenas para não romper com a sua crença no paraíso, para onde irão apenas os que obedecerem com muita fé, silenciosamente.

## **17. O corpo do filósofo e o Estado**

Sem dúvida, mesmo que o filósofo encontre nos meios ‘democráticos’ as melhores condições de sobrevivência, tais meios são para ele apenas a garantia de que não poderão envenenar ou mutilar a sua vida. São meios que garantem que não o arranquem da potência de pensar, essa que ultrapassa sempre os fins de um Estado, seja esse democrático ou não, pois seu corpo vive outros caminhos. É certo, portanto, que o filósofo encontra nesses meios as condições mais favoráveis. Porém, ele sabe que, em toda sociedade, trata-se sempre de obedecer, e nada mais; é por isso que existe a noção, dentro dela, de culpa, como a de juízo e de mérito, que são exclusivamente sociais e estão ligadas à obediência. A melhor sociedade, para o filósofo, será aquela que nos isenta a potência de pensar do dever de obedecer. Enquanto o pensamento for livre, ou seja, vital, nada estará comprometido. Mas quando o deixa de ser, todas as opressões tornam-se igualmente possíveis. Sem o livre pensamento para combater as opressões que uma vez se realizam, a vida se

torna ameaçada. O corpo do filósofo, por isso, não confunde seus fins com os de um Estado. Na verdade, ele solicita no pensamento forças que o auxiliam a produzir uma vida desprovida ao máximo de sua lógica. Ele pode até residir na cidade sob suas leis, ser assalariado, ou inquilino de apartamentos mobiliados, mas à maneira de uma sombra, aonde quer que ele vá, ele só poderá reivindicar, com mais ou menos possibilidades de êxito, que o tolerem em sua vida insólita. Através dessa tolerância, ele poderá medir o grau da democracia que uma sociedade pode suportar, ou ao contrário, o perigo que ameaça todos.

Em que lugar execram melhor o filósofo senão no reino dos obedientes? Quando a diferença produzida no pensamento e na vida se torna um verdadeiro inimigo para os obedientes, serão esses os primeiros a querer disputar a hegemonia nesse Estado. Serão esses os primeiros a reivindicar a opressão de si mesmos e dos demais, para que reine a obediência aos seus valores. Esses valores os colonizam, e exigem serventia. O corpo do filósofo é um dos primeiros a ser castigado. Ele deverá calar-se. Seu silenciamento, por sua vez, poderá ocorrer ou não por meios institucionais, mas ele será censurado. Alguns desejarão sua atividade proibida. Outros buscarão até mesmo que ele sofra. Os obedientes sabem que, nessa condição restrita, ele não poderá lutar contra a sua própria mutilação, sob o risco da penalidade. Sem poder exercer sua atividade, ele será impedido de nos ajudar a pensar saídas nesse labirinto, ele não poderá nos dar a sua mão. Os obedientes nos querem sufocados em seus ambientes fechados. O Estado que eles buscam é aquele que nos enclausura no mesmo, reificando seu valor de justiça levado ao máximo aos nossos corpos, que receberão a culpa caso ensaiem escapar.

A liberdade assusta os obedientes. Eles temem a própria condição de serem livres, e querem que sintamos a culpa que eles sentiriam caso ousassem viver, pensar de outra maneira. Se eles não podem, ninguém poderá. O corpo de um filósofo, em meio às chicotadas, já mal respirando, é trucidado pela obediência dos que desejam uma escola sem partido, sem diferença, que prega a impossibilidade do devir em nós mesmos. Os obedientes abominam o devir, tanto que lançam uma guerra contra ele nas crianças, nos jovens, nos estudantes, neles e em qualquer um. Eles repelem com o medo a liberdade de sentir, de olhar, de experimentar as coisas do mundo, e impedem-se de imaginar as liberdades que poderiam inventar, se quisessem. Gostariam de tirar a filosofia dos currículos, e seus filhos, de perto do que ela faz

com a vida. Eles desejam uma precarização do filósofo, de seu corpo que é um corpo sobrevivente. Nessa condição, o filósofo sabe que tem o que, para alguns, é muito pouco. Ele terá somente seu corpo, sua vida, como alguma coisa afirmativa, que produz um pensamento, alguma diferença nesse estado de coisas<sup>254</sup>. Ainda quem aprisionem seu corpo atrás das grades, enquanto estiverem vivos, os filósofos resistem.

## 18. Os estilhaços na história

A minha geração teve a chance de fazer uma filosofia, mesmo dentro da universidade, como um trabalho mais livre, contra tudo aquilo que a confinava. Penso que, agora, o que me parece mais difícil não é apenas a situação dos filósofos jovens, e sim de qualquer um que esteja criando alguma coisa. Eles correm o risco de serem sufocados de antemão. Tenho algumas experiências com isso, que contarei brevemente a vocês.

Sabemos que ficou muito difícil trabalhar, e isso ocorreu para todos nós, depois de 68, porque se montou todo um sistema de ‘anticriação’ próprio, que é bem pior que uma censura. Isso se disseminou por toda parte, e eu chamava isso de uma reação. Enquanto a censura provoca efervescências subterrâneas, a reação quer tornar tudo impossível. Ela faz com que pareça impossível. Então, a questão que mais interessava naquele momento era se podíamos ter mais força e confiança para atravessar esses tempos de reação. A questão era criar a pergunta sobre o quanto de trabalho de cada um poderia produzir devires inesperados, novas consequências, revezamentos, quando ninguém, absolutamente, deveria ter privilégio a esse respeito.

---

<sup>254</sup> Texto inspirado na leitura de *Espinosa: filosofia prática* (Deleuze, 2002).

Os platôs que atravessamos pelos textos ajudam a desmontar o que se supunha estável na história recente do Brasil, apresentando terrenos onde podemos ainda nos arriscar, para inventar travessias, conduzir novos povoamentos. Isso foi *O anti-Édipo* tracejando um pouco por uma América Latina, um mundo. Lá onde tudo pretende se unificar, lá onde os humanos insistem em inventar uma ordem para as coisas, persistem não apenas os revezamentos no lugar de uma linearidade, mas haveria sempre uma forma estilhaçada das subjetividades, como uma imagem de sua multiplicidade, de uma instabilidade pela qual os acontecimentos eclodem, as infâncias urgem, e as pequenas liberdades arriscam-se. Os estilhaços são os devires na história. Os cacarecos indicam quebras, rupturas pelas quais ainda podemos deixar nascer mil caminhos. Voltei aqui para lhes dizer apenas isso. Não deixem os estilhaços lhes fazerem pensar que é preciso ter medo. Eles são a imagem disso que fazemos na história<sup>255</sup>.

Com carinho,

Deleuze.

---

<sup>255</sup> Uma experiência de escrita em primeira pessoa, como se fosse Deleuze.

## 19. A morte de Deleuze

Nos anos setenta, quando eu o conheci, ele dispunha de apenas um oitavo de pulmão funcionando. A traqueostomia já tinha pelo menos cinco anos. Foi quando passou a respirar através de uma máquina. Ficava plugado a esta durante a maior parte do tempo, sem nenhuma autonomia. Só podia falar e escrever por um brevíssimo período de tempo a cada dia. Me contou um amigo que, nos últimos tempos, ele ficava repetindo suas idéias, para lembrá-las quando pudesse escrever. Relendo as cartas que ele me escreveu desde que voltei ao Brasil, pude confirmar algumas coisas<sup>256</sup>. Notei que sua letra foi ficando cada vez mais trêmula e irregular. Na última, inclusive, ele se queixava das dificuldades que eram inúmeras. Como aproveitar o mínimo de energia que lhe restava para seu trabalho? Como continuar fazendo aquilo que fazia? Seu pulmão chegou a um tal ponto, que ele não podia mais escrever linha alguma. Nem falar.

Para mim, continua sendo inacreditável. Mesmo no estado precário de seus últimos anos, enquanto ele pôde falar e escrever, ele continuou a querer viver. Foi neste estado que ele escreveu seu último livro com Guattari, e ainda conseguiu organizar duas coletâneas de artigos e entrevistas. Tudo isso antes do inverno, quando as coisas piorariam, sem chance de recuperação: o enfisema, já tão doloroso, se impunha como restritivo. Como encontrar uma saída, traçar a linha fuga, quando tudo se tornava definitivamente impossível? Era uma questão. Deleuze, que sempre falou da solidão, enfrentava o problema, mais uma vez, sozinho. Não por heroísmo, mas porque nunca houve solução preexistente a que se reportar: em toda e qualquer situação, é preciso criar a linha você mesmo.

---

<sup>256</sup> Trata-se do relato de Suely Rolnik.

Ele sempre disse que há algo forte demais na vida, algo intenso demais. Há nela isso que é imenso, e que só podemos viver no limite de nós mesmos. Naquilo que se experimenta, é preciso perder a comodidade, aprender a não contar com um juiz universal, é preciso ver-se órfão. Toda ética é sem herança, assim dizemos. Não podemos ter garantias. Deleuze assim escolheu. Nós então o vimos lançado em uma luta permanente entre forças, enfrentando as diferenças que se apresentavam, por mais insuportáveis que elas fossem, e por mais asfixiantes que se mostrassem. Por mais impossível que parecessem, essas diferenças estavam colocadas, e assim, escolheu o que sempre parece ter feito em sua vida, até o último instante: ele teria tido a coragem de afirmá-la, mesmo no momento extremo do seu fim<sup>257</sup>, ao saltar da janela de onde olhava a cidade amanhecer e anoitecer, permanentemente deitado em sua cama. Deleuze tirava todos os tubos que lhe prendiam, e começando a correr, saltava pelos ares.

Assim escrevem seu obituário:

“França, 6 de novembro de 1995. O filósofo francês Gilles Deleuze suicidou-se sábado em Paris. Deleuze, que tinha 70 anos, jogou-se da janela de seu apartamento, na capital francesa. O filósofo sofria havia vários anos de uma grave insuficiência respiratória. Recentemente, tinha passado por uma traqueostomia – operação que abre a traqueia para o exterior do corpo através de um canudo. A morte do filósofo foi anunciada no domingo pela sua família, que não forneceu mais detalhes. O trabalho de Deleuze, além de ter se dedicado ao exame de filósofos como Nietzsche, Spinoza e Leibniz – mas nunca no papel do historiador tradicional da filosofia – pensou também o problema do tempo, por meio da discussão da arte do cinema, e do filósofo Henri Bergson. Ficou mais conhecido por meio dos cinco livros que publicou com o psicanalista e também filósofo Felix Guattari (1930-92), entre eles, o “best seller”<sup>258</sup> no gênero, *O Anti-Édipo* (1972), cujo pensamento está relacionado ao clima intelectual que envolveu as manifestações do maio de 1968

---

<sup>257</sup> Até aqui o texto foi montado com a ajuda do texto “Ninguém é Deleuziano”, de Suely Rolnik, do qual extraímos trechos adaptados.

<sup>258</sup> Trata-se do obituário escrito, na ocasião, pela *Folha de São Paulo*, que aqui adaptamos. A expressão é do jornal.

francês. Isto é, às revoltas libertárias que questionaram o modo como se pensavam o Estado e o poder, a psicanálise e a psiquiatria tradicionais, e que estimularam os movimentos contraculturais dos anos 70. Neste livro, um marco de sua época, Deleuze e Guattari reexaminam o conceito freudiano do complexo de Édipo (as relações entre desejo e repressão na família, que levam à formação da identidade dos sujeitos), e reivindicam que o psíquico e o social não podem ser separados. Segundo os autores, a vida cotidiana seria o lugar em que ocorrem lutas tidas como menores, mas que conduziriam a transformações mais importantes do que a política tradicional. O desejo e o inconsciente teriam um papel criador na história”.

## **20. Acho que nós viveremos**

A morte de Deleuze não tem nada a ver com um suposto ‘destino tenebroso’ de uma geração, como se quis dar a entender juntando seu suicídio, a doença de Foucault, o atropelamento de Barthes e o crime de Althusser. Seria, no mínimo, descabida essa visão: considerar a morte como castigo, vindo não se sabe de quem<sup>259</sup>. Sua morte, na verdade, evoca ainda um campo de forças presente, que reaparece, mais uma vez, e mesmo em seu desaparecimento, com uma estranha vitalidade: em resposta a essa visão do castigo, sua morte é capaz de evocar ainda uma singeleza na elaboração dos problemas, uma incapacidade de arrogância, e aquela irresistível delicadeza complexa com que falava lentamente, com as suas pequenas granadas. Sem dúvida, um combate, ainda: uma filosofia que desde antes dessa morte assumia a morte, enfrentando o que em nós insiste em delirar o absoluto. Uma filosofia que buscava resistir com a leveza dos livres, daqueles que abdicaram das clausuras.

Essa vitalidade, mesmo na morte, ainda nos ensina muito. Não dá para adivinhar, certamente, as diversas maneiras pelas quais os séculos vindouros se

---

<sup>259</sup> Crítica de Suely Rolnik no texto “Ninguém é Deleuziano”.

agenciarão com o nosso, e muito menos com Deleuze, na criação dessas vitalidades. Não dá para antever as diferentes caras que este século terá depois. Só temos como saber o quanto o pensamento de Deleuze nos oferece uma vigorosa cartografia para pensar e avançar neste difícil, mas não menos apaixonante, início de século<sup>260</sup>, nesses seus primeiros anos de sonhos e criações intermináveis. Como seu pensamento ajuda a maquinar uma infância no mundo foi a pergunta que visamos propor nesse trabalho, para pensarmos o que fazer, talvez, a partir desse minuto.

“Eu acho que nós sobreviveremos nesses tempos por meio de um modo feroz de contar histórias, por meio de uma resistência feroz, da política, de um tipo de recusa a ir embora, do reconhecimento de que isso aconteceu antes, muitas vezes, e está acontecendo de novo, e de que nós simplesmente nos recusamos a ir embora”<sup>261</sup>, assim dizia Donna Haraway, na entrevista que citamos anteriormente<sup>262</sup>. Uma resistência em seu discurso aparece como aquela, talvez, mais urgente, para fazer face aos intoleráveis, como a autora prossegue: “se não continuarmos a cultivar a capacidade de rir e brincar uns com os outros, aí sim nós perderemos realmente”. Insistir na criação de vitalidades, ela diz, apesar dos novos tipos de opressão; como uma aposta nas estórias, nas brincadeiras, e não apenas nas risadas, mas nos desafios: acredita-se que grande parte disso que diz se encontra com a noção de uma infância do mundo. Essa infância que resiste. Ela ressurgue sempre de outra maneira, como uma capacidade da própria vida, e não um conceito exterior a nós. Deleuze nos acenaria nesse momento, dizendo: uma infância, como conceito, não preexiste. As infâncias são muitas. Elas são descobertas nos movimentos mais ordinários da vida. Elas são inventadas.

---

<sup>260</sup> Citação de Suely Rolnik extraída do texto citado anteriormente.

<sup>261</sup> Extraído da entrevista “Isso parte meu coração” (2018).

<sup>262</sup> Ver Prelúdio.

## 21. Despedida pelos ares

O último salto do filósofo. Sua insistência em permanecer afirmando a vida ainda é tremenda, até mesmo no momento em que desaparece pelos ares da cidade de Paris. Inevitável pensar em Deleuze naqueles instantes, com muita dificuldade conseguindo se pendurar na sacada da janela, livrando-se de todos os tubos que o perfuravam. Fico me perguntando se ele teria escalado a janela daquela maneira desajeitada e simples que só ele tinha. O fato de imaginar que esse mesmo corpo frágil e acoplado às máquinas hospitalares pôde ser o corpo que me possibilitou um respiro, quando era eu quem não conseguia um pouco de ar, é até hoje algo extremamente misterioso para mim. Enquanto em sua garganta havia um buraco, eu estava aqui, enfrentando uma atmosfera sufocante, sob a qual se tramava um golpe de Estado. No momento em que sua morte veio para encerrar essa montagem, também uma espécie de ‘ciclo’ parecia se encerrar, de alguma maneira, na vida dos brasileiros.

Tentando produzir uma maquinaria lúdica que nos ajudasse a conceituar uma infância em seu trabalho, vejo que a tese buscou sempre trazer um pouco da infância para a morte. A cada momento em que se cria vida, é impossível separá-la daquilo que morre, dos mundos que se desmoronam, das crises que nos mobilizam. Há uma aposta nas histórias, em sua proliferação, como meio de afirmar não apenas a vitalidade do trabalho deleuziano, mas aquilo que ele possibilita conectar, pensar, sentir, trazendo a produção incansável de vidas nesse mundo repleto de guerras absurdas. Essa pista que nos envia Haraway em sua entrevista<sup>263</sup> pode ser acolhida, de modo que não seria tarde para contar uma última história, portanto. Finalizo essa tese durante uma madrugada de primavera, presentindo mais uma vez uma

---

<sup>263</sup> Realizada no contexto das últimas eleições no Brasil, em que relata suas impressões sobre aquilo que estávamos vivendo.

despedida de Deleuze. Com a ajuda da força de sua vida, envio um último instante para afirmar, nesta tese, uma infância no mundo.

## **22. A amizade é uma infância**

Havia uma orquestra de jazz, e uma infinidade de pessoas, todo mundo chorava ou ria. Houve cantos, poemas, discursos, e depois, à noite, todos ainda fizeram uma festa no bosque de Bologne. “Ele nos deixou. Como acreditar nisso? Sua curiosidade inesgotável e sua alegria calorosa conferiam a ele uma espécie de eterna juventude. Queremos conservar seu sorriso, e o júbilo do pensador. Nós nos recordaremos por muito tempo de nossos encontros, de nossas conversas. Sua voz inesquecível permanece quente em nossos corações”<sup>264</sup>, alguém havia acabado de deixar uma flor em seu túmulo.

Deleuze ainda estava vivo quando perdia seu amigo, Félix Guattari. Ele estava em Saint-Léonard-de-Noblar, na companhia de David Lapoujade, quando ficara sabendo a notícia. “Até o fim, meu trabalho com Félix foi para mim uma fonte de descoberta e de alegria”, ele escreve em um texto em sua homenagem. Não pode deixar de evocar aquele que foi durante anos um componente de sua filosofia: “O que há de doloroso na lembrança de um amigo morto são os gestos e os olhares que ainda nos atingem, que nos chegam ainda quando ele desapareceu”<sup>265</sup>.

Nessa multidão do enterro, um ausente: Deleuze, cujo estado de saúde o mantinha preso a balões de oxigênio. Ele acompanha de casa a demonstração coletiva de afeto por seu amigo Félix, vendo a exposição de um conhecido artista na TV. As imagens o deixam espantado. Ele então liga para o artista. “Mas você colocou meus tubos”, Deleuze, ao telefone, ligava para o artista Jean-Jacques Lebel, para tirar essa dúvida. Para materializar a presença do filósofo em Guattari, Lebel

---

<sup>264</sup> Ver Dosse, 2010, pp.403-404.

<sup>265</sup> Ibidem, p.404.

põe muitos tubos em sua escultura feita em homenagem à Félix, intitulada “Monument a Felix Guattari”, uma obra que consistiu na homenagem mais espetacular prestada ao amigo naquela ocasião de sua morte. Os tubos, por sua vez, acoplados à obra, eram uma homenagem à sua relação com Deleuze.

Conhecendo o gosto de Félix por carros, o artista desmanchara sua Renault 25, colocando um punhado de terra dentro, fazendo brotar ali cogumelos alucinógenos. Ao lado de um enorme retrato de Félix, o alto-falante reproduzia a voz dele contando um sonho, de modo que as pessoas que passavam pelo hall do Centre Beaubourg chegavam a perguntar de onde vinha aquela voz, “Ele está vivo? Ou eu estou alucinando? ”. Lebel colocou uma placa atrás do enorme porta-malas, convidando as pessoas a depositarem cartas, poemas e fotos. No lugar do motor do carro, exemplares de *Chimères*, textos de Félix, e manuscritos. As pessoas vinham declamar poesias, criar intervenções musicais junto ao monumento multiforme, no qual, sobre o teto, é então depositado um divã de esquizoanálise, esculpido com textos e objetos, projetado sobre ele um enorme coração de seis metros de altura, que rodopiava suavemente. Como imaginar ter seus tubos de repente acoplados àquela máquina colorida?

Olhando na TV, aquela imagem insana podia fazê-lo vibrar, lembrando a infância que o amigo Félix era para ele, a criança que possibilitava que se abrisse em seu corpo, que sempre envelheceria mais rápido que os demais. Deleuze podia olhar para aquela R25 com um coração imenso no alto, rindo ligeiramente. Ele possivelmente falava para si, naquele momento de surpresa:

“Que coisa absurda é a morte, quando ela só nos faz pensar na vida! A morte é absurda, de qualquer modo, e talvez seja essa a sua forma de parecer implacável e vitoriosa, definitivamente, sobre nós. Há algo nela de inacabado e vivo, algo que não se encerra. Alguma coisa ela ainda nos permite, deixando de presente para o mundo. A minha infância vibra com você, mesmo na morte. Olho para essas cores, e lembro. Ouço o sonho vindo do alto-falante e volto a imaginá-lo gaguejante, inspirado e louco. Alguém que corria para lá e para cá,

embasbacado em ver a potência de criar nos jovens, nas crianças, nos esquizofrênicos, nos povos que continuam. Meu querido, eles continuam. Continuam, apesar de nós”<sup>266</sup>.



---

<sup>266</sup> Essa citação não existe em nenhum livro ou entrevista. Foi essa tese que inventou.

## **Pós- escrito.**

Eu estava descobrindo uma coisa. Lembrava-me de repente das pessoas que passaram por mim, em um dia qualquer. Não eram as pessoas, mas as imagens que as acompanhavam. Lembrava, em geral, algo arbitrário, que por algum motivo, ficou ali associado. Qualquer coisa, simplesmente. Algo que acompanhou por acaso aquele instante. Um perfume de alguém, que se tornou uma imagem. Um pequeno som. Uma janela, um movimento, qualquer uma dessas coisas que ficam. Penso que, no futuro, quando as lembranças começarem a se desvanecer, toda a minha memória passará a se guiar por essas coisas. Como seria lembrar-me disso que se vive agora? Como eu lembraria essas pessoas? Como eu lembraria as cores das ruas de uma cidade? Ou o que acontecia aqui anteontem? No último mês?

Eu precisava te escrever essa coleção de imagens que começa em meio a esse momento em que estamos vivendo. Tive a ideia de enviá-las dentro de uma carta, ou como flechas, alguma coisa que pudesse atravessar o tempo que nos separa. Há muitos sons que estão sendo emitidos agora: escuto pedaços, murmúrios, sensações, como partes daquilo que a vida está criando por toda parte. Queria poder registrar isso. Imagine se pudéssemos registrar todos esses sons que estão sendo emitidos? Se pudéssemos registrar todos os sons já emitidos antes? Seria um trabalho interessante de fazer como um anexo deste trabalho: os sons do vento passando na grama, dos olhos de alguém sorrindo, dos cavalos correndo, seja ou não nas guerras em Roma, junto aos gritos das crianças na China. Uma máquina de música. Os carros, os aviões, as ondas do mar. Todos os sons. Seria interessante. Contudo, imaginei que pudesse registrar os sonhos. Todas as imagens já sonhadas. Uma máquina de sonhos. Todas as pessoas estariam dormindo.

\*\*

Fiz um trabalho de recolher os sonhos que as pessoas estavam tendo nesses últimos meses. Decidi misturá-los na tentativa de criar essa máquina de sonhos: uma proliferação de fragmentos, vestígios, imagens, sons, medos, desvios. Considero os sonhos um material importante, como os utilizei em algumas partes desse trabalho. Quando se trata de escavar histórias, de rachar e atingir suas regiões quase sem memória, acredito que uma tal maquinaria lúdica, como uma usina de sensações, passagens, devires e estórias, como pretendemos apresentar, possibilite um acesso pela diferença, um acesso ao mundo pelo que as pessoas criam enquanto coletividades, e que assim constituem memórias infinitas. Essa maquinaria, portanto, consiste em meios que permanecerão sempre inadequados: o leitor só verá desfilar diante de si os meios, a inadequação. Confiando na potência desta forma, será no estilhaçamento que os sonhos se apresentam, considerando-se aquilo que desmorona na sua experiência, e sobretudo, aquilo que os atravessa, a criação de fugas.

Como sempre, irão continuar tentando nos capturar de várias formas, mas nós permaneceremos inventando fugas por toda parte. Uma maquinaria lúdica se ativa aqui, fazendo proliferar as passagens de vida, aberturas, e toda sorte de estranhamentos que pululam em uma usina inconsciente. Há tanta criação nos sonhos quanto em um quadro, uma peça, ou uma obra musical. As pessoas sonham, e nos sonhos produzem-se linhas de fuga. Dizer isso às vezes parece não ser o suficiente, ainda mais em tempos de golpe. As pessoas sonham, mas o que fazemos é uma pergunta muito mais estranha, e que é muito particular aos diretores de cinema que você admira: “O que quer dizer estar preso num sonho de alguém? ”, você outrora perguntava. Escavar histórias trata-se também das coisas mais terríveis: o que sonhamos também tem a ver com os sonhos dos outros. O que quer dizer estar preso no sonho de alguém? Afinal, o que é estar preso no pesadelo da guerra? O que quer dizer “estar preso num pesadelo”? Estar preso no sonho de uma menina?

Tendo isso em vista, gostaria que recebesse a seguir os sonhos de alguns de nós, brasileiros. Aqui você entrará não apenas na fábrica mais incansável que existiria, o inconsciente; essa máquina que, enquanto respiramos, permanece ininterruptamente germinando mundos e sentidos; você entrará, sobretudo, naquilo que resiste nessa produção: tentativas de gritos, estranhamentos, abraços, e uma sensação de nos constituirmos como vidas potentes, exatamente por estarmos constantemente intranquilos, buscando resistir a partir da fragilidade, e mesmo a partir do que não compreendemos.

\*\*

### **Brasil, outubro de 2018.**

Sonhei com passaportes sendo queimados. Sonhei que um homem era torturado na minha frente. Um homem que eu nunca soube quem era. Mas que lembro. Vi nitidamente algumas guias em seu pescoço, elas estavam misturadas ao sangue. Um azul claro brilhante, com um vermelho espesso e profundo. Dias atrás. Foi outra coisa. Sonhei um sonho devagar. Sonhei com o oceano./ Eu estava correndo. Um policial me abordava. É possível que não esteja no mesmo lugar. Estamos na cidade. Eu estava em um terminal de ônibus. Um policial me abordava. Curioso é que, mesmo com medo, eu passo a fazer perguntas a ele, tais como, se ele me abordou porque saí correndo do ônibus. Ele me responde que sim. Que isso era um indício de que eu havia furtando alguém. Será que eu estava? Eu pergunto como ele sabe meu nome. /Eu estava num hospital com uma amiga, e a gente ia até uma sala, onde o futuro presidente dava uma palestra sobre tecnologias de reprodução humana. A sala estava lotada. Ele estava cercado de bonecas, todas estranhamente despedaçadas. Eu estava muito incomodado, e acenava para minha amiga para a gente sair de lá. Sentávamos em um banco do lado de fora. Minha amiga pedia um Uber. Um carro que nunca chegava. Eu me sentia muito triste, pois sabia que ele

estava levando minha amiga para um lugar difícil, um pântano. Eu deitava minha cabeça no colo dela, enquanto ela afagava meu cabelo. Sentia um certo choque quando entendia que eu também teria que pegar aquele carro. Cada pessoa ia ter que, uma a uma, entrar nesse mesmo carro, e todas seriam levadas para o mesmo destino.

/ Sonhei que andávamos por uma rua à noite. As luzes eram amarelas. De repente havia um bloqueio na rua, a polícia fazia um cordão de isolamento. O combate era iminente. Agarrei sua mão e corremos. Vinha em nossa direção a cavalaria. Te apertei nos meus braços, mas mesmo assim fomos separados. Uma junta de policiais me cercou e começou a perguntar o que eu sabia dos protestos. Por que ainda protestavam? Pelo que? Deram tapas e socos, e me arrancaram uma unha. Quando tentaram arrancar a segunda unha entre risos, acordei. Caminhamos pelas ruas tortuosas, noturnas. Em algum momento, não lembro qual, parei para escrever alguma coisa num pedaço de papel. Lembro que eram palavras apaixonadas. Era uma espécie de manifesto em formato de poesia. Aquelas palavras pareciam rastilho de pólvora e rapidamente se espalharam entre as pessoas. Dessa vez, entretanto, não havia guerra./ Sonhei que estava caminhando numa universidade, e entrava no espaço de seu anfiteatro, onde havia um enorme culto. Vi que pessoas estavam rezando antes das aulas, e que havia algumas palavras sendo repetidas pelas salas e corredores. Algo como “glória ao senhor”, e algumas “aleluias”. Estas palavras ficavam ressoando cada vez mais alto. Eu caminhava pela universidade, encontrando algumas pessoas conhecidas. Percebi que elas haviam se convertido. Algumas delas voltavam de uma sessão de descarrego. Uma amiga tentava me converter, dizendo que aquela sensação era maravilhosa. Lembro que pregava fervorosamente aquelas palavras. Lembro aquelas palavras/ Sonhei que estávamos no meio do mar. Em cima de uns corais, perto de uma tartaruga e a observando de perto. Uma criança tenta passar a mão na cabeça da tartaruga, porém falo com ela que não é seguro, pois elas podem morder. Depois, quando olho para cima, há uma quantidade incrível de tartarugas. Elas se inquietam, mas vão embora. A criança se assusta, corre para praia. Eu fico para trás. Alguém grita agora que é um tubarão vindo. Eu procuro um lugar alto. Vejo que há uma pedra num canto da praia. Subo nela sozinha, mas ela é escorregadia, e mal cabem meus pés. De repente, no lugar em que estou aparece uma rede embaixo, e uma rede também em cima. Aparecem mais duas pessoas junto a mim. Nós três esperamos juntos o tubarão ir embora. Ele vem atacar a rede, a que está nos nossos pés. A rede se enrosca em sua boca, e ele fica com ela presa. Nós

aproveitamos e pulamos no mar, quem sabe, para uma região mais segura. / Meu amigo. Sonhei que estava te visitando na Bélgica, onde você tinha ido morar. Você acabava de encontrar um trabalho de caseiro. Lá você cuidava de um casarão, em uma região litorânea. Uma região meio fria. Um casarão antigo, paredes bem brancas. Eu te encontrava lá. A gente não se via fazia um longo tempo. Você contava como estavam as coisas. Eu contava como estavam as coisas no Brasil. Quanto tempo. Você me disse sobre o prato típico da região. Ele se chamava ‘mariscos ao tiro’. Achei o nome muito curioso. Por algum motivo, as pessoas da região pegavam em armas e davam tiros nos mariscos na praia, para depois comer. Conosco não foi diferente. A gente saía para fazer isso numa praia, onde a areia era meio escura. Havia um monte desses mariscos. A gente ficava dando tiros neles, e isso não fazia nenhum sentido. A gente pegava os mariscos, levava para casa. Então, como todos os outros, separávamos as balas deles, e comíamos. / Era um domingo quando acordei. Sonhei que ele ganhava as eleições. Sonhei que saía o resultado, e no dia seguinte, começava uma perseguição nas universidades. Eles iam atrás de alguns trabalhos, e eu corria risco de ser pega com a minha dissertação de mestrado. Então comecei a providenciar meu passaporte. Estava organizando para onde eu iria. Qual seria o meu destino em caso de exílio. As ruas já estavam sendo tomadas pelo Exército. Nelas circulavam tanques e soldados. O país já estava diferente. Tudo mudou assim, muito rápido. / Escuto soluços vindos de uma criança. É a minha filha. Ela respira em soluços no meu braço. Não pude evitar o pesadelo dela de que a lagartixa morde-lhe a mão. Não pude, e os gritos dela também me despertam de um pesadelo. Eu estava em uma festa muito familiar. Todos se vestiam iguais, com uniformes cor de cáqui, e cada um segurava um fuzil. As pessoas tentavam dançar uma música triste, mas tentar dançar fazia com que as armas disparassem. A primeira pessoa que morria era uma mulher negra. Levanto num susto. Acordo do sonho, minha filha ainda soluçava. Apesar de toda a proteção que tentava oferecer, ela entendeu que os pesadelos gritavam tão alto quanto os vizinhos/ Tive duas vezes esse mesmo sonho. Sonhei que eu pegava um metrô, e ele não parava mais. Só andava, e andava. A sensação era de que eu ia ficar presa, debaixo da terra. Eu ia andando pelos vagões, procurando alguma coisa. Não entendia o que estava acontecendo. O metrô continuava andando, mas as pessoas estavam todas dormindo, sem me responder/ Sonhei que pegava o metrô e ele começava a andar no sentido errado. Soube disso quando de repente eu me via entre as estações “Paquistão” e

“Cazaquistão”, sem saber como tinha chegado ali. Começava a perguntar às pessoas o que fazer para voltar para onde eu queria. Elas não sabiam, e continuavam achando tudo normal/ Sonhei com um momento em que eu tentava denunciar algo que acontecia de ruim no ambiente em que estava naquela noite, com algumas amigas. Eu tentava falar com elas, chegava a gritar, mas minha voz não saía. Era como se alguém tivesse segurado minhas cordas vocais. O grito não saía de mim, nem de nós. Em seguida, alguém me empurra de um penhasco. Eu sentia a dor da queda. Eu sentia dor. Eu sentia tudo. / Acordei num grito. Estava tendo um sonho paralisada, desses que você acha que está acordada, vendo as coisas à sua volta. No sonho, eu e meu companheiro acordávamos na nossa cama, ouvindo um barulho de alguém entrando dentro da nossa casa. Eu estava ouvindo o barulho. Ao mesmo tempo, via na parede uma sombra. Ela entrava pela janela. Duas sombras, de pessoas se espancando. Essa sombra estava ali, muito perto de mim. Tentava falar com meu companheiro, mas minha voz não saía. Cada vez mais eles se aproximavam. / Eu já havia sonhado uma vez, com algumas dessas pessoas. Sonhei com uma estudante de medicina. Ela estava prestes a fazer algo. Ela caía da plataforma, depois de muito fugir do seu tormento. Parecia a imagem que ela descrevia sua carta, vinda do exílio. A carta falava de um pesadelo, de quando era perseguida em um túnel. Ela corria de alguma coisa terrível, mas não conseguia se desvencilhar. Por mais que corresse, nunca alcançava o final da passagem subterrânea. Não conseguia escapar, e sem forças, ela desistia. Deixava-se envolver, sendo lançada em uma espécie de espiral, despencando-se das alturas, rodando num torvelinho, com um grande grito querendo romper de sua garganta. Podia ver atrás de si o galope das forças, cada vez mais perto, tudo aquilo que seus olhos viram, por um relance, fizeram com que ela voltasse um pouco. Ela os encarou nos olhos. Como um derradeiro ato de dignidade, podia escutar o rosnado e o terror que aquele rastro emanava. / Eu estava um pouco mais calma. Sonhei que estava em uma região meio árida, desértica, de terra vermelha montanhosa. Começo a perceber algumas pessoas ao redor se movendo rápido, como se o vento fizesse o presságio de um grande vendaval. Não sei como, mas aparece uma pequena casa de um único cômodo, sem nenhum móvel. Resolvo que seria minha proteção. Nela me recolho, para esperar a tempestade. Fecho os olhos, durmo, sabendo que o vendaval chegará. Do lado de fora, um grupo de viajantes, de pessoas de todos os lugares, compartilham uma refeição. Acordei desse sonho na véspera, com uma sensação de calma, sabendo que o vendaval viria e

poderia ser enfrentado/ Foi um outro sonho calmo. Sonhei que estava com um casal de amigos em uma casa que, ao que parecia, eu também morava nela. De repente, o teto ruía. A casa ia toda ao chão. Nós e várias outras pessoas, amigos e parentes, reerguíamos a casa novamente. O resultado, depois dela desabar, era um prédio acolhedor. Várias pessoas moravam juntas e se ajudavam. Eu me sentia acolhida/ Depois de muito tempo, houve essa noite. Sonhei que estávamos caminhando em uma rua. Nós nos dávamos as mãos, como nos velhos tempos. Estávamos em uma manifestação. O vento se fazia presente nos rostos, passando por nós sem os gases lacrimogêneos. Senti que nossos fios frágeis de amizade nos reconectavam. A noite encobria tudo de estrelas. Nós dois estávamos presentes. Um dia, nós existimos. Antes de virar aquela esquina. Caminhando naquela direção. Nós sabíamos que o mundo era muito assustador. Mas nós estávamos vivos.

## Referências Bibliográficas

Hakim, Bey. *TAZ. Zona autônoma temporária*. São Paulo: Conrad, 2011.

Blanchot, Maurice. “O instante da minha morte”. Traduzido por André Telles, publicado na *Revista Serrote*, São Paulo, Instituto Moreira Salles, n.6. Novembro de 2010.

Ceccim, Ricardo; Palombini, Alice. “Imagens da infância, devir-criança e uma formulação à educação do cuidado”. *Psicologia & Sociedade*; v.21, n.3, 2009.

Coimbra, Cecília Maria Bouças. *Guardiões da Ordem: uma viagem pelas práticas psi no Brasil do ‘Milagre’*. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 1995.

\_\_\_\_\_. *Operação Rio: o mito das classes perigosas*. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 2001.

Comitê Invisível. *Aos nossos amigos - Crise e insurreição*. São Paulo: n-1, 2016.

Deleuze, Gilles. “O ato de criação”. Palestra de 1987. trad: José Marcos Macedo. Edição brasileira: *Folha de São Paulo*, 27/06/1999.

\_\_\_\_\_. *Conversações*. São Paulo: 34, 2010.

\_\_\_\_\_. *Crítica e Clínica*. São Paulo: 34, 2008.

\_\_\_\_\_. *Espinosa: Filosofia Prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

\_\_\_\_\_. “Imanência... uma vida”. *Revista Educação e realidade*. Porto Alegre, v. 27, n. 2, 2002.

\_\_\_\_\_. “A pintura inflama a escrita”. Entrevista de Deleuze ao *Le Monde*, em 3 de dezembro de 1981. Tradução disponível em: <https://acervoclaudiuolpiano.com/2018/04/28/a-pintura-inflama-a-escrita-por-gilles-deleuze/>.

\_\_\_\_\_; Foucault, Michel. “Os intelectuais e o poder” (1972). In: Foucault, Michel; organização e tradução de Roberto Machado. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. *O anti-Édipo*. São Paulo: 34, 2010.

\_\_\_\_\_. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: 34, 2011. Vol.1.

\_\_\_\_\_. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: 34, 2012. Vol.4.

\_\_\_\_\_. *O que é a filosofia?*. Rio de Janeiro: 34, 2009.

Deleuze, Gilles; Parnet, Claire. *Abecedário*, 1988. Entrevistas que podem ser encontradas em vídeo.

\_\_\_\_\_. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

Domingues, Leila. *Á flor da pele: subjetividade, clínica e cinema contemporâneo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2010.

Dosse, Françoise. *Gilles Deleuze e Felix Guattari: Biografia Cruzada*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

\_\_\_\_\_. “Os Engajamentos Políticos de Gilles Deleuze”. Traduzido para o português por Germaine Mandelsaft. Disponível em: <https://machinedeleuze.wordpress.com/2017/05/05/os-engajamentos-politicos-de-gilles-deleuze-por-francois-dosse/>.

Duras, Marguerite. *Cadernos de Guerra*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

Foucault, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: N-1, 2013.

Fuentes, Carlos. *Em 68: Paris, Praga e México*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

Fuganti, Luiz. “Ética como potência e moral como servidão”. Disponível em: <http://escolanomade.org/pensadores-textos-e-videos/fuganti-luiz/etica-como-potencia-e-moral-como-servidao>.

Gil, José. “Ele foi capaz de introduzir no movimento dos conceitos o movimento da vida”. Entrevista. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 27, n. 2, 2002.

Guattari, Félix. “Reflexões sobre a Terapêutica Institucional e os problemas de higiene mental no meio estudantil” (1964). In: \_\_\_\_\_. *Psicanálise e Transversalidade*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2004.

Guattari, Félix; Rolnik, Suely. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2010.

Haraway, Donna. “Isso parte meu coração” In: *Revista DR*, 2018. Disponível em: <http://www.revistadr.com.br/grito/isso-parte-meu-coracao>.

Henz, Alexandre de Oliveira. “Formação como deformação: esgotamento entre Nietzsche e Deleuze”. *Revista Mal-estar e Subjetividade*. Fortaleza, Vol. IX, n.1, 2009.

Hobsbawm, E.J. *Revolucionários*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

Júnior, Maciel Auterives. “O problema da escolha e os impasses da clínica na era do biopoder”. In: Júnior, Maciel Auterives; Kupermann, Daniel; Tedesco, Silvia (org.). *Polifonias: clínica, política e criação*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2005.

Kohan, Walter. “Infância e educação em Platão”. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.29, n.1, 2003.

Lapoujade, David. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. São Paulo: n-1, 2015.

Lispector, Clarice. “Das vantagens de ser bobo”. In: *A Descoberta do Mundo*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1999.

Machado, Roberto. “Uma época, dois estilos”. In: *Impressões de Foucault*. São Paulo: N-1, 2017.

Mbembe, Achille. “Necropolítica”. *Revista Temáticas*, UFRJ. n.32, 2016.

Marques, Martins Ana. “[É como se a infância não fosse um tempo...]”. In: *Revista Gratuita* v.3. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2017.

Mudado, Sérgio. *A chama e o vento*. Belo Horizonte: Kore Editora, 2015.

Pelbart, Peter Pál. *Vida Capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2011.

Rolnik, Suely. *Cartografia sentimental: Transformações Contemporâneas do Desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2007.

\_\_\_\_\_. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1, 2018.

\_\_\_\_\_. “Ninguém é Deleuziano”. Entrevista a Lira Neto e Silvio Gadelha, publicada com este título In: *O Povo*, Caderno Sábado, Fortaleza, 18/11/95.

\_\_\_\_\_. “Subjetividade antropofágica”. In: Herkenhoff, Paulo; Pedrosa, Adriano (Edit.). *Arte Contemporânea Brasileira: Um e/entre Outro/s*, XXIVa Bienal Internacional de São Paulo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1998.

Schérer, René. “Aprender com Deleuze”. *Revista Educação e Sociedade*. Campinas, vol. 26, n. 93, 2005.

\_\_\_\_\_. “Sem rosto: limites das prerrogativas do eu (*moi*) na criação - a ideia de *mínimo* em Deleuze”. In: Júnior, Maciel Auterives; Kupermann, Daniel; Tedesco, Silvia(org.). *Polifonias: clínica, política e criação*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2005.

Skliar, Carlos. *Desobedecer a linguagem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

Solidariedade, Coletivo. *Paris: Maio de 68*. São Paulo: Conrad, 2003.

Subcomandante Marcos. “Carta do Subcomandante Insurgente Marcos a Eduardo Galeano”, In: *Revista Gratuita vº 3*. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2017.

Ventura, Zuenir. *1968, O ano que não terminou: a aventura de uma geração*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1988.

Zordan, Paola. “Máquina de guerra em dez aforismos”, publicado na *Revista Carbono* nº6. Disponível em: <http://revistacarbono.com/artigos/06maquina-de-guerra-paola-zordan/>

Zourabichvili, *Vocabulário de Gilles Deleuze*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro, 2004. Versão digitalizada pelo Centro Interdisciplinar de Estudo em Novas Tecnologias e Informação, Unicamp.

Wiazemsky, Anne. *Um ano depois*. São Paulo: Todavia, 2018.

## Filmes

*O botão de nácar*. Direção: Patricio Guzmán. Chile, 2015.

*No*. Direção: Pablo Larraín. Chile, 2012.

*No intenso agora*. Direção: João Moreira Salles. Brasil, 2018.

### **Notícias, reportagens, relatórios**

“Bolsonaro a milhares em euforia: ‘vamos varrer do mapa os bandidos vermelhos’”  
em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/583937-bolsonaro-a-milhares-em-euforia-vamos-varrer-do-mapa-os-bandidos-vermelhos>

“Caso Amarildo, quatro anos depois”, publicado na Revista *Piauí*:  
<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2017/07/14/caso-amarildo-quatro-anos-depois/>

“Cinco anos após morte de Amarildo, família ainda aguarda indenização”. Em:  
<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44790123>

“Dossiê Megaeventos e Violações dos Direitos Humanos no Brasil”. Em:  
[https://comitepopulario.files.wordpress.com/2014/11/ancop\\_dossie2014\\_web.pdf](https://comitepopulario.files.wordpress.com/2014/11/ancop_dossie2014_web.pdf)

“Eles usam uma estratégia de medo: proteção do direito de protesto no Brasil”. Em:  
[https://issuu.com/anistiabrasil/docs/ai\\_br\\_campaign\\_digest\\_19\\_005\\_2014\\_f](https://issuu.com/anistiabrasil/docs/ai_br_campaign_digest_19_005_2014_f)

“Gays, negros e indígenas já sentem nas ruas o medo de um governo Bolsonaro”  
[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/politica/1539891924\\_366363.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/politica/1539891924_366363.html)

“Nota de repúdio ao convênio que efetiva a atuação da PM nos campi da Ufes”.  
Disponível em: <https://adufes.org.br/portal/noticias/37-adufes/2536-nota-de-repudio-ao-convenio-que-efetiva-a-atuacao-da-pm-nos-campi-da-ufes.html>

“Projeto prevê controle do acesso com catracas na Ufes”.  
<https://www.gazetaonline.com.br/noticias/cidades/2018/06/projeto-preve-controle-do-acesso-com-catracas-na-ufes-1014137742.html>